Sala R
Gab.
Est.
Tab. 1
N.º 28

R
1
28

1.ª (A) - 54 - 11

R - 1 - 28

AS OBRAS DO CELEBRADO LVSITANO, O doutor Frãcisco de Sà de Mirãda.

Collegidas por Manoel de Lyra.

Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Ieronymo de Castro, &c.

30291
COIMBRA

Impressas com licença do supremo Conselho da santa Geral Inquisição, & Ordinario.

Anno de 1595.

Com priuilegio Real por dez annos.

Por mandado de S. A. vi estas obras de Francisco de Saa de Miranda, & assi como vão, não tem cousa contra nossa santa fee, & conthem doctrina, & sentenças, que podem aproueytar para os costumes, por onde saõ dignas da impressam.

Frey. Bertolameu Ferreyra.

Vista a informação pode se imprimir este liuro, & depois de impresso tornará a esta mesa com o original pera se cõferir com elle, & se lhe dar licença para correr. Em Lisboa 10. de Agosto de 89.

Iorge Sarrão. Antonio de Mendoça. Diogo de Sousa.

Podese imprimir a 6. de Dezembro. 94.

Ioão de Lucena Homem

O Suplicante podera imprimir este liuro vista a licença q̃ tem do sancto Officio, & como despois disso foy visto nesta mesa, Em Lisboa. a 11. de Setembro de 89.

I. Pereyra de Saa. Antonio da Gama. D. Daguiar.

EV ElRei, Faço saber aos que este aluarà virem, q̃ auendo respeito ao q̃ na petição atras escritta diz Manoel de Lyra, impressor de liuros, & visto as cautas q̃ allega, & por lhe fazer merce, Ei por bẽ & me praz, que por tẽpo de dez annos Imprimidor nem liureiro algum, nem outra pessoa, de qualquer calidade q̃ seja, não possa imprimir nẽ vender em todos meus Reinos & senhorios de Portugal, nẽ trazer de fora delles, os liuros de q̃ na dita Petição faz menção, s.os naufragios da nao Conceição, da nao S. Paulo, da nao santa Maria, do Galleão S. Ioaõ, da nao S. Bento, que se perderaõ na carreira da India: & assi as obras de Frãcisco de Sá de Mirãda, saluo aquelles liureiros & pessoas que pera isso teuerẽ poder & licença do dito Manoel de Lyra: & qualquer imprimidor, liureiro, ou pessoa que durando o dito tẽpo de dez annos, imprimir ou vender os ditos liuros nos ditos meus Reinos & senhorios, ou trouxer de fora delles, sem licença do dito Manoel de Lyra, perderà pera elle todos os volumes q̃ assi imprimir, vẽder, ou de fora trouxer, & alem disso encorrerà em pena de cincoenta cruzados, ametade para a minha camara, & a outra ametade pera quem accusar. E mando a todas as justiças, a que este aluarà for mostrado, & o conhecimento pertencer, o cumpraõ inteiramente, como se nelle conthem, posto q̃ o effeito delle aja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçaõ do 2. liuro, tit. 20. que o contrario dispem. Ambrosio de Aguilar o fez em Lisboa, a 7. de Ianeiro, de M. D. Lxxxxv. Eu Francisco Nunez de Pauia, o fiz escreuer.

REY.

AO MVITO ILLVSTRE SENHOR DOM IERONYMO DE CASTRO,

Manoel de Lyra Impressor, S. P. D.

COSTVME foi dos Gregos & Romanos, (muito illustre senhor) & d'outras nações ja d'antes, offrecer & dedicar seus estudos & trabalhos aos illustres de sua idade: para que ajudados, & fauorescidos delles, tiuessem mais largo caminho para sua gloria, & mór emparo contra as injurias do tempo. Co este meo floresce rão tantos insignes varões, como as historias celebrão em Homeros, Aennios, Virgilios, Sallustios, Suetonios, & Lirios, que fazendo memorauel a gloria de seus nomes, fizerão gloriosa a memoria de seus tempos. Não conheço eu menor causa, antes cõfesso ter mór diuida, de vos offrescer a vos honra dos Castros, flor de nossa idade, Mœcenas dos ingenhos, a grandeza desta obra, (se nella tiuera mais que o seruiço da impressão) pois estando ella ja desconhescida, trocado, & quasi perdido o esmalte com que foi composta, vos a tornais á primeira verdade; & segurais do segundo naufragio. Não fez mais Diodoro Siculo, que por dar credito a sua historia correo Europa, & Asia, a ver a verdade della. E vos por que esta teuesse o preço que lhe o autor deu, passais de Reino a Reino, a ver na primeira lamina a letra do proprio autor. Poronde descccreditados os erros que enleauão esta obra, & accreditadas as verdades que vos em seus originais alcançastes, fica ella cõ o credito que conuem a quem a fez, & vos com a gloria de dar remedio a tão cõmum desejo, & nossa idade rica, & enuejada.

A Dom Ieronimo de Castro, Ieronymo de Morais.

Quien de Corte, d'Aldea, y de Pastores,
De Musas, cortesia, y de cuydado,
Del tiempo ver pretende el vario estado,
Y de cosas escritas, las mejores:
Vea en este autor de los autores,
De vna y otra vida, vn gran dechado,
Para la quietud del despoblado,
Para trato de Reyes, y Señores.
Estos bienes, que vencen plata y oro,
Trabajos del Miranda, iua comiendo
El tiempo, que sin tiempo corre, y huye.
Y el chefre delos Castros, no sufriendo
La perdida comũ de vn tal tesoro,
Lo busca, caua, halla, y restituye.

D. Sebastianus d'Alfaro, Carmen.

Mirandus cœlo & terris Miranda, Maronem
Excellens, cecinit pascua, rura, duces.

Aliud.

Quid nisi mirandum potuit Miranda futuris
Totus mirandus scribere temporibus?
Sed quæ mirandum laudabunt carmina vatem?
Mensuram tanti nominis implet opus.

Dom Manoel de Portugal, às obras de Francisco de Saa.

Soneto.

Alma Felice, à nos alto decoro
De virtude, porquem os Reis deixaste,
Ao som de teu espirito a que cantaste
Nunca assi respondeo ecco sonoro.
Indo desta regiaõ, donde inda moro
Saudoso de ti, que amando, voaste
A essa de luz: imagino desque entraste,
Que versos cantaràs no eterno coro.
Tua voz acordando, & teu conceito,
Com hum & outro espirito, qu'em seu canto
Do que sempre assi vê, sempre se admira.
Recebe o que de ti sente este peito,
Por deuido louuor, & estima coanto
Ora te faz soar hũa culta Lyra.

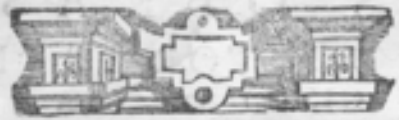
AS OBRAS DO DOVTOR FRANCISCO DE SAA DE MIRANDA.

Ao Principe dõ Ioão nosso senhor, quando lhe mandou pedir estas suas obras.

SONETO.

A Principe tamanho, cujo rogo,
(E mais ós seus) ind'he mais que mandar,
Que posso hial fazer, senão passar
Pella agoa, pello ferro, & pello fogo?
Se me firo, se me queimo, se afogo,
Se dou de mi às gentes que fallar,
Leuemente se pode desprezar
Tal danno, & inda mal que não foi logo.
Mas era quasi tudo encomendado
Aa traça, & a não sei que, com tal presteza,
Com que ja quasi em pó tudo he tornado.
Iágora gram senhor tudo despreza
Quem sae á praça por vosso mandado,
Abasta o nome só de vossa Alteza.

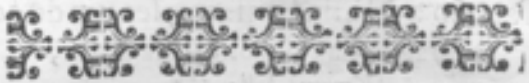
 A segun-



A segunda vez que lhe mandou mais papeis.

SONETO.

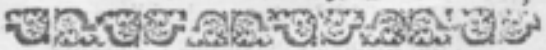
INda qu'em vossa Alteza a menos parte
Em que Deõs ajuntou tantas, & taes,
Seja esta, toda via entre as Reaes
Se contou ella sempre em toda parte:
Dar fauor aos engenhos, & a toda arte,
Das boas, faz os Reis aqui immortaes
Por fama: inda passando auante mais
Hũs fez Deoses de todo, outros em parte.
Aa guerra leua o mór Scipião consigo
As Musas brandas de seu natural,
Que asi sem armas sam d'altas ajudas.
Ainda nos cantão do bom tempo antigo
Cayrão as estatuas de metal,
Qu'al se podi'esperar de cousas mudas?



A terceira vez, mandandolhe mais obras.

SONETO.

ARdei, & cuido que me julgão mal,
Qu' emendo muito, & qu'emendãdo dãno,
Senhor porqu'ei grã medo ao mao engano
Deste amor que nos temos desigual:
Todos a tudo o seu logo achão sal,
Eu risco, & risco, voume d'anno em anno:
Com hum dos seus olhos soo vay mais vsano
Philippo, asi Sertorio, asi Hannibal.
Ando cos meus papeis em differenças,
São precentos de Horacio (me dirão)
Em al não peßo, sigoo em apparenças:
Quem muito pelejou como irâ sam?
Quantos ledores, tantas as sentenças,
Cum vento vellas vem, & vellas vão.



Canção a Nossa Senhora, seguindo ao Petrarcha na composição daquella, *Vergene bella, &c.*

VIrgem fermosa, que achastes a graça
Perdida antes por Eua, onde não chega
O fraco entendimento chegue a Fee;
Coitada desta nossa vista cega,
Que anda apalpando pella neuoa baça,
E busca o que ante si tendo não vee,
Sem saber atinar como, ou porque
Entrei pellos perigos,
Rodeado de imigos,
Por piedade a vos venho, e por merce,
Vos q̃ nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingoa,
Me dareis lingoa, & coração seguro.

Virgem toda sem magoa, inteira, & pura,
Sem sombra nem daquella culpa, herdada
Por todos nòs, tẽ o fim desde o começo,
Claridade do Sol nunca turbada:
Sanctissima & perfeita creatura:
Ante quẽ de mi fujo, & me aborreço:
Ey medo a quãto fiz, sey que mereço,
Dos meus erros m'espanto,
Que m'aprouuerão tanto,
Agora á sò lembrança desfalleço:
Mas lẽbrame porem que vos fizestes
Paz entre Deos & nos,

E a quẽ por vos chamou sempr' a mão destes.

Virgem seguro porto, emparo & abrigo
Aas mores tempestades, ah que tinha
Aos ventos esta vida encomendada,
Sem olhar ja a que parte hia ou vinha,
Descuidado de mi, & do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada:
Não vos seja em desprezo esta coitada
Alma que ante vos vem
Cos receos que tem,
De imigos grandes mal ameaçada:
E que eu tão peccador & errado seja,
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, & assi sobeja.

Virgem do mar estrella, & neste lago
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Pera o porto, antes claro & certo Norte:
Quem sem vos atinar; quem poderia
Abrir somente os olhos? vendo o estrago
Qu' atras olhando deixa feito a morte?
Quem me daria proa com que corte
Por tão braua tormenta?
De toda parte venta,
De toda espanta o tempo feo & forte:
Mas tudo que sera? co a vossa ajuda
Neuoa d'alagoa,
Que ao vẽto voa, & num momento a muda.

Virgem perfeita, & do Sacrario sancto
Porta qu' Ezechiel cerrada via,
Aa parte que responde ò Oriente:
Alto Siluado, que todo elle ardia
Sem offendido ser tanto nem quanto,
E foi tal testemunha ali presente.
Vello de Gedeão, diuinamente,
E diuino sinal
Do orualho celestial,
Que tudo o mais enxuto, elle sò sente:
Senhora que podeis, em tal afronta
Restituime a mi
Antes da fim, que o sol vayse & trasmonta.

Virgem & madre juntamente, quem
Tal nunca ouuio? nẽ dantes nem depois,
Somẽt' em vos então quem o entendeo?
Vos madre & filha, vos esposa sois
Daquelle que apertado ao peito tem
Vossos braços, o que não pode o ceo,
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyranno,
Que com enueja & engano
Nos fez tão perigosa & longa guerra:
Por molher se causou tal dãno nosso,
Quem nos restituio
De vos sayo Sñora, o preço he vosso.

Virgem nossa esperança, hum alto poço,
De viuas agoas, que contino corre:
Em que se matão pera sempre as sedes,

Não

Não de Nembrot, mas de Dauid a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Asi tão perseguido como vedes,
Dantre tão altas, tão grossas paredes,
De ferro carregado,
Hum coração coitado
Chama por vos enuolto em bastas redes:
Hũas sobre outras; porem sinais tenho
De ser do vosso bando,
Que a vos bradando por piedade venho.

Virgem do Sol vestida, & nos seus rayos
Claros, enuolta toda, & das estrellas
Coroada, & debaix'os pès a lũa,
Sam vindas minhas culpas & querellas
Sobre mi tantas, valeim' aos desmayos,
De muitas que possa yr chorando algũa:
Não me deixarão desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos,
Leuarãome os desejos
Tantas occasiões, indo hũa & hũa;
Quem tormenta passou per toda a praya
Com os ventos contrastando
Saya nadando ja cõa vida, & saya.

Virgem horto precioso, alto & deseso,
Ricò ramo do tronco de Iesse,
Que floreceo milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fè,
Que vos sò toda tiuestes em peso,
Tendo hum & o outro Sol sua luz ausente;

A alma que os seus enganos tarde sente
Altissima senhora,
Por vos sospira & chora;
Ontem menino, sou velho ao presente,
De dia em dia vou me, d'anno em anno,
A a minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha & o dano.

Virgem andando aqui, ja celestial,
E em corpo assi leuada ao ceo Empyreo,
Sem ser vista mais ca de olhos humanos,
Certa porta do ceo, dos valles lyrio,
Que nunca teue nem terá igual,
Dada porsò remedio a nossos dãnos,
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite escura;
Esperança segura
Taes forças, contra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra & por mar,
Não digo eu auer medo,
Mas sair ao campo ledo, & pelejar.

Virgem das Virgẽs, como o tempo voa!
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda parte soa!
Quãtas lagrimas caem mal derramadas!
Mas posto de giolhos
A vos os olhos, tudo o mais sam nadas.

A HVM

A HVM CAPITVLO DA MANEIRA ITALIANA, QVE FEZ FRANCISCO DE Sá de Meneses á Madanella.

De Francisco de Miranda,

SONETO.

A vossa verdadeira penitente
Quã bẽ guardastes seus põtos denidos,
Os Apostolos erão ja partidos,
Ella não parte, ved' o qu' ali sente:
E assi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos:
Tudo amor vence, altissimos sentidos,
A quem tal ortelão se faz presente.
Gregorio a poem por hũa, outros doutores
Fazẽas tres, apos Gregorio vão
Despois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direy eu senhor que sam,
Aquelles outra vez, que sam amores,
Dos taes sospiros hum soo nunca em vão.

SONETO.

YO no la entiendo bien, mas esta fuente
Habla comigo: y horas se m'antoja,
(Como de tantas quexas) que se enoja,
Otras que me consuela, y que las siente.
Truxome aqui vn cuidado, y no consiente
Que me vaya a otra parte, y que m'acoja
De los sueños en q̃ando, juzgue, escoja,
Ya verguença es tardar tan luengamẽte.
Gran fuerça se m'ha hecho alos mis ojos,
Grande al entendimiento, andando assi
De veras occupado en mis antojos.
No se lo que me vi, ni que no vi,
Quien puso tal sabor en mis enojos?
A pesar (ques peor) tanto de mi.

Dom

DOM MANOEL DE PORTVGAL, A FRANCISCO de Sà, mandandolhe hũa Ecgloga.

SONETO.

SOcm às vezes ser mais estimadas
As pallidas espigas, puramente
Offrecidas, que o ouro reluzente
Descuberto por veas soterradas.
Por isso ante vos vão confiadas
(Rarissimo Francisco, & excellente)
A rudeza d'estillo differente,
E as incultas estanças desornadas.
O que brotou de si a natureza,
D'arte nem d'artificio ajudada,
Colhido sem sazão senhor offreço.
A vontade de vos seja estimada,
Qu'em tão baixo tempo, em q̃ pureza
Em q̃ obras não ha, deue ter preço.

Reposta

REPOSTA DE FRANCISCO de Sâ, pellos mesmos consoantes, como fez o Petrarcha.

SONETO.

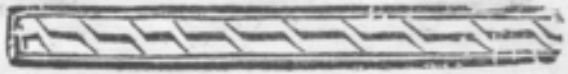
Tantas merces tão desacostumadas,
Como as seruirey eu deuidamente?
Farei como ja fez hũ innocente,
Hum rustico pastor d'antre as manadas:
Que d'agoa offreceo em maõs lauadas
A Xerxes: bebeo elle, & sanctamente
Iurou, que não bebera tè o presente
Cõ tal sabor, por copas d'ouro obradas.
Senhor dom Manoel, se a só clareza
D'um peito aberto, puro, & fé lauada,
Muito merece, muito vos mereço.
A pedraria vãmente estimada,
Os ricos crystallinos de Veneza,
Lá sachão, eu ós meus palmos me meço.

Soneto.

SONETO.

Alma que fica por fazer desdoje
Na vida mais? se a vã minha esperança
Que sempre sigo, que me sempre foge,
Ia quanto a vista alcança a não alcança?
Fortuna que fará? roube, despoje,
Prometa doutra parte em abastança,
Que tem cõ que m'alegre, ou com q̃ anoje?
Tanto tempo ha que dei mão á balança.
Chorei dias & noites, chorey annos,
E fui ouuido ao longe, pello escuro
Gritando, acrecẽtar muito em meus dãnos.
Agora que farey? por amor Juro
De tornar a cantar fora dengano,
E por muito do mal, posto em seguro.

Soneto.



SONETO.

AQuella fee tão clara & verdadeira,
A vontade tão limpa, & tão sem magoa,
Tantas vezes prouada em viua fragoa
De fogo, hi apurada, & sempre inteira:
Aquella confiança de maneira
Qu'encheo de fogo o peito, os olhos d'agoa,
Porqu'eu ledo passei por tanta magoa,
Culpa primeira minha, & derradeira.
De que me aproueitou? não de al por certo
Que d'um soo nome tão leue & tão vão,
Custoso ao rosto, tão custoso á vida.
Dei de mũ que fallar ao longe, & ao perto,
Ria, assi se consola a alma perdida,
Se não achar piedade, ache perdão.

Soneto.

SONETO.

QVien darà a los mis ojos vna fuente
De lagrimas, que mancn noche y dia?
Respirarà siquiera esta alma mia,
Llorando ora el passado, ora el presente.
Quien me darà apartado dela gente
Sospiros, qu'enla mi luenga agonia
Me valgan, qu'el afan tanto encubria,
Siguioseme despues tanto accidente?
Quien me dara palabras con que iguale
A tanto agrauio, quanto amor m'ha hecho?
Pues que tan poco el suffrimiento vale?
Quien m'abrira por medio este mi pecho,
Do yaze tanto mal? donde no sale
A tanta cuita mia, y mi despecho?

Soneto.

SONETO.

DEl Tybre embuelto, al nuestro Tajo vfano,
De sus arenas de oro, y rica praya,
Todo lo enchi de lagrimas, q̃ vaya
Dando al mundo señal del dolor vano.
Fragua, no coraçon, no pecho humano;
Quantas de torres, quanta de atalaya
Alçaes cad'hora, a fin que todo caya,
Por tierra, y metan todo a sacomano.
Que Sisipho quereis mas embebido
En sus trabajos, y loca perfia?
Eislo arribado al monte, eislo boluido.
Noches tras noches van, dia tras dia,
No pido a amor piedad, consejo pido,
Mandame loquear como solia.

Soneto.

SONETO.

HM tormentos crueis tal sofrimento,
Em taõ continua dor, que nunca aliua,
Chamar a morte sempre, & que ella altiua
Seria dos meus rogos no tormento:
E ver no mal que todo entendimento
Naturalmente foge, & quanto auiua
A dor mais, o vagar da alma catiua,
A quem naõ farà crer qu'he tudo hũ vento?
Bem sey hũs olhos que tem toda a culpa,
E sam os meus, que a toda a parte vem
Apos o que vem sempre, & os desculpa.
Oo minhas visoẽs altas, meu sò bem,
Quem vos a vos nao vè, esse me culpa,
E eu sou o sò q̃ as vejo, outrem ninguem.

SONETO.

DEsarrezoado amor, dentro em meu peito
Tem guerra com a razão, amor que jaz
Hi ja de muitos dias, manda & faz
Tudo o que quer, a torto & a direito.
Não espera razões, tudo he despeito,
Tudo soberba & força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum, & quando em paz
Cuidaes que sois, então tudo he desfeito.
Doutra parte a razão tempos espia,
Espia occasiões de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo: emfim vem o seu dia,
Então não tem lugar certo onde aguarde,
Amor trata treições, que não confia
Nem dos seus, que farei quando tudo arde?

Soneto.

SONETO.

AQuellas esperanças, q̃ eu metido
A tormento, lancei fora por vãs,
Que fazẽ ind'áqui? coas mais sãs
Cõtas, feito em pó ja tudo & bebido?
Como, & será tão cego, & sem sentido
Amor, que hũas razões claras, taõ chãs,
Naõ ouça? & que naõ veja tantas cãs?
Tempo lançado a longe, & nam viuido.
Esta alma tantas vezes enganada,
Nam tornarà por si? naõ fara conta
Co sol, coa despesa, coa jornada?
Quem do mar escapou quanto mal conta!
Que perigos sem fim! & logo brada
Outra vez ós da nao: na terra afronta.

SONETO.

AMor que não farà? fezme engeitar
Tão leuemente a mi por quem me engeita,
Castellos de esperanças & sospeita
Faz, & não sei que faz, tudo no ar;
Fezme pedras colher, fezmas tançar,
Apertase a alma triste em si encolheita;
A força que farà, & lei estreita?
Queira ou não queira, em fim ha de possar.
Tão cego & tanto era eu, que da vontade
Tudo fiei? que tudo a traues guia,
Tão grande inimiga minha, & da verdade?
Que al se podia esperar de hũa tal guia?
Cahi onde ora jaço, ô crueldade
Não sei quando he de noite, ou quando he dia.

Soneto

SONETO.

AQuella apresurada y rueda biua
De sobresaltos, que mudã tan presto
Tantas vezes cad'hora este mi gesto,
Nunca la voluntad, tanto ha catiua:
Esta llama cruel, la pena esquiua,
Que no reposa sol nacido y puesto,
Señal de como os veo manifiesto,
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.
Si no me dexan (como digo) el dia,
Y no la noche, antes m'es tormento,
Y agora crueldad, que culpa mia?
El tiempo passa en vano, ha hecho asiento,
En mi alma abrasada, y luego fria,
Tal ser, qu'es menos ser cada momento.

SONETO.

Em Ecco, & em Dialogo.

Cabe vna fuente a boz alta sin tino,
Se quexa el buen Salicio, atormentado
D'vn mas q̃ mueuo amor, vano cuidado
A tal remedio de sus males vino.
Amor que nunca va por buen camino,
Yua bolando por el despoblado,
O fuesse el llanto que despedaçado
Del monte, respondia alto y vezino.
Sal. *Quien dio principio a mis cordojos?* A. *ojos*
Sal. *Cierto crueles, y a mi destierro?* A. *yerro.*
Sal. *Desseos a que fin lleuanos,* A. *vanos.*
Sal. *A lagrimas y enojos:* A. *mas enojos,*
Sal. *Pues que remedio a tanto de yerro?* A. *hierro.*
Sal. *Que muera assi a mis manos?* A. *y a mis manos.*

Soneto.

SONETO.

Nam sei qu'em vos mais vejo; não sei que
Mais ouço, & sinto; ao rir vosso, & fallar:
Não sei qu'entendo mais, tè no calar,
Nem quando vo snão vejo a alma que vé;
Que lhe aparece em qual parte qu'estè,
O lhe o ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquelle vosso sospirar,
Em que tanto mais vay, que direy qu'he?
Em verdade não sey: nem isto qu'anda
Antre nos: ou se he ar como parece,
Se fogo doutra sorte, & doutra ley,
Em que ando, & de que viuo, & nunca abranda:
Por ventura que à vista resplandece;
Ora o que eu sey tão mal, como o direy?

SONETO.

Em Dialogo, de duas Nymphas. Nisa.

QVes esto Philis, qu'estas tan turbada,
Sola, demudada, y sin color?
Cab'esta fuente tanto ruyseñor,
Y tanta otra anezilla enamorada?
Si lo que vees, y que oyes no te agrada,
Que te puede agradar, ni dar sabor?
Vees tanta differencia, y tanta flor,
De que la tierra està como esmaltada?
Philis. Oo Nisa, Nisa, leda, y desseosa
De caçar, vine a la fresca ribera,
Todo oluidè por esta fuente hermosa.
No soy la Nisa no que dantes era,
Saltcome aqui vn cuidado, ab flaca cosa
La vida, muy ayna aqui muriera.

A LA MVERTE DE Leandro,

SONETO.

ENtre Sesto y Abydo, al mar estrecho,
Lidiando con las ondas sin sossiego,
Noch'alta el buen Leandro prueua el fuego,
Y lagrimas que corren sin prouecho.
Viendo qu'es todo en vano, buelue el pecho
De nueuo a aquel mar brauo, ojos al fuego
Que luze enl'alta torre, ay amor ciego,
Que tãta crueldad has visto, y has hecho.
Nadaua miẽtras pudo hazia la playa
De Sesto, deseado, y dulce puerto,
Porque siquiera alli muriendo caya.
En fin ondas venceis (dixo cubierto
Ya dellas,) mas no hareis que alla no vaya,
Biuo no quereis vos, mas ire muerto.

A MORTE DE POLICENA.

SONETO.

Rayda en sacrificio Policena
Al sepulchro de Achiles, ya que vido
De Pyrrho el cruel braço erguido
Por la ferir, boluio toda serena:
Diziendo descansada, A quanta pena
Pornas fin luego, ô golpe bien venido,
Dexando el cuerpo frio aqui tendido
Cabe Troya, su nombre solo apena.
Y luego la Real cara animosa
Boluiendo a todos, mas clara qu'el dia,
Aun desse cuerpo despues recelosa;
Trocadme a llotos dela madre mia
(Les dixo) que ya no le queda otra cosa,
Y qu' a oro nos remio quando podia.

SONETO.

H que dire qu'es esto? qu' ansi engaña
Tan dulcemente en lo que tanto duele?
E a contrario del todo alo que suele
D'acontecer, en lo que offende, y daña.
Vemos (y es cosa clara) que s'enseña
Quanto se muen'en tierra, y al ayre buele,
Vna vez engañado, y que se vele,
Nunca seguro, o del caso, o de maña.
Ora este coraçon tan offendido,
Tantas vezes llegado a la su muerte,
Como lo pone assi todo en oluido?
Quanto al hado se dio! quanto a la suerte!
Quan poco a la razon, poco al sentido!
Por verte soy yo tal, y bueluo a verte?

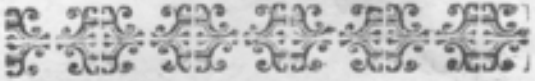
SONETO.

Sol he grande, caem co a calma as aues,
Do tempo em tal sazão, que soe ser fria:
Esta agoa que dalto cae acordar m'hia?
Do sono hão, mas de cuidados graues.
O o cousas todas vãs, todas mudaues!
Qual he tal coraçam qu' em vos confia?
Passão os tempos, vae dia tras dia,
Incertos muito mais que ao vento as naues.
Eu vira ja aqui sombras, vira flores,
Vi tantas agoas, vi tanta verdura,
As aues todas cantauão d'amores.
Tudo he seco, & mudo, & de mestura,
Tambem mudandom'eu fiz doutras cores,
E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

SONETO.

Vando eu senhora em vos os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que ouuesse cà, recolhese a alma assi,
E vou tresualiando como em sonho.
Isto passado, quando me desponho,
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado, & duuidoso do que vi,
M'espanto ás vezes, outras m'auergonho.
Que tornando ante vos senhora tal,
Quando m'era mister tant' outr' ajuda,
De que me valerei, se alma não val?
Esperando por ella que me acuda,
E não me acode, & está cuidando em al,
Afronta o coração, a lingua he muda.

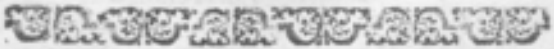
Soneto.



SONETO.

Mor tirando va por cielo y tierra,
Mil flechas d'oro, mil de plomo elado:
Ha muerto, ha mal herido, ha lastimado
A muchos, y (dize el) de buena guerra.
Ojos ya no tenia, oydos cierra,
Las malas manos, estas le han quedado,
Duro flechero, al mal tanto auezado,
Tirando a caso, que nunca el golpe yerra.
Dizele la su madre, de las quexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea?
Besola el en los ojos, y madexas
De oro, respondiendo, ò madre mia,
Como quieres si soy ciego que vea?

Soneto.



SONETO.

Do se boluerà, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada?
A la presente cuita? o a la passada?
O que esperança me lleua adelante?
Que me aprouecha que llore o que cante?
Que grite noche y dia, en fin, que es? nada:
Ir porfiando por la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.
No fuera mucho descudarme vn poco,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça,
Que esfria, y sobreuiene noche escura.
En fin para qu's mas? cierto soy loco,
De quien confiare la mi cabeça,
Que me la cure de clara locura?

DE

DE PERO DANDRADE, QVE LHE MANDOV com hũa Ecgloga.

SONETO.

NAm ousarão ategora aparecer
Estes versos, de si desconfiados,
Porque de mal compostos, & ordenados,
Assaz tem porque deuão de temer.
Vaõvos pedir senhor que os queiraes ver,
E riscar, & emendar, porqu'emendados
Por vos, possam andar mais confiados,
Do que por meus poderão merecer.
Vay hi Androgeo triste, & vay Serrano,
Queixase este presente, aquelle ausente,
No Mondego, por vos ja celebrado.
Queixãose Nymphas delle, aqui do dãno
Que por Syluiase vè nelle: & se sente,
Triste, della & de vos desemparado.

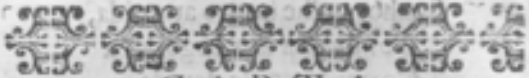
Reposta

REPOSTA DE FRANCISCO de Sâ, pellos mesmos consoantes, como fez o Petrarcha.

SONETO.

ASSI que me mandaueis atrener
A versos ja das Musas assellados,
E âquella grande Syluia consagrados,
Icaro me poem medo, & Lucifer.
Os meus, se nunca acabo de os lamber,
Como vssa os filhos mal proporcionados,
(Ah passatempos vãos, ah vãos cuidados)
A quem posso porem nisso offender?
Tudo cabe no tempo, entrego ao anno,
Depois â perda, digame esta gente,
Qual anda o furioso assi: emendado.
Torno às cousas sagradas: que hum profano
Leigo, como eu, tocalas tão somente
Não he de siso sam, mas de abalado.

CARTA



CARTA

A elRei dom Ioão nosso senhor.

REi de muitos Reis, se hum dia,
Se hũa hora sò, mal me atreuo
Occuparuos, mal faria,
E ao bem comum não teria
O respeito que ter deuo.
Que em outras partes da Esphera,
Em outros ceos differentes,
Que Deos tègora escondera,
Cada hũa de tantas gentes
Vossos despachos espera.
Porque senhor elles sós
(Iusto & poderoso Rey)
Desdão, ou lhe cortão noos,
Como tambem entre nòs,
Que sois nossa viua ley.
Onde ha homẽs ha cobiça,
Ca, & là tudo ella empeça,
Se a sancta igual justiça,
Não corta, ou não desempeça,
O que a ma malicia enliça.

Senhor qu'he muito atreuida,
E onde ella nós cegos deu
Cortar he cousa deuida,
Exemplo o jugo de Myda,
Qu'elRei vosso auô fez seu.
Ora eu que respeito auendo
Ao tempo mais qu' ao estyllo,
Irei fugindo ao que entendo,
Farei como os caẽs do Nylo
Que correm, & vaõ bebendo.
A dignidade Real
Que tem o mundo a direito,
Sem ella terschia mal,
He sagrada, he natural,
Deixemos medo & proueito.
As vossas vellas que vam
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão
Gente de algum Rey solta,
Sem cabeça, o corpo he vão.
Dignidade alta & suprema
Quẽ ha que a não reconheça?
Viose em Marco Antonio tema
De a Cesar pór diadema
Real sobre a cabeça.

Que o nome de Emperador
D'antes a Cesar se dera,
Sem sospeita, & sem temor,
Qu'inda entaõ muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.
Hum Rei ao reino conuem,
Vemos que alumia o mundo
Hum sol, hum Deos o sostem,
Certa a queda, & a fim tem
O reino onde ha Rei segundo.
Nam a sabor das orelhas
Arenga cudada & branda,
Abastem as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rei seguem as abelhas.
A seu tempo o Rey perdoa,
A tempo o ferro he mezinha,
Grandeza, & condição boa
Ao Liam deraõ coroa
Entre a gente montesinha.
As aues (tamanho bando,
Doutra liga, & doutra ley)
Por vencer todas voando,
A aguia foi dada por Rey,
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
Dauid lealdade, & fee
A Saul! quanto o chorou?
Quantas maldições lançou
Aos montes de Gelboé?
Onde cahira o escudo
Do seu Rey, inda que imigo,
Inda que ja mal sesudo,
Saindo de tal perigo,
E sobindo a mandar tudo.
O senhor da natureza,
De que o ceo & a terra he chea,
Vestido em nossa baixeza,
De Real sangue se preza,
Por Rey na cruz se nomea.
Sobre obrigações tamanhas
Velemse com tudo os Reis
Dos rostos falsos, & manhas,
Com que lhes fazem das leis
Fracas teas das aranhas.
Que se não pode fazer
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a justiça quer
Senhor não chamão poder
Saluo o que lhes val na praça.

E por muito que os Reis olhem
Vaõ por fora mil inchaços,
Que ante vos senhor se encolhẽ,
D'hũs gigantes de cem braços,
Com que dão, & com que tolhẽ.
Quem graça ante o Rei alcança,
E hi falla o que nam deue,
(Mal grande de má priuança)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.
Quem joga onde engano vae
Em vão corre, & torna atras,
Em vao sobre a face cae,
Mal ajaõ as graças mas,
De que tanto engano sae.
Homem d'hum sò parecer,
D'hum sò rosto, & d'hũa fè,
D'antes quebrar, que voluer,
Outra cousa pode ser,
Mas de Corte homem não he.
Ouço gracejar de ca,
De quem vae inteiro, & sam,
Nem se contrafaz mais la,
Como este vem aldeão,
Que não sabe onde se está.

As publicas santidades,
Estes rostos trasportados,
Naõ em ermos mas cidades,
Para Deos sam vaydades,
Para nos vaõ rebuçados.
Mas despois que lhes fazemos?
Pode ser, pode nam ser,
Adiante o saberemos,
Estamos hum pouco a ver,
Caelhes o rebuço, & vemos.
Senhor eyuos de fallar
(Vosta mansidam m'esforça)
Claro o que posso alcançar,
Andaõ pera vos tomar
Por manha, que não por força.
Per minas trazem suas hazes,
Encubertos seus assanhos,
Falsas guerras, falsas pazes,
De fora sam mansos agnos,
De dentro lobos robazes.
Tudo sua cura tem,
Que he assi bem o sabeis,
E o remedio tambem,
Quereilos conhecer bem,
No fruito os conhecereis.

Obras, que palauras não,
Porem senhor somos muitos,
E entre tanta obrigaçam
Tresmalhamosvos os fruitos,
Que não saibaes cujos sam.
Hum que por outro se vende
Lança a pedra, & a mão escõde,
O danno longe se estende,
Aquelle a quem doe, entende,
Com sós sospiros responde.
A vida desaparece,
Entretanto geme & jaz
O que cahio, & acontece
Que de hum mal que se lhe faz,
Muito mais se lhe recrece.
Pena & galardam igual
O mundo em peso sostem,
He hũa regra geeral,
A pena se deue ao mal,
O galardam ao bem.
Se algũa ora aconteceo
Na paz, muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeo,
Fazse engano ás leis da terra,
Nunca se fez ás do ceo.

Antre os Lombardos auia
Lei escrita, & lei vsada,
Como inda oje parecia,
Onde a proua falecia
Que o prouasse a espada.
Ali no campo às singellas,
Em fim morrer, ou vencer,
Fosse qual quisesse dellas,
Não era milhor morrer
A ferro, que de cautellas?
A hum nosso Rey excellente
Dom Dinis tão acabado,
Tão justo, a Deos taõ temente,
Falsa, & maliciosamente
Foi grande aleiue assacado.
Elle posto em tal perigo,
Rey que Reys fez & desfez,
Co as manhas do falso imigo,
Foilhe forçado essa fez
Aa lei chamarse que digo.
E ás villas, & ás cidades,
A que cumprio d'acudir
Pellas suas lealdades,
Tanto sam más as verdades
Aas vezes de descubrir.

Da mesma casa Real
Em verdade hũ grande Iffante
Tratado por manhas mal,
Bradaua por campo igual,
E imigos claros diante.
Em fim vendo a astucia & arte
Quanto que pode, chamou
Hum leal conde â de parte,
Sò com elle se apartou,
Foi viuer à milhor parte.
Onde tudo he certo & claro,
Onde sam sempre hũas leis,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desemparo
Foraõ tres seus filhos Reis.
Oo senhor quantos suores
Suao corpo, & a alma em vam,
Em poder de enuoluedores,
E em fim batalhas que sam
Saluo hũs desafios mòres?
Co a mão sobre hum ouuido
Ouuia Alexandre as partes,
Como quem tinha entendido
Por fazer certo o fingido
Quantas que se buscão d'artes.

Guardaua elle aquelle inteiro,
Para a parte não ouuida,
Não vá nada em ser primeiro,
Quem muito sabe duuida,
Sò Deos he o verdadeiro.
A tudo dão nouas cores,
Enuoluendo os peitos puros,
E falão sempre em primores,
Ante os Reis vossos senhores
Vindes com rostos seguros.
Contaes, gabaes, estendeis
Seruiços, & lealdade
Olhae que a nam daneis,
Falai em tudo verdade
A quem em tudo a deueis.
Senhor nosso padre Adam
Peccára, chamao o Juyz,
Tenha que dizer ou não,
Hi sua fraca razam
Porem liuremente diz.
Sempre foi, sempre ha de ser,
Onde hũa só parte falla,
Sempre outra aja de gemer,
Se hum jogo todos iguala,
As leis que deuem fazer?

Vidas & honras tomaes
Debaixo de vosso emparo,
De estranhos, & naturais,
Suspiraõ, nam podem mais,
E ás vezes isto mal claro.
Tambem tras aquella arde
Tão estimada a fazenda,
Por mais que se velle & guarde,
Tem ella milhor emenda,
Se naõ fosse mal & tarde.
Geralmente he presumptuosa
Espanha, & disso se preza,
Gente ousada, & bellicosa,
Culpaõna de cobiçosa,
Tudo sabe vossa alteza.
Pensamentos nunca cheos,
Nam tem fundo aquelles sacos,
Ainda mal com tantos meos,
Para viuer dos mais fracos,
E dos suores alheos.
Que eu vejo nos ponoados
Muitos dos salteadores,
Com nome & rosto d'honrados,
Vão quentes, andam forrados
De peles de louadores.

E senhor não me creaes
Se as não achão mais finas
Que as dos lobos ceruaes,
Que arminhos, & zebelinas
Custão menos, cobrem mais.
Ah senhor que vos direys?
Que acode mais vẽto ás velas,
Nunca se descuyde o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Ia se lhe buscão cautellas.
Entaõ tristes das molheres,
Tristes dos orfaõs coitados,
E a pobreza dos mesteres,
Que nem fallar sam ousados
Diante os mòres poderes.
Os quaes quem os asi quer,
Quem os negocea asi,
Que fara desque os ouuer?
Nossos ouuerão de ser,
Buscarãonos para si.
Senhor esta vossa vara
Como as maõs em qu'anda he,
A boa he auemuri rara,
Crede qu'sta nunca he cara,
Que seja muita a merce.

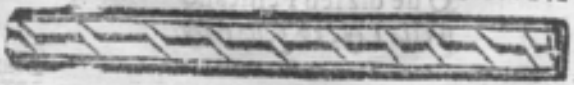
Liure de toda a cobiça,
A Deos temente, & a vos,
Sem respeitos, sem perguiça,
Varas direitas, sem noos,
Se quereis que asa hi justiça.
Tomae senhor o conselho
Do bom Ietro ao genro amigo,
He verdade, he Euangelho,
Como disse aquelle velho
Humilmente asi vos digo.
Qu'estas leis Iustinianas
Se não ha quem as bem reja
Fora de paixões humanas,
São hum campo de peleja,
Com razões fracas & vfanas.
Morre o nobre Conradino,
Co parceiro em todo igual,
Cada hum de tal morte indigno
Porque o duro ou o maligno
Doutor interpreta mal.
Diz Agostinho sãmente,
Cesse o sangue, a guerra finda,
Diz mais, d'algũs mayormente,
Vem grosas que corra ainda
O Real sangue innocente.

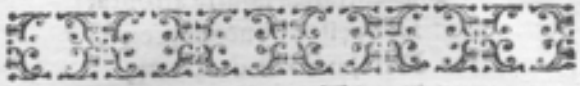
Mas senhor milhor o temos,
Sendo vos o que mandais
Todos nos reuolueremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.
Quem por amor se encadea,
Naõ he nome errado, ou nouo,
Se por liure se nomea,
Naõ tem tanto amor de pouo
Rei em quanto o mar rodea.
Naõ assoberbaõ soldados
Aqui, nem soa a tambor,
Os outros Reis seus estados
Guardam de armas rodeados,
Vos rodeado de amor.
Acharnoshaõ as diuinas
No meo dos corações,
Esculpidas vossas quinas,
Estas sam as guarnições
De vos, & dos vossos dinas.
He sem duuida o Frances
A seu Rey de amor aceso,
Naõ lho nega o Portugues,
Traz porem guarda Escocez,
Que naõ he de pouco peso.

O Padre sancto assi faz,
A quem certo se deuia
Alto assossego, alta paz,
E tem guardas toda via
Com que vay seguro, & jaz.
Que se pode ir mais auante,
Cos olhos, nem co sentido?
Sem ferro, & fogo qu'espante,
Com duas canas diante
His amado, & his temido.
Hũs sobre os outros corremos,
A morrer por vos com gosto,
Grandes testemunhas temos
Com que maõs, & com que rosto
Por Deos, & por vos morremos.
Outro si pera os reueses,
(Queira Deos que nam releue)
Em vos tem os Portugueses
Codro dos Athenienses,
Decios, que sò Roma teuê.
Do vosso nome hum gram Rei
Neste reyno Lusitano,
Se pos essa mesma lei,
Que diz seu Pellicano
Polla Ley, & polla Grey.

Mas eu sou hum guarda cabras,
Vaõse assi de ponto em ponto,
Queria sò duas palauras,
Que dos gados, & das lauras
Despois naõ tem fim nem cõto.
Assi que seja aqui a fim,
Tornem as praticas viuas,
Perdestes mea hora em mi
Das que chamaõ succesiuas
Estes que sabem Latim.

CARTA





CARTA

A Ioão Roiz de Sâ de Meneses.

Os nossos Sás Colunefes
Gram tronco, nobre columna,
Grande ramo dos Meneses,
Em sangue, & bés de fortuna,
Qu'he tudo antre os Portuguefes.
Mas vos que sempre vos ristes
Do pouo que nam vè mais,
Ricamente a alma vestistes,
O mais tendes por demais.
Aos grandes, aos valerosos
Passados, de quem herdastes
Sobrenomes tam lustrosos,
Desque nas armas pegastes
Não fostes dos ociosos.
Podéreis tambem folgar,
Que foraõ tempos de paz,
Podéreis rir, & jugar,
Como se na terra faz.

Mas entrastes noutra afronta,
Hi fizestes nouo emprego,
Desejando de dar conta,
Tambem daquelle assossego,
Como de Catão se conta.
As letras que hi naõ achastes
Trouxestes de fora â terra,
Aa nobreza as ajuntastes,
Com quẽ dãtes tinhão guerra.
Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiaõ ler,
Erão bõs, erão ousados,
Eu nam louuo o não saber,
Como algũs ás graças dados.
Louuo muito os bõs costumes,
Doeme se oje não sam taes,
Mas as letras ou perfumes
Quaes no los danarão mais?
Destes mimos Indianos
Ey grã medo a Portugal
Que nos recreçam taes danos
Como os de Capua a Hanibal
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,

De Canas, Capua viciosa
Venceo em tempo pequeno.
O Marques de Santilhana
Homem de braço & saber
Antre a naçam Castelhana,
Da lança sohia dizer
Co as letras que se não dana.
E'he a quem Ioão de Mena
Fez alta coroação,
Tinh'elle ja grande pena,
Mas aparada inda não.
Dous vencedores do mundo,
Cesar, & Alexandre o grande,
Nas letras forão tẽ o fundo,
Em que a fortuna não mande
Ponho aqui Bruto o segundo,
E os grandes dous Scipiões,
Fim (como dizem) fatal,
De Carthago, & dous Catões,
Podêra por Hannibal.
A fortaleza louuada
Anda em braços coa prudẽcia,
Irmã sua muito amada,
Poẽna auante a experiencia,
Tudo sem gouerno he nada.

Pouco por forças podemos,
Isso que he por saber veo,
Todo o mal jaz nos estremos,
O bem todo jaz no meo.
Os Poetas vão a tudo,
Buscando por alto o crauo,
Olhando pello meudo
O seu grande Achilles brauo
Rege o Centauro sesudo.
Que lhe abrande aquella sanha
Natural sua, qu'he muita,
Nũa coua soterranha
Tange o velho, o moço escuita.
Veados correm co vento
Em contenda, & os lões
Tem força, & atreuimento,
Tem seus brauos corações,
Nos temos entendimento.
Poronde antre nós deuemos
Estimar aquelles sòs
Que naquillo em que vencemos,
Nos vencem elles a nos.
Quando daua homẽs a terra,
O que ja tanto nam faz,
Da paz tratauam na guerra,

Tratauaõ da guerra em paz,
Em tudo jâgora s'erra.
(A departe algum abrigo)
De mal laurada, ou de fraca,
Semeaes, esperaes trigo,
Nace joyo & eruilhaca.
Diogenes claro o dia
Buscaua andando â candea
Que nunca a cabeça erguia,
Em Athenas (em que aldea)
Ia cansado assi dezia.
Voume por aqui buscando
Entre tantos homẽs hum,
Neste vam trabalho ando,
Qu'inda não achei nenhum.
Deixemos queixas antigas,
Daruos ey conta de mi,
Que destas vossas amigas,
(Digo as letras) pera a fim
Ajunto como as formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á cegarrega em rosto,
No dezembro que bailasse,
Pois cantára no Agosto.
Perdido tudo no mar,

Saindo o grã Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Parece q̃ assi despojado
Me mandão philosophar.
Ia vou sentido algum fruito
Cad'ora espero que creça,
Andei fora ao vento muito,
Fezme grão mal a cabeça.
Curame a Philosophia,
Que me promete saude.
Doulhe a noite, doulhe o dia,
Ouço falar da virtude,
Se a visse sararmehia.
Diz Platão (que he dos melhores)
Quem posesse os olhos nella,
Qu'altos que acesos amores
Sempre traria coella,
Como digo, eu sò d'ouuir
Ando assi como pasmado
Desejoso de a seguir
Chorando todo opassado,
Temendo todo o por vir.
Em toda a parte ha perigos,
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto hũs maos imigos,

De casa, que muito temo.
Aquella mestra o assento
De viuer assi ca fora
Louua, & fazme atreuimento
D'ir auante hora por hora,
Inda qu'assi cego, & atento.
Sobre todos os doutores
Sanctos, louuão tal tençam
Pera cuidar nos amores,
Tão certos no galardam.
Em quem tanta força ouuesse
Como cumpre á vida actiua,
Qu'ós encontros se tiuesse,
Virtude er'ella mais viua,
De mais fruito & interesse.
Por Rachel que não por Lya,
Sete & sete annos seruì,
Pode ser por ella hum dia
Qu'inda voasse daqui.
Entretanto, conselheiros
Busco, q̃ andem ás verdades,
Estes liuros meus parceiros,
Não das praças, & cidades
Dos passeios nos terreiros.
Amigos de louuaminhas

Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as andorinhas,
Vaõ & vem co rempo feito.
Sophistas me sam defesos,
Com todas as suas cismas,
Eilos soltos, eilos presos,
De fè que naõ de sophismas
Quer Deos os peitos acesos.
Que nas agoas encharcadas
Hi se ajuntaõ como rãs,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vãs.
As Musas me não defendem,
Deixemos as demasias,
Que a toda boa alma ofendem,
Mandaõ rir de cousas frias,
D'algũs que agudezas vendem.
Entendimentos diuersos
Com que artes vos encantam?
Psalmos que sam senão versos,
E os Hymnos q̃ a Deos se cantã?
Aquelles cantares finos,
A que Lyricos disseram
Os Gregos, & os Latinos,
Digaõme donde os ouueraõ,

Saluo dos liuros diuinos?
Quanto que hi se limou,
Leuaõ as agoas á mão,
Sapho, Pindaro regou,
Regou seus campos Platam.
Mas o que por ora aprendo,
He ler liuros de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas fossem dignos meus olhos
De cegar sobre elles lendo.
Que de seus mysterios altos
Assi lubrigando vejo
Que naõ sou pera taes saltos,
Porem sospiro & desejo.
Era em grande differença
Se casaria, ou se não,
Ouue de sair sentença
Que a só hũa o coraçam
A amores desse licença.
Isto dito, amor mais raro
Deu final como era alli,
Outro som do coldre claro,
Outro das frechas ouui.
Amor que estás sempre auindo
Co aquella pura verdade,

Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade
Qu'entrego em aqui sentindo.
Poem do teu fogo a esta casa
Faze quanto nella ha teu,
Que Deos he fogo que abrasa,
Seyo, de hum priuado seu.

CARTA

A PERO CARVALHO.

NO lugar onde me vistes
Dagoa & de montes cercado,
E doutros males que ouuistes,
Tenho mais dias contado
De ledos, que não de tristes.
Isto que fora ouuis de mim
Não vos se ouuireis dalguem,
Buscai, preguntai sem fim,
No desejado Almeirim
No santo de Santarem.

Que

Que guerra que lhe fizestes
Aa terra que me crion,
De quem tão ás lingoas destes,
Porque? que vos acoutou
Da peste com que hi viestes.
Fostes mal agasalhados?
Certo não, que tè as fazendas
Vos dauão paruos honrados,
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe vossas rendas?
Q qu'eu por parcialidade
Nem outro respeito digo:
Da antigua & nobre cidade
Sou natural, sou amigo,
Sou porem mais da verdade.
Como vos partistes d'hi,
Logo abrigados achei
Onde me desencolhi,
Seguramente dormi,
Seguramente veley.
Cidade rica do santo
Corpo do seu Rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco, todo inteiro
Dos annos que podem tanto.

Rei

Rei a quem Deos se mostrou,
Rei que tantos Reis venceo,
Rei que taes Reis nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que tè Seuilha correo.
Outro Rey nosso sem mal
A que empeceo a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra cidade
Que lhe fosse taõ leal?
Qual a sua sè saluou
Por tanto trabalho & medo?
Em fim nunca se entregou,
Primeiro as chaues mandou
Ao seu Rei morto em Toledo.
Mas tornando ao abrigado,
Em que me furtei aos ventos,
Hi depois de em mi tornado
Querir, que esmorecimentos
De tempo taõ mal gastado!
E o fogo que ora se acende,
A presteza das mudanças,
Mal que mui longe s'estende,
A a vida curta defende
Tomar longas esperanças.

Giges na sua abastança
Que de toda parte ajunta,
Cudando em tanta possança,
Inchado a Apollo, pregunta
Polla bemauenturança.
Tal fumo Apollo entendendo,
Pos auante ao seu estado
Aglao, que só pastor sendo,
Hia cantando & tangendo,
Olhos sòmente ao seu gado.
Oo ricos, qu'esta riqueza
Está no contentamento,
Mais tem quê mais a despreza,
Naõ foge o rico auarento
Por mais que fuja, á pobreza.
Onde pode mais caber
Sinal he que fica hi vaõ,
Que se pode mal encher,
E os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.
Por faminto que venhaes,
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
A terra da que comais.

Quem a apetitos da crença
Hũa maõ toma outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal d'hũa má doença
Quanto mais agoa mais sede.
Cobiça a da boca aberta,
Isto que te asi parece
E tras que andas tanto álerta,
Luz de fora, & resplandece,
Dentro nam ha cousa certa.
O juyzo & razaõ ata,
Tudo fica escuro, & em erro,
Aas leis & a Deos desacata,
Do brando ouro, & da prata
Faz duras prisões de ferro.
Esta entrada em nossos peitos,
Fez nelles estragos taes,
Qu'ermos jazem & desfeitos
Abertos por mil portaes
A qualquer rumor sogeitos.
Que naõ fará? quem trocar
Nos fez a paz pella guerra?
Faz hũs a outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homẽs naturaes da terra.

Escrauos mais que os escrauos,
Por razam, & por justiça,
Deixaiuos de vossos gauos,
Que vos vendeo a cobiça
A mar brauo, & a ventos brauos.
Espritus vindos do ceo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo!
Porque nadas vos vendeo!
Milhor fora antes de graça.
Metaes de tão baixa liga
Que nos na terra esconderã
Natureza, mãe & amiga,
E antre nos & elles posera
Tanto trabalho & fadiga.
Asi mayor apetito
(Disseraõ cobiça & enueja,)
Em fim seu feito seu dito,
Para al criado o sprito
Isto sò sonha & deseja?
E porem que sam engano,
(Que mais hũa mãe fizera?)
Afastauanos o danno
Aos filhos que a vida dera
Deste amor aceso humano.

Mas que pode aproueitar
Se lhe fazemos tal guerra
Co contino trasfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra?
Nas minas altas que digo,
Reuolta a terra tè o centro,
Que faz o homem imigo
Do seu descanso, la dentro,
Com tal trabalho, & perigo?
Debaixo da terra fria,
Aja vergonha a razão,
Aja a alma que mais deuia:
Que deixão atras o dia.
Polla noite auante vam.
Não tem termo homẽs ousando
Do seu siso ao desemparo,
Tudo forão apalpando,
Por este ar taõ solto & raro,
Ouue quem fosse voando.
Gente que não teme nada,
Com tudo se desafia,
Por mares sem fundos nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

Não he para tanto a vida,
Quanto milhor escolheo
Quem na dorna ao sol voluida
Viueo mais rico & morreo.
Que Cresso, q̃ Crasso, & Mida.
Fugia Crates ao ouro
Como hum couarde ao ferro,
E as cousas de mao agouro,
Lançou ao mar grão thesouro,
Quem fará agora tal erro?
Por força a cidade auida
Que responde a seu imigo
Bias, a que fica a vida?
Tudo o meu leuo comigo,
Fica a fortuna corrida.
Aos d' Esparta naturaes
Responde Apollo a seu rogo,
Se a liberdade estimaes
Velaiuos deste ouro mais
Que do ferro, nem do fogo.
Do grande Epiteto, o nobre
Spirito, o soo hure & franco
Num corpo coitado, & pobre
Escrauo, & ainda manco,
Quanta da bastança encobre!

Da sua fraca casinha
Ledo sae, ledo a ella torna,
O mesmo que hia, esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais montaua que dorna?
Iesu Christo busca obreiros,
Não os quer espedaçados,
Quer os seus de todo inteiros,
Dos corações alugados,
Poucos saõ os verdadeiros.
Gente de vontade dura,
(diz elle) que não andaes
Em quanto esta luz vos dura?
Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.
Não seria, eu isto vendo
De juyzo, & razão saã,
Andarme o dia perdendo,
Comecei ante menhaã
Não sei que andaua fazendo.
Hiame enjoado assi,
Ao tom peronde os mais andão,
Olhe cada hum por si,
Que estes bẽs falsos daqui
Se não saõ mandados, mandão.

Os desejos saõ sem termo,
A esperança he saborosa,
Eu contenteime deste ermo,
Pola razaõ da raposa
Que deu ao Lião, enfermo.
Meu Rey, meu senhor Liaõ.
Olho ca, & ólho lá,
Vejo pegadas no chaõ,
Que todas para la vaõ,
Nenhũa vem pera ca.
Esta Circes feiticeira,
Todos os peitos trasanda,
Este faz onça ligeira,
Lobo outro, qu' a carniça anda,
Outro caõ que empraza, & cheira.
Algũs papagayos vaõ,
Outr' vsso direito empee,
Cad'hum de sua feiçaõ,
Outro gatinho ermitaõ,
Destes que vem de Guinè.
Vou co pensamento, & venho,
Deuo ao meu medo muito,
Por quem assi me sostenho,
Pello que vi, & que escuito,
Nisso que tenho, assaz tenho.

Do com que folgo outros rim,
Cad' hum terá sua escusa,
Deiuos ja mutas por mim,
E estas cousas saõ emfim
Como dellas homem vsa.
Sejão razoẽs poderosas,
Olhai que o ferro se deu
Para cousas proueitosas,
Despois este meu, & teu,
Fez delle armas tão danosas.
O fogo que nos foi dado
As tantas necessidades,
Não quis que fosse apreçado,
Fará & fez no passado
Em poo ja muitas cidades.
Deste engenho que diremos
De que nos taes gabos damos?
Com quem tudo acometemos,
Quantas vezes de elle vsamos
Mal, & como não deuemos?
Dom do Ceo nosso special,
E veo a ser toda via
Este homem racional
Tão engenhoso em seu mal,
Como ontem na artilharia!

A tantos & tantos males,
Que remedio se acontecem?
Diz saõ Paulo, Homẽs errados
Se os odios antre vos crecem,
Comeruos eis a bocados.
O nome da ociosidade
Soa mal, á boa & saã,
(E mais ja sobre a idade)
Socrates da Liberdade
Lhe chamaua sempre irmãã.
Douuos Ennio por autor,
Quem vsar não sabe do ocio
Cansa, & anda d'arredor,
E vem a ter mais negocio
Que hum grande negociador.
Porque este sabe apos que anda,
A quelle a si não se entende,
Quanto anda, tanto desanda,
Não se obedece nem manda,
Ora se apaga, ora acende.
Velo ir, velo tornar,
Velo cansar & gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a cor & perder
Que se não pode topar.

Mas eu porque passa assi
Que sesa muito, direi
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escreui,
Inda me não enfadei.

CARTA
A seu Irmão Mem de Saã.

EM quanto de hũa esperança
Em outra esperança andaes,
Fazeruos quero lembrança
Como he leue, & não se alcança,
Que sempre adiante he mais.
Cuidaes que soes ja com ella,
Quando volo mais parece
E quereis lançar maõ della,
Meteremos, mete vella,
Vairindo, & desaparece.
Mas não sofre o coração
Soltalla assi leuemente,
Tamanha deleitação
Ah, que a tinha na maõ
Se fora mais diligente.

Dos Alquimistas se diz
Despesa he fadiga vaã
Cobiça he cego juiz
Deixai que se oje o naõ fiz
Falocy logo amenhaã.
Não lhes val ver a fazenda
Ir apos as esperiencias,
Andão de emenda em emenda,
Da fornalha para atenda,
D'assoprar fazem sciencias.
Aperfiou, & cahio
Phaeton do carro do dia,
Que ao pay por seu mal pedio,
Sentio a terra, sentio
Hum rio da Lombardia.
Não soube Icaro reger
As asas que ouue de seu,
Subindo, veo a decer,
Aos peixes deu de comer
E ao mar nouo nome deu.
Apos o que ha de cair
Por aleuantar andamos,
Que nos não deixa dormir
A alma que pode sobir
A esta as asas quebramos.

Em quanto hum busca seus danos,
E outro sa té os olhos jaz,
Por muitas sortes d' enganos,
Morte que naõ conta os annos,
Vem, & leua o que lhe apraz.
Quantos a que era deuida
Dos nossos (deixo os alheos)
Ao menos mais longa vida,
Que por conta não sabida,
Tinhão perto os dias cheos.
Vistes hũa claridade
Que de ca, té lá correo
Como rayo? em tal idade
Tanto saber, tal bondade
Assi desapareceo?
Ima bemauenturada
Da quelle moço taõ nobre,
A hũa mui alta assomada,
Tudo lhe pareceo nada,
Quanto se dali descobre.
Dous condes d' hũa alta vea,
Que alumião Reyno & linguoa,
Em dano & em perda alhea,
Tinhaõ sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

Ao menos pera esforçar
Os engenhos que atras vem,
Que os soe a terra de dar,
O passo he mao d' acertar,
Ficamos muitos daquem.
Pollo qual a este abrigo
Onde me acolhi cansado,
E mais inda a graõ perigo,
E àquellas letras que sigo
Deuo que nunca me enfado.
Deuo a muito minha amada,
E sò rica liberdade,
Que tiue aos dados jugada,
A que somente he mandada
Da razão boa, & verdade.
Nas cortes não pode ser,
Vedes os tempos que correm,
Vedes fugir & correr,
or fugirem te morrer,
Dos lugares donde morrem.
Ora pór peito á corrente,
Que sejais forçoso & saõ,
E de sangue inda feruente,
Graõ nadador claramente,
He quebrar braços em vaõ.

Cansar, & sonhar priuanças,
Dar d'entrada á liberdade,
Logo por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças,
Passem co a mocidade.
Ando alimpando a pousada,
Lembrame quem diz qu'está
Ante a porta, bare, & brada,
Se a sentir despejada,
Pola ventura entrarâ.
Olhae as aues do ar,
(Diz o senhor qu'enriquece
O ceo, a terra, & o mar)
Vedelas ledas cantar,
Dizeime que lhes falece?
Da muita vossa fraqueza
Vem estes tantos suores,
Estes medos á pobreza
Vedes como a natureza,
Vestes ricamente as flores?
Andando nestes enleos,
Em quantos erros cahimos?
Sem conto, sem fim, sem meos,
Dormimos sonos alheos,
Os nossos não os dormimos.

Queremos o que outrem quer,
O que naõ quer engeitamos,
Dizeime como isto he ser,
Rimos o alheo prazer,
E ainda quando choramos.
Como de casa sahia,
Sempre dos seus olhos agoa
A Heraclito corria,
Pello que ouuia, & que via,
Que de tudo tinha magoa.
Em fim vendo o pouo incerto
Que pressa a errar leuaua,
Naõ sofreo tal desconcerto,
Fugio pera o campo aberto,
Liure sem muro & sem caua.
São Icronymo, alumiado
Da clara & diuina luz,
Passaua a vida apartado,
Das letras acompanhado,
Que nos consagrou a cruz.
Aquelle peito seguro,
A quem o mundo era riso,
Aas torres altas, & ò muro,
Carcer lhe chamaua escuro,
E áquelle ermo parayso.

Da nossa taõ clara herança
Cegos, que razão daremos?
Como nos naõ faz lembrança
Hũa taõ certa ordenança
Do ceo, & do Sol que vemos?
Este posto, a noite traz
Consigo tantas estrellas,
De que fermosa se faz,
Qual descuido pode em paz
Alçar os olhos a ellas?
Não se gaste mais patio
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do Senhorio,
Tornemos atras ao fio,
Desta a que chamamos vida.
Ponhamonos em razaõ,
Cousa he que verá hum cego,
Queremos repouso, ou não?
Queremos, todos diráo
Ninguem naõ quer assossego.
Dizeime, & quando será
Que nos lẽbre, & que nos doa,
Quam certa que a queda está,
Siguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa?

Que

Que vejamos como demos
Cousas sem preço, por preço
Que lhe tão baixo posemos,
A que estado nos decemos,
E de quam alto começo.
Antre os brutos animaes
Não se ouuerão por seguros,
Os homẽs racionaes,
Erão brauos, & erão mais,
Fizerão armas, & muros.
Agora porque vos conte
Quanto vi, tudo he mudado
Quando me acolhi ao monte
Por meus vizinhos de fronte,
Vi lobos no pouoado.
Hum rato d'hũa cidade
Tomouo a noite por fora;
(Quem foje á necessidade?)
Lembroulhe a velha amizade
Doutro que hi no monte mora.
Sahiome a conta errada
(Muytas vezes a contece)
Crecеome a minha jornada
(Diz entrando na pousada)
Logo cidadão parece.

O po-

O pobre asi salteado
D'um tamanho cidadaõ,
Em busca d'algum bocado
Vai, & vem muito apressado,
Que naõ punha ospees no chaõ.
Ordena sua mesinha,
Inda tinha algum legume,
Inda algum poo de farinha,
Poslhe hi tudo quanto tinha,
Pede perdaõ por costume.
Diz, Quem tal adeuinhára,
(Contra o cidadaõ seuero)
Tanto reuoluera, & andara,
Que algũa cousa buscara,
Aquem tanto deuo & quero.
Cumpre muito aquella mesa,
Mais da fome que da gulla,
Tem a fugueirinha acesa,
Faz rosto ledo á despesa,
Co trabalho dissimula.
Diz o cidadaõ consigo
Que gente ha dantre penedos!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom sengo antigo,
Que naõ saõ iguaes os dedos.

Depois do fraco comer,
Estando de tras o lar,
Começa o rico a dizer,
Dous dias que has de viuer
Aqui os queres passar?
Na aspereza do deserto,
Que naõ sei quem o soporte,
D'vrzes & tojos cuberto,
Sendo tudo taõ incerto,
E taõ certa sò a morte?
Viue amigo a teu sabor
Mais he que cousa perdida,
Quem por si toma o peor,
Vaite comigo onde eu for,
La veras que cousa he vida.
Quando as ambas prouares,
(Que eu doutrẽ naõ adeuinho)
Quando te enganãdo achares,
Ahi ficaõ teus manjares,
Ahi tẽs tambem o caminho.
Asi disse, Eis o villaõ
Em aluoroço & balança,
Hia & vinha o coraçaõ,
Ora si, & ora naõ,
Venceo porem esperança.

E que pode hial fazer?
Viue com tanto cansaço,
Inda não pode viuer,
Naõ pode o anno vencer,
Que lhe asi corre despaço.
E diz, Quẽ nao s'auentura
Naõ ganha, quẽ he q̃ o negue?
Escolhem hora segura,
Era pella noite escura,
Guia o rico, o outro segue.
Entraõ por paços dourados,
Cheirosos inda da cea,
Fiquẽ os casaes colmados,
Por sempre do sol torrados,
Fique a faminta da aldea.
Voume por meu cõto auante,
Amostra o cidadaõ tudo,
Que traz no bucho hũ ifante
Quẽ quereis q̃ naõ s'espãte?
Anda o vilanzinho mudo.
Que taõ sòmente em prouar
Das cousas que mais lhe aprazem,
Começam ja d'engeitar,
Começão de bocejar,
Em finos tapetes jazem.

Ora, o despenseiro chega,
(Que estes bẽs nao duraõ tanto)
Senteos, mas a pressa o cega,
Hum tiro, & dous mal emprega,
Segueos de canto em canto.
Os caẽs à volta correrão,
Ladrão, que he alto serão,
As casas estremecerão,
Hũs & os outros hi correrão,
Quis Deos que os gatos não.
Sabia o de casa a manha,
Sabia os passos, fugio,
O Ratinho da montanha
Aos pees em pressa tamanha
O coração, lhe cahio.
Mas espàçado operigo
Da morte que ante si vira,
O coitado asi consigo
Polo seu repouso antigo
Que mal deixàra, suspira.
Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? & èsta riqueza
Mal que todo o mundo preza,
Fuja se poder voando.

Mal tomadas esperanças
Apaga aqui não me tome,
Traças que não abastanças,
Assaz vi das vossas danças,
Deos me torne à minha fome.

A Antonio Pereyra Senhor do Basto,

quando se partio para a Corte coa casa toda.

Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecerem cercas, & o gasto,
Vi, por caminhos tão maos
Tal trilha, & tamanho rasto.
Logo os meus olhos ergui
A casa antiga, & á torre,
E disse comigo assi,
Se Deos nos não val aqui
Perigoso imigo corre.
Não me temo de Castella,
Donde inda guerra não soa,
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheiro desta canela,
O Reyno no despouoa.

E que

E que algum embique & caya,
(Afora va mao agouro)
Falar por aquella praya
Da grandeza de Cambaya,
Narsinga das torres d'ouro.
Ouues Viriato o estrago
Que cá vay dos teus costumes?
Os leitos, mesas, & os lumes,
Todo cheira: eu óleos trago,
Veni outros trazem perfumes.
E ao bom trajo dos pastores,
Com que saiste á peleja
Dos Romaõs taõ vencedores,
Saõ mudados os louuores,
Naõ ha la quem t'aja enueja.
Entrou dias ha peçonha
Clara pellos nossos portos,
Sem que remedio se ponha,
Hús dormentes, outros mortos,
Alguem polas ruas sonha.
Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos, & o mar,
Vencer quasi a natureza,
Medo ey de nouo á riqueza,
Que nos venha a catiuar.

Estas

Estas serras & penedos
Fazemsevos vistas feas,
Ia torceis o rosto ás aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que ja disse Cineas.
A quem nos conuites dado
Aprouar, se lhe aprouuesse,
Despois nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) enforcado
Que a forca assi merecesse.
As vozeiras montarias,
Derribar aues que vão,
Cantando inuerno & verão,
Que al he saluo remir dias
Do enfadamento aldeão?
Que trabalhosos concertos
De vilaõs desentoados,
Os de vilaõs mal cubertos,
E o que he peor, pouco certos
Muito desarrezoados.
Direis, & eu naõ volo nego,
Mas quereis tambem que diga?
Este mundo he armado embriga,
Não busqueis nelle assossego
Nem nũa alta ermida antiga.

Toda

Toda via ha differenças
Antre o de cá, & o de lá,
Cá nas mais das desauenças
Ereis mestre das sentenças,
Para ond'his outrem as dá.
Tereis em troca manjares,
Composições delicadas,
Hũas por outras grosadas,
Pellos tempestuosos mares
A gram perigo buscadas.
Conuites de quem conuida,
A mostraõuos suas tendas,
Quanta cousa hi he perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas más das fazendas,
Disto o cheiro, disto a cor,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Para saberem taõ mal.
Onde se ha de lançar tanto?
Aquillo he pagar o pato,
Em fim quando m'aleuanto,
Ou ey de morrer d'espanto,
Ou se não m'espanto, mato.

Que

Que contas vão tão erradas,
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não deseja?
Soyão ser as conuidadas
Vontades, agora he enuesa.
Entra com vosco amenhaã,
Falaõse muitas linguoages,
Aa tal cea cortesaã
Quanta mestura vay vaã,
A fora as nouas potages?
Os bõs conuites antigos
Antes de se tudo alçar,
Erão para conuersar
Os parentes, & os amigos,
Que não pera arrebentar.
E de viuer juntamente,
Ouuerão conuites nome,
Soltos os olhos da gente,
Porque vissem que somente
A li se mataua a fome.
Aquella vfana Raynha
Irmaã do vil Tolomeu,
Que o rico pendente deu
Prodigamente à cozinha
Num grande banquete seu.

Vendo tudo irse a perder,
Os amigos conuidaua,
Ia porem não de viuer,
Mas d'assi juntos morrer,
Na sua lingoa os chamaua.
A vossa fonte taõ fria
Da Barroca, em Iulho & Agosto,
Inda me he presente o gosto
Quam bem que nos hi sabia
Quanto na mesa era posto.
Ali não mordia agraça,
Erão iguaes os juizes,
Não vinha nada da praça,
A li da vossa cachaça,
Ali das vossas perdizes.
Ali das fruitas da terra,
(Que tem cada mes a sua)
Colhida em sazão cada hũa,
Nunca o sabor á cor erra,
Nem ao nome de nenhũa.
O ceas do paraiso
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala trocada, ou riso,
Nem carregadas de siso,
Nem danadas da licença.

Des hi ogosto chamando
A móres outros sabores,
Liamos pollos amores,
Tambem escritos d'Orlando,
Em voltos em tantas flores.
Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro
Nestes derradeiros annos
Cos pastores Italianos
Do bom velho Sannazaro.
Liamos polo alto Lasso,
E seu amigo Boscão,
Honra d'Espanha que saõ,
Hiame meu passo, a passo,
Aos nossos que aqui naõ vão.
Se eu isto estimado agora
Vira, como dantes era,
Por meu conto auante fora,
Mas não diz hora com hora,
Vaise como ao fogo a cera.
Que troca, ver la pasquinos,
Desta terra cento a cento,
Quem o vè sem sentimento?
Tratar os liuros diuinos
Com tal desacatamento!

E o que

E o que não deuem d'ousar,
Dizer, se em giolhos não,
(Que graças para chorar!)
Torcem, fazendo falar,
Ao som da sua paixão.
Esquecidos do conselho
Mas que digo eu? do mandado
Sendo porquem foi vedado,
No santissimo Euangelho,
Aos caẽs não deis o sagrado.
Peitos que sonhando andaes,
O muito não no troqueis
Por nadas, como o trocais,
As perlas Orientaes
Aos porcos as não lanceis.
Iugareis? O razão cega
Sempre o jogo fiz defeso,
Que tem noite, & dia preso,
O triste que asi o emprega,
O seu tempo todo em peso.
E des o Grou, tè Folosa,
Homẽs de seiscentas cores,
Sò no jogo não tem grosa,
Conuersação perigosa,
Missa d'arrenegadores.

Mal.

Mal sem emenda he o jogo,
Antre os seus males mayores.
Hum Rey de grandes primores,
Dos nossos, mandou pór fogo
Aa casa, & aos jugadores.
Das leis antigas imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Dores sempre aqui, consigo,
Vai caminho das eternas.
Passemos por outros jogos
Que la vão, por outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodes para Pilatos.
E aquelle grande aluoroço
D'Atãbor que à guerra chama,
Leua o velho, leua o moço,
Que entrã primeiro em destroço
Que percão de vista Alfama.
O vida dos lauradores,
Se elles conhecessem bem
As auantages que tem,
Co aquelles santos suores
Que a si & ò mundo mantem.

Tratan-

Tratando coa madre antiga
Que de quanto em si recebe
(Nã entre engano, ou maa liga)
Singelamente se obriga
A pagar mais do que deue.
Aquelles mayores nossos
Antigos Padres primeiros,
Erão no começo inteiros,
Eraõ santamente grossos,
Sẽ mal como os seus cordeiros.
Regidos da natureza,
Nem tanto papel escrito
Vem hum reza, & outro reza
Sem cansar, & sem certeza,
Buscaõ, nunca achaõ o fito.
Foi sem malicia & mao erro
A boa idade dourada,
Apressouse a prateada,
Naõ tardou nada a de ferro,
Que tudo pôs á espada.
Quanta sombra que aparece?
Tapaime a boca coas maõs,
Ora atras que naõ me esquece,
Tambem por cà se adocce,
Vaõ porem aires mais saõs.

Por-

Por isso a gentilidade
Que em tudo philosophaua,
Ao Deos da saude alçaua
Templo fora da cidade,
Hi por ella se offertaua.
E áquelle Virbio a quem
Dera vida, nunca às festas
Nunca às cidades vem,
Sempre sò por fora o vem
Caçando pollas florestas.
Hi que encontre cum Lião,
Cum vsso que anda ao traues,
Traz consigo a seus librès
Com que lhe o caminho dão,
Não he aquella a sua Res.
Da cousa maa claramente
Logo quem a vé se vella,
Chegase á que branda sente,
Por isso á antiga serpente
Pintão rosto de donzella.
Quando os antigos a alguem
Louuauão, não de senhor,
Nem de rico era o louuor,
Chamauão lhe homem de bem,
E ainda bom laurador.

A nossa

A nossa gente que quis
Arremedar nos louuores,
Que agora parecem vis,
Aos bõs Reys Sancho & Dinis
Chamarãolhe lauradores.
Os prudentes dos Romanos
Antes que o tino perdessem
Donde cuidaes que escolhessem
Cincinatos & Serranos,
Que ante si em campo posessem?
E aquella sua grandeza,
Que o tempo não quer q̃ moura
Vemos que á mais da nobreza
Sobrenomes da riqueza
Naõ pós, antes da lauoura.
Inda oje vemos que em França
Viuem nisto mais à antiga,
A villa o villaõ se abriga,
Donde traz nome de herança
Mantẽno a sua fadiga.
Acende a fragoa o ferreiro,
Iuntamente, & o gallo canta,
Morde o couro o çapateiro
Brada cõ moço ronceiro
Que inda se enuolue na manta.

Vinge

Viue a nobreza por fora
Segura, os despouoados
Corre cos lobos ousados,
Por darredor donde mora,
Mantem liure o mont' os gados.
Da má gente auentureira,
Que ás escuras traz seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noit' á feira,
Ou dormindo no mulato.
Bom tempo, quando segura
A cabeça s'encostaua
Onde o sono a conuidaua,
Contente da cobertura
Taõ rica, que lhe o ceo daua.
Bebiaõ tomada ás maõs
Dagoa, que fosse em velhice,
Melhor que por vasos vaõs,
Lauaua ella os peitos saõs,
Antes da gargantoice.
Iacob fugindo ao irmaõ,
Qu'o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo vsado,
Passou o rio Iordam,
Na ajuda do seu cajado.

Como o sol ao mar deceo
Comeria do fardel,
Dagoa no rio bebeo,
Nũa pedra adormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel.
Natureza nos pofera
Como os olhos nos abrio
Ao perto, tudo o que vio
Que necessario nos era,
Do mais tudo se sorrio.
Como hũa aue ja vezada
A toda delicadeza,
He milhor ajuizada,
Foge á gayola domada,
Vay buscar a natureza.
Hũa disposiçaõ má,
Longa enfirmidade & dor,
Que vay de mal em peor,
Onde remedio achará
Se á natureza nam fore?
Cega da minha porfia,
Qu'em vão tanta razam gasto,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Is vos buscar a madrasta.

Dos vossos nobres auós
As Cruzes em sangue abertas,
Vos poem obrigações certas
Que não as deixeis cá sós,
A ser do musgo cubertas.
O que porem não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a de tal irmaõ,
Que naõ ouue o nome em vão
De Nuno Aluarez Pereyra.
Por toda esta grande Espanha
Froais que sohiaõ chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rey mouro a patranha,
Mas vosso antigo solar.
Do qual naõ ha muitos annos
Que hum que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os longos panos,
Hum passo aos Castelhanos
Aa espada defendeo.
Ao Reino cumpre em todo elle
Tera quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que he muito o peso, & com elle
Mete o barco naguoa a proa.

E mais

E mais isvos muito ao ponto
Para qualquer apetito,
Então j'eu ouui hum conto,
A quem espreita & está pronto,
Não vades mudar o sito.
Tereis la conuersações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço adubadas,
E ás vezes das prégações,
Com muito gosto furtadas.
Trasposerão os amores,
Deixaraõ o paço aas cegas,
Saem de nouo mantedores,
Continuos murmuradores,
Pola praya d'Enxobregas.
Vereis barcos ir à vella,
Hũs que vaõ, outros que vem,
Como que se desauem,
Cũa viraçaõ singella,
Tanta força a arte tem.
Os marinheyros vadios
Que vil mente a vida apreçaõ
Polas cordas dos nauios,
Volteaõ como bugios,
Inda que vos al pareçaõ.

Nam ey por perda esta leue,
Que sejaõ palauras tudo,
Mas ao coraçam acudo,
Senão dizei quem se atreue
Aa dor esperala mudo?
São ellas porem já muitas,
Felas ir crecendo a magoa,
Lembrovos as vossas fruitas,
Lembrovos as vosias truitas,
Que andaõ ja por vossas nagoa.

CARTA

Aa maneira Italiana, a dom Fernando de Meneses, em reposta do que lhe escreueo de Seuilha.

Vadal quibir arriba, a rica praya
Que vistes, os perigos, & armadilhas,
De que escreueis, ouuindo homẽ desmaya,
Vistes nũa Seuilha mil Seuilhas,
Guardese da fortuna, & dos reuesses,
Que assi creceo co este ouro das Antilhas.
Senhor meu dom Fernando de Meneses,
Eu vi Roma, Veneza, & vi Milão,
Em tempo d'Espanhoes, & de Franceses.

Os jardis de Valença d'Aragão,
Em q̃ amor viue & reina, & forças ganha,
Por onde tantas rebuçadas vão.
Mas isso (assi direi) mais ja parece
A coua da Sibila sobterranha,
Onde a vida em prazer desaparece.
Se cousa he pera crer, & não patranha,
Mas isso, assi não fosse elle verdade
Como he, sabei que amor vsa de manha.
Spreita onde vè rica ociosidade,
Hi enarnora bandeira, solta a vãa
Desenfreada prodigalidade.
Imiga das leis sanctas, & da saã
Da boa temperança, & vida pura,
Mas dessa Seuilhana amada irmãa.
Aquelles sam seus parques, hi assegura
(Eu digo amor) o seu estado & Cortes,
Ali he grã senhor, dure o que dura.
Por hi passea, & vay a seus deportes,
Viue ali Salamandra no seu fogo,
Que á elle vida dá, aos seus mil mortes.
Menino & cego (o risos) foge logo
A doce liberdade, & nunca mais
Em quanto o sente hi, torna, nem em jogo.
Mas tornemos ás nouas que me daes

Das senhoras, & das casas, & das sedas,
Pedraria que cega os auençaes.
Per onde correm todas as moedas,
As d'ouro poderoso, & prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem vem a estar aos lanços, desatina
A primeira auentura he a do siso
Que logo perde, tudo á banda inclina.
Ali sospiros, ali o brando aniso,
As boas manhas todas quantas sam,
Nobreza, parecer, he tudo hum riso.
Vendendo ellas o seu tanto ao pregão,
Cousas que se achão nas tendas por nada,
Regateiras crueis, por quanto as dão?
Mas que cegueira tão acostumada!
Em todo estado, toda lei, & idade,
Quẽ mais leua na bolsa, esse arrecada.
Não falemos naquella infirmidade
Dos seus priuados, que he como se acerta,
Por apetites sôs, & liuiandade.
Onde pòr não se pode regra certa,
Sòmente assi lhe apraz, a quem se obriga
Dos outros & cadahum como se offerta.
Quem o crerà? que nisto a gente antiga
Que tanto vio, vio pouco, do costume

Cega, & desta baixa humana liga.
Despois coa melhor lei, entrou mais lume
Suspirouse milhor, veo outra gente
De que Petrarcha fez tão rico ordume.
Eu digo os Proençaes, de que ao presente
Inda rithmas ouuimos que entoarão
As Musas delicadas altamente.
Aquelles Dantes, que versos danarão,
Perdoem, ah que o digo vergonboso,
Com doo de bôs engenhos que enganarão.
Todauia Xenocrates famoso
Sabio rindo de Lais por quem se chama
O porto de Corintho perigoso.
Vinhão de toda parte ali por fama
Da sua fermosura, elle foi tal
Que vencedor ficou, vencida a dama.
E mais sendo o perdão assi geral
Naquelle tempo, a todos tanto a vsança
A dar culpa & desculpa, pode & val.
Porem dũa tamanha confiança
De si, & coa virtude, taes amores
(Quẽ soo seja aqui dito em abastança.)
Enxamea este mundo, & da das flores
Como lhe apraz à grande natureza,
Dos santos, não me meto em seus louuores.

Que não se atreue a tanto esta rudeza
Do baixo estillo, & minha fraca vea,
Qu'entẽdo, & não m'engana sua pobreza.
Ora soes ja na Corte, onde se atea
Pera vos outra chama, outras contẽdas,
Outra prisam mais nobre, outra cadea,
Digna de vos, não tem a chaue as rendas,
Nam negoceações, que isso seria
Tirar o poder a amor, dalo às fazẽdas.
Amor he senhor grande, & não se guia
Por interesses vis, dar & tomar,
Amor noites não tem, que todo he dia.
Amor que nunca sabe atras olhar,
Que nam sabe pôr nodoas de sospeitas,
Na fé, não em querer, nem duuidar:
Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos às tardes nuuẽs raras,
Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
Não traz contrasinaes, nem almanaras,
Naõ mãda escuitas fora, ali he paz boa,
Das fontes limpas, corrẽ agoas claras.
Quam longe do outro cego, que ao ar voa,
Todo desassossegos & queixumes,
Cudais q̃ his vẽt'a popa, his vẽto a proa.
Mandãno desconfianças & ciumes,

Hũs nadas, que porem ferem d'agudo,
Reina no pouo, guarda os seus costumes.
Todo he palauras, estoutro casi he mudo,
Ouçãose os corações, que ouuidos tem,
Mais certos, & outros olhos q̃ vẽ tudo.
E os peitos passam da banda dalem,
Como o sol dando faz nũa vidraça,
Os claros corações claros se vem.
Verdade q̃ não daõ os tempos graça
Tanta, como elles dauaõ no passado,
Anda encolheita, naõ sae tanto à praça.
Temese dum amigo apoderado
Do tempo, q̃ os sonha India & Brasil,
Tẽ que cadahum de lâ torne dourado.
Lançoumos a perder engenhos mil,
E mil, este interesse que aja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.
Os momos, os seraos de Portugal,
Tão falados no mundo, onde sam idos?
E as graças temperadas do seu sal?
Dos motes o primor, & altos sentidos,
Os ditos delicados cortesãos,
Qu'he delles? que lhes da somẽte ouuidos?
Mas deixem de tratar os Aldeãos
Da Corte, sempre foi, sempre será,

Trocãose os tempos, fogem dantre as mãos.
Não vedes quantas voltas o Sol dà?
Ora aparece, ora desaparece,
Debaixo deste Ceo quedo que está?
O que ontem muito aprouue, oje aborrece.
As que agora erão faces, saõ ja ennuses.
Nos poços sobe hum balde, o outro dece.
Porem (ò bom dom Ioão o de Meneses,
E ò Manoel) que taes tempos lograstes,
Dous Condes nos amores tão cortefes.
Vos dias, vos as noites suspirastes
Com tanto louuor vosso, Ind'eu ouui
Os queixumes finaes que ao ar soltastes.
Depois de fora parte, por aqui
Se ouuem cantares, não dos naturaes,
Mas estrangeiros, j'eu cantára assi.
Ora outra vez a vos senhor que andaes
Naquella viua chama dessa idade,
De que os amores se apoderaõ mais.
Naõ me seja contado isto a vaydade,
Mas eu não vejo ca cousa mundana,
Que tanto suba sobre a humanidade.
Quem cuidando sera por força humana,
Com que taõ altamente a alma se escora,
Que esperança nem medo a nam abana.

Alçase

Alçase o tempo, & vay de foz em fora,
Dos sentidos conuem todos se aliue,
E q̃ ouça, veja, & viua, hora por hora.
De tudo (que ja muito me detiue)
Faz a conta que faz de neuoa & vẽto,
Passouse a corpo albeo, & ali se viue.
Buscou, & pos tão alto o fundamento,
Que por cousa nenhũa que aconteça,
O mesmo he no prazer, que no tormẽto.
Hi se acaba o seu bem onde começa,
Faz com' aguia òs filhos, q̃ os engeita
S'a vista ò sol dalgũ vè qu' enfraqueça.
Assi toma aos cudados conta estreita,
E aquelle que o seu bem claro não vè
Não he dos seus, nũ nada a cõt'he feita.
Ali se abraça sò co a sua fè,
Nella s'ennolue, nella se adormenta,
Que riqueza grandissim' aquell' he,
De q̃ outrẽ viuer possa, & ella o não senta.

ELE.

ELEGIA.

A hũa Senhora muito lida, em nome de hum seu seruidor.

Vidãdo em vos senhora, no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei cõ q̃ ousadia ante vos venho.
Por dõ da natureza, posta encima
De todo o q̃ aqui vemos descuberto,
A que he tão necessaria vossa lima.
Ocasiões esperando, & algum acerto,
(Que tudo he cheo d'acontecimentos)
Quantos males passei quam incuberto!
As esperanças forãse cos ventos,
Iaa dias se eu tiuera vista algũa,
(Mas asi he bem que vão vaõs pensamentos.)
Senhora quanto sol & quanta lũa
Em quanto eu cuido & temo, se me vão
Viuendo triste sem vida nenhũa.
Cuidaua que valesse esta razão
A que tanto se da, val pouco em fim,
Nomes vistosos, que remedios não.
Comigo aos braços, a que esta do vim!
Lidando noite & dia, elles quebrados
Hũs me mostrão ao dedo, outros sorrim.
São fogos como os que vemos pintados
Não chego a dizer mais, digo o que posso,
Os d'alma saõ os viuos, & os calados.

Não

Não sei como não vistes este vosso
Spirito em tanto tempo! onde asi val
Este nome de meu, & inda o de nosso
E como tanto andaes cuidando em al,
Que não vistes esta alma ha tantos dias
Que a vos sò ve seu bem, tendeslho a mal.
E não se vos mostrou por tantas vias,
Tanta verdade, por esperiencia tanta,
Apurada em taes fogos, & agonias.
Aquella vista que a todos espanta,
Aquelle entendimento tão profundo,
Não sei quem nisto o cega ou que o encanta.
Hercules tão falado pelo mundo
Quantos trabalhos venceo, mas adura
Madrasta nem por isso se quebranta.
Em fim veo no fogo, inda assegura
Seus olhos farta, & quanto ás immortaes
Honras que se lhe deuem, torna escura.
Iulgão se as cousas pellos seus sinaes,
Melhor que por palauras, que fareis!
Tudo me lembra, & tudo por de mais.
Tirania cruel, aspera lei,
Que asi quer o que quer, braua opinião
Abasta, asi me apraz, asi mandei.
Menosprezando de todo a razão
Se a a culpa d'Amor que enuolue tudo
Deixai chamar os seus por elle em vão.
O duro, o brando, o sem siso, o sesudo,
O velho com suas lagrimas piadosas
O moço aos sobresaltos branco & mudo.

Amor

Amor tem cheo d'armas victoriosas
Em padrões altos, tudo ao derredor,
Polas façanhas suas espantosas.
Poderoso, absoluto, & sò senhor,
Os Deoses tem os fados sobre si,
Liuremente o que quer sò pode Amor.
Os santos juramentos, ora assi
Ora assi feitos, passa em graça & riso
Tè da lagoa sobterranha ri.
Não se pode falar estando em siso
Nas grandezas de amor, cumpre que estè
O entendimento, do corpo diuiso.
Ao baixo o liuel nosso, o que se vè
Tudo tambem he baixo: estes sentidos
Leuemente enganados, não daõ fè.
Os remos na goa parecem torcidos,
Os olhos nos enlea hum jogo leue
De maõs, & assi se enganão os ouuidos.
Senhora bem sabeis o que se escreue
De dous pintores nobres a porfia,
Em que cada hum vencer o outro se atreue.
Fruitas pintou hum delles, que de dia
Vinhão aues comer, outro de hum veo
Pintado, fez que a sua obra encobria.
Vede quanto a arte pode, não valeo
Ali vista & saber, o veo de diante
Mandaua aleuantar o que perdeo.
Diz ledo o vencendor, Foste bastante.
A enganar aues? que victoria a minha
Enganando hum pintor tão posto auante!

Aquel-

Aquelle leue Grego que hia & vinha
Con tanta ligeireza, & tal feruor
Que os pees voauã, quedo o corpo tinha.
Quando cudauão que auia de traspor,
Inda desse lugar não se mouera
De que esperaua merces & louuor.
El Rey Agesilao que não posera
Nisto cuidado mais, não disse então
Somente que iogral lhe parecera.
Ora tornando atras, certo mais saõ
Os nossos olhos que os dos morcegos
Que hũa cousa soo vem, as outras não.
Os seus thesouros, os ricos empregos
Alcançãose por sorte grande & rara
Iazem em mui profundos & altos pègos.
Tanto ha que canso me desempara,
O mesmo tempo, as forças desfalecem,
Ay quanto custa hũa esperança cara.
A algũs queixumes de fora parecem,
E tal vez o serão, sò a alma o sente,
E estes olhos coitados que amoleçem.
Entre tanto que cuida a leue gente
Destes que vemos tantos a milhares
Regidos do sò caso & accidente.
Ondas q̃ aos ventos vão correndo os mares,
Andabatas que ferem ás escuras
E sem certeza dão por esses ares.
Estas serião as desauenturas
Que Heraclito choraua em vida andãdo,
E Democrito ria por locuras.

Com

Com muitas outras que fazem grã bando,
Però sempre hão de ser as principaes
Dosque perdendo vaõse, outrẽ buscãdo.
Meus desatinos onde me leuaes?
Vadiamente asi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andurriaes?
Tomastesme jazendo á minha fonte,
O caminho não mingoa, ãtes mais crece,
Por muito que a razão clara desconte.
E não me abasta o mal que m'acontece,
(Qu'he tãto em meu quinhão) inda a vergonha
Que de mi &q̃ doutrẽ me recrece.
Que sorte tão estranha de peçonha!
Ando em busca de mi não sei poronde,
Em quanto esta alma tresvalia, & sonha.
Aqui somente a vãa Ecco responde,
Que parece tambem q̃ and'ella embusca
Não sei per que cauernas se m'esconde.
Quãdo o mũdo esclarece, & quãdo ẽbrusca,
Suspirando eu, suspira, ah crueldade,
Tambem dirá por mi, Este que busca?
Triste, que ja nam ando apos piedade,
Som em poder da dor, entendo o erro,
Entendo o danno, entendo a vaidade.
Sigo hũas sombras vãs, que nunca aferro,
De hũa sò folha que atrauessa tremo,
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,
Por mi ja nada, por vos tudo temo.

Ao senhor Françisco de Sâ de Mirãda,

Aa morte de seu filho Gonçalo Mendez de Sâ.

ELEGIA.

Am chores, mas alegrate Elegia,
Força agora o costume, & natureza,
Inda que de chorares cansa auia.
A parte vas onde ha nojo & tristeza,
Mas com aquelle nojo, que he forçado,
Iunto està grã prazer, grã fortaleza.
Veras hum pay, a quem o duro fado
Desemparou d'hũ filho, em q̃ esperaua
Ver seu nome nos ceos aleuantado.
Veràs a mãe, que tanto o filho amaua,
Que partindo a sua alma pello meo,
A metade lhe deu, a outra ficaua.
Dizendo, Filho viuirei em receo
Em quanto te não vir, & elle partido,
Eis que subitamente a morte veo.
Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bẽ não se enxugauão,
Inda não tinhão delle noua ouuido.

E a primeira noua que lhe dauão,
Era de morte, porem morte qual
Elle quis sempre: & a q̃ elles o mãdauão?
O primeiro accidente he natural,
Com este não poderão, q̃ os mais fortes
Como aos mais fracos, soe ser igual.
Mas de que virão bem as iguaes sortes
Que nos outros cayrão, em si tornarão,
Vendo chorar a todos tãtas mortes.
As lagrimas alheas consolarão
As suas, que ja deixão de lançar,
Jagora rim os olhos que chorarão.
Veras ambos jagora taes estar,
Que por mais q̃ tu vas triste, & chorãdo,
Rindo t'hão de ver ja, rindo falar.
Começate jãgora ir espantando
Daquella fortaleza, com que o pay
Seu nojo tão cruel foi temperando.
N'alma o sentio soomente, que la vay
A verdadeira dor, mas não se ouuio
De sua boca algum sospiro, ou ay.
De pura dor a triste alma se abrio,
Mas acudio o siso, & a prudencia,
Com que aquelle aluoroço se encubrio.
Acudio à ferida igual paciencia,

Armouse contra a carne logo o sprito,
Esforçado do tempo, & experiencia.
Tanto que o triste caso lhe foi dito,
Co aquelle coração prudente & forte,
Qual em seu rosto veras logo escrito,
Disse, Sabia que obrigado à morte
O gèrei, & calouse: ô gloriosa
Voz, ò bem vinda, & bem ditosa sorte.
Eu vejo despedirse a tão fermosa
Purpurea alma do corpo, & ir voando,
Coroada de louro, & tão lustrosa.
Como hũa bella estrella, alluuiando
Os ceos, & dando lume ca na terra,
Em que seu rayo està reuerberando.
ô alma bem nacida, q̃ em tal guerra
Ganhaste hũa tal vida, honra, & gloria,
Quem morte lhe chamar contra ti erra.
Teu vencimento foi tua victoria.
Teu sangue rico esmalte da tua alma,
Tua morte te deu vida & memoria.
Quam bem compraste aquella bella palma,
Com que estàs la nos ceos fazendo enueja
A quem ca està temendo frio & calma.
Qual quelle serà, por mais que seja
De sua vida amigo, que não queira

Ser tu? & que tal morte não deseja?
A todos está hũa ora derradeira
Esperando, ha de vir, & ha de chegar,
O quando, Deos o sabe, & a maneira.
Pois ô que trabalho he sempre esperar
Tão incerta certeza, mas mayor
He della se esquecer, ou descuidar.
E quem não querera de tal temor,
De tal perigo, liure estar seguro,
Com Deos em gloria, em fama cã, & louuor?
Ditoso aquelle que do ferro duro
Traspassado cahio, pois foi leuado
Seu sprito onde está tão claro & puro.
Ditosos paes de que foste gerado,
(Glorioso mancebo) & boa estrella,
Em que naceste, & glorioso fado.
Seguiste aquelle bem pera que t'ella
Sempre inflãmou, & seguindo, o alcãçaste,
E a coroa que ja vias nella.
Mas ô estrella cruel, ja que mostraste
Tão grande sprito ao mundo, porque assi
Mostrado dantre nos logo o leuaste?
Morte cruel, queixemonos de ti,
Que sempre andas roubando o melhor q̃ ha,
Sempre o ouui dizer, agora o cri.

Leuaralo em nacendo, ou pois que ja
Quiseste que o nòs vissemos, quiseras
Que delle nos lograramos mais cã.
Naõ deras a seus paes tal dor, não deras
Tamanha perda a quem delle esperaua
As cousas que tu nunca desfezeras.
Par'elle sò a fortuna se guardaua,
Qu'enuejo ouueste morte â nossa terra,
Qu'outro Marcello neste nos criaua?
Aquelle fora outro rayo de guerra,
Se os fados o deixaraõ, duros fados,
Quem vos cuida fugir ob quanto erra.
Mas estes dias seus seraõ contados
Por muitos, & mui grandes, grãd'he a vida
Dos que em virtude & hõra sam louuados.
Aquella vida sò se diz perdida,
Aquella sò deuia ser chorada,
Aquella sò por triste & breue tida,
Dos qu'em morrendo, assi fica apagada,
Que memoria naõ deixa nem sinal
Em testemunho da que lhe foi dada.
Igual à d'hum bruto he tal vida, igual
A d'hũa planta, ao pò, à sombra, ao vento,
E a qualquer cousa, se a ha que menos val.
Que de que vem que aqui morrendo cento,

Se fille mais de hum soo porque viuia,
E em bem morrer trazia o pensamento.
Dos outros outra vida não se via,
Senão dos corpos, a estes igualmente
A morte & vida os nomes lhe encubria.
Viue teu nome claro, & excellente
(Glorioso mancebo) & viuirà,
Em quanto hi ouuer vida, & ouuer gente.
Ouuido ha o Tejo, ouuido hà
O Indo, o Ganges, la sera escuitado
O som que em ti teu pay leuantarà.
Dignamente seras delle cantado,
E em todo mundo com prazer ouuido,
Por elle mais glorioso, & enuejado.
Muito de ti dirà, mas muito crido
Sera de ti, muitos desejarão
Tal nome ter, & tão bem merecido.
Tambem as bellas Nimphas cantarão
As bellas Nimphas do Minho, & do Douro
Teu nome, & a todo o mundo o leuarão.
Alegres andaõ co cabello d'ouro
Ao vento solto, rindo, & não chorando,
De palma coroadas, & de louro.
Todas esta tua morte festejando,
Como teu nacimento festejarão,

Por isto que de tibião esperando.
Para esta morte tua te criaraõ,
Com ella estaõ agora tam contentes,
Que mais agora te amaõ, do que amaraõ.
Pois tu q̃ la nos ceos, ond'estás, sentes
A gloria que la tẽs, & a que te damos,
Porq̃ chorar por ti ninguem consentes?
Esta he a causa porque naõ choramos
Elegia, esta morte gloriosa,
Mas vida gloriosa lhe chamamos.
Por tanto tu nam triste, nem chorosa
Mas rindo, vay alegre ver aquelles
Pae & mãe seus, & a terra que ditosa
Fizeraõ por tal causa sayr delles.

Emende.

Bejo as maõs a v.m. Antonio Ferreira.

ELEGIA.

A Antonio Ferreira, em reposta da sua.

ESta branda Elegia, esta tão vossa,
Quero dizer de tanto preço, & tal,
Que vai fugindo ant'ella a neuoa grossa.

Bem vejo que era a empresa principal,
Esta a que vinha, mas a dor rezente
Tempo esperaua, cura mais geeral.
Quanto que áquella vea assi corrente
Se deue! áquelle engenho prõpto, & raro,
Que assi sente! assi diz tudo o que sente!
E mais em tal sazam, tal tempo, auaro
De louuores alheos, em grã danno
Dos engenhos, que s'achaõ sem amparo.
Vem hũ dando á cabeça, & entra vfano,
Cousas do seu bõ tẽpo, ardẽdo ẽ chamas,
Polas q̃ fez, todo al lhe he claro engano.
Andaõse ás razões frias polas ramas,
Hum vilancete brando, ou seja hũ chiste,
Letras ás inuenções, motes ás damas.
Hũa pregunta escura, sparsa triste,
Tudo bom, quem o nega? mas porque
Se alguem descobre mais, se lhe resiste?
E como, esta era a ajuda? esta a merce?
(Deixemos ja as merces) este o bõ rosto?
De menos custa emfim? q̃ este tal he?
E logo aqui taõ perto com que gosto
De todos, Boscaõ, Lasso, ergueraõ bãdo,
Fizeraõ dia ja quasi sol posto.
Ah que naõ tornaõ mais, vaõse cantando
De valle em valle, de ar mais lumioso,
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao desastre a nos choroso,
Furtando m'hia a dor qu'inda ameaça
Como hum parto ao fugir mais perigoso.

Não ouso inda a fallar tanto de praça,
Fallo comvosco como em puridade,
Incerto do que diga, & do que faça.
Quando mandei meu filho em tal idade
A morrer polla fè, se assi cumprisse,
(Qu'esta era a verdadeira sua verdade,)
Tu vas pello camrnho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste á tua conta;
Sem perigos quem se acha que subisse?
De tempo que assi foge, que te monta
Vint'annos, trinta mais? que mõtaõ cẽto?
Ergueo a vista a mi alegre, & prompta:
Suspirando por ser lá num momento,
(Se ser podesse) tão depressa os fados,
Corriaõ (nomes vãos, sem fundamento.)
Então o encarreguei destes cudados,
Deos, & logo honra; logo o capitão;
Quam prestes a cũprir foi taes mãdados!
Parece que os leuou no coraçam,
Naõ soltos por defora nos ouuidos,
Como outros fazẽ, que perdẽ doos vão.
Do corpo aquelles espertos sentidos,
Mais inda os d'alma tão limp' & tão pura;
Ia agora os bõs desejos sam cumpridos.
Vio onde a deixaria em paz segura,
Depressa á occasiaõ arremeteo,
Naõ quis mais esperar outra ventura.
No dia do começo a conta encheo;
Seguro vio a morte, espanto antigo,
Nos sonhamos aqui, tu vas te ao ceo.

Ditoso aquelle Mestre, dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louuou
O filho, & deu ao corpo em mort' abrigo.
Er'ella conta igual, que quem entrou
Antes á vida, sayse primeiro,
(Eu sou que deuera ir, quem nos trocou?
Cordeiro, ante o throno alto do cordeiro
Lauado irás no teu sangue sem magoa,
Oo quem como era pae, fora parceiro.
A Paulo da fé nossa ardente fragoa,
Que pera o filho, o pae ponha é thesouro
Parece natural hum correr d'agoa.
Não asi ao contrario, abaixo o Douro
Aqui perto ao grã mar se lança escuro,
Mondego, & Tejo das areas d'ouro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrãdo & abrindo a maõ posto em segu (ro.
Não se vejaõ mais lagrimas aqui,
Saluo se por nòs forẽ, qu'em taes treuas,
E taõ cega prisam, deixaste asi.
Vaire à boa ora, nam tẽs de que deuas
Temer, la tudo he paz, tudo assossego,
Quem leua hum tal seguro, qual tu leuas:
Ditoso, que não viste de dor cego,
Por senhor hum imigo da tua lei
A tanta pressa, fora hum certo emprego.
Quantas graças meu Deos, quantas te dei,
Sabendo d'alma qu'era liure & viua,
Sem ella ao corpo de que temerei?

Sabia

Sabia a sua condiçam altiua,
(Nesta sò parte) no mais, brãda, humana,
Era para morrer, não ser catiua.
A sepultura que os olhos engana,
He leuissima perda, asi tambem
He lodo, he terra, he pò, terra Africana.
Que tam estreito mar antre si tem,
Abila & Calpe, foi tempo, hum sòmente,
Dous agora, hum daquem, outro d'alem.
Nos quaes, duas colũnas pos defronte
Hercules, qu'ali entrada ao grã mar deu.
Falece autes quem crea, q̃ quem conte.
Os Gregos no que escreuem, poem de seu
As vezes muito, & ha quẽ diz q̃ chamadas
Ia foraõ as colũnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas
Almas subidas para sempre á luz,
Sem treuas, rindo la dos nossos nadas.
Hum sò qu'em sangue aberta traz a Cruz
Branca por armas, deu Deos á cidade,
Milagre, que em sina es claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Mordese a enuej'ás mãos, ri se a verdade.
Para as festas diuinas que lugares
Tão claros, hi ganhastes polas lanças,
Correndo ledos à tal gloria, a pares,
Sem fim, sem sobresaltos, sem mudanças.

Ao

Ao senhor Frãcisco de Sâ de Miranda, Iorge de MonteMayor S.

Ora es digna cosa (ò pluma mia)
Que os afineis, mostrando mis conceptos,
Con arte, ingenio, estillo, y melodia.
Conformense a la causa los effectos,
Preuengan luego aqui la eterna mano,
Con terminos subtiles, y discretos.
No escriuo la grandeza d'Octauiano,
No los triumphos de Cæsar, no la gloria
Qu'en cõquistar gano Alexãdre Magno.
No las pompas de Dario, no la hystoria
Del diuino Scipion, no la riqueza,
D'Antiocho, ni de Manlio la victoria.
No escriuo a Ciceron, qu'en subtileza
Con su pluma llego al summo grado,
Ni del Poeta heroico la biueza.
A otro blanco tiro, que ha tirado
La barra tanto mas, que siempre anda
Enla Corte de Apollo sublimado.

A

A Francisco de Sâ el de Miranda
Escriuo, aunque a mi ingenio le parece
Que a mas delo que puede se desmanda.
Y si a vos (pluma mia) os enflaquece
El temor dela empresa, en fin fortuna
Enlos mayores casos fauorece.
Estad ya sin temor de cosa alguna,
Que por baxo que sea nuestro estyllo,
La causa lo alçara, qu'es qual ninguna.
Y pues mi ingenio veis que en esto asilo,
Qu'es sin comparacion, podeis creerme
Que Atropos no podra cortarme el hilo.
En fin señor Illustre, he de meterme
So tu amparo y fauor, por sublimarme,
Y al mundo podre luego anteponerme.
Que pierdes de tu ingenio en leuantarme?
Ha de mẽguar por dicha tu grã sciẽcia?
Por la pequeña mia acrecentarme?
Puedes perder de todos la obediencia?
Puedes perder que fama en todo el mũdo
Publique tu alto estyllo, y grã prudẽcia?
Puedes dexar de ser el mas profundo
En sciencia, erudicion, q̃ alguno ha sido?
O tu ingenio podra hallar segundo?
No cierto, que tan alto te ha subido,

Que

Que te pierdo de vista, y no es possible
Poder dexar de ser lo que ha sido.
Pues luego claro està que te es possible
Hazerme rico amy, sin quedar pobre,
Que quien podra vencer al inuencible?
Haras que a poca costa tuya cobre
Tal arte, tal ingenio y fundamento,
Que oro buelua yo mi baxo cobre.
Doite cuenta de mi, que es argumento,
De me hazer tan tuyo como digo,
Aunque me falte aqui merecimiento.
De mi vida el discurso yo me obligo
A contartelo en breue, aunque mas breue
Fortuna se mostro para conigo.
Comigo se estrecho, y no se mueue
A me subir a mas que a vn cierto grado,
Y a me passar de alli, ya mas se atreue.
No en la studiosa Athenas fui criado,
Ni aun en la insigne y grande Babylonia,
Ni la superba Troya he passeado.
Ni en la justa y Real Lacedemonia,
Ni en la bellica Thebas, ni en Carthego.
Ni en la grande Paris, Sena, o Bolonia.
Ni en la triumphante Roma, hondo lago
De tantos hechos en armas, sangre y fuego,

Qu'en

Qu'en Africa, Asia, Europa, hizo estrago.
Riberas me crie del rio Mondego,
A do jamas sembro el fiero Marte,
D'el Rey Marsilio aca de sossosiego.
De sciencia alli alcance muy poca parte,
Y por sola esta parte, juzgo el todo
De mi sciencia, y estillo, ingenio, y arte.
En Musica gaste mi tiempo todo,
Preuino Dios en mi por esta via,
Para me sustentar por algun modo.
No se fio señor de la Porsia
Porque vio poca en my, y aũque mas viera,
Vio ser passado el tiempo en que valia.
El rio de Mondego, y su Ribera,
Con otros mis iguales passeaua,
Sugeto al crudo amor, y su bandera.
Con ellos el cantar exercitaua,
Y bien sabe el amor que mi Marfida
Ya entonces sin la veer me lastimaua.
Aquella tierra fue de my querida,
Dexela, aunque no quise, porque veya
Llegado el tiempo ya de buscar vida.
Para la gran Hisperia fue la via,
A do me encaminaua mi ventura,
Y a do senti que amor tiere y porfia.

Alli

Alli me mostrò amor vna figura
Con la flecha apuntando dixo, Aquella,
Y luego me tirò con fuerça dura.
A mi Marfida vi, mas y mas bella
Que quantas nos mostrò naturaleza,
Pues todo lo de todas puso enella.
El Mar, de perficion y gentileza,
Fida, por la mas fiel que nadie vido,
Sũma lealtad de fe y firmeza.
Mas ya qu'el crudo Amor me huuo herido,
Le vi quedar tan preso en sus amores,
Que yo fui vencedor, siendo vencido.
Alli senti de amor tales dolores,
Que hasta los de aora no creya
Que los pudiera dar amor mayores.
Però despues que vn mal en mi porfia,
(El qual se llama Absencia) es quasi nada
El otro graue mal que antes suffria.
En este medio tiempo, la estremada
De nuestra Lusitania gran Princesa,
En quien la fama siempre està occupada:
Tuuo (señor por bien) de mi rudeza
Seruirse, vn baxo ser aleuantando
Con su saber estraño, y su grandeza.
En cuya casa estoy ora passando

Con

Con mi cansada Musa, ora en esto,
Ora de amor y absencia estoy quexando.
Ora mi mal al mundo manifiesto,
Ora ordeno partirme, ora me quedo,
En vna hora mil vezes mudo el puesto,
Ora a burto de amor, me finjo ledo,
Ora me veo tan triste que me muero,
Ora querria morrirme, y nunca puedo.
Mil vezes me pregunto que me quiero,
Y no se responderme, ni sentirme,
Enfin me hallo tal, que desespero.
Si con tu Musa quieres acudirme,
(Gran Francisco de Sâ) darasme vida,
Que dela mia estoy para partirme.
De tu sciencia, enel mundo florecida,
Me cõmunica el fructo desseado,
Y mi Musa serâ fauorecida.
Pues entre el Duero y Miño està encerrado
De Minerua el thesoro, a quien iremos?
Si no es ati? do està bien empleado.
En tus escritos dulces los estremos
De amor podremos ver mui claramente,
Los que alcançar lo cierto pretendemos.
Dexar deue el arroyo, el que la fuente
D'agua limpia y pura vee manando,

Delgada

As obras de
Delgada, dulce, clara, y excellente.
Mui confiado estoy de ti, esperando
Respondás a mi letra por honrarme,
Pues d' escreuirte yo, me estoy honrãdo.
No quiero importunarte, ni alargarme,
Que do ay prolixidad, no falta vicio,
Escriue señor por consolarme
Que amy haras merced, â Dios seruicio.

Reposta de Franscisco de Sâ de Mirãda.

MOnte mayor, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Truxiesses dulces agoas de Pegaso.
Que hare q̃ al respõder tiẽbla la mano?
Trabajé por escusa, si la hallara,
Buscãdo lo q̃ no ay, cãsase en vano.
No dissimulare la verdad clara,
Yendote a responder, atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçára
Temia lo que aun temo, que diria
El que oydos alçara ala respuesta
La tierra tan preñada, que paria.

Partaſiunt mõtes, naſcetur ridiculus mus.

Soltose

Soltose en risa todo, tanto cuesta
Esperar mucho, viendo por d' antojos,
Quanto a my, quien me loa, me amonesta.
Poniendome delante de los ojos
Como en pintura, lo que seguir deuo,
Que en traje de loores, son abrojos.
Forçado a responderte en fin me mueuo,
Yerro a sabiendas, van y vien sudores,
Agora el huelgo, ora la pluma prueuo.
Si con Monte mayor trato d' amores
Quando lo alcancare: vá de corrida,
De laurel coronado, yedra, y flores.
Y si antes quiero tratar de la vida
Que sola es vida perpetua y segura,
La entrada es alta, ciega la salida.
O buen Mondego que en la Estremadura
Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuiste gran ventura;
Al fin (dire) del mundo has dado vn fructo
Que lo inche de odor todo, y que leuanta
Del campo y sierras niebla, el campo ha enxuto.
Mientras tañendo va, mientras el canta
La su Marfida, por los campos llanos
De tus agoas regados, quien no espanta?
Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos
El mi Diego espargio, sin aluedrio
D' amontado alli de pies y manos.
Estotro con mejor suerte el tu rio
Passo, los altos puertos, buelue lleno
De mucha gloria al nido suyo y mio.

Todo este se fizo mas sereno
La nuestra Lusitana a lexos tierras
Se va, de boca en boca, seno en seno.
Fue Monte mayor ya mentado en guerras
Del santo Abbad Don Iuan, (cuentase asi)
Agora dexa atras agoas y sierras.
Quando los Moros lançauan de aqui
(Ah los muchos peccados de Christianos)
Quedose el leal Monte en saluo alli.
Marsilio de gran nombre entre paganos,
Del Hebro a la Ribera puso silla
Ya raya entre Carthago y los Romanos.
Entraron Maomethanos por Castilla,
D'amor, y Marte fiero vuo auenturas,
Quien cree, quien no lo cree, se marauilla.
Grandes cosas se cuentan de como a escuras
D'aquellos tiempos de vista Turpino,
A estranhos cuentos orejas seguras.
El badado Roldan, Reynaldo, Dino,
Que le fuera fortuna mas cortes,
De sus riquezas, vn tal Paladino.
Rogel, del ingenioso Ferrares,
Tanto alabado, en tan sabroso estillo,
Astolpho auenturero, y vano Ingles.
Que dio la muerte al fabuloso Horrilo?
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante
Negro, hermanos, ribera del Nilo.
Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante,
En campo armadas, tormenta y terror,
Por enemigas hazes adelante.

Hasta tanto llegue, por tu sabor
Que todo es en Marfida, he te seruido
Si mal no deprendi las leies d'amor.
Vezino aquel tu monte do has nacido,
Cogi este ayre de vida, y del Mondego
Tan clara y tan sabrosa agoa he beuido.
Assiento de las Musas, tras el ciego
Niño que buela, perdi el tiempo andando
Vno de los sus locos, no lo niego.
Y aun aora, la memoria quando
Bueluo por las pisadas que atras dexo,
Lo que me hago no se, si ando, o desando.
A tal sazon quiça de amor me quexo,
Si viste algunos de los mis renglones,
Triste Andres, triste Diego, triste Alexo.
Que haremos a estos nuestros coraçones?
Si se nos hurtan toda vez que quieren?
Vanse como acogiendo a sus prisiones.
Bien vees que estos sentidos en nos mueren,
Biuen en otra parte, alla passados,
Alla nos llaman, d'alla nos requieren.
Y mas conque blandura! amenazados
Como esclauos huidizos, noche y diz,
Duras leyes, duros fuegos, duros hados.
Hasta el mal d'otro tiempo desafia
La vida, y con desseos de presencia
Se buelue a codiciar lo que dolia.
El nuestro Andrade vi muerto d'ausencia,
Sprito tan gentil, tan mal tratado,
A mal tan aspero, tanta de paciencia.

Nacido para amar y ser amado,
Mas es amor cruel naturalmente
Tanto en contrario al nombre que le han dado.
O ciegos, ciegos, qual razon consiente
Que lo que os aquexaua alla, cad' ora
Aca con su deseo os atormente?
Quien no sabe que amor al que lo adora,
Y más de vientos beue por sus cosas,
Por vna vez si rie, quamas que llora?
Que muestras son las sayas tan lustrosas;
Que pintadas; que lexos tan diuinos;
Agoas que caen d' alto tan hermosas;
Que soledades d' vnos altos pinos,
Como del monte Menalio, a las estrellas
(Licencia ayan palabras) tan vezinos.
Que los cantares, antes las querellas,
De sus pastores oyen en tal parte,
Parece que responden al fin dellas.
Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal sus flechas, van lo acompanhar
(Por la razon que ende ay,) Venus y Marte.
Con que palabras te podre rogar,
(Sea con gran perdon de quien te llama)
Que no nos quieras tan presto dexar.
Marfida, el fuego tuyo y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada,
Do no vino en persona, venga en fama.
Sabe bien que la muerte toda ayrada
Amenazò quanto nace, y no perdona
A cosa biua, y todo buelue em nada.

Enterne-

Enterneciste esta braua leona
A los cantares de tu ingenio raro
Con gran fauor del hijo de Latona.
Leuanta los sentidos al amparo
Tan seguro y tan alto, como tienes
Desta Princesa nuestra, vn sol tan claro.
No seas como muchos, que sus bienes
Bien no conoscen, mira que acontece
A pocos lo que ati, si bien te auienes.
Yo digo con tu suerte, que esclaresce
Por la casa Real en todo estado
Do por costũbre antigua embidia cresce.
En fin las Musas ternan el cuidado
Del su Poeta, que lo quieren tanto
Como a quien de años tiernos han criado,
Al son de las sus vihuelas, y al su canto
Lo entonan siempre, ve se clara prueua,
Cantando el mueue agozo, mueue a llanto.
Destos mui cuerdos, no me es cosa nueua
Que esten burlando esclauos del prouecho
Onde aparece, o que arda el cielo, ollueua
Esforçandose siempre, o con derecho,
O sin derecho (aqui poned el tino)
Inchamos esta casa, hasta el su techo.
El oro blando a todo abre el camino
Mas que el hierro, y solo el es dicho Auer,
Nadie inquiere despues de donde vino.
Las buenas Musas bastales tener
Lo necessario, para que es affan
Vano, y sin fin que poco es menester.

No vees

No vees los dias que prissa se dan?
Vnos tras otros, pocos son los ledos,
Y todos juntos pero que seran?
Humos y vientos que nunca estan quedos,
Esse poco de vida y breue instante
Lleno de sobresaltos y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante,
A Laura hizo el Patracha tan famosa,
Que suena deste mar al de Leuante.
Bocacio alço Fiumeta en verso y prosa,
De Pistoya el buen Cino a su Seluaja,
Ah buenos años, buena edad dichosa.
Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria,
De toda parte, y como que se nos coaja,
A ti las Diosas de la Poesia
Ya tu Marfida, os haran immortales,
Que nunca le anochezca al vuestro dia.
En lo del cuerpo destos animales
Que dizen brutos, mucho atras quedamos,
En vn sentido, mas otros iguales
Hemos de confessar que no queramos.

Francisco de Saa de Miranda.

FABVLA

FABVLA DO MONDEGO.

A ElRey nosso Senhor.

INclyto Rey, que deste al otro Polo
Enchistes de trophéos, abriendo al Nylo
Desde el Tajo, de luz mena, y nueuo dia,
Mirando en esto la natura estilo:
Dádoos Neptuno el mar, dádoos Eolo
Sus vientos, y armas Marte ala porfia:
Por la Zona que arda
En brazar, constantemente
Vuestra animosa gente
Los Portugueses, a grenada espanta,
A vos señor los ojos, y ala santa
Empresa, y lealtad, p̃ecia, y d'abuelos,
Contra amenaza tanta
Gran denuedo vencio, tantos recelos.

Ora mientra al mar Roxo el Othomano
(Soberuio delos muchos vẽcimiẽtos,
Por culpa agena, mas q̃ virtud tuya)
Ata la llaga, tuerce pensamientos,
Tiembla, pensando a vuestra armada mano,
Busca donde se escõda, o por do huya.
Antes que lo concluya,
Del todo, y buelua en nada
La vuestra luenga espada,
Alto señor, no falte aqui ninguno
Que no os vẽga a seruir a vno a vno:
Yo tãbien tropecando hasta q̃ caya,
Fauor pidiendo alguno
Al estrellado Pãcon que a vos vaya.

Y viendo que baxais vuestros oydos
Por essa tan amable mansedumbre,
Al canto pastoril medio dañado,
Quiça mouerẽ mas hazia la cumbre
Del mui alto Parnaso, por oluidos
Malos, y malos tiempos oluidados,
A quien tan alabado
Tytiro Mantuano
Alguno el cantar llano
Del campo, nos dexõ sobrada escusa
De irnos tras la su Thalia vfana Musa,
Quanto las fuerças podrẽ abrangerẽ,
Haremos lo que le vsũ,
Reconociẽdo al tiempo el su poder:

Entre el gran Duero, y Tajo, el buen Mondego
(Ya Munda) (que es dezir, clara agoa y pura,)
Se va por los sus campos passeando,
Parece que saliendo deste echura,
El trabajo vencido, entra el sossiego,
Y quedo a su ciudad muestra va dando:
Donde aora cantando
Las hermosas hermanas
Del fauor vuestro vfanas
Se mueuen juntas en cuento y concierto,
Que salen del ñublado al descubierto,
Cantando el vuestro nombre, y subillobam
Al cielo su alto puerto,
Do tales Reyes por tales obras van.

Ribera deste cabdaloso rio
Riquissimo de pastos, y ganado
Vuuo vn noble zagal de nacimiento,
En edad tierna sin padre dexado,
Sin madre, sin hermano, en señorio
Libremente del largo heredamiento:
El puesto entre otros ciento
Donzel apuesto, y tal,
A ser el principal
No cuerpo, gesto, o gracia le faltaua,

Antiga y commun fama lo arrayna
De sangre de Gerion, que a tantas lides
Ante sus greis se armaua
Fuerte en tres cuerpos, contra el grande Alcides.

Cuya venida donde aquella agoa baña
Los campos de Coimbra, ay tal memoria,
D'vna alta torre de su nombre rica
Por suya juntamente, y nuestra gloria,
Como las dos colũnas que esta Espanha
D'Africa parten en distancia chica,
Tras esta multiplica
Otra y otra señal,
Vn arco triumphal,
Las grutas, y edificios Romanos
Los luengos aqueductos, ya mal sanos,
Que la han de antiguedad en noblecida,
Segun las nuestras manos
A sus obras mal dan años de vida.

Mas sobre todo que la enriquecio
Ala noble ciudad, es el thesoro
Del santo cuerpo de su Rey primero
Que enel campo vencio tanto Rey moro,
Quando otro Rey mayor le aparecio
Por nosotros erguido enel madero,

Y aquel padre primero
Que con el bien no pudo:
Por lo qual vuestro escudo
Real, lleua pinturas tan diuinas,
De tales Reyes, y tal misterio dignas,
El buen bijo cab'el quiso yazer,
Que desplego las quinas,
Sangre a Guadalquibir bizo correr.

Boluamos al Mondego, que a esta parte,
Ora âquella, se va suauemente,
Otro nuestro Meandro en sus rodeos.
Ende al passar d'vn bosque, y d'vna fuente,
Rica dela natura, y pobre de arte,
Viose vna Nimpha tambien sin arreos,
Diuiua en sus meneos,
Graciosamente estando,
Graciosamente andando,
Vn blando ayre respiraua al prado ameno,
Ella cantaua, y juntamente el seno
Enchiendo se yua de diuersas flores,
De que el campo era lleno,

Al fresco bosque en la calor se entrâra
La Nimpha hermosissima, cubierto
De sauses, que enel alto se abraçauan,
Sobre verde variado de mil flores.

De sauzes, que enlo alto se abraçauan,
Quasi en cierta medida, y cuento cierto,
D'vn cabo el monte, d'otro el agua clara,
Como a porfia, que lo rodeauan:
Las aues combidauan
Con su dulce armonia
Tomar amor por guia,
Al que enel bosque solitario arriba.
Vna fuente manaua en peña biua,
Escondida a los bombres, y al ganado,
Que dulcemente se yua
No se que murmurando por el prado.

Niene la Nimpha, el vestido de nieue,
Entretexidas de oro flores raras,
Al viento las madexas d'oro fino,
Vencen sus ojos las estrellas claras,
Los blanquissimos pies por flores mueue,
Quanto vees y no vees todo es diuino.
Vn cuerpo mortal digno
Nunca fue de tal ver,
Si vno d'acontecer
Nunca s'acontecio sin graue daño:
Exemplo es de Acteon el caso estraño,
Qu'en ciervo transformado, corre el campo

Vn caçador tamanho
Fuyendo el su Pamphago, y su Melampo.

Ella cantaua aquel cantar famoso
De la blanca Diana, y el roxo Apollo
Hermosissimo parto de Latona
Que no le dan con los sus niños, selo
(Siquier por breue espacio) algun reposo,
Perseguida sin le ayudar persona
Comun fama apregona
Que las que ora son ranas
En fin siempre villanas
Lycios malsines que le auian hecho,
Turbando el agoa de comun derecho
Deuida a todos, pidela en merced,
Tales hijos al pecho,
De calor muerta, de cansancio y sed.

Diego (que el donzel tal nombre auia)
A caso alli arribo, busca sosiiego,
(Que baxaua del monte fatigado)
Ah triste adonde vas? todo ende es fuego,
El bosque, el rio, aquella fuente fria,
Todo arde en llamas, buelue atras cuytado,
De su suerte lleuado,
La Nympha en oteando

Como aqui vine, o quando,
(Dixo) o do me estoi? ojos que veis?
Oydos que a tan alto os estendeis?
Ay Dioses immortales, no me sea
Contra todas las leyes
Por culpa auido aqui cosa que vea.

La Nympha que sintio d'ojos mortales
Su beldad immortal ser offendida,
Dexado el canto, gimio contra el cielo,
Del gesto hermoso la color perdida,
Y juntamente todas las señales
Del plazer fuidizo buelto en duelo:
Y como aquel moçuelo
Troyano, no pudiendo
Suffrir su cuita ardiendo,
Echose al agua alla por lo escondido,
Alos ojos huyo, que no se vido
Despues aca entre nòs en parte alguna:
El moço esuanecido,
Sin ojos mecer, mira a la laguna.

Auia amor dispuesto a la sazon
El pecho (enantes duro, y çahareño)
Vsado a caças delas bramas fieras,
Despreciando amor desde pequeño,

Por lo qual assechando la occasion,
Vengatiuo qual es, diole de veras,
Diziendo, Mas tu que eras
Tan atreuido, y loco,
Ternas en este poco
Para toda tu vida, o corta, o luenga.
Vengose el niño ciego, aora te venga,
Si tanto puedes. Diego frio està,
Oyo la dura arenga,
Sintio el gran golpe, Amor bolando và.

Despues (como de sueño alto) despierto,
Los ojos buelue aca y alla pasmado,
Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
Y qual ir vemos vn desasisado,
Alli se mueue el triste sin concierto,
Ora para, ora corre, y grita en vano:
Gozase Amor villano,
De como en poco trecho
De Diego vn otro ha hecho,
De como por el agua entra sin tino,
Todo turbado, no sabe el mesquino
Lo que haze, o que haga àquella cuita suya,
Aquel furor diuino,
En que modo lo attienda, o por do huya.

Dezia a gritos, Como, y pudo auer
Lugar en que cupiesse vn bien tamaño,
En todo este cercado aca del cielo?
Aquel bien solo, que igualaua el daño,
A tanta claridad donde esconder
Se pudo, con igual mi desconsuelo?
Quien me alçaria a buelo
Para qu'este ayre todo
Busque, y que tenga modo
D'entrar, y rebolner las agoas dentro?
Quien me abrirà caminos hasta el centro,
Que vaya siempre, y nunca buelua atras,
Por malo, o bueno encuentro,
Hasta que vaya a dar donde tu estàs?

Que podeis ya aqui ver ojos cuitados,
Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
Ora mal al amigo, ora al pariente?
Ora grande calor, ora gren frio?
Y roñas, cõmun mal delos ganados?
Las renzillas que van continuamente,
El luengo año que miente
A tantos de sudores
De nuestros labradores,

No basta trabajados, mas hambrientos?
Yelos, truenos, granizos, malos vientos,
Humida, y graue lluuia, ayres corruptos,
Tantos dessabrimientos
De tiempos lluuiosos, ora enxutos.

Todo quanto este mundo en precio tiene,
Las flores, las verduras, claras fuentes,
Que hieruen al nacer, es como estraña
Aquella beldad, si paraes meintes,
Que o nada, o poco dello nos conuiene:
El fuego hermoso, todo quema y daña:
Quien espera la saña
Del agua quando crece?
Alla arriba aparece
Tanta d'estrella, que la noche muestra,
Mas estan altas: es rica la muestra,
Estraña a nos, però no lo era aquella
Que vi, y assi tan presta
Se fue: Nympha immortal, que no donzella.

A mi mismo soy hecho vna enojosa
Y graue carga: ay que en igualdad
Soy falto delo mio, y delo ageno,
Pobre en mis bienes, qu'es de auer piedad:
Que abasta al coraçon que no reposa?

Quien tal fuego encẽdio dentro en mi pecho?
Que se bizo el tiempo bueno?
Tras peces por los rios,
Por los bosques sombrios
Tras delas fieras: que alegre porfia,
Viniendo ledo, mas ledo boluia:
Como las cosas van mudando el ser!
Ora con que alegria
A casa boluerè? con que plazer?

Iuase Diego ansi deuaneando
Por sus locuras, que cabo no tienen,
Vnos y otros cansancios sin prouecho,
Los vnos idos, los otros que vienen,
Consigo de contino peleando:
Va batalla cruel dentro en su pecho:
D'amor, y de despecho
A reuezes lleuado,
Ora vence vn cuidado,
Ora vence otro: el triste hecho pedaços,
Con tal contrario lidiando a braços,
No viendo que camino dexe, o siga,
Embuelto en embaraços,
A la fortuna se rinde su enemiga.

Vn dia (vano alivio de su mal)

Alli viniendo con la su preciada
Sampoña (que otro tiempo ser solia)
Estuuo vn rato en auerla acordada,
Desacordado el triste, y desigual:
Dexa ora el tañer, ora tañia:
Puesto en tal agonia,
Vuo de començar
El lloroso cantar
De Eurydice y d'Orpheo (antigo cuento)
Caen lagrimas vanas, lleua el viento
Muchos suspiros, tiempos mui diuersos
Traendo al pensamiento:
Enfin soltò la lengua en estos versos.

¶ Huyendo al atreuido de Aristeo
Eurydice enel prado ponçoñoso,
Mordida cae: cruel caso por cierto
A las sus Nimphas: cruel al quexoso,
Al solo, al lastimado, al triste Orpheo,
Qu'entre muertos la sigue antes de muerto.
Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce y tan liuiana
Mente tocò, como el, su mal cantando.
Como el tañiendo, y Eurydice llamando:
Eurydice en repuesta el valle dà,

Quando se assienta, y quando
A las lagrimas buelue, y quando va.
D'vna merced d'amor (dixo) forçado
Si ante tiempo me aueis, como feziſtes
(A vos mismas juzgar (sombras) lo dexo,
Si os mueuen a piedad las cosas tristes)
Vn solo coraçon a entrambos dado
Partistemelo assi? desto me quexo.
Si aquel Sol que atras dexo,
(Que todo vse) veer pudo
Iamas caso tan crudo,
No tengo en nada, ni sea nada el daño,
Amor me trae aca, tratam'engaño
Desseo (qu'esperando se consuela)
No os parezca estraño,
Tiempo os pido, y no mas, poco, y que buela.

Todo se os deue enfin, corre a la muerte
O cedo, o tarde, quanto alla aparece,
Y el nuestro cedo, o tarde, a vos q̃ es? nada:
A mi que amanesciendo me anochece,
Fueme amostrada la mi rica suerte,
Que entre vella y no ver me fue quitada:
Veer vna flor pisada
Primero que cogida,

Veer la fruta perdida,
Que al primer buen odor el viento estraga,
Muesse del temporal, o de arte maga
Tollida, es daño que la vista ciega,
Mirad la cruel llaga
Que os muestra amor por mi piadoso y ruega.

Que no me trae aca codicia estraña
Delos vuestros thesoros encubiertos,
No loco atreuimiento, y no maldad,
D'espiar los caminos, y los puertos
Escuros, qu'el gran lago Stygio baña.
Traeme solo amor, trae impiedad,
Y si tal crueldad
En estas partes se vsa,
Que no me valga escusa,
Que no me valgan lagrimas, ni ruegos,
Sombras que os is por estos ayres ciegos,
Que ya de mi la mayor parte vuistes,
A fuegos o sossiegos,
Porque vna no quereis, otra quesistes?

No melo ayais echado a presuncion,
Mas a gran cuita que me trae, y guia,
D'amor forçado, y de su llama buena,
Si aca de amor conoscimiento auia:

No se que ya desto oyme, a tal sazon
Que del gran nombre suyo oyera apena,
Alla suso se suena
El como, donde, y quando,
Aca baxo llarando
Ceres, aca buscando
Su dulce fija, baxò, que satisfecha
Boluio (siquiera en parte) desta estrecha
Pena: respire aqui:
Mi mal que os aprouecha?
Del bien que os cuesta mas el no, qu'el si?

Al son delas palabras piedosas
D'aquella Lyra dulce, y voz diuina,
Que de su mano amor todo acordara,
Todo enternece por donde encamina,
Baxaron las sus crines espantosas
Las sus hermanas, blando se le para
Caront, sin vella, o vara
Passò sin remos la barca segura,
De fea catadura,
Por tres bocas vuiando el Cancerbero,
Oyendo al dulce, oyendo al lastimero
Llanto, llorò, dexando aquella puerta
(De que era antes portero
Tan duro) por piedad al viento abierta.

Estuuo luego queda aquella rueda
Del Centauro estremido: las hermanas
Nietas de Bello, ninguno acudio.
Al vano officio, quedas las mançanas
De Tantalo, la su agoa estuuo queda,
Su sed, su hambre, todo se aquedo:
El Buitre no tragò
De Titio las entrañas.
Vino a las soterrañas
Casas de Pluto, palacios Reales,
Tañio, cantò, lloro tambien sus males,
Que Eurydice le fue dada con ley
Que en Reinos infernales
No mire atras, ansi le plugo al Rei.

Todo promete amor, todo lo espera
Cumplir, pueda, o no pueda, buelue ledo,
Sigue Eurydice callada tras el:
Ora aquel que denantes tanto miedo,
Tanto trabajo por amor venciera,
Burlolo en fin, no se fie nadie del:
Boltose a ella, y aquel
Ayre escuro abraçando,
En vano suspirando,
La sigue que esuanece, amor ingrato
Juega estos juegos: no puede el contrato

Real quebrarse, no su lei firmada:
Dize de rato en rato,
Quanto fuera mejor nunca auer nada.

Echado de alla dentro, ante las puertas
De firmes diamantes, luengamente
Maldixo aquellas cueuas, y altos muros
La vibuela hechò lexos impaciente,
Y mil vezes llamò sombras inciertas,
Y aquellos dioses mil vezes escuros,
Los dones mal seguros,
Por demas alcançados,
En Reinos nunca vsados
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Sabeis qual es firmeza, y qual verdad,
Veer bien con que intencion otre os offende:
Amor y humanidad
Qual es tanto cruel que tal defiende?

Assi cantaua Diego, y no pudiendo
Con la gran cuyta, que a defora crece,
A mil remedios vanos se acogia,
Oluida la sampoña, y no s'estrece,
Que no viesse visiones, eis corriendo
Va como furioso a la porfia,
Mientele toda espia,

Nunca cuenta concluye,
Del campo a casa huye,
De casa huye por los campos llanos,
Tomados tantas vezes a las manos,
Mis engaños (dezia) o que s'es esto?
Conozcoos por vanos,
Y bolueisme a burlar luego tan presto?

Bien veo que los Dioses offendidos,
De mi se vengan como a ellos plaze,
No midiendo la pena conel yerro,
Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
Como por muerta: yazen los sentidos
Cargados deste amor como de hierro,
A las sabiendas yerro,
No lo puedo emendar,
Ya fuera de passar
Quanto mal entre dia se me offrece,
Mas ido el sol, que todo se escurece,
Forçado de irme a casa, y triste al lecho,
Que buelta se recrece!
Que sobresaltos van dentro en mi pecho!

Los mis ojos gran tiempo ha que pusieron
El buen sueño en degredo, y si ende llega,
De fuera lexos, el reposo dexa,

Vase bolando por la noche ciega,
En su lugar visiones sucedieron,
Todas de miedo, que mucho me aquexa,
El alma se me alexa,
A mui grandes jornadas,
Seran presto acabadas,
Estas pendencias vanas: los pastores
Diran que fue locura, otros que amores,
Contaran otros que fue assombramiento,
Y si ay males peores,
Haran cuentos de mi triste sin cuento.

Quantos votos se hizieron, y que ayunos,
Que devociones tan exprimentadas,
Quantos cuerpos de cera s'offrecieron,
Quantos de tierra en las encruzijadas:
Mas los Dioses a ruegos importunos
Hazia otra parte se boluieron.
Que alturas no subieron?
De montes sin caminos?
Los Rhitmances diuinos
Cantando, do la nieue el suelo esmalta,
Quiça pensando en parte tan alta
Seren oydas mejor las sus prezes:
Pero la suerte es falta,

Esperança no falta,
Mas falta lo esperado muchas vezes.

Como vn pino alto al monte combatido
Del impetuoso viento en la tormenta
A quantos que lo veen pon' en recelo,
Los truenos amenazan, llueue y venta,
Va cresciendo el panor con el ruydo,
Por el feo ayre van ramas a buelo,
Hasta tanto qu'el cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo y no viendo,
El fiero rayo en sus bueltas desciende,
Aquel postrero mal quien se defiende?
Queda vn tronco quemado, vn cuẽto breue,
A quien passa por ende,
O busca alli quiça que a casa lleue.

Los males que passando el tiempo cura
Como veemos qu'el haze, pues que và
A tal priessa (dezia) no son males,
Este si, que este es mal, que ansi se està
Aqui d'espacio, y del tiempo no cura,
Vn tan cierto remedio alos mortales:
Y si las immortales
Almas de aca partidas,

Del todo escaecidas
Se van de quanto vieron por baldio:
Toda via este amor, este mal mio,
Do quiera que yo d'aqui sea llenado,
El soterraño rio
D'oluido passarà junto a mi lado.

Y si lo que esta tierra no fue digna
Tener mas luengamente, anda cantando,
Fuera deste ayre gruesso, escuro, amaro,
Por otras sus riberas passeando
Que digan con la tal beldad diuina,
Que m'estoy aqui mas? a que me paro?
Sin buscar aquel claro
Ayre qu'ella esclarece,
Donde nunca aparece
Vn'hora escura, y siempre el claro dia:
Ella me fuesse la mi buena guia
D'aqui partiendo, que siquiera vea
Que en fin le amanescia
Despues de tanta noche escura y fea.

Fueron eydos como vuios estraños
Por el callado delas luengas noches,
Qu'el sueño por gran rato ahuyentaron,
Fueron vistas visiones de sonoches,

Que espantados los niños tiernos de años
A pechos de sus madres se apretaron,
Alto dia bolaron
Las aues enemigas
De luz, con sus cantigas
Poco agradables, antes alaridos,
Enlas manadas bueyes dauan bramidos,
Qu'era vna piedad vello, y oyllo,
Bauados y transidos,
Desd'el toro mayor, hasta el nouillo.

Los gruessos campos sembrados de trigo
Candial hermoso, dauan vana auena,
Y joyo, que la gente embouecia,
O que mucho sembrasse, o mucho, apena
(La fama que no muere m'es testigo)
Con la simiente nunca respondia:
Alçauase y ponia
El sol su claridad,
Temiose aquella edad
D'vna noche sin fin, o almenos luenga,
Quien quereis por seguro que se tenga?
Entre tantos de males de contino?
Lleua lo assi a la luenga,
Al fin determina lo el hado vino.

Vete buen Diego en paz, que en esta tierra
Si ay plazer oy, no dura hasta mañana,
Y dura mucho quando te desplaze,
Agora ya no vees la sombra vana,
Que tanto aqui te fizo luenga guerra,
Ardiendo el pecho que ora frio yaze,
Lo que los satisfaze
A tus mas claros ojos,
No son vanos antojos
Que veas, y no veas juntamente:
Mas siempre la paz buena alli se siente:
Cierto contentamiento te acompaña,
No tanto de accidente
De quantos van por esta tierra estraña.

El acontecimiento doloroso
Sabido por los lugares comezinos,
Ayuntò luego gente a nueuo llanto,
Y nueuas alabanças: los caminos
Eran llenos de madres sin reposo,
Temiendo de sus hijos, que aman tanto:
A todos causa espanto,
Que lo han visto y oydo,
Vn mal no conoscido,
Vn mal que nunca viose entre los males,
Dizen como pasmados los zagales,

Diego es muerto, diuinos consejos!
Si vanse assi los tales,
Que sera de nosotros zagalejos?

Auianse ende erguido, que dixeras
Qu'era vn gran monte: auian cubierto
De rama escura todo al derredor,
Teas de pino ardian sin concierto
Por essos campos, no claras lumbreras,
Señal a todos del commun dolor.
Passado aquel furor,
Desque plañido assaz,
Vn poco estando en paz,
Diosele fuego al monte dela cumbre,
Ardiendo baxa aquella pesadumbre,
Leuantanse alaridos desiguales,
Dixo vno por costumbre
A las cenizas palabras finales.

Despues cogidas ellas luego alli,
En alto las pusieron, puson mas
La çampoña y cayado: puson luego
La honda que dexaua el viento atras,
Y todo junto, vn verso dixo assi:
Despojos ante tiẽpo del buẽ Diego.
Ya que esto vno sossiego,

Porfiaron

Porfiaron pastores
A cantar sus loores,
D'Amor y muerte, plasmando tal saña,
Mandò los sus ingenios toda España:
Colgaronse Epitaphios diuersos:
D'aca desta montaña
Viuo vn pastor, tañio, puso estos versos.

EPITAPHIO.

Buen Diego, el tu enemigo a las postreras
Tus honras vino (Amor) ende quemò
El arco, y las sus flechas lastimeras:
Lloroso y desarmado se partio,
Secaronse laureles, y las eras,
El ganado a pacer no se baxò,
Todos dieron señal de su tristura,
Los hombres esta negra sepultura.

A ELREY.

Señor, el ya cantado duro acierto
De Diego, (luengamente alli plañido)
Lloro la Nimpha Neiua, y Nimpha Lima,
Esta llamada el agua del oluido.
Estotra del comienço hasta su puerto,
Do se entra por la mar de mucha estima,
La fama por encima
De montes y de rios,
A estraños señorios,
Bolò el caso, contando sin sossiego.
Ora del claro Munda, & del Diego
El su Lusillo erguido alli cercano,

Mudò

Mudò el nombre al Mondego,
Que parte el vuestro Reino Lusitano.
Por nueua prueua del antiguo cuento,
Que mi flaca Thalia os ha cantado,
Conseruolo Coimbra en su pendon,
Como oy cad'año al ayre desplegado
La Nimpha en forma d'vn encãtamẽto,
Que la guarda vn drago, y vn leon;
Y por justo blason,
(Pues qu'el Reino pregona
Qu'es alli su corona)
Ala Nimpha, corona fue añadida,
Que hermosa va por el agua metida,
Quanto mano pintar la pudo hermosa;
Pero como offendida
Turbada toda, y toda desdeñosa.
Otros dan tal pintura a la Donzella
Que dio nombre a los montes Pyreneos,
De Hercules con amor despedaçada,
El cuerpo de las fieras, de deseos
El alma, mientras sola se querella,
Y que buscandolo a el no teme nada.
Otros á aquella hadada,
Que fue medio Serpiente,
Y que el contra Oriente
De si en cinta dexo, dexole vn vaso
Porque beuia, enfin qual fuesse el caso
Vos lo sabeis, a quien nada escaece,
(Musas del gran Parnaso)
A nos el tiempo todo lo escurece.

ALEXO.

ALEXO.

Egloga en que hablan los siguiẽtes Pastores.

Alexo Zagal, Sancho Viejo,
Nimpha de la fuente, Iuan Pastor,
Anton, Turybio, y Pelayo, Pastores.

Alexo.

YO vengo como pasmado,
Y no se lo que me diga,
Que mi coraçon litiga
Entre cuidado y cuidado.
Valasme Dios, que pecado
Pudo ser mio tamaño,
Yo no soy quiẽ me era, antaño
Han me como barajado.

Dias ha que no me entiendo,
No percundo este mal mio,
Al Sol moriendo de frio,
Ala sombra en fuego ardiẽdo.
En ninguna parte atiendo,
No se dar con lo que fuesse,
Como si d'otro fuyesse
Ansi de my voy fuyendo.

Heme aborrecido el hato,
Los apriscos, y majadas,
Ando tras vnos nonadas,
Que no se que ende me cato;
Que buena ganancia y trato,
Suspirar noches y dias,
Vanas esperanças mias,
Que me engañan cada rato.

Quiça de los mis cabellos
Debaxo del mi portal
Me los pusieron, por tal
Que vuiesse a passar por ellos,
Y embolueremchian con ellos
Del pan de los mis bocados,
O passe sobre sinados,
No hize oracion por ellos.

Si a caso de tal dolor
(Que en buẽ juizio no cabe)
La benzedera que sabe
Lo quellorrarà mejor?
Ando como al derredor
No se que se me afigura,
Quiça puede ser locura,
Quiça puede ser amor.

Soncas si fue assombramiento
De los cuerpos fuidizos,
O me dieron beuedizos
Con q̃ voy beuiẽdo el viento:
No se, pero mal me siento
De quando esposò Guiomar,
Que dixe aquel mi cantar
Buelue aca pastor sin tiento.

Mas porque assi me acordè
De aquel dia de plazer,
Quiero à cantallo boluer,
Quiça que descansarè.
Dias ha que no cantè,
Con el coraçon no puedo,
Estonces cantàra ledo
Ora como cantarè?

Buelue aca pastor sin tiento,
Buelue aque corriendo vas?
No te engañe el pensamiẽto,
Si no que te perderàs.
Porque ansi te acucias, di?
Las mentes enagenadas,
Cata que apocas passadas
No aura memoria de ti.

Buelue, buelue, ah perdimiẽto,
Que si no buelues atras
Solo en veer tu atreuimiento
De miedo te moriras.

Aun estonces yo era sano,
Era (me acuerdo) por Mayo,
Luche, corri, como vn rayo,
Iua contento y loçano.
Despues me vino vn affano,
Que a pocas muerto me tiene
Dizen q̃ el mal se vos viene
Como de suyo a la mano.

Ay que locura he pensado,
Quãto aquel yerro me plugo,
Agora ya atado al yugo
Tirar, no saltar al prado.
Que buena fuente he hallado,
Que sabrosa, fria, & fresca,
Puede ser que me adormesca
Ala sombra aqui abrigado.

Sancho viejo.

En vano el viejo affanò
Soncas lo que me parece,
Que el mi moço no aparece.
Antes de saparecio,
Quãtas vezes q̃ esto he hecho.
Sin prouecho,

Aqui

Aqui vaa, por alli vaa,
Ya cansado sin prouecho,
Otro lo vido a culla.

Iuntamente con el hijo
Te nascen muchos enojos,
No nos dexa abrir los ojos
Vno y otro regozijo,
Que descanso me fue dado,
Ochenta años quando menos,
Mal con hijos q̃ he engẽdrado,
Mal con los hijos agenos.

Vn lunes por suerte estraña
(A vn no me dexa aquel dia)
De la noche me acogia,
Por el pie de la montaña,
Ende de vna braua breña
Cabreña
Vna cabra que perdiera,
Por el hueco de vna peña
Vide que se me acogiera.

Fuime alla, vi que plañia
Vn niño tierno mas dentro,
Por do tras mi cabra entro
Que contra si me fue guia
Que mas me auia de estar?
Si no entrar,
Como iua por veer lo que era,
No pude alla diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

Cierto que es cosa denida
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el, mil vezes la vida,
Que el su buen entendimiẽto
Es sin cuento,
Passa assi, y es caso estraño,
Tras my la mi cabra siento
Recelosa de mas daño.

Vilo embuelto en tales paños
El por cierto estache tal
Que harto alli yazia mal,
Esto ha sus dezisiete años.
Quien del tiempo no se vella,
Como buela?
Parece que fue esto ayer,
Dandose como despuela
Que prissa lleua acorrer.
Traxelo ala mi Teresa,
Que podria ser de vn mes.
Veislo q̃ anda en quatro pies,
Veis lo que se ergue ala mesa,
Luego a mayores alcança,
En criança,
Y en costumbres, y en saber,
Ved de tamaña esperança
Lo que queda al recoger.

Era locura pensar
Sus donayres y los sesos,
Ante tiempo aquelles pesos

En esto van apartar,
Sabia mas que el jurado
Bien jurado,
Ayudaua a missa al crego,
Aunq̃ este es mal muy vsado
Seres con tu hijo ciego.

Dixome vno que lo vido
Aun agora por aqui,
Ques del bien diran por my
Perdido tras el perdido.
Ando cansado, y soy viejo,
Que consejo
Tomarè del mi camino?
Veis el mi perro bermejo,
Ala fe tras my se vino.

Y tu hijo andas huyendo
De my, de val en collado,
Que mal camino has tomado,
El porq̃ yo no lo entiendo.
Sigues antojos liuianos,
No los sanos
Consejos del viejo padre,
No se te acuerda d'hermanos,
No la vieja de tu madre.

Hame dicho vn escholar
Que sabe de encantar males,
Que siete rios cabdales
Te conuiene de passar.
Y nadar por la laguna
Con la luna
Nueua, y buscar siete fuentes
Perenales, y en cada vna
Lauarte, y cobrar las mentes.

Ay quien tenga tal sospecha
Ay quien otras? dicho me han
Muchas, y muchas diran,
Mas sin ti que me aprouecha?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa,
Niñez sin distinto alguno,
Mocedad tan peligrosa,
Que no escapa de ciento, vno.

Este flaco cuerpo cansa,
De andar, todo me despeo,
Mas puede tanto el deseo,
Que algo el coraçon descãsa.
Quiero dar buelta al lugar,
Quiero dar
Bozes, si por aqui fuere,
Todo lo quiero prouar,
Antes que me desespere.

Ay Alexo, ay hijo Alexo,
Quiçasi de my te escondes,
Dime, que no me respondes
Que por ti todo atras dexo?
Alexo, aquel viejo loco,
A que tan poco
De consejo, y vida queda

Pues

Pues ando cansado y ronco
Que no se como mas pueda.

LA NIMPHA DE LA FVENTE.

Duerme el hermoso Donzel
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma diosele a el.
El sol es alto, y con el
Del dia es ido buen trecho,
No se q̃ de mim se es hecho,
Sera lo que fuere del.

Loca de my que a mirar
Me puse, y dixe tal viendo,
Quien tãto aplaze dormiẽdo,
Despierto que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No se quien me buelue aqui,
Quan tarde que lo entendi,
Que peligro es començar.

Mientras pensando esmagino
(Sin examinallo primero)
Amor cruel consegero,
Con sus razones me vino:
Mostrandome aquel camino,
Alto, y quiso me dezir,
El donzel se querra ir
Luego que cobre su tino.

Pero mi fuente encantè,
Mas quando me la encantaua,
Quien las palabras guiaua
(El me es testigo) amor fue,
Agora que mas pense
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera sufrir mi mal?
El suyo como podrè.

Y quando el mio quiça
No pudiera sufrir yo,
Pagara aqui el que pecò,
Que la razon assi va.
Qual otra alguna valdra
Que me quite desta culpa?
Su beldad no me disculpa,
Antes mas culpa me da.

Ora los ojos dexeis
Pagara a amor su tributo,
No quede aqui nada enxuto
Llorad, que gelo deueis.
Aues que os assi sabeis
Quiça quexando aliuiar,
Mientras me entiẽdo quexar,
Ruegouos q̃ me acompañeis.

D'amor biẽ dizen q̃ es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en my fuere encendio fuego,
Quien podra valerse del?

Poderoso amor altiuo
Quien razon darme sabria
Si mi vida era agoa fria,
Como agora en fuego biuo?
Sordo en todo, en todo ciego,
Todo breuajes de hiel,
Todo guerra a sangre y fuego,
Tal es el, tal dizen del.

Alexo.

He dormido, ora que atiendo?
Quiero passar la montaña,
Quiça que en la parte estraña
Me estarà el bien atendiendo:
Eya, q̃ a Dios me encomiẽdo,
Que en esta tierra zagal
Dias ha que te va mal,
Mal despierto, y mal dut miẽdo

Yo soñaua que me fuera
Por vnas cerradas breñas,
De vna parte y de otra, peñas,
Que nunca el Sol descubriera,
No viendo via o manera
De esperança en parte alguna,
Quexoso de la fortuna
En lloros me desliziera.

Entretanto que me quexo
La sola muerte esperando,
Oya de quando em quando
A gritos llamar Alexo,
Si es quiça que si me alexo
Da qui, que me ira mejor?
En auentura de amor
Y cortesia lo dexo.

Sem ejaua ciertamente
La boz del buen viejo mio,
Abaxo espumaua vn rio
Que nunca sofriera puente.
Veya la muerte presente,
En tan fiera angustia puesto,
Desperteme, y fuy de presto
Fuera da quel accidente.

Mi se sea lo que fuere,
Mal parece, y mal serà
El coraçon me lo dà
Haga Dios lo que quisiere
Huertemente me requiere
Soledad grande y deseo
De quanto desdaqui veo
Sufrire lo que podiere.

La voluntad se me encierra
No es tiempo de mas cõsejos,
A Dios mi tierra, y mis viejos
Gran mal de vos me destierra.
Si yo moriere en otra tierra
A qui los huessos me trayan,
Que mundos piensas q̃ vayan
Alla tras aquella sierra?

No cale tiempo perder

Mas del perdido, q̃ es mengua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos a aguas correr.
Lo que se ha de acometer,
Para que es mas dilatar?
De los viejos es dubdar,
De los zagales hazer.

Matarmehe la sed de nueuo,
Y gran secura que tengo
Con que cuita ora a ti vengo,
Fuente que en mi alma lleuo.
Si abeuir tanto me atreuo,
Quando vernè por aqui
Que beua mas ledo en ti
De lo que agora en ti beuo?

Ya encantado.

No veo al bosque salida,
La vista se me enuange
Por toda parte escurece,
Mal se ordena esta partida,
Ala fe que se me oluida,
Soncas queria de zir
Yo era el para huyr,
Vos no pera ser huida.

Anton y Iuan pastor.

Anton.

Suspirado has compañero

Iuan pastor.

No se como no lloraua,
Sabes porque suspiraua?
Porque aqui canto Ribero.
Aqui nuestro amo escuchaua,
Rodeauanlo pastores,
Colgados de la suboca,
Cantando el los sus amores,
Gente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora gelos apoca.

Anton.

Esto falta Iuan pastor,
Soncas porque suspirar?
A que se pueden alçar
Ya los ojos sin dolor?
Y a que los puedes baxar
Donde los pornas enxutos?
Adelante o cara tras?
La tierra niega sus frutos,
El sembrar es por de mas,
Los ayres andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.
Ala sombra da quel pino
Que a tal dicha se plantò
No lia por mucho nò
Que todo el campo vezino
De la su rama assombrò,
Vine por Ribero veer
Como otras vezes solia,
(Quan presto fuye el plazer)
Consigo aqui te tenia,
A cantar y atañer,
Mientras la fiesta cahia.

Rebueluo enel pensamiento
lo que cantastes estando,
Mi fè fuesseme oluidando,
Del tō me acuerdo y del cuēto
En busca del cantar ando.
Ora atinemos al ton,
Amigo que juro amy
Este era el tiempo, y sazon,
El lugar este era aqui,
Las palabras de rondon
Ellas se vernan por si,

Iuan pastor.

Porque esse cantar, fue llanto
De Cisne (como se cuenta
En su postrimera afrenta)
Yo te ayudare, con quanto
Es cantar como en tormenta.

Bien vees q̄ mundos son estos
Nunca tales fueron creo,
En las mudanças tan prestos
Trueçansete a cada oteo.
Vide aqui mil buenos gestos,
Quando miro, vno no veo.
Mas las quexas adeparte,
Alo que mandas vengamos,
El cantar que aqui cantamos
Fue (sabes) destraña parte,
Donde anduuimos entramos.
Yo le lleuaua el descante,
El se entonaua primero,
Con el su triste semblante
Al modo y son estrangero,
Ya, ya, ya, voyme adelante
Como si fuesse Ribero.

Anton.

Amor burlando va, muerto me dexa,
Tiene de que por cierto, a su merced
(Como de señor) vine, agora ved
Quāta de razon tēgo en la mi quexa;
Cada hora mas se alexa,
De my mucho cruel, quien me desmiente!
Ah que lo saben todos, quien ganò
El precio de la lucha, esse perdiò,
Enemigo señor que tal consiente.

Iuan pastor.

Enemigo señor que tal consiente,
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo se rige por la voluntad,
Y si esto fue alguna hora, es al presente

Vn pastor innocente
La çampoña tañia en regla estrecha,
Del cierto y buen tañer, y assi cantaua,
Plugo mas vn zagal que alto siluaua,
Ved razon ante amor de que aprouecha.

Anton.

Ved razon ante amor de que aprouecha,
Moçuelo, antojadizo, voluntario,
Al mayor seruidor mayor contrario,
Bolando a ea y alla, siempre en sospecha,
Vno porque coecha,
Otro por atreuido y mal criado,
Otro por no se que mejor atina,
Quien lo piensa, enloquece y se esmagina,
Sin ventura que hara quien lo ha prouado?

Iuan pastor.

Sin ventura que hara quien lo ha prouado.
Y lo prueua cada hora, (estraña suerte)
Puede auer quien assi corra a la muerte,
Dotro cuidoso, de si descuidado?
Amor cruel te ha dado
(Zagala hermosa pero fementida)
Enteramente todos sus poderes,
Mas ingrata muger de las mugeres,
Quien el alma lleuo lleue la vida.

Anton.

Dime zagala, y como puedes ver
El Sol en paz en quien jurastè, y estrellas?
Dedia viendo a el, de noche a ellas?
Como puedes dormir? como comer?
Que piensas, al tremer
Detierra, como ogaño, si ardè el Cielo?

Piensas que es burla? o que? No pienses tal
Que si fue vano vn rayo, otro hizo mal,
Y donde el no cayo, caye el recelo.

Iuan pastor.

A quellos ojos tuyos que al passar
No se lo que callando me dezian
Aquellos falsos q̃ esta alma enbayan
Vn tiempo a mi plazer, otro à pesar,
El dulce murmurar
Con la tu compañia, y de color
Mil vezes trastrocarte en vn momento,
Todo soltaste, oluidadiza al viento,
Y biues, muero yo, sufre lo amor.

Anton.

Hasta quando sere tan loco yo: hasta
Quando tan sin juyzio y sin senrido?
El tiempo y la razon piden oluido?
Amor solo no quiere, solo el basta.
Quien assi me contrasta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tomo el camino auiesso, y esse sigo,
Tambien oydos cerrando al castigo,
Con mis cuydados vanos de concierto.

Iuan pastor.

Mas dexadas vn poco las peleas
Dime, qual señor fue nunca tan brauo
Que tal dixesse: enfin eres mi esclauo
Yo no soy tu señor, ni se quien seas:
A palabras tan feas
Te trae el tu rancor: soberuia es esta,
Que se pueda sufrir en dicho o en hecho?

A que

A que somos venidos! Tiempo estrecho.
Assaz bastara el mal sin la respuesta.

Anton.

Quando luego te vi, vite piadosa
Despues por te querer, por te adorar,
Subitameute te senti mudar,
Que es esto? es bien querer tan mala cosa?
Ay vida dolorosa,
Ora se vaya el carro ante los bueyes,
Los peces apascer los montes vayan,
Los ganados cubiertos dagua vayan,
Oydo auia amor destas tus leys.

Iuan pastor.

No siguio Ribero mas,
Antes (como era cuidoso)
Estuuo vn rato en reposo
Pienso que te acordaras.
Hablaua a tiempo y lugar,
Pero despacio,
Ay buen pastor, si al palacio
No te dexaras caçar.

Turibio.

No es mucho quiẽ tã biẽ supo
Negociar, jure a diez
Si ganasse desta vez,
Que la mi parte me cupo.
Digoos que assi me estuuiera
Todauia,
Hasta que passado el dia,
La noche vos despartiera.
Siguios desde ha buen cacho,
Que os vi venir passeando,
Vengo tras vos assechando,
Dexe el ganado al mochacho
Luego entre my lo pense
Estos que van
Solos, quiça cantaran,
O si tal fuesse, y tal fue.

Anton.

Turibio vengas em paz
(Todo el biẽ de nuestra Aldea)
Que en hora buena tal sea,
Llegate ayamos solaz:
Y porque eres verdadero,
Te pregunto,
Como pareciote apunto
Nuestro cantar estrangero?

Turibio.

Anton a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras
Nunca supe hablar a escuras,
Voime por la claridad.

Quanto

Quito a mi no soy mas de vno
Quanto a todos,
Digote que destos modos
Se quiere juzgar cada vno.

Ques menester mas palabras,
Vna vez me fuera en villa
Dierõme ende vna escudilla,
De vnos como pies de cabras:
Yo no podia comellos,
Mas despues
Comi vno y dos, y tres,
Comi las manos traz ellos.

Anton.

Ati en todo se te entiẽde (uas,
Que has hecho dello mil prue
Empero las cosas nueuas
Alaban todos porende.

Turibio.

Si, mas con tu paz concluyo,
Que no luego,
Primero se assopla el fuego,
El despues arde de suyo.

Iuan pastor.

Contrariar a las costumbres
Es nadar contra la vena,
Aunque tengas grande lena
Forçado es que te deslumbres:
Y mas en tierra ado tanto
Embidia vale,
Si alguno del hilo sale
En comiendese a buen santo.

Anton.

Ora el murmurar dexemos,
Que es mal q̃ mucho se apega,
De cantar tambien te plega,
Bien o mal, cantado auemos.

Iuan pastor.

No aya aqui mas rodeos
Que tambien
Sabemos que cantas bien,
No nos mates a deseos.

Turibio.

No lo digo porque quiera
Mas palabras, ni más ruegos,
Mas porq̃ ardo ẽtre dos fuegos
Que mucho escusar quisiera.
No cantar criança es mala,
Y cantar mal,
El selo dize que es mal,
Vuestra mesura me vala.

Aunque a mucho me atreuo
Cantando, si a cantar hè
Delante de vos, de que?
Si no de amor puedo y deuo?
Amor que este pensamiento
Rige y manda,
Qual dire? Amor en q̃ anda?
No, mas la De mi tormento.

De my tormento vencido
Lo que se, lo que no sè
Quanto mandardes dire.

Pero

Pero pensad si despues,
Digo lo que ni pensara,
Esta crueldad es clara,
Que os saldra mucho alreues.

Andaes a saber lo que es,
Dessa manera ala fè
Sabreis lo que nunca fue.

En pena que a tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga
Harè, que mandaes que haga?
Dirè, que mandaes que diga?
Lo que se siguiere siga,
Que en tal tormento ala fè
Lo que me digo no se.

Anton.

Note quiero dar loores,
Turibio, ni dezir mas,
Sino que con tus amores,
De amores muertos nos has.
Yo hablo como lo entiendo
Hable el maestro.

Iuan pastor.

Si callando no lo muestro,
Mal lo mostrare diziendo.

Anto.

Antes que se esfrie, presto
Gelo digo assi de lante,
Helo de forçar que cante
Mas, y fei villano enesto,
Ayudame ora a rogallo,
Iuan te ruego,
Y si no nos basta el ruego
Ajudame ora a forçallo.

Iuan pastor.

Por los sus cantares buenos,
De que nasce este deseo
Si por sio, y si peleo
Viene a ser la culpa menos.

Turibio.

Fuerça es esta toda via,
Soy tomado,
Bastàra el vuestro mandado
Quanto mas tal cortesia.

Mientras tanto a los mis ojos
Me obligo, y doyme al cuidado
Ved amor qual me ha parado.

Para q̃ es mas? yo soy muerto
No pense que era el mal tãto,
Hanme traydo en concierto
Soltose todo en mas llanto,
Defendeme algo, entretanto
Que amor me vio descuidado
Vio tiempo, y tuuo cuidado.

Hanme trastornado el pecho,
Sin dexar cosa en su ser,
Mas gran crueldad han fecho.
Yo, ansi de que aprouecho?
Cruelmente lo han pensado,
Que mejor fuera acabado.

Iuan

Iuan pastor.

Si muchos tales pastores
Llouassen nuestras montañas,
No se irian los loores
Todos a tierras estrañas.
Y aunque alla los merecian
Bien, y bien,
Pero por aca tambien
Algunos nos dexarian.

Quantos buenos naturales
Ay por aqui, si aprendiessen?
Mas delicados zagales
En plazeres se enternecen,
A trabajos cuerpo tierno
Se demuda,
En verano quando suda,
Quando tiebla enel inuierno.

A risa, ya que no digo al,
No se como defenderme,
Que se quiere hazer igual.
El q̃ duerme, al q̃ no duerme.
Y despues ansi dormiente
Qual se yaze,
Dezir, Esto no me plaze,
Le es razon muy sufficiente.

Anton.

Es lo que dizes sin faila,
Cada vno alla se lo vea,
Pero Turibio aunque calla
Dios sabe lo que dessea.
De cantares estrangeros
Gran sed muestra,
Seria esta deuda nuestra
Pagalla, y mas sin dineros.

Iuan pastor.

Grande o pequeña que sea,
Toda cosa que el de mande
Puede estar seguro, y crea,
Que holgare d'antes ser grãde
Porque querria que fuesse
El cantar bueno,
Dire ora de lo ageno,
Y despues quanto el quisiesse

Descoso de ver tierras
Vue de passar los puertos,
Puseme alas blancas sierras,
Por caminos poco abiertos
Alla que pastores vi
Quan enseñados,
En cantar versos rimados
Que plazer que ende senel.

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamos lo a tañer,
Tomo la çampoña en mano.
Toco, boluiola a poner,
Todos, sobre todos yo
Desseando
Que cantasse porfiando
El buen viejo assi canto.

Los

Los manjares de amor son coraçones
Beue de nuestros ojos, las sus fuentes
Sabrosas, las musicas y sones,
Son los suspiros de los innocentes,
Que cruelmente trata en sus prisiones,
Todos enagenados de las mentes,
Celos, cuidados, cuytas, desto os dà,
Lo que no tiene amor como os dara?

No veis que va desnudo? y que no lleua
Sino con que haga mal, y bien ninguno?
Fuego, arco, y las sus flechas cõ que os prueua,
Con todos los tormentos vno a vno.
Vos vno a vno os his, dando la nueua
Que es falso, que es cruel, que es importuno:
Sin que nada aproueche: hombres perdidos,
Ya que ojos no teneis, tened oydos.

Y tu que infingimiento es esse tuyo?
Vn niño (ah que verguença nuestra) y ciego
Huyes si voy ati, sigues quando huyo,
Vencedor, y vencido, luego y luego,
Veis que no tiene amor nada de suyo,
Nos los tiros le damos, nos el fuego,
Quereis la su deidad veer tan loada,
Abrid los ojos bien, no vereis nada.

No os pongan miedo sus espantos vanos,
No sus triumphos, que todo esuanece,
Perdelde el miedo, que es cuerpo sin manos,
Aquien en campo osado le aparece,
Vn engaño comum de los humanos

Vn como

Vn como encantamento que enloquece,
Niebla con vn assoplo se leuanta,
Niño que como a si, niños espanta.

Cantado q̃ el buen viejo vuo,
Toda aquella nuestra gente
Como personage estuuo,
Yo tambien por consiguiẽte.
El viejo licencia toma,
Yo adeuino,
Que era pastor peregrino,
Que iua en romeria a Roma.

Mas no es biẽ q̃ esto ansi passe,
Y q̃ de nos solo Anton quede
Riendose, si no cantasse,
De lo que el sabe, y q̃ puede,
Si no que nos quexaremos
Al Mayoral,
Mas a ç ampoña zagal
Tomado ha, bien lo tenemos.

Anton.

Aueis tan cortesesido
En quanto se os ha rogado,
Vno, y luego otro despues,
Que aunq̃ aya quedar corrido,
Sea antes que descortes.
La mi musica aldeana
Que os dira?
Diga os vn cantar de aca
Destos, de la tierra llana.

Quando tanto alabas Clara
Blas, que a luchar se desnuda,
La triste de la mi cara
Que frios sudores suda?
Ora alabas el alutra,
Y dizes del blanco pecho,
Con toda aquella hermosura
Del su cuerpo, alto y derecho.

Quien de tal nunca pensara
(Cruel mi suerte, y sañuda)
Verte contra ti tan clara,
Verte contra mi tan cruda.

Dizes sus madexas de oro,
El mirar manso y suaue,
Las fuerças como de vn toro,
La ligereza de vna aue.

Todo esto te es cosa clara,
Busca a tus ojos ayuda,
La vista tan turbia aclara,
Y veras quien dello dubda.

Tambien de los mis cordojos.
De los mis vascos y fuegos,
Son testigos muchos ojos,
Que lo veẽ, hasta los ciegos.

Las

Las mudanças de mi cara,
El mi pecho que amenuda,
Los mis secretos declara,
Sola la mi lengua es muda.

Entre dos males tamaños,
(Que no se qual dellos vẽça,)
Grandes fuegos de mis daños,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me pasmara
(Que era d̃ pasmar sin dubda)
El mal mucho me ayudara
Que en todo me desayuda.

Iuan pastor.

Mejor es que hombre se calle,
Mas en mi verdad diria,
Que resonaua el valle,
Como que te respondia.

Turibio.

Esta tassea, esta pareja
Alo estrangero.
Quien viene alla compañero?
El lobo es en la conseja.

Pelayo.

Yo vengo fuera de my
Mis amigos, y no poco,
Que enel bosque vn zagal vi
Solo, que parece loco.
Mas porque son mui diuersos
Los modos de enloquecer,
En verdad este a mi veer
Que anda cõponiendo versos.

Iuan pastor.

Dalo por mal remediado
Si tal es la su dolencia,
Comerse ha como arrauiado,
Sin ninguna paciencia,
Destempladas las tu venas
Que arden, o tiẽblã sin medio,
Para todo ay cosas buenas,
Esse mal es sin remedio.

Pelayo.

Venid, y ved, si dubdaes,
Yo os guiare por donde
Callad, que si mucho hablaes
Como siente alguen se escõde.
Ala fe yo dixe y fize,
Con la mano la frente hiere,
Està como que hablar quiere
Ora escuchemos que dize.

Alexo.

Engañame el mal estraño
Pense coytado que os veya,
Mas bien que no mal seria,
Durasse solo el engaño.

Turibio.

O bien de mi, y que bueno
Mil cosas destas se dexa,
Dezir, quien tãbien se quexa,
No està de si muy ageno.
No veys conque ansia suspira?
Qu'hermoso, yq̃ biẽ dispuesto,
Veis lo alla buelto tan presto
Veislo que buelto aca mira.

M A toda

Alexo.

A to la parte pensando,
Verte, miro, y no te veo,
Si no muere este deseo,
Morirmehe yo deseando,

Iuan pastor.

Segun suenan las palabras;
Yo os digo deste mochacho,
Da le amor(parece)empacho,
Y el no guarda aqui otras ca-
Amor cruel, y no tal (bras,
Como el de falso se nombra,
No lo dexa a sol, ni a sombra,
Haze, (como suele,) mal.

Alexo.

El mi coraçon mal sano
Fueseme, no se tras quien,
Esso se buscan tambiem
Los ojos tristes en vano.

Anton.

Yo no se que desto crea,
Mas con el mi saber poco,
Nunca por nunca vi loco
Que enamorado no sea.

Alexo.

Aquel gran golpe por medio
Quel mi pecho tierno abriò,
A quantos males me dio
No me dio solo vn remedio.

Turibio.

Cata, cata Iuan pastor
Aotas bien lo entendiste,
Viendolo luego dixiste
Que el su mal era de amor.

Alexo

Por el bosque tan sombrio,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuydo es este mio?

Iuan pastor.

Si ya la vista no se embrusca,
Fuime alçando el sobrecejo
Y este es el hijo quel viejo
Sancho nuestro ha dias busca;

Alexo.

Que la mi alma se vea
En tal aprieto y fatiga?
Pues la ventura enemiga,
Pues amor quiere, assi sea.

Anton.

Hablo contigo, o con quien;
Iuan no vees que este zagal
Assi se quexa del mal,
Soncas que parece bien?

Turibio.

Ah nora mala esta sea,
Quiẽ lo puede veer sin duelo?
Que no auia aqui moçuelo
Tan sesudo en toda Aldea.

Iuan pastor.

Moço para dar consejo,
No es cosa de mucha tura,
Mas assiento haze locura
En la cabeça del viejo.

Pelayo

Pelayo.

Vamos su padre a llamar

Iuan pastor.

Antes carillo te ruego
Vamos a buscar vn crego,
Que lo venga a esconjurar

Pelayo.

No es tiẽpo de otra respuesta,
Son que ala fuente te espero.
Ansi corres compañero,
Como que va sobre apuesta.

Iuan pastor.

Estos aque van corriendo
Tan a prissa y tal porfia?

Anton.

Corren ala fuente fria
Yo ardo de sed en la viendo.

Iuan pastor.

Todos nos vamos alla
Que nunca tuue tal sed,
Si no la mato sabed
Que ella amy me matara.

Encantados dizen.

Viste jurar Violante
Viste que fue pordemas?

Anton.

Como quies pastor que cantes
O rios corred atras,
Y montes id adelante.

Iuan pastor.

El bosque arde al derredor
Tira amor tiros apares
Piedad, ò piedad señor,
Quãdo mas crueldad pẽsares
Miembrate que eres Amor.

Pelayo.

Por estos buenos abrigos
Ay que zagala Clarença,
Sean los ojos testigos,
Reyne amor, y biua, y vença,
Y mueran sus enemigos.

Iuan pastor.

Fuerte ceguedad humana,
Que nos a todos destruye,
Vedes que es in cierta y vana,
Vedes que la vida fuye,
Andais os doy en mañana?

A Nuno Alurez, Pereyra.

POlas ribeiras d'us rios
(Como dizem os cãtares)
E pelos bosques sombrios,
Dando lugar aos pesares,
Ouui meus contos baldios.
E porque meu tambem afasto
Do pouo que me não reja,
Ou tras si me leue a rasto,
Vede em que do tempo gasto
Tambem, o que me sobeja.

Em quãto hũ joga, outro caça
Outro dorme, outro trasfega,
Tantos murmurão na praça,
Outro quãto affirma ou nega,
Com juras tudo embaraça.
De si tanto outro se preza,
Que so cuida q̃ ench'as festas,
Outro pela ruas reza,
Fallemos com a natureza,
Andando pelas florestas.

Grande final de saude
He ter tudo á parte posto,
Olhos sõmente a virtude,
Ledo, ou triste hũ mesmo rosto
Que não ha quẽ volo mude.
Sabeis sem outra mais troca
Que he ella assi paga igual,
Por isso não vos trastroca
O coração nem a boca,
O bem nem menos o mal.

Por de mais tudo aperfia
Cum peito tão liure & saõ,
Que tomou taõ certa guia,
Daqui nace a presunção.
Cuidão que da fidalguia.
Quem sabe por onde vay
Leua sua conta feita,
Nunca do caminho sae,
Nunca olha a quem diz tomay
A esquerda, ou à direita.

Ambos nos temos à banda
De Gil q̃ aqui vos enuio
Por onde a menos gente anda,
Eu porem não aporfio,
Que a cada hũ seu gosto mãda
Não falecem contendores
Seja a razão a que vença,
Estem á parte os fauores
Ouui os vossos Pastores,
Outrem parta a deferença.

Egloga

ECGLOGA.

Basto representador, de quem se toma o nome.

Bieito. } —Pastores.
Gil. }

Basto.

COmo corre & como atura
Quẽ vai apos o seu gosto,
Não sente frio ou quentura,
Mas no suor do seu rosto
Busca as vezes ma ventura.
Semguia & sem esconjuro,
Cos medos se desafia,
So vai, afouto, & seguro,
De noite polo escuro
Por montes ermos de dia.

Este apetito que digo
Quem o desse á mà maleita,
Que traz mil artes consigo,
Guarte delle que te espreita,
Por dar dauesso contigo.
Rosto ao si, & rosto ao não,
A fortuna he feita assi,
Mal a conhece o vilão,
Cuida que a tem na mão,
Ella sorrisse entre si.

Onde quer cho demo jaz
Para auer de embicar nelle,
Fui topar cum mao lobaz,
Deime cos meus cães tras elle
Triue de fadiga assaz.
Eis desparece, eis que assoma
Desfaziame correndo,
Toma aqui cão, alli toma,
Som caçador fulme em soma
Assi traspondo & perdendo.

Isto a quem não acontece?
Seja porem na mà hora,
O tempo desparece,
Estãose rindo os de fora,

A nos não no lo parece.
A correr & a dar à choca
Este desafia mil,
Aqueloutro vende & troca,
Outro traz graças na boca,
Doutro chia o Arrabil.

Cuida q̃ as namora todas,
Não sey quẽ che p'or fermoso,
Vaise às festas, vaise as bodas,
Tenho me eu co dadiuoso,
Qu'venta o carro, andãas rodas
Grandes cousas Cap'emcolo
Conta (se ellas assi saõ)
Que me dão volta ao miolo.
Deuemme de ter por tolo
E eu a elle porque não?

Como lontra jaz no rio
Hum, & o seu gado mal passa
Elle pesca, ora co fio,
Ora cana, & ora nassa,
Outro q̃ anda sempre em cio.
Daquelloutro a esposa crama,
Ve se desejosa & noua,
Dando voltas pola cama,
Elle por neue & por lama
Corre cos seus cães á proua.

Vai assi ja ha muitos dias
Que nã volue atras ninguem,
Bebemos das bemquerias,
Que cada hum consigo tem,
Damos dessas razoẽs frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Passa hũ, passa outro aluoroço,
O seu fardel ao pescoço
Por bom parceiro escolhera.

Ora elle assi pastor sendo,
Se primeiro estaua mal,
Foi apalpando, foi vendo,
Antre nos che era outro tal,
Tambem se foi delambendo.
Hũa vez lama, outra poò
Sempre te achas achacado,
Inda deu mais outro voò
Por melhor ouue andar soò,
Que assi mal acompanhado.

Era grande amigo seu
Byeyto, & vendo a tal mania,
Consigo vn dia la deu,
Tiuerão grande persia,
Hum rezões deu, outro deu.
Não ha quem se não defenda
A pareceres alheos,
Antes mais quedas q̃ emẽda,
Contar vos hey da contenda
Sem meter verbas nos meos.

Byeyto.

Que he isto Gil, q̃ andas triste
Des-

Despois q̃ entrou este Abril?
Não sei que demo te viste,
Que tu não pareces Gil,
Amigo onde te sumiste?
Vio aquelle grande amigo,
De limpos bofes lauados?
Daquelle bom tempo antigo.
Que assi falaua contigo,
Tu comigo os teus cuidados?

Assi tão sô te viste
Forte burrão foi o teu,
Tanto damigo esqueceste
Como aqui tinhas de teu,
Nem amim não mo disseste.
Ora dime se te apraz,
Despois de tanto Sol posto
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal que traz
Sempre à memoria mao rosto.

Tu olhasme de traues
Parece que a mal o tomas,
Mas se Gil tu inda este es,
Não hei medo que me comas,
Por anojado que estès.
Posto que por mao acerto
Fezeste forte mudança,
Ia tanto to não referto:
Mas dehum amigo taõ certo
Deueras ter mais lembrança.

Muitas vezes esmagino
(Gil amigo, em ti cuidando)
Na tua brandura, & ensino,
Que fallarias estando
Duas horas cum menino.
Ora olha bem o que fais,
Tinhas tantos de bõs modos
Cos iguaes, & não iguaes,
Quando estauas bẽ cos mais,
Das que em ti fallar a todos.

Que se fez do teu cantar;
Ninguem não cantaua assi,
Mas para que he preguntar
Se não que se fez de ti?
Onde te iremos buscar?
Não ha ora hum tanto espaço
Quando Ianebra casou,
Con Gregorio teu colaço
Quem teue rosto aos do paço?
Quem tangeo? & quẽ cantou?

Morreote gado meudo?
Assi vai de grão em grão,
Naõ se pode saluar tudo,
Vem bom tempo apos o mao,
Sofre, que sofre o sesudo.
Arrenega dos assanhos,
Ioos deuias ter prouados,
Naõ saõ os males tamanhos,

Se este Março nã foi de Anhos
Outros virão melhorados.

Gil.

Seja amigo meu Byeyto
A ta vinda em ora boa,
Eu digo amigo escolhe ito,
Como quem o leite coa,
Q'ha di por dẽtr'aos eu peito
Mas respondendo ao q̃ dizes,
Vesine cajado & fardel,
Bem sei que ha muitos juizes,
Não caçados de perdizes,
E muito poucos sem fel.

Mas em fim, que pesa ou val
(A nos parece que muito)
Diz Turibio, diz Pascoal
Palauras vãs, & sem fruito,
E as vezes inda sem sal.
Quãdo a bibera no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Nã temas q̃ eu inche, & ẽgorde
Não ajas medo que acorde
Bradando polla triaga.

Ves tu cousa que estè queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra, tudo enuelhece
Tudo tem no cabo a quèda.
E nos a ter mão na conta
Errada, sejamos velhos,
Quer meninos, q̃ mais monta?
O presente todo afronta,
A vida vaise em conselhos.

Do leite & sangue empolado
O bezerrinho viçoso
Vai brincando polo prado,
Despois eis que priguiçoso
Ora o carro, ora o arado.
Cos dias & co trabalho
O saltar dantes lhe esquece,
Não he ja o que era almallo,
Vendase para o talho,
Queste boy velho enfraõce.

Byeyto.

No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem no mao, se não vas bem
Peor muito iraas auante,
Torna atras que te conuem.
Não o tenhas por amigo
Quem fala sempre à võtade,
Que disimula contigo
Lembrate dum dito antigo
Qu'enfada muito a verdade.

Malvay quẽ sempre empeora
E que meninos pastores
Hum olho ri, & outro chora,
Vem hum diz q̃ saõ amores
Outro, mas q̃ he mal de fora.
Hum se torce, outro moteja,
He

He mao jogo este das lingoas,
Ou seja maldade, ou seja
Nossa amiga a triste enueja
Vemse em tãto à praça as min
(goas.

Gil.

O moço q̃ entra em terreiro
E não toca em chão de leue,
Polo ar voa o pandeiro,
E a toda a festa se atreue,
Elle sõ co seu parceiro.
Este tal baile, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, voe, & passe auante,
Este cos saltos espante,
Este dè penas, & pene.

Mas quem ja se vẽ das pontas
Nem acha o que sohia em si
Começa a tomarse contas,
Ouui ja melhor, & vi,
Suar & passar afrontas.
Ves o tempo como foge
Que parece que não toca?
Não queres q̃ homem se anoje
Que me não conheci oje
Na fonte em que pus a boca.

E porque t'eu hora conte
De como me aconteceo
Quando m'eu tal vi de frõte,
Dos olhos agoa correo,
Mais que corria da fonte.
Passouseme a sede emfim
Que m'aquella agoa trouuera
E a tal desacordo viu,
Que quando tornei em mim,
Bom espaço o Sol correra.

Byeyto.

Come de toda vianda
Não andes êsses entejos,
Não sejas tão vindo à banda,
Tente às voltas cos desejos,
Anda por onde o carro anda.
Ves como os mũdos saõ feitos
Somos muitos, tu sõ es,
Porisso em todos seus geitos
Hũ esquerdo antre direitos
Parece que anda ao reues.

Dia de Mayo choueo,
A quantos a agoa alcançou
O miolo reuolueo,
Ouue hum sõ que se saluou
Que ao cuberto se a colheo.
Dera vista assi semeadas,
As que tinha mais vezinhas,
Vio armar as toruoadas
A'colhesse as bem vedadas
Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe daua
Paparotes no nariz.

Vin lias

Vinha outro que o escornaua
Ahy tambem era o juiz
Que se de riso finaua.
Bradaua elle, homẽs estay,
Hião lhe co dedo ao olho,
Disse então, & assi che vay?
Não creo logo em meu pay
Se me desta agoa não molho.

Apaixonado qual vinha,
Achou num charco quefarte,
(O conselho auido o tinha)
Molhouse de toda parte
Tomoua como mezinha.
Quantos virão, la correrão
Hum que salta, outro q̃ trota
Quantas graças hi fizerão!
Logo todos se entenderaõ,
Ellos vaõ numa chacota.

Gil.

Tu sabes que eu me abrigàra
A esta vida de Pastor,
Viera corrido à vara,
Cuidei que era esta melhor,
Que ouuira, & não a prouara.
Determinauame ja
D'andar com minhas ouelhas,
A conta sahiome mi,
Mas tambem ca, como la
Fadas ha, dizem no as velhas.

Andei dàquem pera alem,
Vira terras, & lugares,
Tudo seus auessos tem,
O que naõ espermentares
Não cuides que o sabes bem.
E às vezes quando cuidamos.
Que esprimẽtado o ja temos,
A cabra cega jugamos
A cheyuos ca fortes amos,
Querem que os adoremos.

Pera o mal que te acontece
Buscas o amo, ora o sono,
Ora al que nunca falece,
Ao trosquiar, achas dono.
As pressas não te conhece.
Tudo lhes o demo deu,
Tè razões màs que nos daõ
Quando te haõ mester es seu,
Quando os has mester es teu,
Que não tés amos então.

Essa vez que saem à rua
Estremece toda a Aldea,
Elles bebem, homem sua,
Doelhes pouco a dor alhea,
Querem que nos doa a sua.
Inda que he o dano em grosso,
Fora de dissimular
No mais, mas nisto naõ posso,
O entendimẽto que he nosso,
Não

Não no lo querem deixar.

Pollo qual co meu fardel
Fugi das vossas Aldeas,
Nunca fui cresta colmeas,
Nem trago nos beiços mel.
A saudade não se estrece,
Mas cahiome hum coração
Em sorte que muito empece,
Outro señor não conhece
Somente a boa razaõ.

Porem queixome te logo
Que em casos q̃ acontecerão
Vime por ella no fogo,
Bradei, & não me valerão
Brados, queixumes, nem rogo,
Então me sahi meu quedo
A quedo, & fara algum dia
O q̃ outro não fez, & hei medo
De ver mòr vingança cedo
Do que ja gora queria.

Pelayo.

Tornasteme ora a lembrança
Hum teu amigo foão,
Que ao tempo dessa mudança
Tua, foi te assi a mão,
Como a quem os dados lança
E lembrame ora bem tudo
(Que era eu hi, no tal ensejo)
Inda que então me fiz mudo,
Faloute como sesudo,
Pareceme ora que o vejo,

Seja, (disse elle,) à boa hora,
Mas eu tambem co meu gado
Faço assi contas cadòra,
Cadhora me acho enganado
Desta esperança trèdora.
Dirtey como me acontece
Quando neste valle estou,
Qualquer outro que aparece
Muito melhor me parece,
Não he assi quando la vou.

Assi disse aquelle amigo
Agora digo eu, que hei medo
Quando debates contigo
Que testẽ mostrando ao dedo
Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
Nã queiras irmuyto ao fundo
Inda q̃ ora tanto entendas,
Nesta razão te me fundo,
Não has de mudar o mundo,
Por mais razões q̃ despendas,

Perigosa he a dianteira,
Deixa ir diãte os mais velhos,
Co a paixão tençoeira
Nunca ajas os teus conselhos,
Sempre foi mà conselheira.
De contino anda ao peor

Sem-

Sempre adeuinhando o mal,
Nunca lhe falece dor,
Mas se tudo igual não foi
Seja o coração igual.

Gil.

Se cos teus olhos não vejo,
Nem ouço cos teus ouuidos
Por meus sentidos me rejo
E tu pelos teus sentidos
Todo o debate he sobejo.
Comes tubaras da terra,
Eu não nas posso comer,
Nem hum nem outro nã erra
Para que he sobristo guerra
Come o que bem te souber.

E não te digo que faças
Quanto ao apetito vem,
Não entro tanto nas graças
Mas entendo o saber bem
Disto que anda pellas praças.
Porque o tempo fez abalo,
E somos em forte ensejo,
Inda aleuanto outro valo
Que nos doentes não falo
Os quaes mata o seu desejo.

Bem digo que a verdade era
Ir pelo fio da gente
Cos mais, mais forças ouuera
E o amigo & o parente
Que murmurar não teuera.
Porem a mim so não minto
Não dobro, não lisongeo
Som farto, o que era faminto,
Que mal he o meu destinto
Antes seguir, que o alheo?

Vou fugindo às armadilhas
Que vi com manha esconder
Não quero ouuir marauilhas
As vezes muy mas decrer
Da ma mãy nacem mas filhas
Querem q̃ homẽ ouça & crea
E que estè a boca aberta.
Não posso, & daqui se atea
As vezes a mà estrea
Que a cada passo está certa.

Olha se a razão conclude
Es doente, teu pay não,
Digo outro tal da virtude
Pola ventura es tu são
Porque teu pay tem saude?
Não que cũpre outra mèzinha
Olhe cada hum por si,
O bem não he como atinha
Que se apegue tão asinha,
O mal pode ser que si.

Leme primeiro esta lenda,
Dexaraõte os teus passados

Terras,

Terras, & vinhas degenda?
Olha que vão mesturados
En cargos, coa fazenda.
Cumpre a cada hum q̃ arribe
Persi, se desejas honra
Não te abasta, donos tiue,
Que quẽ como elles não viue,
Tanto mais sua des honra.

Byeyto.

Pois contigo a razão val
Vejamos quem mais conjũta,
Olha que todo animal
Forte, ou fraco, aos seus se ajũta
Por distinto natural.
As pombas andão em bandas,
Voão Grous postos em haz,
Estas andorinhas brandas,
Não querem de nos viandas,
Querem companhia, & paz.
Como no mundo apontamos,
Do ventre em terra caimos,
Como de nosso choramos,
Doutrem, que ajudar pedimos
Nosso os para que prestamos?
Então ver a fantesia
Dos nossos leues zagaes,
Aquem inda mais diria.
Que não hei por companhia,
Saluante a dos meus iguaes.

Hum bacorote honra diço
Foy ver o gado ouelham,
Polo todo a seu seruiço
Trombejaua alli hum e hum
Que espantalo era o seu viço.
Vem hũ dia o lobo, & a panha
O bacorote engrifado,
Abrandoulhe aquella sanha,
Brada elle em pressa tamanha,
Cadum de si tem cuidado.

Vinhão os porcos d'Aldea
Atras, & grunhir ouuirão,
Hum escuma, outro esbraueja,
Estes si que lhe acudirão,
Perdeo o lobo a sua cea.
Olhou elle, & vio tremer
Da laã brãca o gado, & o lhãdo
De longe se poem a ver,
Disse, Antes mandado ser,
Que a tal perigo tal mando.

Fui hum dia à villa Gil,
Eu logo oo sair da casa,
Mais verde que hum perrexil,
Cuidei que mataua a brasa
Degalante, & de gentil.
Bempasses cos viandantes,
Mas despois la quando cheas.
Vi as ruas, de galantes,
Seu viera vfano dantes,
Não tornei tal as aldeas.

Em quanto hum diz, outro ri

Bom

Bom vay o do barretinho,
Nunca o tão figadalvi,
Chamauãome outros ratinho,
Hũs assi, outros assi,
Finalmente por acerto
Vinhãose dos nossos ja,
Deixeios chegar ao perto,
Hi passei como encuberto,
Mas tarde me acolhem lá.

Gil.

Falasme nos animaes
A que nos brutos chamamos,
Que guardão leis naturaes,
Nos outros nã nas guardamos
A isso obrigados mais.
Estes homẽs com quem tratão
Não homẽs, mas lioẽs brauos,
Por força tudo rematão,
Os lioẽs não te resgatão,
Não te vendem por escraues.

Para que mandem nem rejão,
Não vão as agoas tingindas
Do seu sangue, se pelejão,
Não alção forças erguidas,
Onde ás aues manjar sejão.
Não tem repartida a terra,
Por marcos tão desiguaes,
De sangue & fogo, por guerra,
Hum possue de serra a serra,
Outro nada, ou dous tojaes.

Espanto he desigual
Da lei q̃ entre si tem gralhas,
Vendo hũa que passa mal
Decem gritando em batalhas,
Não tratão estonces de al.
Ora te direy assi,
Quem diz o q̃ vio não mente,
Guarte de cair aqui,
Que veras passar por ti
O amigo, & o parente.

Nunca ora ouui hum rifaõ
Mais sabido, & mais vsado,
Que darem todos de mão
Se jaz o carro entornado,
Os que vem, & os que vão.
Falo porem geralmente,
Não tomes outra sospeita,
Que he mui sospeitosa a gẽte,
O meu amigo feruente,
Não entra nesta receita.

Muytos dos vaos apalpei,
Aos trabalhos me despus,
Desque cuidei, & cuidei,
Disse comigo, Ora sus,
Se erros fiz, erros paguei.
Cuida homem que bẽ escolhe
As singellas so consigo,

Não

Não sei quem te a vista tolhe
Fujo como quem se acolhe
Donde vê, certo o perigo.

Andando so não meempecem
Maos olhos, nẽ mas palauras,
Nem se apega, se engafecem,
Por outros fatos as cabras,
Curoas se me adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Não me tomo que o cabrito
Me escõda o vezinho, & coma,
Aqui se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito.

Que me não ouça ninguem,
Somente as aues (que taes
Duas auantagẽs tem)
Destes outros enimaes
Voar, & cantar tambem,
Ou ao som dagoa que cae
Rompendo pelos penedos,
Deçe ao fundo, ao alto sae,
Ella que a grão pressa vay
Elles para sempre quedos.

Ves tu as minhas cabanas,
Se o vento se muda assi,
As reuezo eu, Aldas, nẽ Anas,
Não dão voltas por aqui
Mais leues que ao vẽto canas.
Cantando dos seus solaos,
Que me, fação merecer
Muytas destas varapaos,
Com seus olhos vaganaes,
Bõs de dar, bõs de voluer.

O sol de dia, as estrellas,
De noite, quantas que vemos
Nacem dellas, poemse dellas,
Olhamos mais q̃ entendemos,
E alũa fermosa entre ellas
Que se renoua & reueza,
Ora hum fio, oramais chea,
Ora em sua redondeza,
Cada mes (com que certeza)
Semelha à da nossa Aldea.

Do que ao meu gado sobeja
Vou viuendo ano por ano,
Pouco ou muito que elle seja
A ninguem não faço dano,
E não se ha ao pouo enueja.
Parece vida em verdade
Dos mastis, gado, & pastor
Como de cõmunidade,
Conta a fome & frieldade
Tudo rege, & manda a mor.

Do mais dezia Pascoal
Sabes que he o que nos come
Ma cobiça que não al,
Onde quer se mata a fome,
Matãose apetites mal

Polo

Polo sol & pella neue,
Natureza a grande madre
(Qu'aos filhos tãbẽ cho deue)
A tudo acudir se atreue,
Por mais q̃ este ventre ladre.

Meugado leuo, esse sigo,
Que inda saõ mais embaraços
Do que eu quisera comigo,
Passei por tantos dos laços,
Que olhar somente he perigo.
No meu çamarrão metido,
Que mais quero? sou pastor,
Cã nunca chega apellido
De fogo, nem de atruido,
Mal se for, mal se não for.

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Virão verme os bõs amigos,
Ao Sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos,
E despois dos meses mil
Quiçais inda dira alguem,
Olhando este meu couil,
Por a qui canta aua Gil
Sem queixia de ninguem.

Quando tudo era fallante
Pascia o Ceruo hũ bõ prado,
Ahi veyo o cauallo andante,
Quis comer algum bocado,
Pos selhe o Ceruo diante,
Outra razão lhe não deu
(Que erão pacigos geraes,)
Saluo posso, & quero o meu,
Este Meu, & este Teu
Tanto ha ja que nos fez taes.

Vendo tão pouca prestança,
O cauallo dantes sorto,
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro,
Por terra aos seus pees si lança
Não pode à justa querella
Deixar de se por no meyo,
Mas foi necessaria a sella,
Fesse o homem forte nella,
Toma a redea, proua o freo.

Assi dão volta ao imigo,
O Ceruo quando tal vio:
Homem ao cauallo amigo!
Deixoulhe o campo & fugio,
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde o corre o seco,
Fora, fora, o contendor,
Ficoulhe porem señor,
Não foi tanto o outro enxeco.

Quem ha tal medo a pobreza,
Tal a fome e frialdade,
Que por ouro & por riqueza
Da a

Da a sõ rica liberdade,
E mais outrẽ que a si preza.
Selhe ves herdades largas,
Não lhe ajas enuejaá troca.

não se acha o que falta.

Mas tu olhas o Sol que anda,
A migo que he tarde, folga ora
Deixemos esta demanda,
Mal auinda pera outra hora
A cea fora mais branda.
Com dous peixinhos passaras
Do rio não d'Almocreues
Que as villas fazem tão caras,
Beberas das fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

Byeyto.

Voluesme as cousas de enuees
Ques por força que te crea
O que tu quiças naõ cres,
Sabe que alma he ja na Aldea
La me haõ de lauar os pees.
E tu dize o que quiseres
Torce ca & torce la,
De fende teus pareceres,
Mas onde hi naõ ha molheres
Vida, nem gosto naõ ha.

A quella graciosa idade
Que òs olhos vistos nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta
Naõ he de todo vaidade.
Suspiraste, ora eu te entendo
E vernoshemos despois
Por ora a Deos te encomẽdo.

Gil.

Naõ te quero estar detendo
Byeyto. (bois.
Voume (q̃ he tarde) aos meus
Basto.

Contouse isto polla Aldea
De pastores, em pastores,
Logo foi a terra chea,
Entaõ que tes eraõ melhores.
Mas reuolto o Calendario
Visto tudo, & contas feitas,
Fica assentado hum summario
Gil por homem voluntario
Homem Byeyto às direitas.

N Celia.

ECGLOGA CELIA.

Ao Iffante Dom Luis.

SEreniſsimo Iffante, aquien ſe deue
Fuego d'Eſmirna, o Mantua, aquien el mio
Quando mas arde es vna fria nieue
Del ſiempre elado Boote, y del tardio:
Mas gran Señor en partes dò no llueue
La niebla ſe deſea, y el rocio,
Y no ſe puede continuamente eſtar
En armas, y atalaya, y pelear.

Las Muſas, quando Vueſtra Alteza andaua
Alas altas empreſas, de ſi dinas
Que juntamente tremia, y ſudaua
Africa toda, en veer las altas quinas
De ſu Real guion, quando aſſomaua,
Viſtes las a ſus fuentes mas veainas,
Entonadas mejor, y mas de veras,
Oyllas eis aca, como eſtrangeras.

Por ora callarſeha Tunes entrado
A fuerça d'armas, y dende eſcondido
Qual va huyendo el Tyrano apretado
De las fuerças mayores conſtreñido,
De Hercules vn ladron Caco afamado
Por honra auer deuiera ſer vencido

En humo

En humo ſe emboluia, y fuegos vanos
Fiauaſe en huyr, mas que en las manos.

Al ſancto Rey Luis com tanta gente
Cruzada, y Carlo quarto denegoſſe
(De Francia entramos) lo q̃ora al preſente
A vos em nueſtra gloria reſeruoſe,
L' antiga y gran Carthago juntamente
De los daños paſſados recordoſe:
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo venir á ſi dos Scipiones.

Ah los juizios ciegos de Chriſtianos,
Ah furias infernales, ah pecados,
Que en vueſtra ſangre enſuziaes las manos
A tamaño ſabor de arrenegados,
Auiáros IESV Chriſto hecho hermanos,
Deshazeiuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexaes la ciudad ſanta a los canes?

Quando ſera aquel dia que a la vueſtra
Armada mano ſe rinda la fortuna?
Que algo de embidia atãta gloria mueſtra?
Quando ſera que yo vea vna laguna
De ſangre infiel vertido deſſa dieſtra?
Yo que lo cante al Sol, cante ala luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos,
Deſeos quanto a my mucho atreuidos.

Finalmente (Señor) pueſta a de parte
Por vn poco la eſpada, el verdadero

Y alto

Y alto juizio buelua aquesta parte
Donde entra por la mar, turbado el Duero,
Y donde con gran se, mas com poca arte,
Cantan pastores al modo estrangero,
Corren lagrimas justas sin parar,
Mientras Neiua tambien corre a la mar.

Pastores da Egloga. — Aurelio. Mauricio Amaro.

Aurel. Que quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
Vuiar de perros, como ala porfia?
No se que se han, cierto es q̃ algun gran mal.
Aues nocturnas buelan dentre dia,
Lobos tan brauos de su natural,
Vienẽse ala Aldea de la serrania,
No vees el mal gusano, y que pesares
Se ha hecho de las huertas, y pomares?

Vna mula ha parido en nuestra Aldea,
Y las vacas no paren, ayer cayo
Del cielo vn breue, y no ay quien lo lea,
Son frayle, o crego que ya missa cantò,
Con dos cabeças (cosa estraña y fea)
Vn poldro conseis pies (diz) que nascio,
Como gallos cantaron las gallinas,
No vinieron ogaño golondrinas.

Vemos muertos caerse los borregos,
Caen las madres d'otra parte muertas,
Los ojos que tal veen paranse ciegos,
De todo son las causas encubiertas.

Buelan

Buelan de noche por los ayres fuegos
Que carreras atras dexan abiertas,
Cosas que nunca vimos, ni pensamos,
Dios nos guarde de mal los nuestros amos.

Ca dizen que ferio por la cabaña
Del buen Alonso vn rayo, (aquel pastor)
Que apacienta lo mas de la montaña
Ah no nos tenga el cielo tal rancor,
No parece sino que Dios se ensaña,
Amor en nos no veè, prueua el temor,
No vees quantas de vezes se estremece
La tierra, antes tanfirme, ora enflaquece?
Aquel noble zagal que aqui cercano
Con tanta nuestra esperança crecio
Quando el la boz diuina con la mano
Tambien diuina, tañendo acordò,
Luego a bozes lo dixo vn viejo cano,
(Ah de lo por venir quanto que vio)
Quan presto te arrepientes cruel hado,
En dando vn grande don, de auelle dado.

Mauricio.

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
Auello visto, lleuoselo el palacio
Crecia en todo a ojo, quanto fuera
Mejor, y mas seguro, irse despacio.
Cuentan milagros del, es que alla fuera,
Mas a tal prissa cierto està el cansacio,
Sea de cuerpo, spiritu, o de ventura,
A cansar presto va quien se apressura.

Mas boluiendo a no sotros (pastor bueno)

Quando

Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de maldad tanta el mundo lleno,
Alla los viejos van, y los zagales,
Estoy confuso, mal duermo y mal ceno,
Temiendo a nuestras culpas desiguales,
Es mucho el pecar nuestro, es sin emienda
Que himos siempre acorrer suelta la riéda.

Mauricio.

Agora Aurelio entiendo que tu solo
Eres el que aun no sabe el grande daño
Deste nuestro concejo, que assololo
Como por tierra vn caso duro y estraño:
A quel bien suyo, la muerte lleuolo,
Quien pésso veer tã presto vn mal tamaño?
Nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
Tan dino de infinito sentimiento.

Aurelio.

Assi que es muerta Celia? y pudo muerte
Hazer, (aunque cruel) tal crueldad?
Como? y todo vasse ansi por suerte?
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto tanta gloria se conuierte
En nada? estado, fuerça, y fresca edad?
Triste de my, de vida ya Celia es fuera?
Quien oye tal, tambien, q̃ no se mueua?

Dexemos la beldad (que ella tenia
Por cosa vana) (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuidado veya,
Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana
Que para nos, no para si biuia,
Como la muerte fue tanto villana?
Cortò la tela ante tiempo sañuda,
Dexa tanta de gente aca desnuda?

Mauricio.

D'Amaro y que sera? solo dexado
Por raro exemplo d' vna triste vida?
Como por muestra, y como por dechado
A nos sera ella corta, a el complida.
Quan presto tanto bien se ha trastornado?
Ay bienes falsos, ay vana y fingida
Muestra, que ala deshora buelue en daño
Vanos ansi engañando d'año en año.

Aurelio.

Pues aun no sabes bien lo que passe
(Digo con el combate desigual)
Era el dolor deuido, pero fue
El impeto primero irracional,
No de hombre, aun que barbaro, y sin fe,
Sin alma, y sin razon, todo bestial;
Quiso boluerse a si como enemigo,
Son que lidiar cumpliole antes comigo.

Quantas vezes que el alma vi cuitada
Partirse tras la santa suia della,
Dexando el cuerpo alli como vn nonada,
Solo tendido como que iua a vella,
Dende a buen rato, toda trabajada
Boluer de nueuo, alli quanta querella?
Y que gritos tan altos, tan sintino
Vnos tras otros daua de contino!

Cruel Celia (dezia,) ansi me dexas?
Quien te me hizo cruel? no me responde,
Señal que ya no las oye estas mis quexas:
Tan lexos la lleuaron? triste a donde
Te me han Celia lleuado? ansi te alexas

Sin mas piedad de mi? quiẽ te me escõde?
Quien fuyendose va, (dezidme) ah quien,
Fuyendo se me va con tanto bien?

Luego boluia, veis que piadosa,
Veis como siempre blanda, y nunca esquiua,
Me buelue a veer, mas como tan cuidosa,
Dexadme alla salir, a veer si esbiua,
O si me engaña esta alma desseosa,
Que es esto ado se fue, mudada què iua?
Y quanto (ò triste) toda d'otramente
De la Celia que yo vi primeramente?

Quantos de desuarios? que sin cuento
De desconciertos dixo? y que de antojos?
Y de fantasmas veya en vn momento?
Tiessos, y siempre enxutos los sus ojos,
Dezian que del mucho sentimiento:
Todo y en todo dado al dolor malo,
Vn contino furor sin interualo.

Aurelio.

O Celia quantas lagrimas deuidas
Y quantas teeran, si lagrimas nos diessen
Remedio alguno, de mas a las vidas:
Y de otra parte si auidas no fuessen
De los mas sabios, por mal entendidas,
Y aun por flaqueza si, gelo creyessen,
No digo mas de si, ni mas de nò,
Soncas causas ternà quien nos las dio.

A quel dolor que va turbando dentro
El cuerpo todo con los sus sentidos,

Y passa al coraçon, que es el su centro,
Lagrimas d'allamanda, y los gemidos,
Que abrẽ caminos a aquel duro encuẽtro,
Sino que es fuerça siendo detenidos,
Que alla encerrado el fuego, y las centellas
Ardan las casas, y el señor con ellas

Por tanto amigo ruegote Cacordadas
Nuestras sampoñas (que aqui las tenemos)
Mientras que van buscando las manadas
Algo que coman, nos Celia cantemos,
Que despues cantaran muchas vegadas,
Pastores de que nada ora sabemos,
Cantaran a la sombra destos pinos,
D' alto responderan montes vezinos.

Mauricio.

Que podria yo Aurelio hazer por ti
Que mas degrado hiziesse? aũque estoy tal
Del llorar mucho, y poco que dormi,
De mi parte no se: mas tal o qual
Cumplase todo por amor de ti,
Que auenturo contigo en bien ni en mal?
Pero començare sin mas escusas
Con buena ayuda della, y de las Musas.

Canta.

Esta sorriendo Celia de la ciega
Nuestra vista mortal a tanto en ferma,
Semejante à aquel juego que se juega
D'ojos cubiertos, que tan mal aterma,
Ella vèe todo, y juntamente ruega
Por la su gente, y dize que no duerma,
De contino amonesta, que e epequeño,

Es vn no nada el plazo, es grande el sueño.

Bien vee que los plazeres, los enojos
Nuestros son vanos, pienso cierto, o creo
Que a menudo hazia aca buelua sus ojos,
Donde dexò de si tanto deseo,
Y donde aquellos sus altos despojos
Del cuerpo, donde sus joyas y arreo,
Los hijos (como en vida ella dezia)
Y donde la fiel su compañia.

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman aca, tanto mas fruto,
Enchiendo el ayre de tanta querella
Messandonos, cubriendonos de luto,
Sabiendo, si llegassemos a vella
Que luego todo se veria enxuto,
Buscaesme alla tan baxo (dize) errays
Do buscarme deueis, no me buscais.

Mi bien, o que plânis! no la turbeis
Amigos la mi paz, sola esta es vida,
Muerta essa que por vida alla teneis
Vn punto, vn no se que, la mas cumplida,
En vanos pensamientos no os fieis,
Ay quan cedo que alla todo se oluida
De muerte en muerte andaes, no veis quan
Vna la vida mata, oluido el resto. (presto

Quanto tiempo sereis niños chiquitos
De los que andan burlando a su plazer?
Tiñese vno la cara, eis alçan gritos

De miedo,

De miedo, y van corriendo al mas correr,
Lauase el gesto, bueluen los loquitos
Ryendo hasta de risa se caer,
De las rugas burlaes, blanco el cabello,
Burlaes, miedo al morir, q̃ es como aquello.

Lo que de mi preciaes, es poca tierra,
Que ya nada siente, es lo que siempre fue
Lo menos cierto os haze cierta guerra,
Is vos tras lo que veis, no tras la feè,
Qual de vos otros sus sueños afferrar
Y soñaes toda via no se que,
Desseos vanamente assi estimados;
Que matan desseando, y ya alcançados.

Estès por siempre buena Celia en gloria
Alla, y en fama qual dexaste aqui,
Deuiose tal corona a tal victoria
Del nemigo, del mundo, y de ti,
Tales contrarios que en nuestra memoria
No se veneido quien los aya assi,
Derechamente corriste ala palma,
Dexaste el cuerpo atras, auante el alma.

Aurelio.

O buen Mauricio y con que medecina
Vngiste la mi llaga, honda, cruel,
Con tan dulce breuage, y tan diuina,
Que me diste por medida, y por niuel,
A quel mal, muerto que me vuiera ayna
Tu me saluaste de las manos del,
Hiriera me el do lor que aya mal grado
Ayas lo bueno tu, que me has sanado.

Agora

Agora pues tal es, amigo escucha
Prouare la çampoña, si ha tambien
Cobrado aliento, traz l'angustia mucha,
Que a reuezes se van el mal y el bien,
Cayendo y leuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van y vien,
Ora la buena Celia se leuante
Para que della taña, y della cante.

Canta.

Alçose deste baxo Celia a buelo
Dexo la tierra, que della era indina,
Passo nuues, passo de cielo aaielo,
Matò la sed en la fuente diuina,
Cessen los llantos, cesse el desconsuelo,
Que ella nos llama a fiestas, y encamina
No se oygan mas aqui, saluo cantares,
Dezidmelos a cientos, y a millares.

Oyanme todos que la Celia nuestra
Es hecha de mortal que era, immortal,
Quien no lo vee? a quien no lo de muestra
Claramente tal vida? y muerte tal?
Quan differentes fiestas que ya le muestra
Su guia (a toda parte) angelical
Bolued todos porende en vuestras mẽguas
A Celia el coraçon, bolued las lenguas.

O buena, ò santa Celia, estos estremos
Que viste y vees d'alla de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni para que, si tu no vales,
Quanto sudamos, quanto q̃ hecho auemos

Todo

Todo fue por demas, a tantos males,
De Dios algun remedio nos alcança
A los tuyos (oy mas) cierta esperança.

Demuestranos d'ella Celia aquel santo
Amor, que de los tuyos te encendia
Que amaste tanto, y te amaron tanto,
En ti el su mal, en ti el su bien se veya
Y conque angustia el mal, el bien con quanto
Zelo de caridad: con que alegria?
Como en la casa veese al grande espejo
El que entra ledo, o triste, el moço, el viejo.

A quien yran con fiuza en los clamores?
En las sus rogatiuas y demandas
Son que, a ti buena Celia tus pastores
Y las zagalas partidas en bandas?
Ellas cantando dellos sus loores,
Ellos callados texendo guirnaldas,
Ellos, y ellas todos tus deuotos
Comiença a acostumbrarte a nuestros votos.

Ergued aqui comigo vn memorial
Que a cierto tiempo vengan por los años
El buen viejo anciano, y buen zagal
Y juntamente vernan con sus rebaños
Que de mala cagion guardes, y mal
De malos ojos que hazen tantos daños.
Vernan honestas, y buenas Zagalas
Manda el bosque vedar (Celia) a las malas.

Que es esto? o si me engaña el gran desseo

O Cierto

O cierto que las agoas deseadas
Caeran presto, que señales veo,
Las garças van bolando en alto alçadas,
Mueuese la floresta a lo que oteo,
Muestra la Luna manchas assombradas,
Vanse los altos de niebla cubriendo,
El Sol embuelto en nuues escondiendo.

Mauricio.

Como quien atrauiessa vn monte erguido
Sin sombras, y sin agoa en las calores
De Iulio y Agosto, vn mes, y otro cumplido,
Y quando son en toda parte ardores
A tanto mal, cansacio aun añadido,
Falta el aliento, crecen los sudores:
En fin por vna peña agoa que caya
Se buelue luego a vida el que desmaya.

Tanto tus dulces versos me pluguieron,
Y tanto tuuon de fuerça y poder,
Que otro me han fecho, como se perdieron
Entre nos el cantar, como el tañer?
Que tanta fama a los pastores dieron?
Mas dizenme que vienen a correr
Ciertos pastores del estremadura,
Que deste ayre hecharon la niebla escura.

Aurelio.

Oyes? o quiçano, Mauricio hermano
Aquel por cierto s'es el triste Amaro,
Que con la muerte va peleando en vano,
Passado del dolor de claro, en claro,
Hanlo como metido a sacomano,
Amor y muerte fecho exemplo raro

De la

De la fortuna, y de sus embaraços,
Con el brauo dolor, anda a los braços.

Amaro.

A que parte se es ida esta alma mia?
Quien me la enseñara? o que hago aqui?
Sin ninguna de dos que antes tenia?
Entramas se ajuntaron contra mi,
Dexanme ciego, dexanme sin guia,
Pareceos este Amor? dexarme ansi?
Nunca han quesido consigo lleuarme,
Nunca tornarme a veer, ni a consolarme?

Como vna llama por el monte ardiendo
Que presto en alto buela, y no aparesce,
Sale de vista assi, viendo, y no viendo,
El humo solo turbio remanece,
Ora tal claridad resplandeciendo
Agora agora como se escurece
Ansi tan presto? triste ado me ire?
Sin ti, y alla sin ti que me vere?

Cuitado, y los lugares do te veya
Y donde me eras cadora presente,
Y todo aquello que en tu compañia
Me era vida y salud, son me otramente
Son ansias, soledad, y cuita mia,
Huyendo se va el coraçon doliente
Dexadme ir abuscallo, y si no viene
Tenga tambien amy quien me lo tiene.

Mauricio.

Sintionos compañero, y no ha parado
Como pararia, y a dò, quien do si fuye?

Elen

Bien como herido corre el gran venado,
Crece corriendo el mal que lo destruye,
Que labra el hierro, y tiro auelenado,
Tanto mas con el trabajo la vida concluye
Ya que no puede mas, caerse dexa,
Pone ala vida fin, pone ala quexa.

Mas vamos al lugar religioso
Ya agora, y sera enel siempre por venir
A todos, donde en paz yaze y reposo
Lo que de Celia no pudo subir
Por ora al cielo, mas ò que sabroso
Letrero Aurelio, ponteme a oyr
Veras poner seis cientos por aqui
Tal deseo dexo Celia de sy.

EPITAPHIO.

Buen'alma que la carne aca dexaste
No podiendo sofrir mas tiempo el peso
Suyo, conquien en bregas siempre andaste
De mi piedad te mueua, que aqui preso
Al amor de las cosas que aca amaste,
Estar me mandas, ay no basta el seso
A tanta cuita, todo prueuo en vano
Estiendeme d'alla, Celia, la mano.

Aurelio.

Este sacòlo Amor de las entrañas
D'aquel preciado, tamaño pastor
No pudieron las fuerças ser tamañas
En otro spirito, ni tan raro amor
Verian pastores de nuestras montañas

Aprouar

A prouar sus sampoñas y valor:
Mas quien quieres que iguale, o taña, o cante?
A quien amando assi passa adelante?

Ora abalemos para el nuestro abrigo,
Que ya me parece que vrrian las cabras,
Y las ouejas, Turibio y Rodrigo,
Otros sueltan los bueyes, dexan las labras.

Mauri. Si, qu'es tiempo, mas primero amigo
Digamos l'estas deuidas palarbas,
Seate (ò Celia) la tierra liuiana,
Nascan rosas aqui, nasca la grana.

ANDRES.

Ecgloga ao Duque de Aueiro.

EL congoxoso llanto, el temerario
Amor del nuestro Andres, la maranilla
Que al hato lo voluio, todo al contrario
Que dantes era, ya manso y sin renzilla,
Tanto medio mudo, y solitario,
Que solo vello mueue a auer manzilla,
Mientras yo canto, cante aqui comigo
Amor, aunque cruel, aunque enemigo.

O El

El primer amor suyo, el primer fuego,
Y los primeros suyos desconciertos,
Centellan los sus ojos sin sossiego,
A desora de lagrimas cubiertos:
De malos celos, y de furia ciego,
Vase braços cruzados, quando abiertos,
Que reposo no dase, ni vn pequeño
D'espacio, ni al comer, ni al dulce sueño.

Señor, y no os sea en menosprecio
La çampoña de Pan Dios de pastores,
Tenida antiguamente en tanto precio,
Tambien entre los Principes mayores,
No podemos a Codro, a Mucio, a Decio
Todos cantar, no los altos señores,
Los Reyes vuestros passados y presentes,
Esforçados en guerra, en paz prudentes.

A vos señor no os cupo en suerte guerra,
Estamonos aqui como en vedado,
Por el gran Rey que en paz rigo su tierra,
A nos vn Numa, Romulo grande armado,
A los infieles que lexos destierra
Temido dellos, de nos mucho amado:
Entretanto os abris altos caminos
Por los libros humanos, y diuinos.

Entre los quales tienen su lugar
Las blandas Musas, que aliuian el peso
Del mucho estar a tento a especular,
Que aturar no lo puede humano seso,
Mas alto s'alça que solia estar
El ramo, que algo yuso estuuo preso,
Y puedese mejor boltando vn trecho
Subir al monte, que luego al drecho.

Pudierades passar la juuentud
Como otros grandes Principes, andando
A passatiempos, y a la multitud
Delos deleites, onde, como, y quando
Hiziesseos mas hermosa la virtud,
Assi como ella va de flaco vando:
Tan presto conosciste los afeites,
Y el falso resplandor delos deleites.

Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercules quando moço en despoblado,
Por hierta via, d'vna vieja dura,
D'vna moça por llana encaminado.
La vieja espinos muestra hasta el altura,
Flores, fuentes, la moça por el prado:
Mas aquel coraçon que no desmaya,
Por el monte agro và, dexa la playa.

Ora otra vez a Andres, que va fuyendo
Delos otros pastores, y lugares,
Y aun los caminos cuitado, añadiendo
Vanamente, cansancio a los pesares,
Ab loco y de quien fuyes? vas corriendo,
Vas dando viento al fuego, y si mirares
Ar de la llama mas, otra vez loco,
Porque corres al mal? ve poco a poco.

Tu mientras que los otros apascientan
Los sus rebaños, Ioan, Pedro, y Rodrigo,
En duro pedernal buego arrebientan,
Y furtados al viento en buen abrigo,
Delos passados sus cuentos recuentan,
Tu debatiendo vas solo contigo,
Mientras tañiendo estan, mientras cantando,
Tu solo assi te vas deuaneando.

Pascoala cruel sierpe, (no offendida
Alomenos de mi) toda inflamada
De su veleno, dâ d'arremetida
El cuello, el pecho, y la cabeça alçada,
En tres partes la lengua repartida
Como llama de fuego apressurada,
Qu'es esto? qu's lo que bize? ab que me quieres?
Cruel, la mas cruel de las mugeres?

Querida sobre todas las zagalas,
O que bechizos, ò que encantamento,
Y dura fuerça de palabras malas,
Ansi te han bechoo sin conoscimiento!
Bien pintan al amor ciego y con alas,
Alçose presto, y tan liniano al viento,
Yo tras el d'assomada en assomada,
Que no se tras que voy, voyme tras nada.

Y nunca quiero entrar comigo en cuenta
Que cierta sea (triste) ni saber
La causa porque esta alma a si se affrenta,
Que a nadie mas que a si deue querer,
Amor como enemigo, que consienta
Me dize, vine triste a vn cierto ser,
No se a quien fuyo, fuyo mi ventura,
Que buen remedio locura a locura.

Aun las fieras seluages como son,
Vencer se dexan de humanidad buena,
El toro brauo, el tan brauo leon,
Con tiempo muestran que no sienten pena,
El vno en yugo, l'otro en la prision,
Si la boz conoscida al ayre suena
Del balconero, luego desd'el cielo
Oyendola el balcon, baxa de buelo.

Todo lo vence el tiempo, y la porfia:
En piedras duras si el agua desciende,
Ella tan blanda, cana toda via:
Es duro el hierro, gastase porende,
Lo que vn dia no puede haze otro dia,
A las sus fuerças quien se le defiende?
Durissima Pascuala, quanto en ti
Amor, trabajo, fee, tiempo perdi?

Vemos la golondrina, buelto el pecho
Al viento, como vn rayo yrse bolando,
Or' en cielo, or' en tierra, el cuerpo estrecho,
Sin las alas mecer, son quando en quando:
Contra la vena d'agua va al derecho
La trucha, aun las açudas traspassando,
Con quantas aues mientras dia buelan,
Otras ay que las noches se desuelan.

Ay animales que a los nuestros fuegos
Se acogen, constreñidas del mal frio,
Otros nos huyen, son como vnos juegos,
Vnos al monte vanse, otros al rio,
Otros por dentro dela tierra ciegos,
Ende se biuen, otros del rocio,
Otros del fuego: no tienes Pascuala
Condicion de muger, no de zagala.

Mas antes de zagala, o de muger,
Que debaxo d'aquella vista hermosa,
Tan llegada a diuina al parecer,
Escondio la natura artificiosa
El mayor mal que pueden ojos ver,
Engaño que haz la pena deleitosa,
Ponçoña de gran fuerça mata el vellas,
Mata el oyllas, mata el oyr dellas.

Oo que ayas mucho de mal grado Amor,
Que assi nos turbas el entendimiento,
En lo que's mas dañoso ay mas sabor,
Errado el peso, la medid' y el cuento,
Donde se sigue que de aquel error
Se vengan recreciendo ciento y ciento,
Qual fuente auelenada perenal,
Donde mana despues tanto de mal.

Suerte triste y cruel, que tal consiente,
De monte en monte voy, de valle en valle,
Huyendo lo pisado dela gente,
Para que solo grite, y solo calle:
Amor viense tras mi porfiadamente,
Que no se quien lo enseña a que me falle,
Y a tiempo ser deuia que dexasse
Este Andres triste, y qu'otro Andres buscasse.

A quien como a zagal mucho sandio
Mostrasse qu'en boluiendo los sus ojos
Tan blandamente, no dexa aluedrio,
Inchiendo el ayre de vanos antojos,
D'vn querer, d'vn esperar, mas que baldio,
Gozos inciertos, ciertos los enojos:
En fin (como se dize en viejos cuentos)
El ayre llena los encantamentos.

Aquellas sus pinturas tan hermosas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Aquellas prayas tanto deleitosas,
Aquellas tantas riquezas sin dueños,
Tantas sin precio piedras preciosas,
Las naues viento a popa, vanos leños,
Las fuentes claras, tan frescas verduras,
A desora (no veis?) son peñas duras.

Mas eya, que ansi manda aquel villano,
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos,
Que vaya adonde el mundo, el siempre cano,
De nieues blancas, de continos yelos,
Las aguas presas, el sol cansa en vano,
Siempre ñublados, y turbios los cielos,
Como se alçaron en las mis entrañas,
A ver si resfriaran llamas tamañas.

O por ventura seria mejor
Irm'bazia estotra parte, adonde vea
El sol andarme siempre al derredor,
Que no s'esconda, como que esto sea
Siquiera algun alinio a mi dolor,
De que esta alma vencida deuanea,
Triste, d'otre quiça podras fuir,
De ti como podras descabullir?

Si vn'hora no podia estar sin ti,
Como podre passar por los tamaños
Dias, como ora vienen sobre mi?
Como las tristes noches? que son años?
Si todo, si a mi mismo aborreci?
Despues que supe mas destos mis daños,
Ora desengañado aqui que attiendo?
Que m'aconseja amor? que no lo entiendo?

Con que viene de nueuo esta mal sana;
No se si es alma la que me detiene,
De noche auiendo miedo a la mañana,
De dia a la su noche quando viene.
Ora fuye, ora buelue a mi liuiana,
Por como algun antojo sobreuiene,
Ya que no vee se aqui remedio alguno,
A que prouando los anda vno a vno?

Ay que quereis de mi muerto ala luenga?
Quanto tiempo que mal gasto en querellas!
Dexadme ir ver primero Blanca y Menga,
Que m'embian dezir que vaya a vellas,
Las mis buenas amigas, y no es luenga
Iornada, harelo todo antes d'estrellas,
No lleueism'alla no, que Dios os vala,
Que no està como solia ende Pascuala.

Mudò los passatiempos que tenia
Aquella ya mi Pascuala, antes agena,
Antes tod'otra cosa, que no mia,
Quien la quisiere hallar busque Ximena,
Busque Anna la su buena compañia,
La Sancha, la Toribia, y la Morena,
Enseñadas a hazer por mis peccados
D'vn solo coraçon muchos guisados.

Mas yo a quien me aquexo? el de culpar
Yo soy: de quien me quexo pues qu'andaua
Con tanta diligencia a m'engañar?
Si m'era el que traya y que lleuaua
(Qual dizen) al sabor del paladar?
No veya, no entendia, no escuchaua,
Que mas ciego, o mas sordo puede ser
D'aquel que ya nada oyr quiere, ni ver?

Qual vida, qual salud se le pudiera
Igualar a tal muerte como aquella?
Que oyendo y respondiendo se partiera,
Los ojos al quebrar de vista enella,
Que cogia la niebla postrimera
Delos sus ojos, que aun alçaua a vella,
Vete en paz moço con tales despojos,
Que no bueluan atras nunca tus ojos.

Dexadme ir alos montes, qu'vn Cingial,
Vn Osso, vn lobo, mientras los persigo,
Quiça vn dia daran fin a mi mal,
Murio enel monte Adonis, d'enemigo
Colmillo en furia herido (y quo zagal
De tan hermosa Diosa hermoso amigo)
Ella lo tiene en braços, quien los viere
Apenas juzgarâ qual dellos muere.

Y quando fuesse que en los montes frios
Peligros ni cansacios me venciessen,
Y que los hielos por los hondos rios
Por su dureza, passada me diessen,
Acertars'hia que los canes mios
De rabia, o quiça de hambre, me comiessen,
Por los diuersos acontecimientos
Que nos hazen creer los viejos cuentos.

Quien te sabra dezir cierto sin falla
En que parte del mundo, en agoa, o tierra
Te desafia muerte a la batalla?
Que siempre amenazando a vn pũto aserra
Como le aplaze, mejor es sin falla
Anteuiniendo dar fin a la guerra:
Vamos, que traera despues la suerte
Iusta vengança a la mi injusta muerte.

Alla me llama amor d'aquella altura
A bolar, tras el voy, verè si ansi
Podra fin darse àquesta mi locura:
Passaran los pastores por aqui
Cantando dela mi corta ventura,
Cruel llamando amor, cuitado a mi,
A prissa por salir del val priado,
Por la muerte de Andres mal estrenado.

Los vnos a los otros cantaran,
Huyd la valle do yaze el zagal,
Los otros tanto le responderan
Huyd la valle do yaze el zagal:
Y todos juntos mas añadiran,
Que por amar tan bien murio tan mal,
Que por amar tan bien tan mal murio.
Dessa peña tan alta Amor lo despeñò.

Si cantaran quiça por las florestas
En tiempos por venir buenos pastores
El cuento mio, y las duras requestas,
Los faltos de ventura mis amores:
En verano a las sombras por las siestas,
Al fuego, o sol passadas las calores:
Que refrigerio auran los huessos frios,
Sintiendo assi acordar los casos mios?

Dixo, y teñido de color de muerte,
Va se subiendo por la brana breña,
Amor aqui los mis versos concierte,
Si a los suyos y a mi versos enseña,
Aunque seria bien d'aquella suerte
Que dizen, Al mar agua, al monte leña,
En versos añadir mas alas cosas
Y a las obras de amor marauillosas.

Agora que me hare? que me aconsejas,
La mi çampoña tanto ida adelante?
Las Musas vergonçosas zagalejas
Todas se me desnudan al semblante,
Los ojos baxos, baxas las sus cejas,
Mas Apollo el mayor manda que cante,
Por fuerça es que se cumpla su mandado,
Sino que mal me tiene amenazado.

En la gran peña vna honda cueua auia
No por fuerças humanas, ni exercicio,
La natura alli escondida la tenia,
Obra delas sus manos, y arteficio,
Para quando vn tal caso acontecia:
Ora Andres que al su proprio sacrificio
Peusaua, ende arribo, diz que acontece
Tal vez creciendo el mal que se guarece.

Fuesse verdad, o fuesse sueño, Andres
Vio dentro (o penso ver) d'aquella cueua
Satyros que cantauan cabripies,
Y Faunos, y Syluanos, cosa nueua
Antes no vista, que yo sepa, ni despues,
Crean los por venir, qu' harto es grã prueua
Vello de loco sano, veer que alguna
Noche el caso cantò solo a la luna.

Diziendo enfin Saltauan las sus fiestas
Nuestros rusticos Dioses, yo estordido,
Delo que veya, con mi mal a cuestas,
Cahi por tierra, sermeha mal creydo,
En derredor boltauan las florestas
Boltaua juntamente el mi sentido:
A veuezes cantando vnos dezian,
Los otros despues, otros respondian.

Satyros. Pasiphae (ab que vergueça) va buscando
El toro hermoso, va se a las manadas
Delas sus vacas, sola suspirando,
Teneisme aca el mi amor? tan mal miradas
Que me forçais del mio, y veis qual ando,
(Dezia, de mil lagrimas regadas
Las sus mexillas blancas) ab cruel,
Que s'anda tras vosotras, yo tras el.

Faunos. Rodeaua las aguas vna y vna
(Del blanco Cisne enamorada) Leda,
Alçase a buelo, ella sin ninguna
Color de biua, vn blanco marmor queda,
El que traspone, ora aquella laguna,
Ora aquel rio, quanto mirar pueda,
Con mil sospiros busca siempre en lloro,
Alla va el coraçon tras su thesoro.

Syluanos. A quien su coraçon la gran guerrera
Simiramis darâ? saluo al ardiente
Cauallo, qu'enlas as mas conosciera
Corriendo, ardid, al freno obediente,
A quien los pies, a quien vn blanco abriera
Por medio la orgullosa, y alta frente,
Y aquella que por si no teme a cosa
Por el ala bat alla entra medrosa.

Satyros. Fueron las nietas de Bello cincuenta
Y cincuenta los nietos, ajuntò
El casamiento a todos: de tal cuenta
Dela su sangre limpias no guardò
Las manos, saluo qu'vna mui sangrienta
Y cruel noche, que tal encubrio:
Tardaua el sol a ver el caso indigno,
Quando vuo de venir cubierto vino.

Faunos. Beldad, sangre, thesoros, arte, y estrellas
Todo lo tuuo en su fauor Medea,
Aqui perdonen las nobles donzellas,
Si del su amor se cuenta obra tan fea,
Que buen remedio dellas sus querellas
(Quasi lugar no dexa a que se crea)
Alos sus hijos tiernos ayrada puso
Manos, deuidas mas a rueca y huso.

Syluanos. Vn pastor brauo de luengos cabellos,
Ante quien no paranan los leones,
Quantas injurias por amores bellos,
Mas que buenos passò, quantas prisiones
Y en fin la muerte que no vee los sellos,
No se como assi son sus coraçones
Al reues, por bien mal, por el mal bien,
No mirau como, no porque, no a quien.

Satyros. La joya de Eryfile, que escondia
Tantos de males en la su riqueza,
Sobre los otros tantos que hecho auia,
Hizo aquella infamada, y gran crueza,
La muerte d'Amphiarao, que toda via
Mas no pudo, pero con la dureza
Del hado, tal prudencia, y tal saber,
Todo vencio cobdicia de muger.

Faunos. Esta nuestra riqueza ansi aldeana
Offrescida però, quien la desecha?
El don hermoso dela blanca lana,
Bien sab'el nuestro Pan quanto aprouecha,
O que ella fuesse, o parescio Diana,
Era alta la floresta, vuo sospecha,
No burlo mas de veras, como es esto?
Quien mas cargado va, llega mas presto?

Syluanos. Aquel Galo pastor, aquel que tanto
El Tityro alabára por licores,
(Zagala ingrata) todo en cuita y llanto,
Como muerto quedò matando amores:
Ella sigue las armas, que ni tanto
O quanto, a lloros mira de pastores,
Socorriòse el cuitado a la çampoña,
No remedio aquel mal, antes ponçoña.

Faunos. Las sus parientas tan ricas zagalas,
De tanto ganado, y de thesoro,
(En todas partes se ay delas Pascualas)
Colgò su amigo Andres de vn cordon d'oro
Que ella labrara por sus manos malas,
La mayor, la segunda siempre en lloro,
Y sangre, concluùa el su amor breue,
El Sebetho lo sabe, y quien lo beue.

Syluan. A cab' del turbio Tybre, que rebaños
Ay de zagalas, mas que deuen sueltas!
Que biuen de doblezes, y de engaños,
Palauras dulces, en ponçoña embueltas,
Con que alos moços, con que a viejos d'años
Hazen que ciegos van dando mil bueltas,
Isla de Circes mala: alli vereis
Vnos tornados puercos, y otros bueys.

Todos. Quien bastarà contar cosas sin cuento?
Lo sin medida, quien piensa medir?
Armar las redes, que no fuya el viento?
En blanca arena sembrar y cubrir?
Bien veese qu'es mui vano pensamiento:
Las leyes communes hanse de cumplir,
Mas que emendar: a vezes se sostienen
Las cosas, que vnas van, y otras vienen.

Autor.

Siguiose deste mal grande prouecho,
Que oyendo de Pascuala y de Andres
Hablar, erguime a fuerça en gran despecho,
Mas buelto a mi, diziendo, Esto como es?
Si sueño? o vanamente si sospecho?
Beso la tierra, y dando delos pies,
Voyme a vn'agua corriente, ende lauado
Boluime al hato, huelgo ansi apartado.

ECGLOGA NEMOROSO.

A Antonio Pereira, senhor do Lamegal, & do Basto.

DElos nobles Floiais
En Pereiras mudados,
Derecho tronco, sin algũ cõtrasto,
Que por nombre contais
Todos vuestros passados,
Del tiempo del buen Rei Alonso el Casto,
Tan biuo se halla el rasto

De succesion derecha,
Y noble antiguedad,
Hast'esta nuestra edad,
Si al grãde coraçõ algo aprouecha,
Oyd vuestros pastores
Que riñen, y otros cantã sus amores.

Espero que algun dia
Aun s'oyga en lexos parte
(Sino qu'l grã desseo siempr'engaña)
Otra çampoña mia
Labrada con mas arte,
De fino box, y no de flaca caña:
Agora en mi cabaña
Adonde al importuno
Tiempo me vine huyendo,
Que mal si estoy tañiendo
Rusticamẽt' y no offiẽdo a ninguno?
Que abrigado este fuera,
Sonqu' entran aca vientos de fuera.

Quanto tiempo perdi,
No se por donde anduue,
Vi tierras, vi costumbres differẽtes,
Ya tarde bueluo en mi,
Vn poco sobr'estuue

Arrimado, y dexé correr las gentes,
Por los inconuenientes
Veer con ojos mejores
Segura, dulce, y santa
Vida del monte! ah quanta
Vana fatiga vi! quantos sudores!
Y ansi cansado y muerto,
De poluo llegue aqui todo cubierto.

Bien pudiera jugar
Todo el dia al tablero,
Con la suerte engañosa porfiando,
Pudiera trasfegar,
Los ojos al dinero,
Por el jurando, por el perjurando
Mas fuime sosacando
A peligros de villas,
Y embates del concejo,
Busca abrigo el buey viejo,
No es tãto el mal d'aca, no las rẽzillas:
Embiastesme el buen Lasso,
Ire pagando asi mi passo a passo.

Al qual gran don, yo quanto
Deuo, sabeis, que ardia

Temiendo y desseando juntamente:
No me atreuia a tanto,
Qu'el son que me plazia
Por mi aplazer fiziesse a nuestra gente,
Aqui cab'esta fuente
Iugaua solo el juego
Sacaisme alla a la clara,
Lo que antes no acabara
La soberuia amenaza, o el blãdo ruego;
En compañia tal
El bien sera mas bien, menos el mal.

PASTORES DA ECGLOGA.

Pelayo. Sancho. Rodrigo.
Sallicio. Bras. Serrano.

Pelayo DIme pastor de cabras alquilado
(Y no te enojes con la tal demanda,
Que m'echas vn mal ojo atrauessado;)
A quien embio Toribia la guirlanda
Qu'ella traya sobre sus cabellos?
Cantando, y cõ que boz? clara, y quã blãda?
Y a quien embiaua juntamente aquellos
Sus ojos, que de amor son corredores,
Y qu'el mismo se va biuiendo dellos?
Mañana de san Iuan, quando a las flores
Y al agua todos salen, quien tal gala
Vio nunca, y sus desdenes matadores?
Ora que parescia alli Pascuala?
Y Menga? què Constança, y la Perona?
Aquellas

Aquellas que a su veer quien las iguala?
Que gracia, que frescura, y que persona,
Que color d'vna rosa a la mañana
Se muestra al sol, que se abre, y se corona?

Sãcho. Soldada tuya fue, cabeça vana
Todo esse cuento, sirues año, y años,
Enfin poco ganado, y poca lana.
Simple, que no percundes los engaños
Dessas demostraciones apparentes,
Vestidas por defuera en verdes paños.
Tu duermes, y no duermen los parientes,
No los amigos, no quien cada dia
A tus locuras claras para mientes.
Pelado, oh, oh que erre; Pelayo, es mia
Vn'hora, es otra tuya, otra verna
De otros, que ansi se truecan a porfia.
Quando el tiempo sereno y claro està
Mas que no suele, recogiendo, assuela
Todo con su tormenta por do và.
El feo turbion, y escuro, buela
Todo, embuelue consigo quanto aferra,
Amenaza la villa, y el aldehuela.
Mudado aquel sossiego en tanta guerra
Tomate descuidado el temporal,
Ni quien eres sabras, ni de que tierra.
Correr no puede siempre el rio igual,
Ni el viento soplar manso, blando, y quedo,
Más durar (mal peccado) suele el mal.
Va ledo, va seguro, va sin miedo,
Soberuio, todo inchado va, que ansi
Se cae a ser mas triste, que antes ledo.

Pel. A vos gracias mis ojos, con que vi

Vno que anda por ser ya del concejo,
Y yaze sin saber parte de si,
Cierto no se llotraua de buen rejo.
Fazia vnos pasmar, otros reñir.
No lo tien' para si, quier dar consejo.
Que locura podeis mayor oyr,
Oydos pacientes? que vn bauoso
Creer que fortuna siempre le haya a reyr.
Que no pueda estar queda, por donoso
Por mas sabido de toda el aldea,
No, no, son por mas lindo, y mas hermoso.
Enfin prò te haga, por tu bien te sea
Zagal nascido en hora tan plaziente
Si confiança a mal no te acarrea.
Toribia, o que dire? braua serpiente
Puede tener amor? Antes terna
Llouiendo el rio hinchado, su corriente.
Y en seco los sus peses dexarà
Cada vno delos rios Tajo y Duero,
Destemplose el relox, quantas que dá.

Pel. Todo se mude, vaya al ventisquero
Bolando el Galapago, y ponga boca
A la gaita el nouillo plazentero.
Baile el buey perezoso, y viejo, en poca
De plaça; pues ay lengua tan osada,
Tan atreuida, tan dañada, y loca.
Mas muerde sierpe mala arrauiada,
Seas quien sueles: que sera quien fue
Toribia, siempre hermosa, y siempre amada.
El perro por costumbre, a quanto vee
Y no vee, ladra, sin mas dilacion,
Corre aca, corre alla, no sabe a que.

Mas

Mas eis aqui que pongo el mi çurron,
Tomo el cayado, salga a campo quien
Defenderme quisiere otra tencion.
Turibia: (ay quien lo niegue?) es quanto bien
Tenemos; (ay quiçá quien contradiga?)
En bondad, y beldad digo tambien.

Sanc. Tus palabras (parlero) vna hormiga
Al viento alçallasha, no pesan mas:
La tu locura propria te castiga.
Però porque loquillo inchado estàs,
Solamente dirè que essa perjura
Pensar, ni hablar mas della, es por demas.
Que de muger no tien' son la figura,
Con que engaña los ojos, vn bien tiene,
Que sea mucho el mal, mucho no dura.
La tan liuiana cosa no sostiene
Reposo alguno: mas viene Rodrigo,
Otro tiempo serà que te lo appene.

Rodr. *Yo voy fuyendo, va solo comigo*
Este enemigo Amor, siempre riñiendo,
Que no lo entiendo, aunqu'harto lo he tratado,
Siempre enojado, siempre murmurando,
Causas buscando para sus sospechas,
Cuentas estrechas, de celos pesados,
Por mis peccados (como a Amor pluguiera)
Vn bien me diera en que pensar pudiesse,
Siquiera fuesse acompañado, o solo:
Luego turbolo aquel plazer tamaño,
Vn caso estraño, que en el pecho trayo,
Era por Mayo el tiempo, y mis amores

Lleuauan

Lleuauan flores, vino vn cierço frio
En daño mio, todo lo ha quemado,
Ah bien passado, quando alcè mis ojos
Secos abrojos vide, que otro no,
Quien lo mudò assi todo d'otramente?
Quien la mi fuente turbò limpia y clara?
Do me mirara: y vi la gloria mia,
Quando fuya el tiempo a tal sabor,
Mientras a Amor le plugo, y mi ventura
Poco segura, fuydiza, y vana,
Suerte villana: mas yo quien oteo?
Zagales veo, Amor enemigo,
En buen abrigo me faltò el reposo,
Menesteroso aqui, y en toda parte.

Pel. Rodrigo guarte, no te aya traydo
La mala suerte quando yuas fuyendo
Los hombres, donde el drago era escondido.
A donde con la su lengua esgrimiendo
A biuos ni alos muertos no perdona.
Ora pensando mal, ora diziendo.

Sãcho. El mismo soncas es, que se apregona
Hablando assi, que bien hablar no sabe,
Su gesto lo descubre, y su persona.

Pel. Ha, ha, no cale mas que otro se alabe,
Ni que a otre desprecie, que oy tal dia
Se puede todo veer antes que acabe.
Si manda que partamos la porfia
A cantar y baylar, si quiere a lucha,
O si a puñadas, mas que plazer me haria.

Si canta, y no baila, y sino lucha,
Ni tiene manos, que no tenga boca,
Quiere a tañer, tu juzga, y nos escucha.

Rod. Ohla, teneos, que discrecion poca
Es esta vuestra? soncas bien tuuistes
De tiempo a la locura que ora os toca.
Si como adrede esperando estuuistes
Por mi, justo es tambien que de vos sepa
A punto, por qual causa ansi reñistes.

Sãcho. Yo m'estaua arrimado a aquesta cepa
Deste fresno, pensando al refran viejo,
Qu'en su pellejo cad'vno se quepa.
Vinose este loquillo zagalejo
Hablo como quien es de buena entrada,
Y no cupo por cierto en su pellejo.

Rod. Al mal se vaya el mal, dese passada
A toda furia, y todo encendimiento,
Que la passion es ciega, y no vee nada.
Sancho, y tu deues de tener mas tiento,
Qu'eres mayor de dias, y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.
Mas oygo vna çampoña, y no se quien
Lo acompaña cantando, al que parece
Salicio, y Bras, el vno & el otro bien.

Salicio. *Quando se pone el sol, quando amanesce,*
Siempre anocbesce en este valle aqui
Triste de mi, de doze o treze estios,
Los ojos mios quando enxutos vistes?
Ojos tan tristes, de lagrimas ciegos,
Que tantos fuegos acendeis llorando,
Cuitado y quando, pense qu'eran muertos,

Siendo cubiertos de tanta y tanta agua,
En la gran fragua alçose mayor fuego,
Dezidme os ruego de que pedernal
Se aciende tal hoguera, y que tanto arde?
Tanto a la tarde, que quando todo falta
Llama mas alta sube, y mas se esfuerça,
Toda otra fuerça, o vence, o mengua el dia,
Sola esta mia congoxa está dura,
Ay la ventura como vas burlando,
Bien esperando si yerra, mal no si yerra,
Fuhi por tierra, fuhi por la mar,
Nunca aportar a parte pude estraña
Nunca a tamaña de ayre differencia,
Qu'esta dolencia, Amor, locura, o qu'era
Ende primeramente no arribasse:
Y me mostrasse que era por demas
Boluer atras, ni escabullir por pies,
Prouè despues, la mi paciencia luenga
Mas a la luenga, todo a faltar viene.

Rodr. Aca se vienen mis buenos hermanos,
Quantas de quexas van de los amores,
Las quexas vanas, los amores vanos.
Duelen mas que de veras sus dolores,
Sea mucho en buen'hora la venida,
Llegaos mas aca buenos pastores.

Sall. Sea la voluntad tuya cumplida,
Rodrigo estès con bien, Sancho, y Pelayo,

Todos

Todos plazer ayays, y larga vida.

Rodr. Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan las plazeres buenos.
Con q̃ el tiempo se huye como vn rayo.
Aca nuestros amigos estan llenos,
(Ansi lo digo a entramos de consuno)
De celos arrabiados quando menos.

Sal. Dexemos los pastores, que ninguno
Sin quexas d'Amor va; dadme las aues,
Dad peces, y animales, vno a vno.
Todos yazen debaxo de sus llaues,
Y los Dioses tambien: por este Apollo
Inchio los campos de cantos suaues.
Pobre pastor de Admeto, oyolo, y violo
Con çurron y çampoña el rio Amphriso,
Su cayado sopuesto triste y solo.
Quantos de lloros, por no se que riso!
Siquier nonadas, mas son quexas viejas,
Guai de quiẽ por señor lo quiere, o quiso.

Bras. O si no me engañan las orejas,
No m'engañá por cierto; este'es Serrano
Balando le responden sus ouejas,
Que çampoña, que voz q̃ suelta mano,

Serr. Arrayad los ojos ya por las alturas
D'aquestos montes, salga el su luzero,
Huyan oy mas d'aqui sombras escuras.
O buena Delia, nasca el verdadero
Sol nuestro, nuestra luz, y nuestro dia,
Y nuestro resplandor claro qu'espero.
Hermosa Delia, real seña, y guia,
Aparece alos tuyos que desmayan,

Y

Y amenazados dela muerte fria:
Los ojos tuyos soccorriendo vayan
A quien de otro no biue, ni otro espera,
A todos da remedio antes que cayan,
Si amanecieſſes seria Primauera,
Y lleuaria flores quanto alcança
A quella claridad relampaguera.
Quiera ella, o no, do los sus ojos lança
Fuele dado tal don, vida va dando,
Todos los bienes dá, saluo esperança.
Por donde assomaran? q̃ en assomando
Estos tus ojos, delas fuentes frias
Saldrã sus nymphas al sol, irs'hã peinando.
Luego las Drias, y las Amadrias,
Iranse passeando las florestas,
Como quando entre nos aparecias.
Versean Oreas por sus montes puestas,
A ver los ojos quales no se vieron,
Iamas en tierra, y estars'ha todo en fiestas.
Mas yo q̃ veo? con que me firieron
Subito de vna luz, como de rayo,
Con que mis ojos la suya perdieron?
ò Delia, mientra los auezo y ensayo
A tanta claridad, que no sostengo,
Detente, q̃ o me muero, o me desmayo;
Sea paz con tus ojos, que no tengo
D'aliento tanto, ay que desbaratan
Si no te vengo a ver, triste a que vengo?
Ojos son estos que ansi desbaratan?
Comiençan de alegrar, quitan sossiego,
Comiençan a dar vida, y luego matan.

Cubre

Cubre, ô cubre essos ojos, que tal fuego
Alçan al su boluer, que luego enciende,
Quien no se les desuia, es'ora es ciego.
O Delia, qu'el poder suyo se estiende
A mas delo que piensas, no los abras,
Trato entr'ellos y Amor, que no se entiende.
Mas que dire, si las mismas palabras
Me dexan ya? si fuego se derrama
Por montes, por los prados, por las labras?
Que no son ojos no, mas biua llama
De fuego, que siempre arde en sus meneos,
Biue ende, y reina Amor, ama, y desama.
Quien aguarda estos ojos Meduseos?
Que en piedras nos transforman con su brio,
Por mucha y desusada beldad feos,
Si se puede dezir tal desuario.

Rodr. O buen Serrano, a buen tiempo arribado
Sea por suerte buena, y no por vana,
Dame la mano aca de bien llegado.
Por essos mismos ojos, mas que humana
Beldad, y con razon tan alto erguidos,
Delante quien no para alma villana.
Ayudanos, que somos repartidos
Contigo assi a cantar como aqui estamos
A pares, lo demas juzguen oydos.
Defiendennos del Sol los verdes ramos,
El agua clara, y dulce son combida,
Y tal acierto, a que gasajo ayamos.
Del dia (pienso) la mayor partida
Passose en quexas, y parte en renzillas,
Sea ora en paz siquier la despedida.

Dexemos

Dexemos las questiones a las villas,
Cantemos, y tañamos los pastores
Entretanto d'Amor las marauillas.

Ser. Cantando vn tiempo fue, los mis amores,
Todo este grande cielo el Sol corria,
Despues las noches con los Ruyseñores.
Ay buenas auezillas, que a porfia
Vnas con otras, en pendencia vfana
Cantastes, yo tambien de companhia.
Hasta que de color de roxa grana
Abriendose los cielos al Naciente,
Las aues saludauan la mañana.

Rodr. Los milagros d'Amor quien no los siente?
Quien no está escarmentado? y no quexoso?
Mas no se ha de cantar del al presente.
Cumplido el año del buen Nemoroso,
Que solos nos dexò (mas quanto ayna)
El fue se al desseado su reposo.
Que podemos hazer cosa mas digna
Del, y de nos, que somos naturales,
Que cantar del agora a la contina?
Quedará por exemplo a los zagales
Que delos semajantes hagan fiestas,
Y tambien hagan ellos por ser tales.

Sal. No puede ser la causa mas honesta,
Vno tañe, otro cante, a quien la suerte
Cupiere, sin escusa, y sin requesta.

Ser. Ora que sea assi sin mal sin muerte,
A quien la mas cumplida, esse nos tañe,
Y cante aquel a quien la corta acierte.

Rod. La mayor cupo a Bras, como es tamaña!

La

La pequeña a Salicio. Bras. Artes vsas?

Rod. Engañado se vea el que te engaña.

Pel. Suso a cantar sin mas escusas,

Sal. Taña Bras, yo dire del Lasso nuestro,
Con buena ayuda suya y delas Musas,
Con grande perdon suyo, y grande vuestro.

SALICIO.

Enla muerte del buen pastor Nemoroso, Lasso dela Vega.

REzien subido al cielo
Pastor tan raro aca,
De muchos q̃ entre nos pascen la sierra,
Que assi te alçaste a buelo,
En tiempo ati quiça
A nos por cierto estraño, y esta tu tierra,
Temor el seso afferra,
Y flaco entendimiento,
Que sin ayuda darte
Se dispone a loarte,
Solos sospiros derramando al viento,
Y espedaçadas quexas,
Qu'en memoria de ti solas nos dexas.

El nuestro Nemoroso

Que las Musas d'España
En mil regalos auian criado,
Dexado el buen reposo,
Leuolo a tierra estraña,
De Marte el coraçon, o fuesse el hado,
La su çampoña al lado,
Con que fuerças ouiera
De ala muerte poder
Cantando enternescer,
Si ni a la muerte supplicar supiera:
Mas quando assi la vio
Ayrada, y toda fuego, arremetio.

No fueron los ganados
Dignos, no fuimos nós
Pastores dela tierra, ingrata gente,
Por los nuestros peccados,
Que nos dexasse Dios
Gozar de tanto bien permanesciente,
Que tan suauemente
Del Tajo a la ribera,
Y por do quiera que yua
A toda cosa biua
Con la su dulce boz enternesciera:
Y mientras el cantaua

Apollo

Apollo el su pastor d'alto escuchaua.

Las Nymphas por las manos
Nayadas, y Napees,
Al son andauan, al son desandauan,
Los Faunos, y Syluanos,
Satyros, Cabripies,
Las bastas sobrancejas encarnauan:
Las aues que bolauan,
Partiendo el ayre puro,
Por do sobia el son
Baxauan de rondon,
Dexando el cielo por el suelo duro,
Oyendolo a sabor
El merlo, la calandria, y el ruyseñor.

Mas aquel claro pecho
Do tanta de vista vuo,
Por esta nuestra noche escura todo via,
Todo tuuo en despecho,
Todo en nada lo tuuo,
Saluo dos llamas en que su alma ardia,
Vna de que tañia
La su dulce çampoña,

Otra de su valor,
Aquel y aqueste amor,
A la su corta vida vna ponçoña:
Mas parateme ledo,
Que siempre gran virtud se acabò cedo.

Alla por essos altos
No van los coraçones
Siẽpre dubdando, y en nueuos pensamiẽtos.
Alla no ay sobresaltos,
No vanas opiniones,
Pagadas siempre d'arrepentimientos,
Y no torres de vientos,
Que amenazan cayda:
Mas cierta y fiel suerte,
Segura dela muerte,
Y de cansacios desta estrecha vida,
Y tiempo apressurado,
A boluerte a quitar quanto te ha dado.

Por otros frescos myrthos,
Y sauzes mas crescidos,
Otros mas verdes prados, otras fuentes,
Entre raros spritos,
Que adelante eran idos,

Destos

Destos que aca dexastes differentes,
Que nueuo gozo sientes,
Ati gozoso viendo
Venir el Sannazaro,
Don Sebetho mas claro,
Por la su orilla fresca repartiendo
Con el su Melisseo,
Del Reino resplandor Partinopeo.

Quanto pastor Toscano,
Que Arno en la deleitosa
Ribera suya, oyo como han cantado,
Vendran aquella mano
Tocar auenturosa,
Que honraua or' el espada, or' el cayado,
Dos que agora han alçado
Sena, y Florencia tanto
Por noble sangre y lengua,
Daño tan grande y mengua,
Que nunca pudo igualalla el llanto,
Aunque fuera de lei,
Iuan Ruscula, y Lactantio, y Tolomæi.

Que daño incomparable,
De ingenios tan subidos,

Embiados aca tan raramente,
Y la suerte no mudable
A todos los nascidos,
No les perdona como a esta gente,
Suerte que tal consiente
Quan poco ha que los viera,
Agora, agora, agora,
Tan subito a desora,
Mas son de vista, y d'esperança fuera,
Ay fuydiza y vana,
Que fuyes dela noche a la mañana.

Peró buen Nemoroso,
Mal por los tus pastores,
Sin fiestas, sin plazeres, sin cantares,
Dexados sin reposo,
Quien cantará de amores? (res?
Quiē las nymphas, y quiē otros canta
Quien los nuestros lugares
Sera que venga a ver?
Quien las nuestras majadas
Antes sin ti nonadas?
Podistenos hazer y deshazer?
Pues nos por ti que haremos?
Si no se puede mas, que suspiremos.

Alçaste el tu Toledo,
Correr mas claro heziste
El noble Tajo al gran padre Oceano,
Mostrarseha siempre al dedo
El lugar do cayste,
Ah, ah, golpe cruel, barbara mano!
Que hazia el Tajo vfano
Commun naturaleza
Mas qu'el rico thesoro
De las arenas de oro,
Con q̃ al mar llega ēbuelto en su riqza,
Que de Numancia abona
Hasta l'antigua, noble, y gran Lisbona.

Al mui antiguo aprisco
De Lassos dela Vega,
Tuyo, el nuestro de Sà viste ayuntado,
Buen tiempo, o mal pedrisco,
Abrigando se allega
Y cāta end'el pastor, huelga el ganado,
Elysa el tu cuidado
Que aca tanto plañiste,
Quexoso dela muerte,
Cruel, ay dura suerte,
Quien no plañio? despues do la subiste?

Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte atras, vas te a la vida.

En lo demas pastor que te va ati,
Todo el daño es d'España,
Si enriquescen tus huessos tierra estraña.

ENCANTAMENTO.

Ecgloga a D. Manoel de Portugal.

Filho d'aquelle nobre & valeroso
Conde, mais junto â casa alta Real,
Abastàra dizer do Vimioso,
Senhor dom Manoel de Portugal:
Lume do paço, das Musas mimoso,
Que certo vos darão fama immortal,
Quando homem cuida que no cabo estais,
Tornando olhos a vos, por vos passais.

Em que vos seruirei ca deste monte
Hũa merce na terra pouco vsada?
Tanto em outra aqui logo defronte:
Aquella Ecgloga vossa me foi dada,
Encostado jazendo à minha fonte,
De versos estrangeiros variada,
Parescia que andaua a colher flores,
Co as Musas, co as graças, cos amores.

Então tornando em mi, disse comigo,
Certamente eu trazia errada a conta,
Qu'inda ha quem nos renoue o tempo antigo,
De que tanto se escreue, & tanto conta,
Agora me reprendo, & me castigo,
Fazia â nossa Lusitania afronta,
Cudei que sò buscaua prata & ouro,
Buscastesme no meu escondedouro.

Andando apos a paga, ouue aos zizos
Grã medo (que o confesso) & a hũs pontosos,
De rostos carregados, & de hũs risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos,
Quem tentos tentos, quem tantos auisos
Terà? que empare os golpes perigosos.
E acostumados ora entre pastores?
Que vos venhão cantando os seus amores.

Querentvos por senhor, não por juyz,
Rigores a departe, que são dignos
De perdão os começos: ja que fiz
Aberta aos bõs cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle, hum sò dos Lyricos Latinos,
Prouemos esta nossa nossa lingoagem,
E ao dar da vella ao vento, Boa viagem.

Pastores da Ecgloga.

GONÇALO. INES.

BIEITO. BREATIZ.

Gon. QVantas cousas (Ines, madrinha, & tia)
Se me vão descubrindo d'hora em hora,
Inda que faça corpo, & gesto, & ria,
Polla alma de quem mais não pode, afora
Outros respeiros, cumpre auer paciencia,
Té que seja da vida, ou da dor fora.
Aos erros he deuida a penitencia
Por seu conto, & medida, & por balança,
Pello que sabe a propria consciencia.
Però quando ao contrario da esperança
Em vez de galardão acode a pena,
Quem terá soffrimento em abastança?
Amor que por antolhos tudo ordena,
Mui pouco se lhe dà, nem da fè santa
Quebrada ou tida, grã culpa, ou pequena.

Faz

Faz hũa & outra pousa o gallo, & canta
Or' eism' os pés, or' eism' á cabeceira,
Té que o cansaço vence, & me aleuanta.
E voume ao meu fuzil & pederneira
Em fogo aceso, o fogo acendo, & ando
Do quente ao frio, do frio à fogueira.
Assi de cá de lá cansado ando,
Dou volta á cama, abrolhos me semelhão
De claro em claro o coração passando.
Os fracos dos sentidos ajoelhão,
Trabalhão por soltarse, aperta o laço
Em poder da mà dor mal se aconselhão.
Ines. Afilhado & sobrinho, juras faço
Que disso mais não sei certo que seja
Sò que perdeste muito em pouco espaço.
Quem não morria por aqui d'enueja
De ti Conçalo em tudo o que fazias,
Que graça, manha, & força te sobeja.
Todos nas festas onde aparecias
Hum rosto, outro tenção logo mudaua,
Ciscauase outro pellas companhias.
Onde cantauas, ninguem mais cantaua,
Onde tangias, ninguem mais tangia,
Onde te espias, ninguem mais lutaua.
E lembrame que estando ora qual dia,
Comigo Andresa, Ioana, & Breatiz,
Tinhamos antre nos certa porfia.
Como ves que hũa diz, & qu'outra diz,
Naquelle proprio ensejo eis que passauas,
Passando disses' alto, Eu que lhe fiz?
Parece que contigo aporfiauas,
Como acontece, que hias bracejando,

Sem

Sem dar vagar algum, nem o tomarão.
Vite, ouuite, mas caleime; senão quando
Disse hũa contra mi, qual vay Gonçalo,
Como muitos) diss'eu vay fadejando.
Tudo aquillo saõ mimos, & fez callo
(Diss'outra) n'hũs assanhos de mimoso,
Ou que olho mao lhe fez algum abalo.
Quando eu ja aquillo ouui, S'elle he pontoso
Ou se ha n'aldea samica outro tal,
Contemolo antre nos por trabalhoso.
A primeira tornou como hum coral,
A companheira toda descorada,
Parece que ambas o tomarão mal.
Tanto te sei dizer, he pouco ou nada
Saluo que ás vezes estes nadas sam
Muito ao miolo que ja traz pancada.

Góç. Quantos sonhos que vem, quantos que vão,
Coitado do dormente, que assi jaz
Ora torcendose, ora rindo em vão.
Quanta conta se faz, & se desfaz,
Erradas as pequenas, & as mayores.
Feitas em desauença, & inda em paz.

Ines. Certo mal comedidos sam pastores,
(Aja de ti perdão) sempre queixosos,
Não os entendo nestes seus amores.
Chamão isto antre nos, sam rouinhosos,
Não sabem estremar o mal do bem,
Sempre aggrauados, sempre sospeitosos.

Góç. Mal te saberia ora por ninguem
Nem por mi responder, seja o que for,
Corrão ventos daquem, corrão dalem.

Mas

Mas dime tia pello meu amor
Isso das mais louçãs de toda a terra,
Quanto ha que foi; lembram' a minha dôr.

Ines. Por certo se a memoria me não erra
Contando, o Sol despois não se escendeo
A nôs dez vezes, & dez deu vista à terra.
Inda te mais direi que aconteceo
O que ja disse, por final em logo
Onde tu ja cantaste outrem gemeo.
Dia de muito riso, & muito jogo,
Venceste á luta & à choca, & auantejado
Correste, & emfim cantaste a nosso rogo.
E mais aquelle teu cantar gabado,
De todos tão sentido, & tão queixoso,
Onde me acolherei tudo he tomado?

Góç. Como fazendo vay o sol trigoso
Tantas mudanças, quanto dos cantares,
E quanto do cantar fui cobiçoso!
De todos me esqueci, muitos a pares,
Atè as vontades muda o tempo, & leua
Consigo, & do prazer faz maos pesares.
Ell'he o em que vay tudo o que releua,
Faz, desfaz a deshora as agonias,
Não olhes mais se choue, venta, ou neua.
Mas quanto ora ao cantar que antes dezias,
Disso me lembro bem, era em Setembro,
Quando as noites voltão sobre os dias.
Do cantar prouarey se m'hora alembro.

Canta em oitaua Rhima.

Onde

Onde m'acolherei ? tudo he tomado,
Não apareſce eſperança nenhũa,
Sombras negras, & feas malpeccado,
Eſtas ſi que aparecem, couſa algũa
Não ficou por fazer, tudo he prouado,
E tudo por demais, ouçame a Lũa
Delgada, que traſpoem pello alto monte,
Seus trabalhos cos meus coteje & conte.

E ſe nos velhos ſolaos ha verdade,
Bem ſabe ella por proua como Amor
Magoa, & auerà de mĩ piedade,
Endimio tão ſallado, & tal paſtor,
Entre as flores dormia em flor da idade,
Ella olhando do ceo mudaua a cor,
Tè das flores ciosa, & agoa clara,
Que o ſeu fermoſo amor lhe adormentara.

Cantão & contão mais, que ouue hum tyrãno,
De poder grande, & muito grande auer,
Vendoa moça & minina em corpo humano,
Que andaua a colher roſas, & a prazer,
Salteouba, roubouba, & foiſe vfano,
Por força, ou por vontade ouue de ſer,
Riquezas mas, injuſto ſenhorio,
Que ajuntaes à vontade o ſenhorio.

Ora a mãy preguntando longamente
Por hum ſó bem que tinha, ond'o acharâ,
D'hũa gente paſſando em outra gente
Tambem os Deoſes culpa, ah ſorte mà,
E juſtiça mayor que tal conſente,
Buſcando por demais tudo o de cà,
Achaa no reino de ſombras eſcuras,
Correm lagrimas vãs, fazem leis duras.

Partem o tempo de todo deuido
A mãe triſte & roubada, a que dos Reis
Dalli veo eſte nome de partido,
Em que ſeja forçado, & contra as leis,
Que ſe pode fazer do ja perdido,
As voſſas lagrimas que as enxugueis,
Como poderdes, o o o o o

Ines. Não te deixárão hũa & outra fonte
Deſſes teus olhos, ſòmente acabar,
E os meus, q̃ ja tãbem punhãoſe a mõte.
Andamos em tormenta como em mar,
Còm outrem & comnoſco em differẽças,
Cuidando o tempo que ha de melhorar.
Pera o corpo ſe acharão mil doenças,
E pera a alma cem mil inda peores,
Tantos acordos, tantas deſauenças.

Gouernão essa mãidade amores,
Estendese inda às vezes tè a velhice,
Quando ja tudo he pressa, & tudo dores.
Que lhes fallesce de clara doudice?
As mãos, os olhos desassossegados,
Choros & gritos, como em meninice.
Aquelles seus sospiros apressados
Aos ventos que ouuindo homem desatina,
Aquelles seus imigos, seus cudados.
Góç. Passou ora qual dia hum çamphonina
Polla aldea cantando, era elle cego,
Guiauao loura & bella hũa minina.
Tambem aquelle não tinha assossego,
Chegamonos a ouuir certos pastores,
Pelayo, Pedro, Ioão, Gil, & Diego.
Parece que suaua inda suores
Mortaes, do peito sospiros sahião
Aos pares, cantou bẽ, mas mal de amores,
Feznos entristecer quantos o ouuião.

Cantiga do cego.

Vn tiempo mirome Helena,
Sospechè que eramos mas,
Nunca cosa hize tan buena,
Como no miralla mas.

Amor anda en sus consejas,
Mas bien seria gran loco
Quien de sus mañas tan viejas
Mucho fiasse, ni poco,
Alma de lastimas llena,
A que vienes, y a que vas?
Que puedes negar Elena
A quien los tus ojos das?

Enemiga y suerte triste,
Hasme la vida quitado,
Y a quien piensas que la diste
Quiça que nada le has dado.
Harto mal, peor se ordena,
Mas que debato yo mas?
Si aun de ti a pena, a pena,
No se si lo negaras.

Y estos ojos de mis juras
Si se burlan, a la fè
No se fien en locuras,
Caten que los quebraré,
Esta culpa sea agena,
Otras son mias assaz,

Por razon va que cnla pena
Vença lo que pena mas.

Ines.

Razões d'impetu cheas, & paixão,
Não quero ora dizer que seja engano,
Mas que ás vezes por si mesmas se vão.
Não faças longo com queixumes o anno,
Tente como aruore aos ventos em pê,
Da tempo, da lugar ao desengano.

Gonçalo.

Não me diras madrinha Ines ate
Quando esperar me mãdas hum ingrato,
Que dizem que não ouue, & que não vê?
Esperei & soffri, fiz mal barato
De mi, & quem mal cae, diz que mal jaz,
A Deos madrinha, tornome ao meu fato.

Ines.

Quiserate dizer, vaite ora em paz,
Porem com que esperança? mas quẽ vejo
La vir, que em queixas todo se desfaz?

Gonçalo.

Este vos he Dieito, & bom varejo
Dizẽ qu'elle ouue o gano, & anda a caça,
Ay que não sei de mi, & outrem correjo.
Neste mundo d'escarneo tudo he graça,
Não sabemos o quando, como, o quanto,
Aas vezes muito bem mal te ameaça,
Offertese cada hum tia, a bom santo.

Quẽ

BIEITO.

Quem deu a Amor quebranto & fez cruel?
Quem tornou tudo fel, quanto aprazia?
Que se fez deste dia oje tão claro?
Como se vendem caro os pensamentos!
Que foi daquelles ventos d'hora em ante?
Mandame amor que cante a frauta branda,
Que jogos faz? em que anda à custa alhea?
A Deos por sempre aldea, tè que caya
Debaixo ou desta faya, ou deste freixo,
Poronde m'hora queixo andando em vão,
Alli se acabarão muitas contendas,
Vaise a agoa pollas fendas, feit'he a conta,
Hum pouco mais que monta de tal vida?
Toda cousa nascida, quantas sam
Naturalmente dão do seu perigo
Sinal, como a imigo, porque seja
Auiso a quem o veja, que não tarde,
Vemos o fogo que arde, irlhe diante
Fumo escuro que espante: ante a tormenta
Pellas deuesas venta lenemente,
Ameaçando a enchente, vem zoando
Vem de braua escumando, abate, estronca,
O mar de longe ronca, alçase inchado,

Logo a algum abrigado polla terra:
O pescador afferra, com grã pressa,
Pollo monte atraucessa o mao faminto
Do lobo, por destinto o gado antende,
Ajndase, defende, & agasalha,
Ordenase em batalha, bum vsso erguido,
Corre logo o appellido, & sae sem cor
Da cabana o pastor, que todo treme,
Do dano o medo empreme antes do danno,
Ora este amor humano, que assi apraz
No começo, & assi em paz a alma repousa,
Hũa tão branda cousa, com que empece
Isto como acontece â natureza?
Que de certa se preza? quem diria
Onde triste trazia isto escondido?

INES,

Traspôs, & em vento he ido como tudo
Soar fazia a ribeira tambem,
Parece que ficou todo este ar mudo.

Gonçalo.

Ves alli o que faz: mas eu com quem
M'esteu tia fallando? Ines. Inda lh'ouui
Suidades do meu mal, todo meu bem.

Gonçalo.

E tu não cudarás qu'isto he assi,
Que saõ queixas vãs, como vos dais
Amor parte a Andre, fosse ora assi.

In. Tenho

Ines.

Tambem vosoutros todos vos queixais
(Como ja disse) muito, & mais costume
Parece, que rezão que ora tenhais.
Cad'hum se chama facha ardente & lume,
E fragoa, onde se proua sua fineza,
E destes tais, queixume apos queixume.
Quisera nos amores mais simpreza,
Ou digo que os quisera mais singellos,
E mais dissimulada esta tristeza.
Não os queria assi tão amarellos,
Nem tão achacadiços, este geme,
Destoutro chorão os seus olhos bellos.
Outro por Iulho & por Agosto treme,
Arde em Dezembro, foge á claridade,
Sospeitoso, de si mesmo se teme.
Mas emprendia or'eu outra vaidade,
Deixarnoshemos d'estar mais ás chaças,
Cuido em fazerte mal, bem à vontade.

Gonçalo.

O tia prazer ajas, que assi o faças
No que poderes, seja sem trespasso,
E quanto a mi, mas qu'inda me desfaças.

Ines.

Hum pouco se nos vay fazendo escasso
O tempo, porem peito á montanha,
Crescẽ as sombras, va crescendo o passo.

Gonçalo.

Passadas dizes? ora olha esta tamanha,
Qu'aqui te dou, log'outra & outra aperto
Ora vejamos quem mais terra apanha.

Ines.

Tenho ſoſpeita qu'erão em concerto
De fazer romaria as mais louçãs,
Pode ſer, & não ſer, valha o acerto.
E que nos ſayão as paſſadas vãs,
Não ſerão ja as primeiras, malpeccado,
Nem dizem ſempr'as tardes coas manhãs.

Gonçalo.

Como logo s'enxerga o bom cuidado,
Inda ſomos a tempo, he bom ſinal
Tanto amarelo, azul, tanto laurado.

Ines.

Olha que em tudo o ſoffrimento val,
A cabeça não corra mais que os pés,
Quem guia ſempre ſeja a principal.

Gonçalo.

ô boa tia, & grande amiga Ines,
Tu me guia & gouerna, qu'eu não rejo,
Não ſei; tu ſabes; não vejo, tu vès.

Ines.

Olha que não t'empeça o ſer ſobejo,
Que ſe hũa ora aproueita, muitas dana,
Benzete do diabo, & do deſejo.
Cada hũa deſtas moças anda vfana,
Cuidão que o ſol lhes baila, ſaõ gabadas,
E ja não ha quem cuide que ſe engana.
Guardemonos das horas mingoadas,
Se nos ſentirem logo hão de pôr ſello,
Qu'eu ſou a que ando nas mexericadas.
Mas afilhado tornas te amarello,

E branca a boca como eſta toalha,
Tẽs as mão frias como hum caramello.

Gonçalo.

O tamanho aluoroço a tudo atalha,
Muito mais o prazer, que a paixão, toma
Poder do coração poſto em batalha.
Esforça, que hũa moça o adufe em ſoma
Começa de tanger com tanta graça,
Parece que traſpoem, ora que aſſoma.
Or'eu por fiador, a alguem prol faça
S'ella tão bem cantar como parece,
E como ſoe, qu'inda ella oje nos faça
Deſta tarde que he ja, quando amanhece.

BREATIZ CANTA.

CANÇAM DO ENCANTAMENTO.

EM tempo antigo, longe, em terra eſtranha,
Hum Rei, & hũa Rainha
Ouuerão filhas: a primeira veo
De beldade tamanha,
Que algũa igual não tinha,
Somente a que deſpois foi a do meo:
Mas logo ſobreueo
Inda outra, qu'eſtas fez como às eſtrellas
Faz o Sol claro tanto que apareſce.
Fallauão caualleiros & donzellas,

Como nas cousas raras acontesce,
A gente se lhe offresce
Como a Deosa immortal,
Tè do bem o sobejo sempre he mal.

Não soffreo tal offensa Amor altiuo
Que fosse às Deosas feita,
Seu arco encorda, os tiros apurou,
De chumbo & d'ouro viuo,
Voando ao ar se deita,
N'hum momento tudo atrauessou:
Mas muito se enganou,
Que quando aquella Iffante ante si vio
Fugiolhe o coração, a frecha cae,
E no pè que diante hia o ferio.
Chora o mimoso, & grita polla mãy,
Com tal conselho sae,
Faz hum parque encantado,
Hi geme, alli suspira magoado.

Ia dantes disto àquella acesa fama
Da fermosa Princesa,
A grande Venus toda receosa,
Os seus Archeiros chama,

Em secreta defesa,
As mostras saõ porem de andar ociosa,
Quando polla amorosa
E delicada praya rumor corre
Incerto assi do pouo
Que o poderoso amor de amores morre:
Mas outra & outra vez torna de nouo,
A mãy com tal renouo
Poem atras tudo, & ceua
A moça de alto sono, & ao Parque a leua.

Cae a noite do ceo, mas he de lumes
Vencida, & fazem dia,
Alli acordada vè viuas pinturas,
Ardem ricos perfumes,
Os cantares que ouuia
Erão pera abrandar as pedras duras:
Poemse a mesa: figuras
Correm, de vasos sem preço & sem conto
Mansamente ordenado & sem peleja,
Tudo se faz alli prestes n'hum ponto,
Que banquete quereis que o d'Amor seja?
Não acha alli a enueja
Que possa desdenhar,

Nem appetitos que mais desejar.

Mas eu porque me vou ora detendo
Por cousas que o sentido
Deixa por hum tamanho espaço atras?
Respeito ao sol auendo,
Direi d'hum sò partido
Que amor logo tirou, mas duro assaz,
Disse, Não me verâs,
Contentete o que vês: a sorte esquerda
Tudo acomete, va tal pensamento
Em pedaços ao vento, cuida a perda
De se esuaecer tudo em hum momento,
Ha mister soffrimento
O mal, & he o bem,
Pouco estimado daquelle que o tem.

Promete do por vir ousadamente,
Fazemse comprimentos
Em abastança, temse despois mal,
Deseja ver sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Querlhe mostrar andando o tal & o tal,
Cousa que tanto val,

Cos nossos coraçõezinhos pequenos:
Ora indo assi crecendo estes desejos,
A fermosura cada vez he menos,
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos,
Em fim (diz) bẽs sobejos
Sem as minhas irmãs,
Não sois riquezas não, mas visoẽs vãs.

Ouuio & estremeceo Amor, com tudo
Ouue de dar licença,
E diz no cabo, Pois ella assi quer
(Por hum pedaço mudo
Esteue) & porem vença
(Tornou) vsada assi sempre a vencer:
Vẽna as irmãs ver,
Mas vendo hi tanto de que auer enueja
Mais tristes que antes (dizem) mal fadadas,
Co que se perde aqui, co que sobeja,
Foramos todas bemauenturadas:
Nadas, menos que nadas
Nossas fracas riquezas,
Como esta as chamarâ tudo pobrezas?

A moça amostra cá, & amostra lá,

Do que não vem lhes conta,
Andava à face toda, ellas d'enues,
Não soffrem ver mais ja,
Não podem coa affronta
Com tudo: & cedo irão dar a traues,
O sol anda de pès,
E juntamente prazeres desandão:
Tambem as que fingião suspirauão,
Quem sabe os corações alheos que andão
Fazendo? se quereis, inda chorauão,
Mas donde se entornauão
Aquelles vasos de agoa?
Parescia irmandade, ella era magoa.

Não se pode mais ter hũa: E em tal vida
Que gosto podes ter
(Disse) nossa irmã triste assi enganada?
Choramoste perdida
Vinhamoste ora a ver,
Tornamoste a chorar por mal achada.
E feita mais ousada
Tomoulhe a mão essoutra, E quem seria
(Disse) que cuidasse al, se te ama tanto?
E se tal fosse, elle s'amostraria,

Respondes que não quer, disso m'espanto,
Ora eu não to aleuanto,
Mas dizem neste lago
Que às sonontes se vê voando hum drago.

Não disse mais: os olhos não seis mais
E os geitos, que disserão,
Fazendo casos: a moça enfraquesce,
Vão suores mortais:
Todas nisto vierão,
Que quando ha tempo, o dilatar empece:
Eis a barca aparece
Em que se hão d'ir, deixãolhe hum lume aceso,
Ordenão o que faça antes que vãose,
Vejase em todo caso o tão defeso
Esposo, & tão gabado, então descanse:
Outra vez as mãos dãose,
Soltão ao vento a vella,
Fogem ellas co barco, coa praya ella.

Ora ja noite, chega amor cansado,
Lançase no seu leito,
Lançase à boa fè, & dorme quedo:
Da Iffante o delicado

Singello & brando peito,
Vencese, ora de amor, ora de medo:
Descobrese o segredo
D'Amor (cousa divina) olhos humanos
Como ter se podião ao resplandor?
Malina inueja, que causou taes dannos!
Deixao dormir, dormisse sempre Amor:
A simple com temor
Os passos desconcerta,
Caelhe no peito o fogo, elle desperta.

Quantos & que sospiros hi de nouo
Que gritos amenda!
O jardim deleitoso em hum momento
Em brejo escuro & couo
(Quem o creráõ?) se muda,
Que se fez de tão rico apartamento?
Cousas sem fundamento
Assi se tornão em nada a desora:
As mas irmãs, mas furias infernais,
Com' bichas assanhadas lanção fora,
De si mesmas paga ájão as tais:
A moça ensinou mais
Simpreza santa, & jouue,

Em

E chorãdo em terra hum tempo, perdão ouue.

Esta canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Ia algũa acena & diz,
Não sei qu'eu disto ouui, em tod'ou em parte.
Perdão de parte a parte,
Vos mesmas m'ensinastes,
Que do que outr'ora ouuistes nos cantastes.

EPITALAMIO PASTORIL.

A Antonio de Saa, no casamento de de sua filha, a Senhora Dona Camilla de Saa.

DErecho successor, firme coluna
Desta casa de Saa, que sempre entera
(De las edades corriendo cad'vna,)
Por si segura, y tan constante, espera,
(Que reja, o no reja la fortuna,)
Cogida, o desplegada la bandera,
En vos quanto speraf se puede sobra,
En quien corren a par desseo, y l'obra

Y no qual por aqui pechos vfanos
De sus blasones y escudos pintados,
(Cuentos inciertos quiçà, y algunos vanos)
(Porque puedan passar,) mucho ha passados.
Quien fizo differencia de villanos
A caualleros, blandos, y enseñados?
Sino proezas y buena criança?
Toman las fuerças al tomar de lança.

Vos aun que tantos costados contaes
Noble de toda parte (como aqui

Bollicio algun se siente) alla bolaes,
Testigo es Cepta, testigo, Cafi.
Con quanta diligencia que buscaes
Grandes afrentas, y no a la buelta ansi,
Mas en reposo todos los recelos,
Que reposo no os dan vuestros abuelos.

Cuentase destas fiestas con espanto
Alla entre nos, mandadnos dar la puerta,
Cantaros ha esta gente aqui entretanto
Que el mayor regozijo se concierta,
Aunque al palacio so conuenga tanto
La çampoña Aldeana, aun poco abierta,
Y en fin vn Pythalamio, otros cantores
Ah de los mios Amores, Amores?

Pastores del Epythalamio. Nuño, y Turibio.

Nuño. A do te lleuan Turibio los pies?
Mas yo que digo? Eres tu este, o no?
Ni si te veo se, ni si me vees.
Tal te paraste? quien te demudò?
Mal espantado me has, y no se estrece,
Que alguna escura sombra te assombrò.
No se, de mi quiça que te parece
Puede ser que otro tanto: mas pariente
En ti mui poco de ti remanece.

Turi. Piensas que con los pies, y no otramente
Somos aca y alla soncas lleuados,

Como los mas se piensan dessa gente?
Eres en muy gran yerro, y si guiados
Cuidas que somos de los nuestros ojos,
Los nuestros guiadores son cuidados.
Que d'antojos nos lleuan en antojos,
Como plumas que alçadas lleua el viento,
Si vna vez de plazer, muchas de enojos.
Amy lleuame ora assi sin tiento
No (como dixe) pies, mas no se quien
Que a pocas no me sobra entendimiẽto.

Nuño. Lo que yo pariente diria que fue
La tu alma enagenada en fuerte punto
Passose a cuerpo ageno, y d'alla vee.
D'alla responde a lo que te pregunto,
A ti mismo eres fecho como estraño,
Biues en otre, enti y'eres defunto.
Vna mala dolencia, vn claro engaño,
Antojadizo, sin juizio, o tino,
Oy mal y eras peor, al mes y al año.
Yo no soy escolar, mas adeuino,
Que bien indalgare sin errar nada,
Como vn ciego que està cabe el camino.
Mas es fatiga vana, y mal tomada,
Por vn yerro comun de los zagales
Que por rodeos vàn, dexan la estrada.
Atiente, si me crees, a las señales
Mas que a palabras destos trasportados,
Que mucho mas q̃ el biẽ preciã sus males.
Dizese en general que enamorados,
A todos juzgan los otros por ciegos
Y al contrario ellos son d'ojos quebrados.
Bien entiendo pariente aquessos juegos,

Iuegos son y digo,o que? digo locuras
De los pastores, y aun de palaciegos.
No se darme a consejo,voime a escuras
Hasta que estos antojos yuso cayan
Y a plaça vengan sueños, y solturas.

Nuño Ciertos breuages se, con tanto que ayan
A ti mismo en ayuda,si los beues
Yo fio que la puerta al quicio trayan.

Turi. Quien sabe que podra? son cuentos largos
Los mios, va mi mal mui de rondon,
He miedo de añadir cargos à cargos.

Nuño Que poquedad es essa? eres varon
Vees la verguença que es peor que el mal
Leuantate a pesar del coraçon.
Toma a la soledad odio mortal,
No te engañen lugares deleitosos,
Abrigados al cierço y vendaual.
Los prados con las sus fuentes hermosos,
Flores,y arroyos,que van discorriendo
Con los sus pexezicos bullicioso,
Abejas que andan la su miel cogiendo,
Con el zonido sordo por las flores
Y no vees que alli falte,ellas partiendo.
Y luego buelues suspirando, Amores
Sin que os coste nada, me podreis
Hazer el mayoral de los pastores.
Tiene por cierto Amor estrañas leyes,
Mas lo que con paz tuya dicho sea
Tomado lo aueis tal, tal loreneis.
Auisote tambien quando alborea
Tus oidos atapa al cantar blando
Del Ruy señor q̃ el ayre y el bosque arrea

Ruego,

Ruego, requiero, y si mas puedo, mando
Que arroyes lexos de ti la çampoña,
Los tus cantares no vas recordando.
Trae cada cantar su carantoña,
No podras con la carga y graue peso,
Es musica a aquel mal, clara ponçoña.
No confies (te auiso) del tu seso
Al tu peligro busca compañia,
Que te ayude a soltar,ya que estàs preso.
Del buen amigo todo lo confia,
Descargate seguro en sus oydos,
Que en noche tan escura cumple guia.
Ya pidiendo prestados los sentidos,
Que los tuyos ya vees que los perdiste,
No te pierdas tambien tras los perdidos.
Mas pecador de my que no me oyste,
Estoyte hablando, pero que aprouecha?
El cuerpo aqui se està, tu traspusiste.

Turi. Conuieneme passar la puente estrecha,
Y (como dizen) beuella, o vertella,
En fin que fue verdad la tu sospecha.
El alma mia a aquesta parte, y a aquella
En vn punto lleuada, mal podria
Estar queda, segura, y sin querella.

Nuño Toribio contra el mal de fantasia
(Que es ligero,y acomete hõbre a desora)
Cumpre vela, atalaya, escucha,y espia.
Y no dexarte trasportar cad'ora
Diziendo, ò que lua O!aya tan loçana?
D'aquellos ojos quien no se enamora?
Si es fresca, tan apuesta, y tan galana,
Como no es tal a Diego,y es lo Elena?

Ya Pedro

Y a Pedro Elena no, es lo loana?
Y esse tu cuerpo grande como acena
A caerce cansado, arde el pauilo
Vee se la llama, la candela apena.
Ayudate Zagal ayrado dilo,
Contrati mismo ayas de ti verguença,
Como vn bono no estees preso d'un filo.
Vees que amor al peor siempre enderença,
Despierta la razon lidien abraços,
Ayudala, si quier que vna hora vença.

Turib. Ay las mis cuentas, antes embaraços,
Aqui estoy mal, peor si la mi tierra
Medexo, haziendo el coraçon pedaços.
Que mirando despues d'aquella sierra
Hazia esta, pienso quan triste diria
Quien me lança de ti? quiẽ me destierra?
Ado me lleua Amor? que es la mi guia?
El fuesse el buen juez, pesasse el yerro,
El pesasse el tormento, y cuita mia.
Ansi passando mal de cerro en cerro,
Ora mirando aca, ora aculla,
Todo se es aguzar hierro con hierro.

Nuño. Por demas son remedios, mi fè ha
Aquien oyllos no quiere, ni vellos,
Vasija rota, que toda se và.
No se puede saluar ni por cabellos,
Son quien se ayuda, y aun esse confatiga,
Quiẽ remedios quisiere ande tras ellos.
Date date al trabajo, el cuerpo obliga,
Sabe que reina Amor en ocio blando,
Luengo y duro trabajo lo castiga.
Toma el açada vaa despedaçando,

La tierra no mollida, enxiere y planta,
Vè la siebe, y pared y vallo alçando,
Desuelate la noche, el lobo espanta,
Aticia los canes, como si lo viesses
Ya la oueja afferrar por la garganta.
Despues cansado vella que no cesses,
Al fuego trabajando en tu cabaña,
Que mejor de trabajo es que muriesses.
Nunca falta al pastor que bien se amaña
En que se passe la noche sombria,
Y el trabajo tal vez cantando engaña.
Refresque siempre la melanconia,
Los dessabridos desprecios, y brios,
Que Amor passando va de dia en dia.
No te combido con breuajes frios,
Hechizos suzios, magcios cantares,
Vanos remedios, antes desuarios.
Yeruas dallende de los nuestros mares,
Cogidas ala Luna, en las entrañas
Buenas a quitar vidas, no pesares.
Cuentan las viejas en las sus patrañas,
De cierta encantadera, que boluia
Los que arribauan ende, en alimañas.
Era vna Isla en la mar, alli gruñia
El puerco, vuiana el perro, el osso tanto
Temido, el Leon brauo ende rugia.

Turi. O buen amigo, tu no vees que en quanto
Nòs departimos, sube vna auezilla,
No se ni si es cantar, no se si es llanto,
Subio, que malaues aturo a oylla,
Ni vella, son de quando en quãdo à pena,
Digo en buena verdad, que vue manzilla.

Parecia espiritillo que anda en pena
Por essos ayres, Nuño si la oyeras.
Nuño Dizen por esso tal, Hija sey buena.
Turi. Ora, Nuño, ora di cuenta de veras
Que de veras te escucho, y estoime atẽto,
Nuño Cuentame mas daquellas hechizeras.
Seria esso tener mano enel viento,
Si no hablo mal, empero si lo has gana,
Otro te contare, dexo aquel cuento.
Turi. Perdona amigo a la cuita villana
Que comigo arremete, y sobresalta,
Esta alma mia, mal cuerda, y mal sana.
Y fazeme caer cad'hora en falta.
Mas cuenta Nuño que atento estare,
Aunque enel pecho el coraçon me falta.
Nuño De Ribero has sabido bien quien fue,
Quanto pudo en tañer, quãdo en cantar,
Del, y Gil otro tal, te contarè.
Y quando otro tal digo, has de pensar
En algun gran pastor de nuestros hatos,
Que con el ser oydo pudo a par,
Acuerdome a la sombra d'vnos latos
De sauzes altos, verdes, y graciosos,
Se ajuntauan pastores muchos ratos.
Como vees que acontece a los ociosos,
Hablar desto, y de aquello, y mas zagales,
Que son parleros, y son porfiosos.
En fin fin los conciertos fueron tales,
Cad'uno destos cante su cancion,
Vno bienes d'Amor, otro los males.
Es de saber, Ribero en la prision,
D'Amor, sus quexas nos representasse

Las sus grandezas Gil, al mismo son.
Turi. Ay mi buen compañero, no traspasse
Tamanha ocasion al mi desseo,
Darm'has la vida, que anda al passe, passe.
Comigo hermano hasta agora peleo,
Agora peleare soncas contigo,
Que muchos dias ha que lo desseo.
Nuño Ala ribera d'vngracioso rio
Quantos aquella vez eran presentes,
Ribero todo demudado y frio,
Cantò temblando los versos siguientes.

CANTA RIBERO LOS males de Amor.

Mandaesme ora que cante,
Triste que cantare?
Y mas d'Amores que enemigos son?
Mandadme que leuante
Suspiros, que esto sé,
Conformandome al tiempo y a la razon,
Pues atinando al son,
Quexoso de mis daños,
Dire mil desconciertos
O que seran mas ciertos
D'Amor, y como quier, por cierto estraños.

Que me han este mal sano
Pecho, todo metido a saco mano.

Esto que Amor llamaes,
(Del qual me aueis forçado
Entre vos a dezir,) mas razon fuera
(Si alas obras miraes)
Del ser antes nombrado
Enemigo cruel, son que yo me muera.
Sabeis de que manera
Por bosques solitarios,
Nos lleua dando gritos,
Suspiros infinitos,
De q̃ son nuestros pechos tributarios,
Si aquella es la su cura,
Por sus remedios, vereis que es locura.

Despues mirad sus fuegos,
Sus mudanças tan prestas,
Sus gestos, sobre saltos, y meneos,
En verdad que son juegos,
Que corren sobre apuestas,
Lleuados de los locos sus desseos.
Viejos demonios feos,
Teñidos, mal teñidos,

Los

Los gestos trasportados,
Los pechos ora inchados,
Ora del todo en vista consumidos,
Muerdese vno arrauiado,
Otro statua de piedra, anda pasmado.

Viene otro murmurando
Consigo, y no se entiende,
Todos se burlan del, y el no los vee,
Vanlo al dedo indilgando,
No espereis que se entiende,
Siempre esto assi será, siempre assi fue:
Como me ayuntaré
En tan poco d'espacio,
Tantas diuersidades
De las sus liuiandades
Que aun pẽsar no se puedẽ sin cansacio:
Dire solo esto poco,
Qu'a tãtos de mil locos, mãda vn loco.

Tambien yo mal peccado
Ende voy de consuno,
Que ni lo que hago se, ni lo que digo.
Heuos mal barajado,
Yo comigo importuno
Como enemigo con otro enemigo,

Quando

Quando se siembra el trigo,
Quando anda por las eras,
Passa vno, y passa otro año,
No sientes el engaño,
Son quando ya del todo desesperas.
Sin ya triste en ti ser
Ir adelante mas, ni de boluer.

Que valles no corri?
Que bosques no busquè?
Que peñas? q̃ escõdrijos d'animales?
Por me furtar amy?
Qual destos cerros fue,
Que no sepa mis quexas desiguales?
De querios caudales
No rebolui riberas?
Ora arriba, ora ayuso,
Qual monte no respuso
A mis finales bozes lastimeras?
Tan claro que yo boluia
Ojos atras, por veer quien respondia?

Engaño poderoso,
Meter yo mesmo en seno
Vn fuego que ende alçò llamã tan braua?
Amor tan gracioso,

Amor tan blando y bueno,
Como tanto de mal dissimulaua?
Que cad'hora me laua
De lagrimas el gesto,
De tal color teñido
Que es trabajo perdido
Esperallo lauar foncas tan presto,
Onde esperança pone
Corriendo alla me lleua, ella traspone.

En infierno, ay quien cuenta
Por vn monte alto arriba
Q'vn cãto a cuestas sube vn cõdenado
Iamas por jamas se assienta,
Quando que alo alto arriba
Resuala, y buelue el peso atras priado?
Prestamente el cuytado
Torna a la su demanda,
Eislo sube del hondo
Con su canto redondo,
Qu'otra y otra vez cae, y ẽbald'anda
Igual embaimiento
Lleua, y trae el Amãte en tal tormẽto.

Que vos dirie d' Amor que no sepais?
Enemigo cruel,
Que los mas suyos, mas se q̃xando del.

Anſi canto Ribero, y vimos claro
Mientras cantaua, que lo interrumpian
Muchos ſolloços del ſu pecho amaro.
Lagrimas de los ojos le cahian
Vnas tras otras por la cara ayuſo,
Con harta compaſsion de los que oyan.

Turi. Yo vide alguno; verſos que el compuſo
Quaſi todos llorosos, tuuo vena
Blandiſsima, y aun mas blanda con el vſo.
Mas Gil por la tu fè (ſi no te pena)
Que vino de la ſu parte arguyendo
No le auia a faltar gracia, ni lena.

Nuño. Primero vuo que hazer, vnos diziendo
Que el ſu mal proprio cantara Ribero,
No los d'Amor, los otros defendiendo.
Que anſi dezian quien ſe paga el fuero
Sabe ſus males de toda manera,
Del cabdal, de las geras, y dinero.
Con todo Gil, bien vimos que quiſiera
Deſcabullirſe al reto porfiado,
Por buena voluntad no falleſciera.
En fin tomo el Rabel como forçado,
Y afinando lo eſtuuo cuerda à cuerda,
El arquillo bolaua, y anſi afinado
Acudia apuntando con la eſquierda.

Canta Gil los loores de Amor.

No veis como al cantar
D'Amor el Sol ſe aclara?
Las auezinlas abuelo ſe erguieron?

No veis

No veis regozijar
Los pexes al agoa clara?
Luego aca, luego alla ſe arremetierõ?
Mas ah que me fuyeron
El aliento y la lengua,
Dubdando ala empreſa altà
A tal tiempo, tal falta,
A quiẽ boluerme deuo en tãta mẽgua?
Son al freſco moçuelo
D'Amor, q̃ ſiẽto andar cercano abuelo?

Amor que en vn momento
Viſita eſte ayre puro,
Del nõbre ſolo, quien no ſe enterneçe?
Comun conſentimiento
Le dio deidad de juro,
Y niñez, que jamas no ſe enuegece
Todo deſapareçe,
Y todo apriſſa fuye,
Pera no boluer mas,
Ya fuera todo atras
Son, que Amor (ſu merced) ſo reſtuye
De nueuo refaziendo
(Quiẽ lo puede negar?) ſiẽpre aplaziẽdo.

En primauera vſana
Mirad que ſe enamora,

La mis-

La misma tierra, ved como se arrea
D'oro, y plata, y grana,
Viene Pomona y Flora,
Que la cubren, vestiendo a su libre:
Verá quien quier que vea
Toda cosa criada
D' Amor fauorecida,
De nueuo ir dando vida
En rios, en la tierra, y en mar salada:
Saltar pexes tan altos,
Que mas parecen buelos, que no saltos.

Las aues y las fieras,
Que nacen tan armadas,
Luego en poder d'Amor se paran blãdas,
Mas antes lisongeras,
Las fuerças oluidadas,
Ronceando se van en sus demandas:
Senhor que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra Aldea,
Inchela toda d'Amor, y odios quita,
Que por muy buena suerte
Todo eres vida Amor, desamor muerte.

Entre

Entre flores suaues
Si estàs contra tu grado,
No te podran tener, ni aun en cadenas,
Ay quanto que son graues,
Las fiestas al forçado,
Quãto biẽ ende vẽ, buelue se en penas.
Malas cosas y buenas
Haze Amor, y deshaze,
D'absoluto poder,
Quereislo clar o veer?
No llamamos plazer, son lo q̃ aplaze,
Quanta noche esclarece,
Y quantos dias que Amor escurece?

Ciertos embolueḋores
Falsos, y femẽtidos,
Entran hurtados, (siẽdo Amor ausente)
Al arrayal d'Amores,
Ende desconoscidos,
Toman a engaño al simple, al innocẽte
Causa que tanta gente
Vaya con boz llorosa
De mandando piedad,
Tornad en vos, tornad,
Que aũ trabajos d'Amor, sõ dulce cosa,

Catad

Catad que essos moçuelos
Que por Amor passais, son malos celos.

Amor nunca alabado
Por mucho que sea assaz,
Si a lo que se le deue se mirò,
Quien al mal prolongado
O fuesse en guerra, o em paz,
Puso dulce esperança, si Amor no?
Quien el palacio enchio
De ricos atauios?
Aquellas opiniones
Degalas y inuenciones,
Que serian sin el? son desuarios?
El puso ende las damas
Arde el palacio todo en biuas llamas.

Y a nos quien nos sostiene
Entre tantos sudores,
Desta vida cansada aca de fuera?
Saluo este Amor, que viene
Con los sus lamedores,
A esforçar vno a vno que no muera?
Templad d'una manera
En sus iguales modos
Estos nuestros rabees,

Tocado

Tocad vno despues,
Sin q̃ otros no toqueis, respõden todos,
Amor que no podrá,
Si tanta fuerça a los conciertos da?

Es trabaso sin fin que me aueis dado
Que a labança mayor
No quier Dios de nos mas, q̃ solo Amor.

Ansi nos canto Gil, y a nos boluido
Dixo, esto fue complir vuestro mandado,
No cantar, no tañer, que no lo ha sido.
Turibi. O mi buen compañero, ah que me has dado
La vida con las tus buenas canciones,
Menudamente de todo acordado.
Nuño. Si ansi Turibio te plugon sus sones,
Oyendolos a ellos, que fizieras:
No pude mas, conuiene me perdones.
Mas tu quiçàs no vees las cantaderas
Que alla pareçen? que frescas Zagalas
Vestidas como aguisa d'estrangeras.
Dos Mengas, dos Eluiras, dos Pascoalas,
Semejan entre mil como escogidas,
En cuerpos, gestos, gracias, y en las galas,
A fiestas deuen d'ir tan guarnecidas,
Y tan acompañadas, abalemos
Turibi. Ah Nuño, como? y a fiestas me combidas.
Nuño. Otros a tantos de Zagales vemos
Alà porfia contrales teniendo,
No lo sufre razon que tal dexemos.
Passar Carillo, viendo, y no lo viendo.

Zagalas. Razon ay que tal sufra? vna donzella
Criada a mil regalos, enel seno
De su madre, ella çaharenha y bella,
Que venga vno de fuera, vn como ageno
Y que la lleue mientras se querella?
El gesto todo de lagrimas lleno,
Que se puede pensar cosa mas fea?
Entrada de enemigos el Aldea?
Sà, Saa, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Padres, madres, hermanos son vencidos
En los proprios amores verdaderos
Destos esclauos que llamais maridos,
Hasta la muerte sanos compañeros:
Pero los suegros (como embeuecidos
Del plazer grande) piden nueuos fueros,
Dad que gelos deueis nietos a pares,
De que donayres cuenten à millares.
Sà, Sà, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Ay Zagalejas nuestras tan preciadas,
Y vos que lo pensais, porende altiuas
Andais (al parecer) glorificadas,
Que no semejais quasi a cosas biuas:
Perdeislo todo como sois casadas,
Passaisuos de señoras a cariuas,
Quien lo puede negar? y en tanto daño
Apesar de razon, vence el engaño.
Sà, Sà por ayre tierra y mar ressuena
En comun alegria y buena estrena.

Zagales.

No se puede negar que todo fuye,
Quanto mas las liuianas voluntades,
Este tiempo gloton todo destruye,
Las duras peñas, quanto mas beldades,
Tan delicadas, quien lo restituye
Todo, si Amor, no por sus bondades?
El solo nos defiende a la fortuna
A las bueltas del Sol, y dela Luna.
Sà, Sà, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Essa restitucion de que acenais,
(Que son los hijos,) ay las sus fatigas,
Ah los trabajos grandes que callais,
Dissimulando cuitas tan antigas:
Que vosotros sabeis que las causais,
Dias crueles, noches enemigas,
Desigual parçeria, juzgue Amor,
La parte flaca mas, passa peor.
Sà, Saa, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Passais desgradecidas como en juego
Tantos suspiros de los seruidores,
Oyame el turbio Duero, oya el Mondego,
Cad'uno con la su fuente de Amores,

No ſabeis como va derecha al fuego,
Arbol ſin frutto aunque lleue flores?
Y dize el que la riega, y que la eſcaua,
Que quiero mas aqui deſt' Arbol braua?
Sà, Sà, por ayre tierra y mar reſſuena
En comun alegria y buena eſtrena.

Zagalas.

O dulce libertad como te vas
Aſsi cubierta de nombres pintados!
Que nunca buelues ni apareces mas?
Corre el engaño todos los eſtados,
Si pudieſſen boluer tiempos atras
Como no pueden, ni conſienten hados,
Auerian lugar buenos conſejos,
Seriamos a nos buenos eſpejos.
Sà, Sà, por ayre, tierra y mar reſſuena
En comun alegria, y buena eſtrena.

Zagales.

Zagales.

Relampaguean fuegos que nos ciegan,
Veis quanta gente? veis quanta ſeñal?
Y todas d'alegria que ſaltan y ſe allegan
A nos, que no ſera ſoncas por mal,
Eſtas lo que mas deſſean, niegan,
Los ſus eſpoſos, no les creais tal,
No os engañen fingidos ſus enojos,
No las lagrimas falſas de ſus ojos.
Sà, Sà, por ayre, tierra, y mar reſſuena
En comun alegria, y buena eſtrena.

Glosas, Cantigas, & Chistes, ao Modo Italiano. De Francisco de Saa de Miranda.

Glossa (como se na quelle tempo costumaua) a esta cantiga de Dom Iorge Mantique.

No se porque me fatigo,
Pues com razon me vencí?
No siendo nadie comigo,
Y vos, y yo contra mi.

Yo por aueros querido,
Y vos a my desamado,
Cõ vuestra fuerça y migrado
Auemos a my vencido.
Y pues fui mi enemigo,
En me dar como me di,
Quien osara ser amigo
Del enemigo de si?

Glossa ao costume daquelles tempos.

Del tormento fatigado
No se que consejo ligo
Voi de cuidado en cuidado,
Mas despues en my tornado,
No se porque me fatigo,

Haz lo que suele el pesar,
Desatinandome ansi,
Mas boluiẽdo a en vos pensar,
No se de que me quexar,
Pues con razon me venci.

En aquella mi agonia,
Ya no me quexo: mas digo,
Quando fue la prision mia,
Quien ayudarme podria
No siendo nadie comigo?

Y aun esto no abastò,
Que harto mal era por si,
Que a my me faltasse yo?
No fui comigo alli, nò?
Y vos y yo contra mi.

Que diran a tal concierto
Sin mas dilacion cumplido?
Entramos me auemos muerto
Vos porque no see, mas cierto
Yo por aueros querido.

Lo mas como lo sabrè?
Que en aquel pũto ordenado,
Que a vos los ojos alcè,
A mi desamado me he,
Y vos a mi desamado.

Enel mal quando acontece,
Es consuelo el ser forçado,
Tambien esto aqui fallece,
Que juntamente parece
Cõ vuestra fuerça, y mi grado.

Fuerça, en q̃ no consentistes,
Mas vuestro poder sabido,
Em q̃ venceis quanto vistes,
El, y los mis ojos tristes,
Auemos a mi vencido.

Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaran vn abrigo,
En tantos desassossiegos?
Pues acendi los mis fuegos
Y pues fui mi enemigo?

Es la razon natural,
Cada vno an si por si,
Que a los otros sere tal,
Quãdo ami mismo hize mal,
En me dar como me di.

Todos van al su prouecho,
Yo q̃ a mis males me obligo,
Ando comigo en despecho,
De tão duro y cruel pecho,
Quien osará ser amigo?

Mas que digo yo? osarà
(Y no mucho antes ansi
Qual peligro deterna)
Aquel que fuyendo và
Del enemigo de si?

CANTIGA SVA.

Señora oid la mi suerte
Y de vuestra crueldad
Por no peditos piedad
Antes la pido ala muerte.

El mi coraçon caido,
En tanta cuita y desmayo,
Pues q̃ nunca os ha mouido,
Ante la muerte lo trayo,
Mas no se como concierte,
Tan grande desigualdad,
Que me hazeis pedir piedad,
Contra la muerte ala muerte.

CANTIGA SVA.

Quãto mal me era ordenado,
Las cosas con que naci
Algunas me han desechado,

Alcance

Alcance otras contra my.

De la mi alma no sé
Que es della, y mi coraçon,
Ala fuerça no ay razon,
Cad'uno tras vos se fue.
Vida, memoria, y cuidado,
Sentidos que a vos ergui,
Estos nunca me han dexado
Por seren mas contra my.

CANTIGA SVA.

Que he isto onde me lançou
Esta tempestade ma?
Qu'he de my se não sou la?
E ca comigo não vou?

Inda que me eu ca não via
Tudo vos confessarei,
Onde a vos & a my deixei
Cuidaua que me acharia,
Agora quem donde estou
Nouas de my me trara?
Pois dizeis que não sou la
Não sei sem my onde vou.

ESPARSA SVA.

Porque podera abasar
Ouuindo, o que nace mudo
Com desejos de falar,
Antes se lhe nega tudo.
Ora auendo de nacer
D'ouuir de vos tal desejo,
Porque ouui se vos não vejo
Nem vos espero de ver?

CANTIGA SVA.

Puede se esta llamar vida?
Ala qual se entra llorando
Que se passa suspirando
La muerte es la su salida?

Por lo qual yo sin ventura
Con gran cuita he desseado
Que vuiera sido lleuado
Del parto ala sepultura,
Tal esperança perdida
Yo no se loco tras que ando
Voime assi deuaneando
Entre la muerte y la vida.

ESPARSA SVA.

Tornouseme tudo em vento
Apos tormento, & tormento,
Que eu passei cuidãdo em al,
Em fim veo cedo o mal
E tarde o conhecimento.
Eu assi desenganado,
Vejo vir males mayores
O tempo a que sou chegado?
Que posso doer às dores,
E dar cuidado ao cuidado.

CAN-

CANTIGA SVA.

Mal de que me eu contentei,
Contas rematadas ja,
Agora descansarei
Esta dor me matarà
Senão, eu me matarey.

Nas cousas que não ha meo
He escusado cansar mais,
Ir de receo em receo
E de sinais em sinais.
Em vão ca, & la cansei,
Tudo me he tomado ja,
Agora descansarei,
Ou me este mal matarà,
Senão, eu me matarei.

CANTIGA SVA.

Comigo me desauim,
Sou posto em todo perigo
Não posso viuer comigo
Nem posso fugir de mi.

Com dor da gente fugia
Antes que esta assi crecesse
Agora ja fugir ia
De mim, se de mim podesse.
Que meo espero ou que fim?
Do vão trabalho que sigo
Pois q̃ trago amim comigo
Tamanho imigo de mim?

CANTIGA SVA.

Criado sempre no meo
De dores, fez se a dor tal,
Que pode chegar o mal
Onde não pode o receo.

Que se eu podera algũa hora
Em tanto tempo cuidar
De ver tamanho pesar
Poderão sofrer agora,
Mas que farei se a ser veo
Crecendo a dor a ser tal
Que pos auante o sinal,
Donde o posera o receo.

VILANCETE SEV.

Esperanças mal tomadas
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Que vida ha de ser a minha
Por tẽpos, nem por mudãças
Que possaõ vir? que nã tinha
Mais bem q̃ estas esperãças?
Agora às desconfianças
E sospeitas que farei?
Com que lhas defenderei?

Conselhos mal atinados
O tempo ao menos vos cãse,
Partão cuidados & vão se,
E porem, ò que cuidados?

Mas

Mas deixême erros passados
Em q̃ eu por meu mal entrei,
E por meu mal sairei.

CANTIGA SVA.

Sortes & venturas saõ
No mal que me asi fazeis
Se tendes causa ou não,
Senhora vos o sabeis.

Por isso quanto padeço
E o mais que de vos espero
Queroo se o mereço,
E se não tambem o quero.
Que agora mal o cuideis
Annos & tempos farão
Que o que sem razão fazeis
Inda julgueis por razão.

VILANCETE SEV.

Que mal auindos cuidados
Me tomarão antre si!
Nunca taes cuidados vi.

A minha alma não repousa
Nem de noite, nem de dia,
Dentro nella contraria
Toda cousa, a toda cousa,
O cuidado, que mais ousa,
E que mais confia em si,
Ora he asi, & ora asi.

Que me quer este receo
Inda sobre meus agrauos?
Temme tomados os cabos
Não tendo meus males meo.
Ia não confio nem creo,
Ia confiei, & ja cri,
Mal asi, & mal asi.

Inda se isto ser podesse
Que por tempo se faria,
Que hũa hora me nã temesse,
Isto me descansaria.
Mas não vejo porque via
Se possa fazer, que asi
Não moura como viui.

CANTIGA SVA.

Razão & tempo seria
De ver sua vaidade
Aquella cega vontade
Que tão cegamente guia.

Que podera hũ grande imigo
Fazer mais certo he q̃ não,
Por mimos do coração
Inda tudo o peor sigo.
Voume asi de dia em dia,
Olhos de longe à verdade
Entre tanto esta vontade
Asi cega guia, guia.

CANTIGA SVA.

El agrauio que recibo
De quien yo menos deuiera

Dexadme

Dexadme llorar siquiera
Ya que para mas no biuo.

Aliuio sea, o salida
Aldolor, esto que os cuesta?
Que no passe al otra vida,
Con tanta querella desta?
Mientras de mal tan esquiuo
Mas mal no quiere q̃ muera
Dexadme llorar si quiera
Terne solo esto de biuo.

ESPARSA SVA.

Do passado arrependido
Seguro doutro erro tal,
Seja o perdido, perdido,
E do mal, o menos mal.
Façase o que vos mandaes
Não nos ouça mais ninguem
Que do mal vosso & dobem
Não sei qual quisesse mais.

A este villancete velho.

Todos vienen de la villa
No viene Domenga.

Francisco de Sá.

Quanta Zagala tornò
Ahotas que yo las vi bien,
Vna falta, y es por quien
(Quanto a mi) nadie boluio.

Que me hare coitado yo
Con que la vida de senda?
Hasta que me vida venga.

A estoutro villancete tambem velho.

Por malos emboluedores
Pierdo triste mis amores.

Francisco de Sà

Ahum sò descanso q̃ eu tinha
E hũa sò esperança,
Donde veo tão asinha
Asi, tamanha mudança?
Que si fez da confiança
Com q̃ nos tormentos mores
Eu passaua as minhas dores?

Se auia o ser de ser tal,
Melhor fora antes não ser,
Ouuese me enueja ao mal
Que outrẽ não pode sofrer.
E eu vejo vir a correr
Sobre mim meus matadores
E fugir os valedores.

Males q̃ eu tanto estimaua
Quẽ se nos mereo no meo?
Em tepo q̃ eu mais andaua
Sem sospeita & sem receo?
O engano & o enleo

Que

Que en geitão os seruidores
E querem antes senhores.

CANTIGA SVA.

Nada do que ves he asi
Tras os olhos não te abales,
Tudo he mudemme daqui
Matemme nessoutros vales.

Posto que al te asi pareça
Deste sonho & mostra vaã,
Por defora resplandece,
Dentro não ha cousa saã.
Corri montes, corri vales,
Cuidado cego apos ti,
Deixame morrer ja asi
Nã me mãdes ver maismales.

Vilancete por outro que diz Serrana onde jouueste, feito meo dormindo.

Francisco de Saa.

Coração onde jouuestes
Que tão má noite me destes?

Toda a noite peleijei
Eu que ja mais não podia
Busqueiuos, não vos achei
Sem vos, eu só que faria?
Destesme dores de dia
Pollo que asi me fizestes,
Denoite dores me destes.

CANTIGA SVA.

Foime grande agrauo feito
Sermia hora mal de cret
Quẽ mo fez podeo fazer
Ou a torto, ou a direito.

Estaua ordenada hũa hora
Veo, nãoouue hi tardança,
E leuou hũa esperança
Que se não fora, eu não fora.

Que remedio ao q̃ he ja feito?
Quem o fez tinha o poder,
Eu que posso hi al fazer,
Senão gemer em meu peito?

VILANCETE SEV.

Se meu tormento me desse
Vagar para cuidar nelle
Não me queixaria delle.

Foyme dado hum so momẽto
Des então pude atinar
Que não fora elle tormento
Se me dera este vagar:
Não mo quiserão mais dar
E ha

E ha que podera com elle
Ser vida, & morte sem elle.

ESPARSA SVA.

Todas as cousas tem cabo
Seja paz, ou seja guerra,
Olhai quebrada da terra
O meu sãgue, & o meu agrauo
Cad'hora em tudo ha mudãça,
Vir a apos esta outra tal
Fazer justiça & vingança
Negra da minha esperaça
Que me doe mais q̃ meu mal.

VILANCETE SEV.

Os meus castellos de vento
Que em tal cuita me posestes
Como me vos desfizestes;

Armei castellos erguidos
Esteue a fortuna queda
E disse, Gostos perdidos
Como his à dar tã grã queda?
Mas ô fraco entendimento
Em que parte vos posestes
Que entã me ná socorrestes?

Caistesme tão asinha
Cairão as esperanças,
Isto não forão mudanças
Mas forão a morte minha
Castellos sem fundamento
Quanto que me promestestes?
Quanto que me falecestes?

CANTIGA SVA.

Cego deste meu desejo,
Mal dos males, mor dos mores
Quem não daria estas dores
Por quantos prazeres vejo?

Meu mal tudo tem por si,
Tão cegamente deseja,
Que inda não vejo, nem vi,
Cousa que me faça enueja.

Teue este mal os seus meos
Com que aprouue a sua dor
Mas trago inda os olhos cheos
Qu'hei de ver cedo outro mor

ESPARSA SVA.

Não vejo o rosto aninguem
Cuidaes que são, & não saõ
Homẽs que não vão nem vẽ,
Parece que auante vão,
Antre o doente, & o saõ
Mente cadora a espia
Nã meta do meo dia
Andaes entre lobo & cão.

VILAN-

Por donde anda el coraçon.

CANTIGA SVA.

Pois meu mal com quãto he,
Inda a crueldade he mòr,
Ao menos faça esta dor
Ante vos fè, de tal fè,

Vistes passar tantos annos,
Durou sempre este cuidado
Que nunca se vio mudado,
Não estranheis desenganos
Em homem tão enganado.
Sem causa, assi sem porque
Traz hũ mal, outro mal mòr
Mas de mim seja o que for,
Lembre que foi polla fè.

VILANCETE SEV.

O meu mal pudeo sofrer
Co este que todo he vosso
Que vos não doa, não posso.

Vos passailo alegremente,
Mal ajão os maos sinaes,
Que então saõ elles mortaes,
Quãdo homẽ seu mal nã sẽte.
Vos não sentis ò presente
Quanto vos custa este vosso,
Assi quero, & assi posso.

Mas se hi ha peso & medida,
Nem de todo tudo he vento,
Tambem o meu sentimento
Deue ser sinal de vida.
O esperança comprida.
Que eu somente pello vosso
Tanto esperala não posso.

CANTIGA SVA.

Tudo passa como hum vento,
Hũ mal sẽpre me he presẽte
Que o coração innocente
Cad'ora poem a tormento.

Aas voltas coas sospeitas
Contas fiz, contas defiz,
Estas despois que as fiz
Forão pera sempre feitas.
Iaz alto seu fundamento,
Neste brauo fogo ardente
Por quem culpado se sente,
Moura o sẽ culpa a tormẽto.

ESPARSA SVA.

Quãdo nos meus erros cuido
No meu claro & lõgo engano,
Leuemente passo o dano,
A par de tanto descuido.
Passando a força de braços,
Por hũs, por outros empeços,

Quam

Quam mal que nestes espaços
Dizem as fins cos começos!

VILANCETE SEV.

Estes meus olhos que assi
Lisongeão a vontade
Se me falarão verdade?

Hey medo que ma não falem
Não me fio, no que vejo,
Que saõ cousas do desejo,
Cõtra quem olhos não valem.
Não saõ pera mais que assi
Andar ao som da vontade,
Chorar aa necessidade.

Na sepultura de Pedraza, que no Cancioneyro geral de Castella se chama Constãcio.

Alma q̃ em tão breues dias
Tal nõbre, y tal fama has dado
Al cuerpo aqui sepultado
Que a otra parte regias,
Aqui la carne pesada
Ya tierra, espera por ti
Alma bienauenturada
En esto no te va nada
Los hombres piensan que si.

Cantiga de Ioão Cru.

Como no se desespera
Quien se vè como me veo?
Tan lexos de dò desseo
Tan cerca dò no quisiera.

Ajuda do dito Pedraza.

Los males de los ausentes
Sanan cosas de presencia,
Mas amy enfermo d'ausencia
Matanme cosas presentes.
Pues estoi do no deuiera,
Y lexos de do desseo,
No llegàra a do me veo,
O nunca de allà partiera.

Ajuda de Francisdo de Saa.

Triste q̃ ha de ser de mi
Como biuo sola vna'hora
Cansado y corrido ansi,
De lo que me veo aqui
Y lo que he visto alguna hora.
Mi esperança lisongera
Con quien tanto ha q̃ peleo
Que me quereis? que no veo
Porque la vida ya quiera.

A Sepultura de hũa Dama.

de Francisco de Saa.

De quam pouca terra satisfeita jaz
A que toda ella a não merecia!
Aquella que triste, ou leda, como hia
Asi punha tudo ou em guerra ou em paz.
Leuounola a morte cruel que desfaz
As mayores cousas com mayor presteza
Ah morte! Ah mundo! A tua riqueza
De quam pouca terra satisfeita jaz!

CANTIGA SVA.

Olhai a camanha estreita
Senhora he minha alma vinda
Na vida tanta sospeita,
Na morte saudade infinda.

Quem me dara nouas penas
Inda q̃ me tudo tolha,
Com que voe? & q̃ me acolha
Do meo de tantas penas?
A saida agra & estreita
Causaõ tanta ida & vinda,
Da vida lança a sospeita,
Da morte saudade infinda.

CANTIGA SVA,

Ledo em meus males sẽ cura,
E nos descansos cansado,
Q̃erendo, & sendo forçado,
Ora cuidarme assegura,
Ora me mata cuidado.

Asi me tem repartido
Estremos que não entendo,
De toda parte corrido,
De todas desocorrido,
De nenhũa me defendo.
A vida està mal segura,
Eu tenho outro mor cuidado,
Que mal tão bem estimado
Que nesta desauentura
Me faz bemau enturado!

Dialogo que mandarão os Fidalgos as Damas.

Hũa cousa cuidaua eu
Causa doutras muitas cousas
Razão tinha de a cuidar,
Dame sem razão cuidado,
Indei

Ind'ei de pedir a outrem
Das suas culpas perdão.

Respondeo a Senhora Dona Lianor Mascarenhas.

Hũa cousa cuidaua eu
Que nã sou para estas cousas,
Razão fora não cuidar
Em tão sem razão cuidados
Pois hei de sofrer á outrem
Culpas que não tem perdão.

Replicou Bernaldim Ribeyro

A mim me hei de tornar eu
Para vingar muitas cousas,
Que não saõ para cuidar,
Forão para dar cuidado.
Seja minha a culpa doutrem,
Que asi val mais q̃ o perdão.

Otro Dialogo que lhes tornamos a mandar.

Vi sinaes, ho mal he grande,
Vios no ceo, vi na terra,
Ouuese d'achar caminho
Para se tudo perder,
Desejos de masiados
Não saõ desejos de vida.

Tornou ella a responder.

Outro mal ha muito grande
Nesta vida, & nesta terra,
Em que não vejo caminho
Para me nella perder,
Meus desejos & cuidados
Não saõ postos nesta vida.

Francisco de Saa de Miranda

Cauarei, & o meu mal grande
Em gritos direi à terra,
D'alma hei dõ, q̃ he ẽ caminho
Claro para se perder,
Que ja acabasse os cuydados
Quando se acabasse a vida.

A esta cãtiga que cantão pollas ruas em Dialogo.

Naquella serra
Me ir quero á morar,
Quem me quiser bem,
Quem me bem quiser
Là me ira buscar.

Nestes pouoados
Tudo saõ requestas
Deixaime os cuidados
Que eu vos deixo as festas,
Daquellas florestas

Verei longe o mar
Porm'ei a cudar.

Responde a parceira.

Sombras & aguoas frias
Quando o sol mais arde
Despois sobre a tarde
Por cà bradarias
Vès que pressa os dias
Leuão sem cansar
Nunca hão de tornar.

A Primeira.

Não julgue ninguem
Nunca outrem por si.
Mais de hum bem que eu vi,
A vida não tem.
Não deixa este bem
Onde se elle achar
Mais que desejar

A Parceira.

Deixa as vaidades
Que da mão à boca
O labor se troca,
Trocãose as vontades,
Essas vaãs saudades
Armadas no ar
Que podem durar?

Naquella espessura
Me hei de ir esconder,
Venha o que vier,
Acharme ha segura.
Se tal bem não dura
Ao seu passar,
Tudo ha de acabar.

A este Villancete velho.

Posiera los mis amores
En vn tan alto lũgar
Que no los puedo oluidar.

Al mi mal tan mal creido
Sin fin, comienço, ni medio,
El remedio era el oluido,
Yo oluideme el remedio.
Por vos, no duelen dolores,
Por vos, no pesa el pesar,
Como os podre oluidar?

Por vos, el contentamiento
(Quien nunca tal cosa oyo?)
Entre la muerte y tormento
Lugar para si fallò,
Y en medio de mis dolores,
Que andan para me matar,
Aplazer se puede estar.

A este

A este vilancete de Garci Sãchez de Badajoz.

Secaronme los pesares
Los ojos y el coraçon
Que no puedo llorar, nõ.

Francisco de Saa.

Quedar qual esta alma queda
No se como pueda ser,
Si otros lloran con plazer
Que ella de triste no pueda?
Quando vna persona leda
Puede llorar, como nõ
Puede vn triste coraçon?

A quella cantiga velha.

En toda la q̃ Tramontana
Nunca vi cosa mejor
Que era la esposa d'Anton
Vaquerizo de Morana.

Naquelle longo desterro
Que eu por vontade segui,
Quer fosse razão, quer erro
Quis o coração assi.
Vi hũa visaõ vfana,
As vezes cuido que não,
Fosse verdade ou visaõ,
Hia em trajo de serrana.

Não era o coração quedo
Indo, & tornando a meude,
Ora ò prazer, ora ò medo
Tiueme o melhor que puede
Quantos bẽs ma sorte dana!
Brada quem ò vè em vão,
Tal como era, era de Antão
Hum vaqueiro de Morana.

Olhos que taes olhos vistes,
Viuei bemauenturados,
E porem ouuidos tristes
Para tanto mal guardados,
Que he isto que assi engana,
E assi despreza a razão?
Suspiraua por Antão
Quem nã tẽ nada de humana?

A este vilancete alheo.

En las tierras de do vine
Vy quanto se puede veer,
Alla me quiero boluer.

Francisco de Saa.

Pero mientras deuaneo
Pensando a quanto alla vy,
Forçado y tenido aqui,
Lleuado alla del desseo,
Mientras debato y peleo,
Si me piensan de tener
El alma aura de boluer.

A este villancete velho.

Saudade minha
Quando vos veria?

Por terra ja assi,
Tudo, em tal mudança,
Que faz inda aqui
Nenhũa esperança?
A minha lembrança
A minha perfia,
Que mais aperfia?

Que faz hum desejo
Tão desenganado?
Que faz o sobejo
Deste meu cuidado?
Comigo apartado
Quando a noitecia,
Quando a manhecia.

Saudade & sospeitas
A torto & a direito
Não sereis desfeytas
Quando eu for desfeito?
Inda o frio peito
Inda a lingoa fria,
Por vos bradaria.

A este vilancete de Manoel de Leyua.

Pois os meus olhos saõ vossos
Que faço eu,
Em dar a seu dono o seu?

Quantos conselhos se dão
Aos olhos com que vos vi,
Hum diz assi, outro assi,
Razões que não vem, ne vão,
Voume a pos o coração
Que vos jà deu
Quanto soia ter de seu.

Tudo he em vosso poder,
De liure que eu aqui vim
Não deixastes nada em mim
Nem olhos que al possão ver.
E como podia ser
Veruos eu
E ter mais nada de meu?

A este vilancete velho.

Sola me dexastes
En aquel yermo
Villano, malo, gallego.

A do te fuiste
Voy, y no se adonde,
El valle responde,
Tu no respondiste,
Moça sola y triste,
Que llorando ciego
Passastelo en juego.

Por

Por yermos agenos
Llorro, y grito en vano
Gallego y villano,
Que esperaua menos?
Ojos dagua llenos,
El pecho de fuego,
Quando auran sossiego?

A este vilancete alheo.

Que vos farei meu cuidado
Onde vos trarei metido
Que não sejais entendido?

Descobrieisme cad'hora
Cuidei q̃ era á minha mingoa
Mas em quanto vedo a lingoa
Sahis pellos olhos fora.
E não cuidaes que me fora
Sendo meu mal entendido
Melhor nunca ser nacido.

A estoutro tambem alheo.

Desenganei hum cuidado
De parte do coração,
C'hũa desesperação.

Tenho a conta feita & chea,
O que ha de ser, seja logo,
Pollo ferro, & pollo fogo
Que não he a morte tão fea.
Viui á vontade alhea,
Mouta à minha, & quãdo não
Apesar do coração.

CANTIGA SVA,

Se me este cuidado atura
Que me persegue, & q̃ eu sigo
A vida està em perigo,
E a alma pella ventura.

Bem sei tudo o q̃ ha de ser,
Mas he de tanto pesar,
Que hei medo de o dizer,
E medo de o cuidar.
Não vejo cousa segura,
Seguro he sò o perigo,
E o que agora não digo
Deixai fazer á ventura.

A este villancete que se cãta.

En mi coraçon vos tengo
Por las gentes no os veo.

O Conde Luis da Silueyra.

Voy como loco sin tiento,
Con los ojos a buscaros,
Y de no poder miraros
Dios sabe lo que yo siento
Veos enel pensamiento,
Enel alma, enel desseo,
Con los ojos no os veo.

de Fran-

de Francisco de Saa.

Por lo qual buelto a mi seno
Por quanto bien del confio,
El mi coraçon ageno
Boluio de nueuo a ser mio.
D'otra parte yo sandio
Engañado del desseo
Con los ojos deuaneo.

A esta Cantiga alhea.

Ay que el alma se me sale
Lo porque siento perdella
Es porque estais vos enella
Que la vida poco vale.

Loco de mi que pensana
Podella aqui detener
Comigo, vna alma q̃ estaua
Vsana en vuestro poder,
Que quereis q̃ a esto iguale:
Siendo vos senhora della?
Esta es toda mi querella,
Que lo mas todo, que vale?

Aquella cantiga velha.

Doña bella, mal maridada. &c.

Ansi que aquella hermosura
Nunca vista sin espanto,
La gracia y desemboltura
Todo se es tornada en llanto:
Fortuna tan mal mirada,
Que embidia tiene de si,
Donzella dichosa ansi,
Y Dueña tan desdichada.

No se que diga, o aquien
Culpemos en mal tamanho:
No se auynta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada
(Dixe yo luego que os vi)
No nacistes vos ansi
para ser bien empleada.

A este vilancete alheo.

Este mal
Otro tiempo lo senti,
Mas no me dolia ansi.

Este es el fuego por cierto
(Si del todo no soy loco)
Que me quemo poco a poco.
Crecio andando encubierto,
No fue muerto
Como deuiera, yo si,
Que no se parte de mi.

Por de mas es que me vele,
Que me tema, y q̃ me guarde,
Que el

Que el Sol q̃ mas tarde, suele
Salir mas rezio, y mas arde:
Aunque tarde,
Abriendo los ojos vi,
Que otro mal no duele ansi.

CANTIGA SVA.

Fuye el tiẽpo, està el mal q̃do,
Pense morirme, y no muero,
Desenganarme no quiero,
Quando ya quiero, no puedo.

Todo se me va en antojos,
En esta prision escura,
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura.

De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo, y no quiero,
De lo que quiero y no puedo.

A este vilancete alheo.

Quem cuidar & quem disser
Que de matar sois seruida,
Não sabe que cousa he vida.

Não he dano o que não dana
Tee morte de vossa mão
Não he morte, he nome vão
Que á primeira face engana.
Onde não ha cousa humana
Tudo sp irito, & tudo vida,
Maljarà a morte escondida.

Ficase porem julgando
Antre hũa & a outra sorte,
Se daes vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?
A tẽ que vai embicando
Não ve dos olhos tal vida
So mente porque duuida.

A este villancete de Dom Simão da Silueira.

Tu presencia desseada
Zagala desconoscida
Di, porque la has escondida?

Francisco de Saa de Meneses.

El cielo niega el rocio
El ganado se nos pierde,
El campo ya no es verde,
Ni corre tan claro el rio,
Secose el valle sombrio
Con la tu triste partida
Zagala desconocida.

Francisco de Saa de Miranda.

Has la tu tierra assolada,
Que eras toda su riqueza,
Nacida

Nascida enella & criada,
Podiste hazer tal crueza?
Que en tal miseria y pobreza,
Dexaste con tu partida
Y a mim cuitado en tal vida?

Oydos que ensordecistes,
A suspiros, y a los ruegos
Que veran los ojos tristes
Aqui dexados tan ciegos?
Vascos y desassosiegos
Son en lugar de la vida
Tras los tus ojos fuida.

Yeruas por las sombras frias
Y las flores que has pisado,
Quanto te via, y tu vias
Todo queda auelenado
Vn triste, vn ciego, vn cuitado
Vn loco en la tu partida
Pasmando pierde la vida.

A este villancete de Antonio de Azeuedo.

Polo bem mal que quisestes
E eu nunca tenha prazer
Se vos mal posso querer.

Francisco de Saa.

For'ella razão igual.
Mas vede as leis que amor tẽ,
Que é vez de vos querer mal,
Assi vos quero mor bem.
E passo tanto inda alem
Do que este mal soe fazer
Que me venho a aborrecer.

Villancete de Iuão del Enzina.

Quien te hizo Iuan pastor
Sin gasajo, y sin plazer
Que tu alegre solias ser.

Francisco de Saa de Menese.

Esse plazer que me viste
Todo fue vano y de viento,
Mostraua contentamiento
Por me dexaren ser triste,
Mas pues que lo entendiste
No te lo quiero esconder,
Yo nunca tuue plazer.

Francisco de Saa de miranda.

Vn yerro, y mas en zagal,
No es cosa que mucho espãte,
Mas seguir siempre adelante
Que es mal? si este no es mal?
Pesame de te veer tal

Huye

Huye el gazajo a correr,
Nunca passa el desplazer.

CANTIGA SVA.

De quem me deuo queixar!
De vos que podera ser,
Não vos sabe a alma culpar,
Fica somente o sofrer,
Se mais fica, he suspirar.

Os meus suspiros tè agora
Quasi erão contentamentos,
Tambem de prazer se chora,
Entrarão males de fora
Nãhũ, nã dous, mais seiscẽtos.
Não lhes abastou entrar,
Mas inda sempre crecer,
Onde ha d'ir isto aparar?
Não fica senão sofrer
Ao mudo do suspirar.

Ora os suspiros que saõ
Saluo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração
Nossos ouuidos não vão.
Deixão tudo ao entendimẽto.
Que m'eu quisesse queixar
Quem me poderia crer?
Deixai, & venha o pezar,
Que pode o pouco empecer?
Que pode o muito durar?

CANTIGA SVA.

Alma tão sem assossego
Que né deste ar me nã farto,
Dõde cum queixume chego,
Com cẽ mil delles me parto.

Nas cousas em que algũa hora
Esperei de ter repouso,
Triste de mim que ja gora
Somente cuidar não ouso.
A que fraquezas que chego?
Em quantas partes me parto
Por este coração cego
Nunca de seus males farto.

Os meus perigos medonhos
Em q̃ a alma cad'ora empeça
Os ventos, a neuoa, os sonhos
Que não tem pees, nẽ cabeça.
O que co a linguoa nego
Por muitos sinaes reparto,
Em poder daquelle cego
De cujo poder não parto.

Mal as noites, mal os dias,
Com medos, & com sospeitas,
Fazendo contas baldias,
Que asinha serão desfeitas.
Com muito desassossego
Com q̃ chego & com q̃ parto
Con ver tanto, & ser tão cego

Todos

Todos do que encubro farto.
No los que por aqui veo.
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleuarà de aqui
Que no dan nada por mi.

A este Villancete velho.
Francisco de Saa de Mirãda.

Dime tu senhora di,
Si me fuere desta tierra
Si te acordaras de mi.

Los mis pensamientos faltos,
Que a desora erguidos caen
Por tierra: siempre me traen
En dubdas y sobresaltos,
Passados montes tan altos
Que sera? lo que es aqui
No sabran parte de mi.

Con quanto ya desatino
Enesto no deuaneo,
Alla males del camino
Qu'estranha merced me fuera
En la triste ausencia mia
Solo el creer que se sabia
Quando ojos aca vuiera
Yà fuesse en burla si quiera
Los lugares dó te vi
Te hiziessen mencion de mi.

Bueluo alo en q̃ auia errado,
Por mis locuras me voi
Que ni sabes quien me soy
Entre quantos te han mirado.
Saluo si es por mas cuitado
Sin memoria otra de mi
Mas ya fuesse, y fuesse ansi.

A este Villancete de Pero d'Andrade Caminha em louuor da Senhora Dona Margarida da Silueira que intitulou Receo de louuor.

VILANCETE SEV.

Que posso de vos dizer
Pois que não posso chegar
Co desejo a vos louuar?

Francisco de Saa de Miranda.

Esta vaidade minha
Que tão ousada começa
Está sem pees nem cabeça
Nem deu começo ao q̃ vinha
A vaã que sò se mantinha
Como Camaleão do ar
Não se atreue a desejar.

Forças

Forças que vos enganaes
Cuidando a tão altos voos
Ia nestes começos taes
Himos acabando nos
Senhora aquem vos la pòs
Tan alta, ha graças que dar
E a vos de nos perdoar.

Quem sera de veruos dino?
Vi vos, foi a alma pasmada,
Fui assi como hum menino
Que vè, q̃ se espanta, & brada,
Não sabe mais dizer nada,
Podese a ver vos chegar,
O mais he tudo pasmar.

A este Villancete q̃ se canta.

Taño os yo mi pandero,
Taño os yo, y pienso en al.

Miẽtra el mal arde, y destruye
Busco con q̃ el tiempo engañe,
Adesora el alma fuye,
Que no se quasi quien tañe,
Dexa aqui que me acõpanhe
La mi tanta cuita, y tal
Y aun va pensando a mas mal.

D'amor por cierto villano
Fieme como sandia,
Pusome el pandero en mano
Fueseme con la alma mia.
Enesta tanta agonia,
De mi cuita desigual,
Ni muere, ni mata el mal.

Sextina à maneira Italiana.

Não posso tornar os olhos,
Donde os não leua a razão.
Quem porà lei à vontade
Confirmada do costume?
Vontade que as suas leis,
Manda defender por força?

Isto que al he senão força
Que me fazẽ os meus olhos?
Quebrantadores das leis,
Brada apos mi a razão:
Mas que val cõtra o costume
Que senhorea a vontade?

Conselhos vãos à vontade
Que sò pode, & sò tem força,
Ajudada do costume,
Vos não podeis estes olhos
Alçar hum pouco á razão
Que faz & desfaz as leis.

Amor taes saõ tuas leis
Tal dureza a da vontade
Agrão mingua da razão,

Queira

Queira,ou não queira he porforça
Qu'se me vã estes olhos
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis,
Ay escrauos dos meus olhos
Mandados da vaã vontade,
Aque destes tanta força
Em desprezo da razão.

He morta, ou dorme a razão
Não sente ja por costume,
Que farei à mayor força?
Ajão piedade as leis
De quem entregue à võtade
Vai preso a pos os seus olhos.

Olhos apos a vontade,
As leis apos o costume
Apos a força a razão.

A hum cantar alheo.

Quem viesse aquel dia
Quando, quando, quando,
Saliesse mi vida
De tanto bando.

Los tristes ojos
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mis enojos,
Vn plazer no vistes.

Vistes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna hora buena.

Si ala suerte mia
Pluguiesse,pluguiesse,
Que viesse ora el dia
Con que mas no viesse.

VILANCETE SEV.

Acostumeime aosmeus males
Eu asi acostumado, & elles
Andão por me apartar delles.

Ah que cruel tirania,
Não sei que nome lhe ponha,
Não me doe de hũa peçonha
De que ja gora viuia:
Quãdo os meus males sentia,
Quando me queixaua delles,
Lã me auiesse coelles.

Despois q̃ se hia mais brando
Fazendo o mal por costume,
Virãome andar sẽ queixume
Matãome remedios dando.
Tudo se vay reuezando,
Males que tremia ante elles,
Mouro de saudade delles.

SONE-

SONETO.

De Francisco de Saa de Miranda à Madanella.

A vossa verdadeira penitente
Quam bem guardastes seus pontos deuidos,
Os Apostolos erão ja partidos,
Ella não parte, vedeo que ali sente:
E asi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos,
Tudo Amor vence, altissimos sentidos
A quem tal ortelão se faz presente.
Gregorio a poem por hũa, outros Doutores
Fazẽas tres, apos Gregorio vão
Despois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direi eu senhor que saõ
(Aquelles outra vez que saõ) Amores
Dos taes suspiros,hum sõ nunca em vão.

Trouas que Em Alcala de Henares leuarão o preço que foy hum Crucifixo de ouro. Sobre a Conceição de Nossa Senhora.

PRrincipio, medio, ni cabo
Hallo Virgen singular
Para poderos loar,
Porque si mucho os alabo,
Mas es lo que he de ignorar.

Y puesto que se ayuntassen
Todos quantos crio Dios,
Y siẽpre en vos se ocupassen,
Vn punto dubdo alcançassen
De lo mucho que ay en vos.

X Fuente

Fuente de nuestro consuelo,
Dechado de perfecion,
Por diuina permission
Fuistes vos aca enel suelo
Preseruada en concepcion.
Y tuuistes entre nos
Tan alta palma y victoria,
Que concebistes a Dios,
Y antes concebio el a vos
Mentalmẽte en su memoria.

De dò nos consta sentir
Que no solo no pecastes,
Pero ni peccar pensastes,
Porque en vuestro concebir
De toda gracia abundastes.
Y en vuestro vientre jocundo
Vemos que pudo caber
Por misterio muy profundo
Aquello que todo el mundo
No lo pudo comprehender.

Hizo os Dios tã limpia y pura
Por acuerdo de los tres,
Y en vos tal merecer es,
Que l'Angelica natura
Teneis debaxo los pies.

Y en tan supremo lugar
Os quiso Dios sostener,
Que no podistes pecar
Porque do auia d'encarnar
Sin pecado auia de ser.

Ved que misterio excellente
Vuestra concepcion obrò,
Que por vos se reparò
El daño de la serpiente
Que a nuestro padre engaño.
Y quiso y permitio Dios
Por su decreto diuino,
Por vos tuuissemos nos
De congruo lo que vos
Merecistes de condino.

Quando Dios os dio la silla
Que està segunda enel cielo
Limpia os hizo, y sin recelo
Concebida sin manzilla
Por la mejor deste suelo.
Porque quando os fabricò
Enel vientre maternal
Al punto os predestinò
Desde alli os eximiò
Del pecado original.

Forão mandadas estas trouas atras de Castella ao Senhor Dom Duarte, Fezlhe Francisco de Saa outras tantas na mesma sorte de Troua

Ay razon

AY razon que tal cõsienta?
Piẽsamiẽto altiuo vfano,
Que se atreua vnpecho huma
A poner en tal afrenta (no
Su lengua, ni la su mano?
Madre bendita si a vos
No acudimos, no ay remedio
Onde desmayamos nos
Comiençan obras de Dios
Sinfin, comiençó, ni medio.

Si al Sol los ojos alçamos,
Como algun'hora acontece
La vista luego en flaquece
De suerte, si aporfiamos
Que a toda parte anochece.
Si ante los mayores fuegos
No van los menos a cuento
Que no nadas, y que juegos
Son a vos los ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

Seso no te sobresaltas
No turbas, y alteras todo?
Del immenso amor sin modo
Quien fizo cosas tan altas
Cobrirse de nuestro lodo?
Virgen y madre sin par
Alçad lo que abaxo yo
En vos se vino a encerrar
Dios que no cabe en lugar
Vuestro pecho lo crio.

Madre y Virgen juntamente
(Quien nũca tal cosa oyera?)
El que en principio ya era
Del golpe de la serpiente
Preseruada os vuo entera?
Esto como puede ser
Que contradize la edad
Quien todo lo puede hacer
Como Dios, tuuo poder
Como hijo voluntad.

Fuente donde gracia mana
Siempre clara, limpia y agena
Del turbio, digan, que suena
Quando por cosa tan llana
Os llaman de gracia llena,
Virgen diuino sacratio,
No tuuo poder alguno
Cõtra vos nuestro aduersario
Que no pudo el vn contrario
Con otro estar de consuno.

Boluia al camino, errado
De en ti hablar Señora indino
Madre del verbo diuino
De tal claridad turbado
Como atinare sin tino?
Limpio espejo de la fè
Escurecido ja mas
Ah Senhora, ah que dire?
Ah, que soy niño, y no sè
Que haga, o que diga mas.

COMEDIA
Intitulada, Os Estrangeiros: ao Iffante Cardeal Dom Anrique.

NO que V. A. manda que se pode dizer mais? A Comedia qual he, tal vai, Aldeã, & mal atauiada. Esta sò lembrãça lhe fiz à partida, que se não desculpasse de querer às vezes arremedar Plauto & Terencio, porq̃ em outras lhe partes fora grãde louuor, & se mais tãbem lhe acoimassem a pessoa de hũ Doutor, como tomada de Ludouico Ariosto, que lhes posesse diante os tres auogados de Terencio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro duuida, como inda cada dia acontece: assi que des aquelle tẽpo vem ja o furto, não se enganem co nome de Doutor nouo, barbaro, & presuntuoso, como saõ muitos titulos, assi dos escritores como das obras de nossos tempos, tão differẽtes do comedimento dos passados, como foi o de Philosopho dado por Pythagoras. Tullio com que ameaçaua ja seu amigo Trebacio, tamanho Iurisconsulto, se não com as graças de Laberio? & Horacio com quãtas de suas graças passa hum sermão co mesmo Trebacio? a comedia tão estimada nos tempos antigos que al disserão aquelles grandes engenhos que era, senão hũa pintura da vida comun á dos Principes se repartio à Tragedia. Todos estes & outros muitos inconuenientes eu passaua leuemente, o mais que arreceaua erão mas interpretações a cada passo, às quaes quem pode fugir, se tẽ os hereges quãtos saõ tambem trazem a sagrada escritura

COMEDIA
Intitulada, Os Estrangeiros: ao Iffante Cardeal Dom Anrique.

NO que V. A. manda que se pode dizer mais? A Comedia qual he, tal vai, Aldeã, & mal atauiada. Esta sò lembrãça lhe fiz à partida, que se não desculpasse de querer às vezes arremedar Plauto & Terencio, porq̃ em outras lhe partes fora grãde louuor, & se mais tãbem lhe acoimassem a pessoa de hũ Doutor, como tomada de Ludouico Ariosto, que lhes posesse diante os tres auogados de Terencio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro duuida, como inda cada dia acontece: assi que des aquelle tẽpo vem ja o furto, não se enganem co nome de Doutor nouo, barbaro, & presuntuoso, como saõ muitos titulos, assi dos escritores como das obras de nossos tempos, tão differẽtes do comedimento dos passados, como foi o de Philosopho dado por Pythagoras. Tullio com que ameaçaua ja seu amigo Trebacio, tamanho Iurisconsulto, se não com as graças de Laberio? & Horacio com quãtas de suas graças passa hum sermão co mesmo Trebacio? a comedia tão estimada nos tempos antigos que al disserão aquelles grandes engenhos que era, senão hũa pintura da vida comun á dos Principes se repartio à Tragedia. Todos estes & outros muitos inconuenientes eu passaua leuemente, o mais que arreceaua erão mas interpretações a cada passo, às quaes quem pode fugir, se tẽ os hereges quãtos saõ tambem trazem a sagrada escritura

em sua ajuda interpretando mal,& o diabo tambem. A isto tudo ouuera algũ remedio, que era o do fogo, mas ao mandado de V. A. que fareiʔ saluo obedecer & pedirlhe que empare estes estrangeiros, como fazem os grandes Principes & de cujo emparo somente cõfião, os q̃ vão por terras alheas. Eu nã vou pedindo saluo perdão, este pello prouerbio Grego he deuido no começo das cousas. Nosso senhor sua vida & Real estado. &c.

Os Estrangeiros.

Pessoas da Comedia.

Amente Mancebo.	Casiano Ayo.
Alda Moça de seruir.	Ambrosia Velha.
Dorio Casamenteiro	Briobris Soldado.
Deuorante Truhão.	Callidio Mancebo deseruiço.
Petronio Doutor.	Sarjanta Molher de seruiço.
Guido Mercador.	Galbano Velho.
Vidal Seruidor.	Reynalte Velho.

Apessoa da Comedia faz o Prologo.

PROLOGO.

Estranhaisme q̃ bem o vejo, que sera? que não sera? que entremes he este? foi grão dita que não apodaes ja, mas não ha de falecer quẽ me arremede. Os Portugueses sois asi feitos logo pola primeira, despois dareis o sangue dos braços. Agora parece que me estranhão a inda mais, pareceuos q̃ não diz a falla cos trajos? Esperaueis delles algũs triques troques, ora me ouui, diruoshei quem sou, donde venho, & ao q̃ venho. Quanto ao primeiro sou hũa pobre velha estrangeira, o meu nome he Come-

Comedia, mas não cuideis q̃ me aueis por isso de comer, porq̃ eu naci em Grecia & la me foi posto o nome, por outras razões que não pertencem a esta vossa linguoa. Ali viui muitos annos a grande meu sabor, passaraõme despois a Roma pera onde entaõ por mandado da fortuna corria tudo. Hi cheguei a tanto que me naõ faleceo hum nada de ser Deosa: despois agrandeza da quelle Imperio que parecia pera nũca acabar, todauia acabou. E asi como a sua queda foi grande, asi leuou tudo consigo, alli me perdi eu com muytas das boas artes, & ahi jouuemos longo tempo como enterradas, que ja quasi naõ auia memoria de nos, te q̃ os vizinhos em q̃ dús nos outros ficàra algũa lẽbrança cauaraõ tanto q̃ nos tornaraõ á vida, mal tratadas porẽ & pouco para ver. Agora q̃ ja hiamos (como dizẽ) ganhando pees, sentionos logo aquella nossa imiga poderosa q̃ nos da outra vez destroira foise la, pos, outra vez tudo por terra. Bẽ entẽdeis q̃ digo polla guerra imiga de todo bẽ. Venho fugindo, aqui neste cabo do mũdo acho paz, naõ sei se acharey assossego. Ia sois no cabo, & dizeis ora naõ mais, isto he auto, & desfazeis as carrancas, mas eu o q̃ naõ fiz ategora, naõ queria fazer no cabo de meus dias, q̃ he mudar o nome. Este me deixai por amor da minha natureza, & eu dos vossos versos tambem vos faço graça, que saõ forçados daquelles seus consoantes. Eu trato cousas corrẽtes, sou muito clara. Folgo de aprazer a todos. Direis vos que naõ he muito boa manha de dona hõrada: direis, q̃ Portugueses sois. Finalmẽte a mi nunca me aprouueraõ escuridões, nẽ fallo senaõ para q̃ me entẽdaõ, quẽ al quiser naõ falle, & tirarà de trabalho á si, & a outrẽ. Muitas cõtas vos dou de mi logo de boa entrada, cuidaueis q̃ naõ auia de trazer de molher senaõ o

trajo? ora vistes que tãbem trouxe a lingoa. Agora sabei que inda auemos de fazer hum caminho longo. Ia ouuireis fallar de Palermo cidade nobre em Cecilia, hi vos hei de dar a mostra da minha tenda, porque la se jais tambem estrangeiros. Cuidais que gracejo? O meu poder he mòr do q̃ pola vẽtura cuidais, não me tenhaes em pouco por me verdes assi tão conuersauel, não se moua ninguem, asseguraiuos. Vedesnos em Palermo todos à saluamento. Ora daquellas casas de fronte sairà hum mancebo Valenciano por nome Amente, a este segue hum seu Ayo que o vigia quanto pode, & destes & doutros sabereis o mais, que eu lhes mandei a todos q̃ fallassem Portugues, & porque ouçaes cos corações repousados, eu vos tornarei donde vos trouxe, ja sabeis q̃ o posso fazer. Ouui & fauoreceime.

AVTO PRIMEIRO.

Amente Mancebo. Cassiano Ayo.

Amente.

Ia vẽs apos mim Cassiano? que me queres? por vida se pode hauer hum tão pesado catiueiro? Cas. Catiueiro chamas tu ao teu remedio? Assi fazeis vosoutros, a tudo, mudaes os nomes como quereis, & ficaes contentes, eu Amente, eu sou o catiuo, que me trazes sempre apos ti por onde queres. Amẽte. Ainda os escrauos tem horas liures, tem suas festas eu sempre hei de jazer debaixo deste jugo? que me queres? queresme acabar de matar? Cassiano. Mas tu que queres? quereste acabar

acabar de perder? O Amẽte quam mal te ensinou a minha mansidão. Amente. Como? sempre hei de ser menino? Cassiano. Agora te he ati mais necessario o teu Ayo que nunca. Amente. Não me diras que me queres? Cassiano. Guardatte que este he o meu cargo, como me encomendou teu pay. Amente. De que me has de guardar? Cassiano. Da tua doudice pois queres que to diga. Amente. Cuidas que te hei de fugir? Cassiano. Não andas tu nesses tratos. De Palermo não fugiras tu, mas de mim si. Ora ja que tu fazes o que não deues, deixame a mim fazer o que deuo. Amente. Que desauentura tamanha foi a minha? Cassiano. A boa companhia, & bõs conselhos de seu Ayo, chama este ora catiueiro, ora desauentura, não suspires, creme q̃ te hei deseguir como a tua sombra. Amente. Essa não me segue polo escuro, & tusi. Mas não estemos mais nestes debates, antes me tornarei a casa, hi que mal posso fazer? tu guarda a porta se quiseres.

Cassiano Sò.

Hi la tomar cuidado de filhos alheos, Onde ha isto de ir ter? Que se fez do acatamento q̃ estes moços sohião de ter a seus Ayos? que não somente lhe ousauão de leuantar os olhos. Agora vedes em que mundo somos, q̃ às vezes vos cũpre fazer que não vedes, & outras que não ouuis. A doudice não sabe ter meyo. A tanto saõ chegados, que gracejão, & dizẽ que ja se não costumão Ayos, como se fossem trajos curtos, ou lõgos, & dos velhos dizem q̃ cantão por hũa corda, & por fabordão. O pois q̃ musica a sua delles, & que contra ponto! muitos escarneos, muitas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Beijão vos as maõs cem mil contos de vezes, cedo

cedo haõ de beijar tambem os pees como ao Papa, se elle naõ acode por seu estado. Entregaõse vos por escra uos cos ferros nos pees, & cos ferretes nas testas, entaõ quando os requereis, foi a mor mofina do mundo por que aquillo sò naõ podem. Ora da outra parte cotejai o canto chaõ dos nossos velhos, o seu si, pollo si, polo naõ naõ, o seu rego vai, rego vem, o seu dizer & fazer, qual aueis por melhor musica? Digouos em boa verda de q̃ o dagora tudo parece escarneo quanto vedes, porem naõ se lancem os pays de culpa que os criaõ tanto na vontade. Todos somos emfeitiçados co estes filhos, despois que os danão, encomendaõ nolos. Quanto ha que partimos de Valéça, hiamos para Rhodes, nosso amo quisera encostar este filho aaquella Religiaõ, estando aqui esperando passagẽ, vieraõ nouas do cerco. Agora jà dizem mais da tomada, temos gastado muito do tempo, & o dinheiro todo. Este moço namorouseme aqui, & perdeo o siso, eu ando em vesporas de perder tambem o meu coelle, tenho escrito a seu pay que acuda, espero sua reposta, entretanto ando asi tendome ao mar. Esta doudice dos amores nace de ociosidade, & nella se mantem, esta ao menos lhe queria tirar, & por isso o persigo coa minha presença, ao menos naõ falarà tanto co aquelle seu grande priuado Callidio.

Alda moça de seruir. Ambrosia velha.

Asi hi como dizes minha tia Ambrosia, mas andemos mais, que faço ja grande detença. Ambrosia. Bem dizes Alda filha, se eu podesse, mas vou muito carregada. Alda. De que tia? Ambrosia. D'oitenta annos que trago às costas, & pesaõ muito. Cassiano. A'minguoa

guoa daquella carrega, anda meu criado Amente, tão leue. Alda. Mal he esse que todos desejamos. Amente. Com muitos outros de companhia que tu não dizes. Alda. Que tais? Ambrosia. Estes homẽs filha principalmente. Alda. Graeejas tia? Amb. Graeejar dizes? Antes te esconjuro mil vezes que te não ponha ninguem medo cõ outras almas pecadoras. Alda. Não serão todos tão maos. Cassiano. Ia aquella jaz. Medo hei q̃ a velha acuda jatarde ao arruido. Ambrosia. Todas queremos fazer essa esperiencia de noue, então filha quantos queixumes? Alda. Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andão beben do os ventos por ella. Ambrosia. Asi queira Deos que não se solte tudo em ventos. Cassiano. Como velha pratica & sesuda. Alda. He o Doutor Petronio tão rico. Ambrosia. Bem o sei, mas tu dizes taõ rico, & naõ dizes taõ caluo. Alda. Diz que a tomarà em camisa. Cassiano. E se vierem aos lanços, meu criado Amente a tomara nua. Alda. E a isso cuido que es agora chamada porque o Doutor aperta muito. Cassiano. Que me matem se esta naõ he a paixaõ em que agora anda o doudo de meu criado Amẽte. Amb. Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia Religioso como elles soiaõ de ser, tanto lhe deixou do seu, q̃ Bertrando apode casar sem lhe custar nada, & mais com tal ajuda de Deos como he parecer seu, & o siso. Alda. La sa beras tudo, naõ façamos mais detença.

Cassiano Soo.

Se esta moça verdade cõta, empresto eu a nosso amigo hũs pou-

hũs poucos de maos dias cõ suas noites, que o negocio do Doutor he de siso, não para elle, mas pera Betrãdo, & para a moça tambem, se ella he sesuda como diz a velha, fallo como se costuma de falar, que todos nos lançamos a este proueito do Doutor, crede se a colhe ás maõs, que elle terá cuidado de fechar suas portas & janellas a tempo, então deixai vos ao doudo rodear a casa & sospirar toda a noite, vos todauia não duuideis que entre tanto o sono não preste mal ao coitado do velho & desconfiado. Ah q̃ queremos forçar tudo, & a natureza tambẽ. Velho namorado cõ moça fermosa, & empolada, não ha hi para dous dias, despois não lhe ha de faleceer outro melhor empenado, comquẽ logre o que lhe o velho deixar por sua alma tãto as suas custas. Mas deixemos a cada hũ fazer suas cõtas, & cuidar q̃ as acerta, prouuesse a Deos que visse ja o casamento feito, o Doutor entraria em fadiga, eu polla ventura sahiria della.

Dorio Casamenteiro. Casiano Ayo.

Ate quando traremos nos ao pescoço este jugo dos Espanhoes? ate quando jaremos neste sono, & neste esquecimento da nossa liberdade? Casiano. Tambem este vem bracejando & fallando consigo. Dor. Quãdo lhe cantaremos nos outras vesporas Cezilianas como fizemos aos Franceses? venha (como dizem) o dia boa escolha, todauia o Frãces roubate, & conuidate, o espanhol sempre quer senhorear, como se pode sofrer tãto senhor Capitão? Casiano Coitados q̃ neste murmurar nos mantemos. Dor. Se a terra destes he como ellesdizem, que buscão na nossa ò Ilha tão abastada & tão rica por teu mal? Mas vejo quem buscaua.

Cas. A mim

Cas. A mim se vem, não o conheço, que me quererà? Dor. Senhor meu quando o assi por bem ouuesses, releuame muito ouuiresme duas palauras. Cas. Não digo eu duas, mas duas mil, se tantas mandares. Dor. Polla tua humanidade & cortesia: Ora amim me chamão Dorio, não sei se me conheces, mas sou muito conhecido nesta cidade, por tratar meu officio muitos annos ha com grande limpeza & fialdade. Cas. E que o officio he o teu? Dor. Grande & de muyta confiança. Cas. Que tal? Dor. Casamenteiro, a seruiço de Deos & dos hõs. Cas. Para tratar tamanha & tão sansa cousa como he o casamento, não se podia escolher saluo pessoa das qualidades que deue d'auer em ti. Dor. Não pollo eu merecer, mas faço todauia polo não desmerecer. E vindo aó meu caso, digo que viuendo eu aqui em paz & amor de todos, seruindo meu officio como todo mundo sabe, agora ja no derradeiro quartel da vida, hum mancebo de que me dizem que tés carego anda de todo posto em me matar. Cas. Matar ou como? Dor. E mais sobre meu officio. Cas. Quem te disse tal? Dor. Muitos, & antre os outros elle mesmo. Cas. Contamo. Dor. Passando por mim ameaçoume mordendo hum dedo da mão, & dizendo não sei que palauras. Cas. São brauarias de Palermo. Dor. Hi vè homem cada dia matar muitos. Cas. Inda esse que dizes tem por matar o primeiro. Dor. Não queria que começasse em mim. Cas. Iustiça ha na terra. Dor. Despois d'eu morto quer a aja, quer não. Cas. Não q̃ a sua pelle te guardarà a tua. Dor. A muitos a não guardou, que sei eu de quaes serey? Cas. Não cuides somẽte nesse cachopartão. Dor. Esses senhor meu saõ os q̃ eu arreceo, que não os velhos, sesudos, lançadores de cõtas Ando

tas. Ando asi como vees metido neste mantão, hũa mão sobre a outra, q̃ mais he matarme a mim que a hũa ouelha? Cas. E porque ha de matar ninguem essa ouelha? Dor. Hũs pella laã, outros pella pelle. Cas. Conhecelo tu bem? Dor. Asi o não vira nunca, nem elle a mim. Cas. Por te pòr esse medo te ameaçou? agora se a ti fosse andaria eu mais seguro. Dor. Amigo & senhor meu, mais gente mata o descuido que os cuidados. He me necessario dar mil voltas à cidade de dia & de noute, digote q̃ hei medo aos acontecimentos, quãto mais aos propositos. Cas. Téslhe feito algum agrauo? Dor. Não que eu saiba. Cas. Que te diz o coração? Dor. Não me sei affirmar, mas pode ser q̃ por ir à casa de Bertrando, onde ja não vou, no que recebi a perda que Deos sabe. Cas. De cujo mandado hias la? Dor. Isso não posso dizer, que saõ segredos do officio que tenho. Cas. E a esse teu matador que lhe vai nisso? Que has porque cospes? Dor. A longe va mao agouro. Cas. Porque lhe chamei teu matador? callate q̃ não te ha por isso de matar. Dor. As vezes se dizem as palauras em tal conjunção. Cas. Grãdes arreceos trazes a esta tua vida. Dor. Tenho necessidade della para mi, & toda a minha gente. Cas. Que lhe vai a esse mancebo nisso? Dor. Não sei elle o sabera. Cas. Ora Dorio amigo meu, quanto ao medo não sei que te faça, que não he em mim tiratto, no mais farei quanto em mim for, não te posso prometer mais. Dor. Nem eu pedirte mais, & porem isso te peço muytas vezes. Cas. E eu muitas to prometo, descansa que não sera nada. Dor. Asi queira Deos. Cas. Este doudo em que anda cuida que pelas suas ameaças ha elle de ficar por casar. Hũa hora do dia que se me-

se me furta, logo deixa rasto por onde vay, que farta se lhe eu tanto não desse em que entender. Ouue dò do pecador que se dà por morto, & tremiãlhe os beiços ẽ badalejaua. Ora me deixai eo doudo q̃ por isso o hei de perseguir mais, Isto ganhará co as suas ameaças, quero ir ver o que faz.

Fim do Primeyro Auto.

Auto Segundo.

Briobis Soldado. Deuorante Truão.

Asi que me tendes aqui catiuo em Palermo em tempos de paz, & terra de Christaõs? Deuo. São obras do Amor, que ja fez a Hercules conquistador do mundo fiar, & debar. Bri. E eu que achandome na de Rauena, Chirinola, Vicença, Milão que viesse asi a cair nas maõs dũa moça; que te parece? Deu. Asi contão que se toma o Alicorne animal tão brauo. Bri. E asi aconteceo a Roldão & Reynaldo. Deu. E ontem a El Rey Carlos o da cabeça grande em Piamonte. Bri. Não sou acostumado a sofrer desejos. Deu. Acostumate por amor de mim, que os amores de seu natural saõ brandos, & queremse por bem. Bri. Arrenego destas vossas brandaras, tenhome coa guerra, onde se tudo faz por força. Deu. Falla mais sem paixão, que te de mudas, & fazesme auer medo. Bri. Esse mal te nho, sou temeroso. Deu. O q̃ doutra parte es mais gracioso que a mesma graça. Bri. Porem quando me vem esta paixão perdoai. Se me viras no campo?

Deu. Ah!

Deu. Ahi dão os homẽs testemunho verdadeiro de quem saõ. Bri. Digo que se me la viras. Andaua mais acompanhado que o capitão. Elle morria d'enueja, & eu não morria da bafas. Conteite ja dos toques q̃ lhe dei? Deu. O da Temuda? Bri. E esse não foi mao, mas primeiro te hei de cõtar doutros Anjos cogidos. Deu. Que aramaa la fui? Cuidei d'atalhar & rodeey, a pos estes virão os fritos, & despois os assados. Bri. Este capitão tocaua no Tribu de Iuda, & como disse, tinhame grande enueja, polo qual mastigaua & grosaua ditos meus, que todos trazião na boca, polo qual eu a hũ proposito não fallando mais com elle que cos outros disse hum dia, Não se ha aos supitos de buscar a escama detras a orelha. Deu. Ha, ha, ha. Bri. Que ouuiste? Deu. Não he para ninguem brincar contigo como dizem do ferro. E os outros? Bri. Torcião se todos. Mas quem te disse o da Temuda. Deu. Mil pessoas que o sabem, & o contão entre outras graças tuas. E elle mesmo foi o que mo contou, mas que hei ja de fazer? Bri. Este mesmo Capitão trazia amores em parte q̃ me hia nisso algũa cousa. A dama chamauase Temuda: mas que auia o Diabo de fazer? Viemonos hũa sonoute à encontrar em hũ lugar escuso, elle rebuçouse, mas eu ao passar disse. Para q̃ he andar tão temudo? Deu. Destruisteo. Esse homem como se não foi logo lançar num poço? Bri. E isto em dizendo fazendo. Deu. São graças naturaes q̃ Deos reparte por quẽ quer bem. Bri. Não o digo por me gabar, mas quantas vezes me aconteceo não me darem somente vagar com requirimentos de cartas d'Amores, hũs a hũ proposito, outros a outro? Deu. Quais auias por mais trabalhosas? Bri. As primeiras. Deu. Como Mestre. Bri. Assi

duas

d'huãs como doutras os começos, q̃ despois hũa palaura leua a outra por hũa maneira noua que hora descobrimos, que tudo se vai apurando cada vez mais. Deu. Ficartehião os treslados que leremos sobre mesa. Bri. Nunca as guardo, mas lembrame hum começo & dizia assi. Nas ondas destas lagrimas q̃ me leuão assi na sua corrente, não te estes meus olhos outro norte perque se rejão senão os teus. Deu. Ay ay que farei? Isso não se sofre. Bri. Outra. Deu. Dará cento como relogio mal concertado. Bri. Os enganos senhores da võtade fazem o que querem de mim, & eu não quero acabar de entender o q̃ entendo, & fico assi como em mares encruzilhados onde a força não esforça, nẽ gouerna o gouernalhe. Deu. Busca quẽ te aguarde taes pãcadas que eu não posso. Bri. Pois se quisesses que te esmiuçasse isto pelo meudo. Deu. Fugirei quanto poder, tão emdiabrado es por bẽ, como por mal. Bri. Assi hão de ser os homẽs, & não como estes frieirões q̃ não saõ peixe nem carne. Outra. Nomeo dos desejos não acho cabo, no cabo não acho meyos: tal auiamẽto acho para o meu desauiamento, & tal esperança pera o cabo da desesperação. Deu. Finalmente para esta tua nauegação tudo o mais temos, a moça só nos falece, esta busquemos. Bri. Não se pode errar que não ha outra em Palermo, como em Palermo? como em Palermo? não ha outra no mundo. Aqui a achei, aqui aperdi, aqui me perdi. Deu. A bom santo te encomendaste, eu te tornarei a achar. Bri. Os cabellos como fio d'ouro, os olhos verdes que eschamejauão. Deu. Tais que te fartarão os teus? Bri. Mas tais que mos deixarão famintos para sempre. Deu. Ora cortame este pescoço & a cabo. Que mais podera dizer hum Mancia?

cias? Bri. Pois ando para me enforcar como vees Deu. Não faças por amor de mim q̃ he cousa de q̃ te arrependeras. Bri. Nũca fiz cousa de q̃ me arrependesse Deu. E eu cadadia & cada hora. Vamonos a jantar ficarnos ha tẽpo para os negocios. Bri. Não o hão inda de ter prestes, eu vou a dar pressa, & terei cuidado do teu mantimento, tu tẽ cuydado do meu. Deu. Es hũa fonte perenal de eloquencia, nunca te acabarão desgostar. Bri. Pois creme q̃ não anda aqui hũ terço de mi.

Deuorante Soo.

A que tẽpo me Deos aparou este soldado? q̃ não achaua ja aqui hũa vez dagoa. Neste mũdo tudo saõ começos. Foime bẽ hũs dias, agora andaua ja às moscas. Cada tarde me assentaua sobre hũ penedo a diuisar dali o mũdo, & dando ao papo como francelho manso, olhando para onde tomaria o voo. Trabalhoso officio este nosso, que tem sempre o mantimẽto em maõs alheas. Muito bem me dizem dos Gallegos, & tẽ razão, que nunca em al fallão segundo me dizem senão em comer & beber. Nunca se vio tão roim mundo, o dizer bẽ das pessoas he cousa fria, & ainda despraziuel, o dizer mal he perigoso, quem quereis q̃ tome hum porto tão estreito? & por inda ser nossa molina mayor, os mancebos seruidores das damas com quem era todo nosso ganho vierão se nos a fazer mais graues q̃ seus pays. O joyas, joyas, quẽ tiuesse bem de comer para rir de vos, como hi não ouue amores, não ouue homẽs, com elles se forão as canas, os touros, as justas, & finalmẽte a liberalidade, nos outros ficamos como sinos em castello despouoado tãgendo as gralhas, & assi ja eu era (como digo) na espinha, lembrouse Deos de mim, & acodiome cõ este soldado, apetitoso,

titoso, cõuidador, mais vão q̃ a mesma vaidade, nas armas hũ Roldaõ, mais fermoso & mais namorado de si mesmo que Narcisso mas a mim q̃ se me da? vẽ daguerra, & destes seus a q̃ chamão sacos, onde roubão a Deos & aos santos. Vos porẽ vede como falais, & não lhes chameis roubos, senão olhay por vos, sacos si quantas vezes quiserdes. Quem me mete a mi com seus pontos de honra? venha donde vier, ganhaseo como quisesse, sou pola ventura seu confessor? come, bebe, joga, & he de molheres, aquelles tais saõ os meus homẽs. O mal ganhado mal se ha de despẽder. Viuamos todos. He de louuaminhas fartoo dellas. Quer contar suas mentiras, aparelho os ouuidos, enchoo de vaidade & elle a mim q̃ não sou tão espiritual, enchome disso q̃ se vende na praça, seja nas boas horas, trato he em q̃ elle poẽ dinheiro & eu palauras, dureo q̃ durar. He enfadonho? Não ha logo de ser tudo como homem quer, & de q̃ me podẽ melhor seruir os meus ouuidos, & a minha linguoa q̃ de me ganharẽ de comer? Amoça não vos ha de ser outra senão esta Lucrecia, para quem agora toda a cidade se embiea. Guarda de escandalizar ninguem por ninguem, q̃ as obrigações esquecem logo, as magoas nunca, la se auenhão, q̃ eu não me manzenho d'olhos verdes quando me veredes. A mòr sciencia q̃ no mundo ha assi he, saber conuersar cos homẽs, bom rosto, bom barrete, boas palauras não custão nada, & valem muito, & assi quem sabe de tudo isto faz bom barato, os paruos dar vos hão antes dinheiro, & eu antes o queria. Isto não se aprende em Paris. Voume a comer.

Cassiano Amente.

Meu criado como me sintio em casa dissimulou & partio,

 verdadie-

verdadeiramente o mais certo preso he quem guarda o preso. Achei esta carta pareceme q̃ lhe cahio coa pressa: letra de molher he, deue de ser da moça, quero ver o que diz. (Naõ sei porq̃ folgas fazer tanto mal ati & a mi) Bõ me podera esta moça tambẽ aqui meter no começo desta carta. (Que te perdes & naõ olhas com quanta perda minha querendome obrigar co isso.) Milagres saõ q̃ as fermosas fazem a que se naõ pode dar razaõ. (Em pago de me pesar do teu mal, queres ser causa do meu) Mais pesa a seu Ayo, & mais pesarà a seu pay quando o souber. (Olha que ainda se pode remediar tudo) naõ abolissa que trouuemos que arqueja, & tira quanto pode polo folego. (Disseraõme de tua parte que naõ querias mais que este meu desengano, ahi o tẽs) Que fara agora Amẽte se naõ irse deitar naquelle mar assi desenganado? Quanto melhor remedio fora naõ lhe dar nunca olhos nem ouuidos, mas isto por boas filhas que ellas sejaõ, naõ llo mandeis, q̃ lhe mãda o seu natural outra cousa. O artificio com que sejà tudo diz & faz, & digo em mayores casos. Mas he elle o que la vem? Esse he. Bem sabia eu q̃ esta carta mo auia de tornar à maõ, querolha ir pòr onde a ache, naõ acabe de sair de seu siso (se isto se pode dizer por quem ja naõ tem nenhum.

Amente Soo.

Não passa assi o pesar. Quam pouco ha q̃ sahi daquella casa com tanto prazer, vendome liure de Cassiano, eisme agora torno por mim mesmo à prisaõ, de q̃ fugia, co prazer de todo perdido, & a carta pouco menos, & mais a q̃ tempo: quando me ja não ficaua outro bem, outro descanso, outra nenhũa consolação saluo aquellas poucas regras. Cuidei q̃ a leuaua no seo sobre o coração, donde a nunca tiraua,

tiraua, elle foi o q̃ a chou menos, queriame saltar fora do peito, fezme tornar ẽ sua busca. Mas he aquelle Callidio? queroo esperar, não sei que nouas trará. Coa cabeça baixa vem, não he aquelle o seu costume, acabem ja de me matar os amigos & os imigos.

Callidio. Amente.

Quem concertara tantos desconcertos? Digouos q̃ cuido & cuido, & não lhes posso achar saida. Am. O que ahi não ha, como se pode achar? Cal. Estes namorados não viuem senão d'esperãças. Am. Que assi saõ ellas mui saborosas Cal. Olhai q̃ peças: Doutor honrado & rico, os dedos cheos de aneis. Am. Pera mal vai este conto. Callidio, Callidio. Cal. E o negocio está em Bertrando taõ sesudo & taõ pesado. Amẽ. Callidio? ouuesme? vem cá, soubeste mais algũa nouia? Cal. Fallei com Alda. Amẽ. Com Alda? & q̃ te disse? Cal. Que o Doutor apertaua muito o negocio. Amẽ. E de Lucrecia? Cal. Que naõ trazia rosto de contente. Amẽ. O que farei a estes rostos, que taõ asinha se mudaõ? Que disse de Bertrando? Cal. Que calla, & passea. Am. E a molher? Cal. Ambas as maõs pollo casamẽto. Am. Não he sua filha. Cal. Nem he ella ha que ha de casar, & da tantas razões taõ sesudas. Ia sabes que cousas saõ molheres. Am. E tu ja sabes que se não faz em casa senão o q̃ ellas mandão. Cal. Mal pecado. Am. Disseste mais algũa cousa? Cal. Que hia em busca de Ambrosia a velha, q̃ criou Lucrecia. Am. Para que triste de mim. Cal. Preguntei lho, mas deu aos ombros. Am. Que sospeitaua. Cal. Mal. Am. E mal serà, q̃ assi acontece as mais das vezes. Cal. Que pressa he esta tua, & mais para casa, donde sempre foges? Am.

Para que queres saber mais das minhas desauenturas? fur teime de casa com tamanho açodamento q̃ perdi aquella minha carta que sabes. Eu hi adiante, acheya menos, foi-me como achar menos o coração, torno em sua busca, deixame ir soo.

Deuorante Callidio.

Então deixai vos frades bradar do pulpito, & bracejar q̃ não hahi dias aziagos. Callid. Mao rosto traz, serà com fome. Deu. Ditosos homẽs que se lhes cre quãto dizẽ. Cal. Ando magoado de lhe ja ninguẽ crer cousa nenhũa. Deu. Que horas estas para andar inda em jejum, inda q̃ ora dia de jejum. Cal. Bem me parecia que dali vinha a tosse ao gato. Deu. Todos fartos & cheos, então querem gracejar, q̃ me anda o diabo attentando para fazer hũa doudice, então vereis como logo todos me dão o corro, como dizem do touro. Cal. Pois quanto á minguoa da boa cornadura naõ fique. Deu. Cuidei de achar ja o meu Soldado à mesa, & hia lambendo os beiços dante maõ, senõ quando eu vejo que me estaua aguardando á sua porta hum tauerneiro, a que sou em diuida d'algũs matauedis, olhei mais, & vejolhe hũ beliginaz ao lado. Hialhe a cair nas maõs. Quanto val hum homem acordado, descobrios d'hũa legoa, desuieime entaõ por outra rua eu li, aleuantauase hum atroido como barborinho em tardes de veraõ, lanças, pedras espadas, naõ sei como sahi viuo. Cal. Vaso mao nunca quebra. Deu. Hum gentar que te Deos ministra, quantas cousas te estoruaõ? Cal. Pois ainda o meu quinhaõ te està cá guardado. Deu. De que te aproueita ser sesudo antre tantos doudos. Iudeu ouueras de dizer que naõ sesudo. Cal. O meu grandissimo amigo Deuorante, quanto ora folgo contigo. Deu.

Este me direis vos a mi q̃ naõ he dia aziago? Cal. Que he isso q̃ assi vês de mà graça? naõ era esse o teu costume Deu. Deixame passar que naõ hei contigo nada. Cal. Que te fiz? algũa agulha ferrugẽta se meteo entre nòs. Deu. Requeirote da parte de Deos q̃ me deixes ir em paz. Naõ sejas aqui oje o meu pecado. Cal. Espera q̃ logo te auiarei Deu. Que me queres? Cal. Dous toques de trouas d'improuiso q̃ tés nisto gracia gratis data. Deu. Naõ hia eu ora cuidando em al. Cal. Tanto mais d'improuiso

Começo. Deuorante

Se es q̃brado, ou se es inteiro
Que assi vas aos folles dando!
Das à cabeça escornando,
Se es touro, ou velho sindeiro?

Eras pera Alfeloeiro,
Qu'vai cascaueis tocãdo
Bẽ sei q̃ foste apalpando,
Mas nã esbõ chocarreiro

Cal. Ora ofizeste como quem es, & mais pelos consoantes outrora te conuidarei, ja podes passar.

Briobris. Deuorante.

Passaõ as horas do comer, o gentar danase, grão força de negocio detem à Deuorante. Deu. Quando me auerei eu dentro naquella casa, q̃ me oje tantas cousas defendẽ, mas vejo o meu soldado. Bri. Que detẽça, foi esta? ouue quem te fizesse algum desprazer? Deu. Ia me conhecem por teu, digote q̃ naõ querẽ prouar como poẽs as maõs & o ferro. Bri. E o fogo inda deueras de dizer. Deu. E o fogo tambem. Bri. Que não ha muito que eu chamusquei hũs poucos de villaõs por hũ desprazer que me fizerão. Nem saberas como eu jogueto d'Arcabuz. Deu. Saibaõ no teus imigos. Bri. E dos soldados desta vossa guarda

mo. Deu. Si, de como os desbarataste. Bri. Com hũa sò palaura queres tu passar por tamanho feito? Deu. Isso seria se as muitas abastassem. Bri. Bem disseste. Como es auisado. Deu. Vou aprendendo de ti? Bri. E do vsso tamanho, & tão medonho q̃ me dizes pois o viste? Deu. Sabes que então disserão todos? Bri. Que por tua vida? Deu. Que se apalpara o vsso com o Ltão. Bri. Ah, ah, ah. Ora nũca vi melhor dito de pouo. Deu. Asi diz o pouo que nũca vio milhor feito de hum homem sò. Bri. Nem de dez. Deu. Nem de vinte: ò senhor Deos que não fara dizer a fome? Não sei para que forão mais polees, nem mais dados na testa, aquelle he hum vsso manso que anda por essas ruas brincando. Bri. Benzertehias quando mo visses saltar a traues tão ligeiro. Deu. E tão ayroso. Mas tu não me preguntas por nada? Bri. O meu amigo grande, como quem descansa sobre ti. Deu. Não he para as ruas cousa de tal segredo & preço. Bri. Entremos em casa, la saberas marauilhas, & eu tambem contarei das minhas. Deu. O demo diz a este q̃ hão de ser mentiras por mentiras.

Fim de Segundo Auto.

AVTO TERCEIRO.

Petronio Doutor.

Se nosoutros passamos tão asinha, que podemos fazer que dure muito? Tempus edax rerũ tuq; ò inuidiosa vetustas, Omnia consumitis. Aquella taõ antiga, & taõ nobre cidade de Pisa em que naci, he como posta por terra pois perdeo a sua liberdade, & os seus cidadões espalhados pello mũdo antes q̃ se verẽ seruir aos Florentis seus imigos. Fezemos todos o que podemos & o que deuiamos, agora

agora que temos de Pisa senão Pardieiros & campos vbi Troia fuit como diz aquelle diuino Poeta? A mim coube me em sorte este Palermo onde me magoão estas lembrãças muitos annos ha, mas que farei? sempre asi hei de andar gemendo? Ora quem viuer verà tambem a Florẽça a sua pancada que quanto vai mais crecendo tanto serà mais cobiçada. Não se começárão em nos, nem acabarão em nos, estes jogos da fortuna. Cõ isto me vou consolãdo os homẽs da minha calidade persi se hão de curar, & senã embalde embrãqueci sobre os liuros, patria est vbicũq; benè est. O bõ jugador emẽda o lãço mao quãto pode co saber, porq̃ naõ farei o mesmo? fezme o mao lãço estrãgeiro a estes, eu me lhe farei natural coas boasobras, coa mãsidão & co saber, & mais se acabamos este casamẽto como cuido, cadadia spero por meu jrmão dizẽmeq̃ he arribada hũa nao de Poẽte, assentarnos hemos aqui ambos. Certo os homẽs não deuião de fallar nas cousas do mundo senão despois de muita infinda esperiencia, q̃ segũdo ò Philosopho, est mater rerum. Quantas contas tenho nesta vida feitas que me agora cumpre de riscar! O casamẽto a que tantas vezes chamei catiueiro a costumado, torno agora a ver q̃ he cousa santissima & necessaria. Os filhos de que tantas vezes ri cos mesmos pais de como não sabẽ fallar saluo nas suas graças, dei de nouo volta, & acho que saõ todo o gosto da vida & da fazenda, & bẽ souberão as leis o q̃ dezião em chamarem seus proprios herdeiros ponto alto & de apicibus juris. Quãto a casar por amores & mais nesta idade, digo nella me he mais necessario algum contentamento, quando me os outros todos vão desemparãdo. Que diferẽças de costumes! Aqui me deraõ dote hõrado com Lucrecia, & logo de fronte em Africa compraõ as molheres quem as quer, parece que não he mãra zão. Mas

zão. Mas vejo eu a minha criada? Si vejo, nouas teremos.

Sargenta. Petronio.

Duas sortes de homẽs ha no mundo que se possaõ seruir, ou muito paruos, ou muito namorados, & inda os namorados tem grande ventagem. Quanto tempo ha que sirvo meu amo sem medrar hum vestido, nem hũa boa palaura que custa menos. Pet. Que dar de linguoa! gran caso este das molheres Sar. Vem o velho & namorase, logo fui vestida & priuada. Pet. Não apossso bem entender. Sar. Nunca vistes taõ boa gente, nem q̃ asi se vos deixe enganar taõ leuemẽte. Pet. Enganar, ou como? naõ hei aquella por boa palaura. Sar. E mais Dorio fora ja do trato. Pet. Nem tratos taõ pouco. Sar. A verdade he apanhar. Pet. Peor que peor. Sar. Muitas merces à fermosura de Lucrecia. Pet. Todo estremeci ouuindo aquelle nome, de là deue de vir, asi com elle na boca a quero chamar. Sargenta, Sargẽta. Sar. Huy aquelle he nosso amo. Se me ouuiria, mas elle não ouue ja muito bẽ. Pet. Vem ca Sargenta chegate mais a mim que te quero preguntar donde vẽs. Sarg. E logo te o coraçaõ disse donde? Pet. Que marauilha? se elle sempre por la anda. Sarg. E a mim me parece que o vi. Pet. Folgo com isso muito. E pois que anda a minha alma fazendo por la? Sar. Espalhã do toruoadas como sino de virtudes. Per. E parecete q̃ fica o ceo despejado de todo? Sar. Limpo como hum espelho. Pet. Nem la contra o Poente não enxergas nada? Sar. Hũa pouca de neuoa & veato. Per. Dahi se leuantão as vezes grandes toruoadas, mas que entẽ deste della? Sar. Muitos sisos & muitas virtudes. Per. De quem Sargenta. Sar. De Lucrecia. Pet. Asi faze, nomeama muitas vezes

tas vezes. Sar. Nunca se tal graça vio, nem tal siso. Per. Tal assento, nem tal fermosura. Sar. O que todo mundo vè para que he dizerte mais? Per. Ora vem ca Sargenta que te quero agora preguntar por hum ponto, cousa em q̃ te nunca fallei. Ouuiste algũa hora fallar num mancebo Espanhol, que segũdo dizẽ, anda aqui perdido d'amores por ella? Sar. Qual? hum capa em colo, que à primeira parecia algũa cousa, ja agora não terà que despender, & parece que cahio da forca. Per. Ha, ha, ha, como opintaste taõ bem. Sar. Cousa he isso para te somente lembrar? Per. A mim não, mas à Lucrecia. Sar. Que riso, não he isso senão para a nomeares muitas vezes. Per. Ao homẽ sesudo tudo ha de lembrar, & mais isto, das idades releua muito. Sar. E bem que disposição he asi a tua? Per. Da disposiçaõ, Deos seja louuado, não hei enueja à ninguẽ, a idade polla veutura parecerà mais do q̃ he cos nojos, & cos trabalhos com q̃ se as caãs adiantão. Sar. Quem não sabe que as caãs naõ fazem velhice? Per. E mais segundo o Philosopho, no casamento, o homem ha de ter boa auantagem d'annos à molher. Sar. Muito releua o q̃ quer o Philosopho para o q̃ ellas querem. Per. Ao homem he necessario mais siso, & mais experiencia como quem ha de gouernar. Mas aqui temos Deuorante acolhete Sargenta, que este sempre anda em spreita para leuar nouas dũs para os outros. Sar. Que dita tamanha vir quẽ nos espartisse. Não sei porque dizem tantos males da mentira, digão o q̃ quiserem. Como? & bom siso fora contar eu a nosso amo mui verdadeiramente donde vinha & tudo o que fizera? O q̃ prazer para elle, & pera mim que proueito? & asi co estoutra mezinha, elle fica doudo de prazer, & eu vou em paz.

Deuorante. Petronio.

Naõ aja hi

Não aja hi mais tal patuoice, nem se enforque ninguem por paixão quelhe venha. Pet. De boa tempera parece que vem. Deuo. Como eu oje andaua joya? com todos queria auer brigas. Bem dizem que fome & frio, mas o frio he vento. Esperarei quanto frio ha em Alemanha cõ esta capa çafada, não me falle ninguem em fome. Pet. Fome ou que? não he para o esperar, q̃ se inuiaria aos dẽtes. Deu. Em fim quisme Deos dar sofrimento, quando cheguei, achei tudo prestes. O soldado bebèra ja à minha reuelia, então começou a cõtar das suas façanhas, matou, venceo catiuou, eu tambem entretanto por não estar o cioso dei saco à mesa. Pet. Bem está, farto deue de vir. Saibamos nouas. Onde se vai o grande meu amigo Deuorante? Deu. Onde mais comprir aos seus senhores & amigos. Pet. Que nouas correm? Deu. Muitas & pouco certas como em Palermo a contece cadadia, saluante se he verdade hũas que me derão pouco ha. Pet. Que taes Deuorante? Deu. Que es ja dos nossos. Pet. E isso has por cousa noua? Deu. Si que dantes tinhamos te como emprestado. Pet. E agora como? Deu. Por mais q̃ nosso. Pet. Asi quis a fortuna. Deu. E o amor tambẽ. Pet. Ah, ja te entendo, & nisso auera mil sentẽças. Deu. Antes a todos ouço fallar por hũa boca, deixemos algũs dedos queimados fora. Pet. Ha, ha, ha, & esses faraõ a mim inda mais velho, & a ella inda mais moça. Deu. Como q̃ naõ vissemos por aqui moças sesudas, & velhas doudas que farte, & se muito te comprirem de minha casa podes ser seruido. Pet. Eu to agradeço muito, mas por agora na praça estaõ às moscas. Deu. Tomai la? asi fazẽ, pagaõ hũa graça com outra. Pet. Que dizes? Deu. Que tudo se acha em tisisos, graças, & galantarias. Deu. De ti me vem que me aleuantas os espiritos, mas falando de siso

de siso, grandes priuilegios tẽ as molheres das Doutores, se os ellas entẽdessem. Deu. Que negra cõsolaçaõ principalmente para as bellas mal maridadas. E asi os outros homẽs em vosso respeito certo que se podem chamar corpos sem almas. Pet. Donde singularmẽte vaõ inferindo os nossos Doutores que se naõ pode doutorar hum homẽ morto. Deu. Isso he certo? Pet. Certissimo. Deu. Que mais queres? eis o q̃ se diz de cabra morta naõ diz mee. Pet. Espantas te? Pois nota mais, que cabendo nas molheres taõ altos titulos como he Condessas, Duquesas, Rainhas, Emperatrizes, &c. Mas Doutoras isso naõ por mais letras que tenhaõ. Deu. E essas naõ tem spirito. Pet. Subtiliter Deuorante, mas respondendo breuiter, declarome que o do spirito que disse, procede negatiuè, non affirmatiuè. Deu. Todauia a molher do Caualleiro, taõ pouco se chama Caualleira, nẽ escudeira a do escudeiro. Pet. Porque naõ saõ Amazonas que tragaõ armas & escudo, & por isso logo das nossas disse, por mais letras que saibas, que te parece? Deu. Não sei, la vos entendeis, grande vida leuais. Pet. Asi podemos dizer co aquelle nosso grãde Iustiniano Noctes ducimus in sõnes &c. Deu. Pois desse vosso Iustiniano não sei que eu ja ouui dizer. Pet. E que? Deu. Que não fora elle dos mais Catholicos. Pet. O lingoas de serpentes, escreuendo elle tão altamente de summa Trinitate, & fide catholica. Deu. Tão enfadonho he este, & tão vão como o meu soldado, E não conuida tão bem. Que faço aqui? Mandas de mim algũa cousa mais? Pet. Não al senaõ que sou teu, eu & quanto tenho. Deu. Eisme rico & bẽauenturado. Asi viua elle & asi medre, & despois sabeis que vos respondẽ por suas leis? Que palauras de cortesia naõ obrigaõ. Nunca taes direitos vistes. Achaõ que hũa sò palaura obriga, & muitas naõ

tas naõ: naõ ajaes vos medo que co estes taes eu faça muita farinha.

Petronio Doutor sò.

Desque homem nasce tè que morre, não trata cousa de mòr peso, q̃ a do seu casamento, que cada dia rematamos tão leuemente. Grande feito, que se te vendem hum rocim manco, ou hũa mula maliciosa, logo hi saõ mil leis a te ajudar, & té procuradores tanto que dizer & allegar, & na tua molher, por quem deixamos os pais & as mais, ali nos desampara tudo, & sò a morte pode ser boa. Pello qual estiue tanto tempo solteiro, vim aqui, com sós as letras, de que me a fortuna não pode roubar: coellas me remediei, que a estes nossos direitos não se lhes pode negar o senhorio de todas as outras sciencias. Os Theologos jazem por todos esses mosteiros mendicantes como se elles chamão. Philosophos ja passarão mal auindos hũs cos outros, com suas barbas, & grauidade. Poetas tudo poẽ em flores, pello fruito naõ espereis. Os Oradores nò sos tiramos das suas vezes. Os Astrologos sempre tratão do por vir, de que elles nem ninguem sabe pouco nem muito. Fisicos ganhão bem de comer, porem he co ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lã da porca, & antre todos estes não ha hum homem de negocio: sòmente o Iurisconsulto he o que pode tratar & rematar duuidas de substancia. Todavia frades entremeterse querião: mas naõ tem asas com que voem, que a vontade não lhes fallesce. Sò o Iurista pode andar co peito alto, & satisfeito do seu saber, quer seja pera concertar as cousas desta vida, quer da outra. Isto he o que te releua, & creme q̃ te não busca ninguem senão o que te ha mister.

Guido, & Petronio irmãos.

Guido.

Gui. Ainda me não parece que ponho os pês em cousa firme. Pet. Hũ estrangeiro vejo, quero ver se traz nouas. Gui. Este mar tamanho, tão brauo, taõ mudauel, tão espantoso, quem ousou primeiramẽte de accometer? Pet. Não sei se me engana o desejo: mas este me paresee Guido meu irmão, por que esperaua. Guid. E mais neste tempo em que homem que no mar entra, o menos que teme he o mesmo mar. Pet. Sem duuida este me paresee. Guid. Quem sempre anda cuberto de nossos imigos, & da fee. Petr. Sem duuida algũa este he: ò meu irmão Guido, boa seja a tua vinda. Guid. Meu irmão & pay, es tu este? Pet. Pois tu es vindo a saluamento, este sou, & tudo he saluo. Gui. Se inda o bem soubesses, segundo se os tempos tornárão aos nauegantes. Ah peccador de mi, que bem deuerão de abastar os seus males proprios de mar. Petr. Qui ascendunt mare, in nauibus, viderunt opera eius, & por isso as nossas leis seis meses do anno defendem a nauegação. Gui. Todos doze a deuerão de defender. Petr. Inda agora vês, como esteueres em terra dous dias, tornarás outra vez a bradar pello mar. Guid. Bem sei que assi somos feitos. Petr. E toda via eu bem folgo de vires assi aborrecido destes caminhos, se não he com grande perda da fazenda. Gui. Tudo passou tormenta, & porem somos em Palermo, & achote viuo, & saõ. Petr. E daquella nossa minina descobriste noua algũa? Guido. Dirt'hei o que pude saber. Em Sardenha achei hum nosso paysano, & conhecente, este me contou que a vira despois em Florença, & despois em Roma. Petronio. Em Roma: ora a dà por perdida de todo. Guido. Não sabes que as duas partes de Florença saõ passadas com este seu Papa a Roma? Petronio. Não me falles naquelles clerigos tão ricos, & tão ociosos, que eu

não

nam cuido q̃ Deos com toda sua paciencia os possa sofrer muito tempo. Gui. Inda entam polla idade era cousa impossiuel. Pet. Tanto mais feito Romaõ. Gui. Contaua mais q̃ dera em Roma a peste em casa daquelle mercador Florentino, onde a menina estaua, & q̃ hum Dom Abbade seu irmaõ delle, homem Religioso & bõ, atrouxera para esta terra, onde elle tinha renda, agora cõ estes sinais naõ te pode errar. Pet. Daqui por diante busquea quẽ quiser. Gui. Porque? Pet. Porq̃ as molheres naõ haõ de andar muitos caminhos q̃ saõ hũa perigosa mercadaria, quebraõ como vidro. Gui. Em tẽpo de tantos trabalhos & tamanhas mudanças q̃ menos se podia a contecer? Pet. Eu to direi, perderse de todo, q̃ nunca della mais souberamos. Gui. Tu mo encomendaste. Pet. Desejaua de ter nouas q̃ escreuer a seu pay, & essas quẽ lhas escreuerà? Gui. Iremos por estes sinaes mais auante, polla ventura naõ sera o mal tanto. Tenho necessidade de repousar q̃ inda mea cabeça dà voltas. Pet. Vamos & la te darei muitas outras contas.

Fim do terceiro Auto.

AVTO QVARTO.

De me naõ poder mais ter às lagrimas, me sayo ca pera fora, nam sei q̃ faça a este moço, entrou desatinadamente em casa em busca de sua carta, eu dissimulei, fazendo que entendia em outras cousas, elle como a achou, tornou em sua cor & a cordo, falou, rio, finalmente gentamos em paz: mas despois q̃ passeou & cuidou, recolheose á camara, alli fez suas lamentações, eu q̃ o espreitaua, & que o criei naõ no pude sofrer mais, venho fugindo à minha fraqueza, chore á sua vontade, & desabafaraa, que a sangria destes

males taes, saõ lagrimas. Despois q̃ chorar muito tornara a rir. Mas q̃ doudo he o q̃ vẽ corrẽdo? não lhe erraua eu ora muito o nome, q̃ este he Callidio, q̃ cabeça.

Callidio Cassiano.

Aparta, aparta, q̃ prouo estes meus pees, para quanto saõ quero ver o q̃ tenho nelles, nas pressas se conhecẽ os amigos. Guarda de diãte, guarda, q̃ vai sobre a posta. Cas. Isto passa ja de doudice, & deue ser vinho. Cal. Não se me ponha ninguem diãte, se não quer saber como encõtro. Cas. Ora nũca vi bebado tão desemuolto dos pees, quero o chamar, Callidio, Callidio. Cal. Aquelle he Cassiano, assi somos neste mũdo, & eu buscaua Amẽte. Cas. O doudo q̃ te mingoa para tirares pedras á gẽte? Cal. E disso q̃ me minguoa me pesa. Cas. Porque? Cal. Não sabes tu aquelle dito tão verdadeiro, q̃ o homẽ ou auia de ser Rey, ou doudo? Cas. Pois quanta de doudo eu te asseguro. Mas porq̃ corrias assi? Cal. Dos doudos todos se rim, & não se espanta ninguem. Cas. Mal se podẽ rir os aque elles fazẽ mal. Cal. E eu q̃ mal te fiz? Cas. Quantos passamos em Palermo, q̃ saõ muitos. Cal. E assi o dizes a todo mũdo. Cas. E a inda essa mà vingança não queres q̃ tome? Cal. E assi o has de dizer a nosso amo. Cas. Quãdo sera isso? Cal. Cedo. Cas. Onde? Cal. Nesse mesmo Palermo. Cas. Doudo, q̃ nunca homẽ sabe quãdo falla de verdade. Cal. Agora Cas. Quẽ to disse? Cal. Estes meus olhos bellos. Cas. Em que lugar? Cal. Na ribeira. Cas. Porq̃ o não acõpanhauas? Cal. Vim diãte adar recado. Cas. Torna apos mi. Vai Cal. por agora sò. Folguei de me despejar deste por buscar Amente para lhe dar estas boas nouas, com q̃ aja seu conselho, q̃ eu auido tenho o meu d'apanhar os pees. Andaua o triste para perder o siso co negro casamento, agora q̃ fara cõ tal ajuda? ay mimosos, criados em vossos apetites, q̃ em fim vẽ a ser o q̃ não quereis crer nẽ ouuir, então esmorecer. Mas pay & filho saõ.

lho saõ. A mim sõ cũpre buscar meu remedio, & mais cõ tal valedor como tenho no Ayo, Mas eu esta conta faço, q̃ tão pouco tenho aqui como em Valença, bõs pees tenho, & arrezoada linguoa, do mais (como dizem) sobre a terra anda o auer. Quẽ sae de nossa casa?

Amente Callidio.

Casiano não aparece nem Callidio, onde fugirei d'hũ, & onde acharei o outro? Cal. No peor não fallas que he teu pay? Am. Oje coapressa da carta não tiuemos tẽpo. Cal. Cada vez se elle vai encurtãdo mais, Amente. Am. Quẽ me chama? O meu Callidio que ati buscaua eu. Cal. E eu a ti? Am. Desuiemonos, & vamos buscar algum lugar em q̃ fallemos á nossa vontade. Cal. O Amente á nossa vontade não podemos nos fallar. Am. Porq̃ Callidio? Cal. Despois que me dexaste, dei comigo na ribeira que me temia muito do mar e velauame delle, em fim tantas vezes fui la ate que arreçadei. Am. E q̃ Callidio? Cal. Achei nouas de teu pay. Am. Triste de mim he elle morto? q̃ asi te de mudaste. Cal. Tu & eu Amente somos os mortos, q̃ elle viuo he, & saõ. Am. Isso he bem. Cal. E dentro em Palermo. Am. Isso he mal. Cal. Não ves quam perto estaua o mal do bem? Am. Contas me tu verdade Callidio? Cali. Muito contra minha vontade. Am. Que te parece desta sua vinda a tal tempo? Cal. A meu parecer o Ayo o mandou chamar, & asi quando lhe agora dei a noua, não duui dou della muito. Amẽte. Fallastelhe? Calli. Fallar dizes? Valeome q̃ o vi primeiro que elle a mim. Doutra maneira (como dizem do lobo) tolherame a fala de todo. Amẽ. Que conselho amigo meu Callidio? Callidio. Amente o espaço he pouco, as palauras não podem ser muytas. Teu pay bem o conheces, hade trazer suas contas repartidas em duas partes não igoaes, cõuen a saber ati reprenderte,

& a mim

& a mi castigarme. Bem saber q̃ se criou em Gáles, aquelle amor de pay, que o cà traz te ha de valer, não te encomendes a outro santo, a mi he necessario encomendarme aos meus pẽs. Oula, quem he aquelle? todo homem me agora paresce Valenciano. Am. Asi me deixarias em tal desemparo? Cal. Tu mesmo me deuias de acõselhar que fugisse, se te lembrasse o perigo em que me vees, pois he tanto mòr que o teu. Am. Lembra, mas não ves em q̃ tempo me este mal toma? Cal. Se visse em que te podesse ser bom, tudo o mais me esqueceria.

Deuorante. Amente. Callidio.

Deu. Em Doutor me fallais em tempo de paz? bem me parescia a mi q̃ auia o negocio de dar a traues. Am. Aquelle he Deuorante, que ja tambẽ foi dos meus em mais bonãça, todos mevos his hũ & hũ. Deu. Quando elle aqui veo ter de Pisa, não trazia quella barriga, porq̃ naquella sua terra acostumauase então o ferro, & aqui agora costumase mais a pena. Am. Que diz. Cal. Mil sentidos que teuesse, todos traria occupados com teu pay. Deu. Emfim que ouue de leuar a moça? agora enforcar seruidores. Am. Entendeste? Deu. Mancebos barbipoentes, bem despostos. Vem hum doutor velho com seus habitos longos, & derrubalhes a lebre diante. Am. Paresce que falla no Doutor. De. E o meu soldado mui posto em sair para Domingo cõ hũa inuenção de labyrinthos por Lucrecia. Am. ô meu coração. Deu. Esta noite teremos festas & cea. Am. Que te paresce? Cal. Calaceiro, que nunca sonha em al, saluo em conuites. Deu. Fortemente atalharão a minha negoceação, que eu andaua por alongar, & encurtarãoma; agora quero buscar o dos labyrinthos, & tiralloey daquelle trabalho em que anda.

Amente. Callidio.

Tu vès a q̃ termo eu sou chegado? segundo as nouãs q̃ tu d'hũa parte, & Deuorãte d'outra me dais? Cuidei q̃ tinha de ti algũa necessidade: mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja, procura polla tua. Cal. Vosoutros mimosos logo quereis morrer. Am. Não se ajuntarão embalde tantos males a hum tẽpo. Call. Taõ pouca confiança tẽs em Lucrecia? Am. Ah Callidio. Cal. Que ah Callidio. Am. Que esperança tão fraca! Cal. Queres dizer como de foã; Am. E de foã, & de foã. Cal. Naquillo tem razão, & mais nesta terra, em q̃ o poerão mui asinha em cantar Ceciliano, como dizem. Vem cá Amente, seras homem pera me ajudares a hum feito? Am. Em tal desesperação, que posso eu arrecear? Cal. Ora bem vès q̃ esta vinda de teu pai embaraça tudo, pello qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio. Cal. A maneira he a q̃ não vejo. Cal. Dirtohei; Façamos q̃ não conhecemos teu pai, por mais Valẽciano que falle. Am. E em tamanha agonia podes estar gracejando? Cal. Não gracejo, mas antes te dou hũ cauallo na batalha, se tu fores pera o tomar. Am. E a meu Ayo q̃ lhe faremos? Cal. Como que? Diremos q̃ esse he o que faz todas estas calabreadas, & q̃ traz este velho falso aqui com nome de teu pai, & assi não recolheremos em casa hum nẽ outro. Am. Nisso bem vejo eu o erro, o remedio não o vejo. Cal. Eu to direi; Podemos acudir ao negocio do casamento, como dantes, & se cũprir, diremos duas palauras ao Doutor, q̃ não sejão de libellos dar, nẽ lides contestar. Am. Chamarsehão à justiça. Call. Que fraco remedio hũs & os outros: & quanto ao Doutor Deixalo reuoluer seus Bartholos. Am. Assi q̃ tambem queres que erre a Lucrecia? Cal. Por amor da mesma Lucrecia. Am. Al quisera eu fazer por ella. Cal. Não pode por agora Es moço, ensinate a acudir sempre ao mõr perigo. Amẽte. Não tenho

rosto

rosto contra a verdade. Cal. Acharás logo muitos que o tenhão, & ficartehão com grande auentagem inagibilib⁹, como dizem estes pratticos. Am. Logo a mentira se estrema da verdade. Cal. Antes se vierão a parecer tanto, que cada dia se passa hũa por outra. Am. Triste de mi que farei? Cal. Se queres cõselho nega, & senão entregate. Am. Como ey de negar cousa tão sem duuida? Cal. Negando (dizem elles) se faz tudo duuidoso. Am. Mas não se faz por isso torto do direito, nem direito do torto. Cal. Antes que isso se declare, hum juiz he sospeito, outro occupado, outro vagaroso. Isto não he tempo de mimos, teu pay não pode tardar. Am. De que me velarei em tamanho aperto? Cal. Do desauergonhamento sobre todas as cousas; Brada, jura, esbrauea, queixate, chama por justiça, olha pera o ceo. Am. Morreome o coração de todo. Cal. A mão tẽpo te deixou, mal o fez contigo. Am. Não me ficou outra cousa, senão mãos pera me matar. Cal. E a mi pês pera fugir; & vello que apparece. Am. Aquelle he, não o posso esperar. Cal. Que fazes? onde te vas? torna, q̃ eu era o que auia de fugir. Am. Perdoame Callidio, & lembrate de mi, que se não pode soffrer o rosto do pae a q̃ tẽs errado. Cal. foise, & deixame a mi cos combates. Que farei? Que ei assi de fazer, senão terlhe companhia com fugir? Estes moços fouueiros saõ muito molles dos cascos. O homem ha de ser callejado para correr o molle & o duro. Quanto folgàra de nos vermos co velho aositẽs. Que nos ouuera assi de fazer? por justiça? teria procurador? E nos procurador; diria o seu, & nos o nosso. Pois inda hey d'esprei tar mais deste negocio, que não estamos agora em Valença, para auermos tamanho medo a este velho, que vira enojado.

Galbano velho. Vidal seu criado. Callidio.

Gal. Em que idade estaua eu jágora, para tornar a soffrer o mar, & os marinheiros? Vid. Certo regestete nisso pollo amor de pay, & não por razão. Cal. Aquelle he Vidal, homem de bem, criado seu antigo, os outros naõ conheço, roim gẽte me paresce, hũa por hũa não vem com elle Cassiano, de que muito folgo. Gal. Isso assi he, mas que remedio? Vid. Deixalo lutar hum pouco coa fome & frio, que elles to castigaraõ. Gal. Ouue medo algum mao recado, q̃ nesta terra aposentáraõ os Poetas as suas Sereas. Vid. Ia he algũa maneira de desculpa. Gal. Naquella idade taõ cega, & sobre tudo tais conselheiros. Cal. Aqui somos. Vid. Quaes conselheiros? Galb. Os que aqui tal vida leuão às minhas custas. Vid. Coitados dos seruidores que inda haõ de fazer mais que seruir. Cal. Oh que homẽ! sempre assi foi desenganado. Galb. A mĩ eraõ obrigados a seruir, que naõ a elle. Vid. Teu filho he ja homem, & afora Cassiano seu Ayo, o officio dos outros era seruir, que não aconselhar. Cal. ô bom procurador, & mais sem dinheiro. He hũ milagre. Aquelles outros carrãcudos, não ajais vos medo que ajudem, nem c'hũa só palaura, nunca os ajude Deos. Gal. Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade, & que elle por então o não conheça; despois o conhecerá, & agradesceré. Cal. Aquelle he forte ponto, vejamos que alli responde o nosso procurador. Vid. Nesse caso que dizes, o que jaz doente, jaz fraco, & não pode fazer mais que ameaçar, nestoutro póete logo as mãos, & vingaõse. Cal. Isto não he ja procurador, mas hum pay. Gal. Ia te diste q̃ a mĩ ouuerão elles de ter respeito. Vid. Estauas lõge, acudirias tarde, entretanto o espancado andára espancado, o roto roto, o aggrauado aggrauado. Cal. E mais que peça he andar aggrauado? que fogem de ti hũa legoa, como

de caõ doente. Galb. Mas foi bem feito deitar assi a perder hum moço tão bem principiado? Cal. Ia se o velho assanha, assi fazem quando os atalhaõ per razão. Vid. Estamos em tempo em que ninguem quer ouuir conselho. Ora achas Amente viuo & saõ, tudo o mais se fará bem. Galb. Assi o queira Deos. Cal. Digovos que este Vidal me curou de todo do meu medo. A razaõ o velho a conhece já, do mais que me pode fazer? sei que não estamos em Valença d'Aragaõ. Vi. Por aqui me disserão que pousaua, naõ vejo a quem preguntar. Cal. Quero acometer o velho, que pode ser mais? Gal. Cà vem hũ, & he or' este o bõ de Callidio? Cal. Que he isto, milagre, ou sonho? Gal. De que te espantas? Cal. De não saber se estou em Valença, se em Palermo. Gal. Quero dissimular co este roim. Estais cá todos de saude? Cal. Todos por agora. Galb. Guia pera a pousada, q̃ venho cansado, queria repousar. Cal. Aqui he. Oula, abri. Esta gente não ouue: abri digo. Galb. Em quanto este falla cos de casa, fallo eu com vosoutros, trazeime este raposo diante de vos, & se reuelar, entre por força. Vid. Ah senhor. Gal. Calate, boa paresce a casa, & em bõ lugar. Cal. Dizemme q̃ não saõ cá Amente nẽ Cassiano, voume em sua busca. Gal. Agasalha os hospedes primeiro. Cal. Não tenho com que. Gal. Coa boa vontade. Cal. Oula, que quer isso dizer? quereis prouar forças comigo? Olhai que chamarei por justiça; Oh, Oh. Gal. Tapalhe essa boca Grifaõ, & tu Feramonte desapegalhe essa mão da porta, & fecha sobre ti.

Fim do quarto Auto.

AVTO QVINTO.

Reynaldo soo.

No cabo desta minha tão longa & trabalhosa jornada, quando os outros descansaõ começa o mor cansaço meu, coa duuida q̃ tenho sa acharei aqui hũa filha em cuja busca venho. Tègora na minha esperãça hia passando meus males, sem ella como passarei isso que fica da vida? O mor bẽ que neste mundo tiue que foi a mãy desta moça, a morte mo leuou dias ha, o da filha que me em seu lugar ficaua, se mo tambẽ tem leuado, fello cruelmente comigo, que me não deixou nesta vida a que possa aleuantar somente os olhos. Aquelle foi o meu primeiro amor, aquelle sera o derradeiro, a grande dor da sua morte me lãçou então de toda Italia, o desejo da filha me torna agora ca. Deixei ha encomẽdada à hum Doutor grande amigo meu em Pisa onde então estudaua, entre tanto que aquella nobre cidade esteue em pee sempre tinha nouas, desque ella cahio fiquei as cegas, tègora q̃ venho a Palermo onde me disserão que acharia o amigo em cuja busca ando ha dias. Assi venho cõ tão pouca certeza, & quanto mais me vou chegando a esta minha esperança, tanto se me faz ella mais pequena. Oje he o dia da sentẽça, eu apercebido venho para tudo, toda via ao abaixar do golpe a carne he fraca, & estremece toda. Achasse ja o amigo, velohia & saberia da filha em que parte ma come a terra, se ja la he, & entaõ determinarei de mim & do meu o que me parecer. Que fortes brados vẽ aquelle homem dando, os pees para ca o trazem, os olhos parece que lhe ficaõ atras naquella casa para onde olha.

Callidio. Reinaldo.

Regedores, Cidadões, homẽs de bem, os grandes & os pequenos todos me acodi, todos me valei q̃ a todos releua, se aqui ha algũa lẽbrança de liberdade & justiça. Rey. Tamanhas duas cousas cuidãuas tu d'achar assi polas ruas? Cal. No meo do dia no meo de Palermo naõ me ouue ninguẽ, naõ me

não me acode ninguẽ. Rey. Callate ora cõ teu mal. Cal. Que fazẽ aqui tãtas varas de justiça? Rey. Que riso? Cal. Todo o mũdo dorme? Re. Dormes? tu sonhas? tu tresualias? Cal. Ah cidadães q̃ todos somos escrauos. Rey. Ia vai entrãdo em seu acordo. Cal. Assi ha isto de passar? Esfoloume, açoutoume, matoume, se me ajustiça não acode acabarei de entender q̃ faz cada hum nesta terra o q̃ lhe vem a vontade, & farei tambẽ o que me a minha mais der que faça. Rey. Olha não vas, como dizem, de mal em peor. Cal. Velho falso, dissimulado, como me acolheo, bẽ empregado foi em mim. Mas vejo vir Deuorãte cõ seu soldado, a que tempo? quando eu buscaua quẽ ouuesse de mim doo, & me aconsellasse, outra gente me cumpre de buscar.

Briobris soldado, Deuorante, Reynaldo.

Não acharemos oje este Doutor, & faremos esta demanda mais curta q̃a das suas audiencias. Deu. Nũca homẽ acha o que busca. Rey. Mande Deos não seja eu assi. Bri. Não acabaremos cõ este Doutor? co este Petronio. Rey. Assi se chamaua aquelle amigo q̃ aqui busco. Bri. Ia reuolui toda a cidade. Deu. Aprenderia quãdo era escolar a se fazer invisiuel. Bri. Cumprelhe logo andar sempre metido na sua serpente. Deu. Ha, ha, ha, Bri. Tu riste? Deu. Quem se terà ás tuas graças? mas dartia hũ conselho d'amigo. Bri. Que tal? Deu. Pois não podes alcançar o que desejaas, que desejes o que podes. Bri. Como me enfadão estes sisos que todos trazem na boca, & inguem por obra. Rey. E Lucrecia auia a minha filha nome. Bri. E senão nunca mais cingeria espada. Onde tem este Doutor a pousada? Deu. Iunto da quella Igreja alta. Bri. Bem està, perto tem logo outra pousada para mais dias. Deuo. Não no has agora d'achar em casa.

casa. Bri. Esperarei atè noite, não tem onde se me acolha, sete braças entrarei depos elle polla terra detto como pedra de cotisco. Deu. Santa Barbora virgem, cuidei que era morto, Paternostet pollaalma do Doutor. Rey. Estou em Palermo, ouço falar em Petronio Doutor, ouço fallar em Lucrecia, que cuidarei? quero fallar ao q̃ fica sô no terreiro. Amigo Deos te salue. Deu. Sejas vindo nas muitas das boas horas. Rey. Por cortesia, que Petronio he hum em q̃ falaueis? De. Porque o pregũtas? Rey. Por bem De. Nio he natural desta terra. Rey. Dõde veyo aqui ter? Deu. De Pisa nobre cidade de Toscana. Rey. De que idade pouco mais ou menos. De. Darredor dos sessenta. Rey. Casado ou solteiro? Deu. Antre hũa cousa & a outra, Reyn. Pois a idade não he ja muito para esposado. Tambẽ falaueis em hũa Lucrecia. Deu. Muitas cousas quer este saber de mi, que sei eu onde isto irà ter? Rey. Não me respondes? Deu. O outro foi que fallou em Lucrecia. Reyn. Si, mas fallaua em som como que aconhecias. Deu. Não sei mais que ouuila pot ahi gabar de fermosa. Reyn. Natural ou estrãgeira? Deu. Muito anda este apos as naturezas. Amigo & senhor meu, tudo saberemos, se nisso te vai algũa cousa. Rey. E aquelle teu amigo porque ameaçaua tanto o Doutor? Deu. Amigo ou como? nunca outro tanto com elle fallei como agora. Reyn. Parecia que tinha delle algũa paixão. Deuorante. La se auenhão co as paixões, dos prazeres que ria parte, das paixões la se auenhão. Reynal. E este teu amigo he tão merencoreo como parece? Deuorante. Que forte preguntador. Cuida que me tem alugado, por pouco que me peites eu to seguraréy desta vez. Rey. Este me parece dũs truhaẽs que sempre ha nos lugares grandes. Voume em busca de Petronio. Deuorante.

Vistes

Vistes o grande preguntador, donde me agora sahir de traues? Que sei eu quem este he? nem que por aqui andará espreitando? Hũa por hũa muitas cousas queria saber de mi. Outro vejo dos mesmos trajos, vejamos se he outro tal; mas eu vos direi, o meu cabedal tudo he palauras, isso auenturo.

Galbano. Deuorante.

Galb. O bom Callidio partio não polla fria (como dizem) mas pella quente, como cuido que elle vai: vâ, & leue nouas aos outros. De. Velhos, & mais de má graça, não està aqui muito certo o ganho. Gal. De quanto bom tempo tẽ aqui leuado, descontem. De. E sobre tudo contas & descontas, naõ me apraz. Galb. Seruidores todos se tem hũs cos outros, naõ mo açoutàraõ bem, mas ja he começo de paga. Deu. Dayo ao demo, em pagas anda, & naõ me deue nada, que sei se lhe deuerei eu, & andará arrecadando? mas tudo he prouar. Deos te salue Sñor meu, parecesme estrãgeiro, & eu sei que cousa he andar por terras alheas, offreçote o meu seruiço. Gal. Muito to agradesço Deu. Tẽs negocio na terra? Gal. Naõ de mercadorias, como polla ventura cuidarás; mas busco hum filho mancebo, que se me perdeo por aqui. Deu. Terra he pera isso, mas os sinais? Gal. Hum mancebo Valenciano, que ja lhe começará de vir a barba, solia de ser gentilhõmem. De. O nome? Galb. Amente, se o elle cà não mudou, como fez a outras cousas. Deu. Como, & tu es Galbano seu pay, em que tantas vezes ouui fallar? Gal. Eu por meus peccados. Deuor. Aqui pousa, & por sinal que tem hum Ayo, que se chama

Cassiano,

Caſsiano,& hum ſeruidor por nome Callidio? Galb. Conheces bem toda eſſa gente? Deu. Como minhas maõs: mas como naõ eſtaõ aqui contigo? Galb. Eſtamos deſauindos. Deu. Aſinha iſſo foi. Galb. Naõ por minha culpa, que em chegando logo cõuidei Callidio de boa entrada. Deu. Trarias fruttas de Valença, que eſtà homem paſmado de tanta gentileza, & perfeiçaõ. Galb. Tempo foi, ja tudo iſſo he paſſado a Portugal. Deuor. Taõ conuidador vinhas? Gal. A uia muito que nos naõ viramos. Deuor. Aſsi haõ de ſer os homẽs da tua calidade. Ora dizeme q̃ iguarias aueis lá entre vos por mais ſaboroſas? Gal. A vingança. Deu. Eu fallo em iguarias, naõ em allegorias. Galb. Queres que te diga o claro: vingueime em chegando deſſe ladraõ, que mandei açoutar, nũca me couſa aſsi ſoube, entendeſteme? Deuo. Agora ſi, iſſo chamo eu fallar ao pè da letra. Galb. Ora ja aquelle pagou, os outros pagarão. Deu. Outros, ou como? Gal. Truhães maluados, que tanto do meu aqui tem comido, & bebido. Deu. Comigo o ha. Gal. Mas eu volo farei amargar. Deu. Ia me amẽ começa o mao ſabor da boca. Gal. Comer, beber, jugar, franquear. Deu. Que mais claro quereis que hũ homem falle? cõ que negros conuidadores vou topar oje. Querome acolher com minha honra, ſe poder. Gal. He aquelle Caſſiano? Deu. Aquelle he, hum bom homem. Ora me cõtay cos conuidados, ſe mais aqui eſpero. Quantas couſas tereis ambos de fallar, pois vos inda naõ viſtes. Quero deſpejar. Gal. Eſpera, cearemos todos. Deu. Naõ curo de cõuites. Gal. Que he iſſo, porque cortes? deue de ſer algum deſaſiſado, & deulhe o vento na corda. Voume eſperar Caſsiano em caſa, & aſſentarm'ei, que inda não tiue vagar.

Caſsiano

Caſsiano Soo.

Venho paſmado dos acontecimentos, andando embuſca de noſſo amo fui dar com Reinaldo noſſo natural, que agora tambẽ chegou. A hũ trouxe ca hũ filho perdido, ao outro hũa filha q̃ perdera muito ha. O filhos deſejados, & eſtes ſaõ os voſſos deſcanſos? Doutra parte tendo o Doutor concertado ſeu caſamento chega Reinaldo, & acha neſte proprio dia, neſta hora, neſte põto, q̃ Lucrecia aquella q̃ a todos nos tẽ dado tanto trabalho he a ſua propria filha q̃ andaua buſcãdo por mar, & por terra, & ſobre tudo q̃ he a filhada do meſmo Doutor, aſsi lhe podera ſer inda mais. Enão ſe ſaber a tẽpo. O coitado q̃ não via ja o dia nem a hora & que eſtaua coa boca aberta para papar a moça, ficarà aſsi coella às moſcas. E polo contrario meu criado Amẽte q̃ lhe era la poſto o cutello na garganta, eſperando ſõ pello pregão, vem a fortuna melhor caſamenteira muito q̃ Dorio, & negocealho tudo a pedir de boca. Que diremos as couſas deſte mundo? hũas parece q̃ ſe alcanção a poder de negociação & viua diligencia, outras por ſoo dita & bom acerto. Ia acharei noſſo amo em caſa voume la darlhe eſtas nouas, & paſſarão as paixões, & tormẽtas q̃ tão armadas eſtauão.

Deuorante Soo.

Venho eſpreitando o Ayo por ver ſe o conuidarà tambem o velho em chegãdo como fez a Callidio, & quiſera fazer a mim, mas Deuorante não dorme. Como me quiſera acolher aquelle velho falſo, nunca ſe outro tal vio. Cuida q̃ he ſenhor de Palermo, aſsi ameaça & aſsi aſſopra. Cuſtado me ouueſſe do meu muito & pegaſſe outras poucas ao Ayo cõ toda ſua grauidade. Ou quẽ vem lá? Cuidei q̃ me atalhauão por eſtoutra parte. Eſtes ſaõ Amẽte & Callidio, & inda não ſei o q̃ ſera, q̃ eſte maluado tẽ ja o ſeu quinhão & andara ajuntando mais cõuidados, Mas q̃ me não vingo eu do truhão q̃ me aſsi oje queimou o ſangue, vejamos que

trouas

trouas agora faz de improuiso.

Amente, Callidio, Deuorante.

Taes nouas me trazes tu Callidio cõ tal rosto? Não te pude ser bõ no teu mal, perdoame & ajudame a sofrer tanto bẽ, q̃ não tenho outrẽ com quẽ o parta. Cal. Do mal partiste comigo bẽ, do bem partiras mal. Am. Não me doeo nada menos q̃ a ti. Cal. Não sei, mas bẽ te punhas em saluo. Am. La me coube o meu quinhão. Cal. Mostrame ora em ti al gũ sinal dos meus açoutes por este corpo. Am. Não terião menos os meus se os podesses ver. Cal. Pois eu não recebo pagas inuisiueis. Deu. Quãto q̃ sabe este maluado co elle me tenho Am. Asi me cõtas de Reinaldo & q̃ he Lucrecia sua filha, & filha tãbem spiritual do Doutor? Ca. Asi passa. Deu. Hum destes anda fora de si com dor, outro cõ ceumes, não lhes creo nada. Am. O Callidio amigo da minha alma, q̃ te direi? que te darei? q̃ te farei? por taes nouas & a tal tẽpo? Cal. Outras taes aluixaras como as de teu pay, q̃ en fim estes saõ os vossos galardoẽs. Deu. O falso como os conheces bẽ. Am. Hei medo q̃ me dè o miolo volta co prazer. Cal. E a mim co pesar. Am. Prometote que eu te agalardoe como tal obrigação merece. Cal. A vosoutros mais vos lembra hum seruiço por fazer q̃ cento feitos. De. Daiho ao diabo, que inda falla a proposito. Am. Como se po de desempeçar tal meada em tão pouco tẽpo. Cal. A verda de logo vai por diante, & foi grande ajuda a velha que oje achei cõ Alda. Am. O Doutor estaria finado. Cal. Toda nia elle fallaua. Am. E que? Cal. Hũs poucos dos seus latis. Am. Que taes? Cal. Aleuantou dous dedos nos quaes repartio seus direitos naturaes & espirituaes, conceruindo to dauia que naquelle caso cabia dispẽsação. Am. Como dispensação. Cal. E ainda te digo que soltou hũa ma palaura. Am. Que tal triste de mim. Cal. Disse que por dinheiro não fica-

não ficasse, & bateo na bolsa. Am. A essa não chamas tu mais q̃ ma palaura? chamolhe eu mortal. Cal. Mas sabes quẽ desatou todos aquelles empeços & razões Doutoraes. Am. Quẽ Callidio? Cal. Lucrecia. Am. Como? Cal. Disse que naõ queria q̃ toda sua vida fora orfaã & estrangeira, agora que lhe deixassem ir a seruir aquelle pay a q̃ tanto deuia, & logralo algum tempo. Am. O feito de Lucrecia? Deu. Estaua recolhendo nouas pera o meu soldado, agora ellas todas entornadas, que deixará logo o Doutor, & ha de querer pòr toda Valença à espada. Am. Como podeste saber tanta cousa em taõ pouco tẽpo? Cal. Tiue cuidado. Am. E eu terei lembrança. Cal. Para quando. Am. Bem ves tu que eu agora naõ posso. Cal. E despois naõ quereras. De. Euangelho. Mas porque me naõ vingo eu deste roim de Callidio, & que lhe tardo mais? Deos vos salue & a ti Callidio prolfaça. Cal. Passo que fallamos segredo. Deu. Naõ hias tu oje de taõ ma graça, quando trouauas de improuiso. Cal. Nẽ tu de taõ boa. Seraõ milagres do vinho. De. Isso se podera dizer mais por ti, pois te conuidarão em chegando. Cal. E tu em conuites. De. Durate ainda aque lla vea de trouar, romperemos aqui hum par de lãças por festa diante d'Amente. Am. Dexao pera outra hora Deuo rante, q̃ temos al em q̃ entẽder. De. la hei de ver para quã to he, que não me valeo oje coelle ereita, nem sopee.

Deuorante. Callidio.

Callidio l'eu vi outro homẽ
Mais saõ das costas que ti,
Porque te torces asi?
Pulgas sei q̃ te não comem,
Vergões, pode ser que si.

Deuorante que se tanja,
Que se cante em para iso,
Não he aquella a tua grãja,
Pois se là falla de siso,
E não he terra de manja.

Deuorante

Deu. Não valha q̃ não foi pollos consoãtes. Am. Não seja mais, ambos o fizestes bẽ. Deu. Tudo se faça oje a tua vontade, & tudo seja festa. Cal. Donde auentou este coruo carniçal a carniça? Deu. E erreci oje a tua q̃ foi arrezoada. Am. Não lhe respõdas Callidio. E tu Deuorãte não falles mais sobpena de te ser aquella porta cerrada em quãto aqui estiueremos. Deu. Naõ me veras mais boquejar. Am. Ora nos vamos cear cõ meu pay. De. Elle mesmo me cõuidaua pouco ha. Cal. Eu não vou por agora a essa casa, perdoarm'has. Am. Como, & tu sò me has de faleceer, em quẽ eu tinha toda minha esperança? De. Vẽ ca Callidio dame essa maõ, sejamos amigos, & dirtei como façamos, q̃ eu tambẽ não me fio ora muito de ninguem. Acompanhemos Amẽte atè aporta, dahi espreitaremos, & assi como viremos assi aueremos nosso acordo. Ia sabes o q̃ se diz, naõ te fies, & naõ te enganaraõ. Am. Ditos de gente baixa & descon fiada. Hi comigo seguramente.

O Representador.

Naõ foraõ necessarios rogadores, nem arengas, o filho lançouse por terra aos pees do pay, elle cos olhos cubertos da guoa aleuantouho, d'hũa parte, & da outra as lagrimas soprirãõ por palauras. A cea fazse prestes. Ao Doutor & ao Soldado naõ faleceraõ outros amores, as outras festas haõ se de fazer em Valença de Aragaõ.

Taboa das Rhimas do Autor.

Cartas.

A Aora es digna cosa ò pluma mia. fol. 61.
C Como eu vi correr pardaos. fol. 41.
Cuidando em vos Senhora, no alto engenho. fol. 53.
D Dos nossos Saas Colunesses. fol. 25.
Em quanto de hũa esperança. fol. 35.
Esta branda Elegia, esta tão vossa. fol. 59.
G Guadalquibir a triba a riea praya. fol. 49.
M Monte Mayor que a lo alto del Parnaso. fol 64.
N No lugar aonde me vistes. fol. 30.
Não chores mas allegrate Elegia. fol. 56.
R Rey de muytos Reys se hũ dia. fol. 17.

Cantigas & voltas.

A Alma que em tão breues dias. fol. 154.
Ay que el alma se me sale. fol. 157.
Alma tão sem assossego. fol. 159.
A costumeime aos meus malles. fol. 160.
C Comigo me desauim. fol. 150.
Criado sempre no meo. fol. 150.
Coração aonde jouuestes. fol. 151.
Cego deste meu desejo. fol. 152.
Como não quereis que seja. fol. 153.
D Do passado arrependido. fol. 151.
Deixaime as minhas tristezas. fol. 152.
Desenganei hum cuidado. fol 157.
De que me deuo queixar. fol. 159.
Dime tu senhora di. fol. 159.
E Esperanças mal tomadas. fol. 150.
El agrauio que recibo. fol. 150.
Estes meus olhos que assi. fol. 154.
En toda la Tramontana. fol. 156.

¶ En mi

Em mi coraçon os tengo. fol. 157.
En las tierras de do vine. fol. 156.
Este mal. fol. 157.
E Foime grande agrauo feito. fol. 151.
Fuye el tiempo està el mal quedo. fol. 158.
H Hũa morte ei de morrer. fol. 153.
Hũa cousa cuidaua eu. fol. 154.
L Lo que yo tengo no es prision. fol. 153.
Ledo em meus malles sem cura. fol. 154.
La bella mal maridada. fol. 157.
M Mal de que me eu contentei. fol. 150.
N Nada do que ves he assi. fol. 151.
Não vejo o rosto aninguem. fol. 152.
Naquella serra. fol. 155.
O Os meus castellos de vento. fol. 152.
O coração que vos vè. fol. 152.
O meu mal poder sofrer. fol. 153.
O lhai a camanha estreita. fol. 154.
P Porque pudera abafar. fol. 149.
Puedese esta llamar vida. fol. 149.
Por malos emboluedores. fol. 151.
Por estes campos sem fim. fol. 152.
Pois meu mal com quanto he. fol. 153.
Pusiera los mis amores. fol. 155.
Pois os meus olhos saõ vossos. fol. 156.
Polo bem mal me quisestes. fol. 158.
Principio medio ni cabo. fol. 161.
Q Quanto mal me era ordenado. fol. 149.
Que he isto onde me lançou. fol. 149.
Que mal aindos cuidados. fol. 150.
Que la mi vida se assuele. fol. 153.
Quando nos meus erros cuido. fol. 153.
Que vos farei meu cuidado. fol. 157.

Quem

Quem cuidar & quem disser. fol. 158.
Quien te hizo Iuan pastor. fol. 158.
Que posso de vos dizer. fol. 159.
R Razão & tempo seria. fol. 150.
S Señora oid la mi suerte. fol. 149
Sortes & venturas saõ. fol. 150.
Se meu tormento me desse. fol. 151.
Sacaronme los pesares. fol. 156.
Saudade minha. fol. 156.
Sola me dexastes. fol. 156.
Se me este cuidado atura. fol. 157.
T Tornouseme tudo em vento. fol. 149.
Todos vienen de la villa. fol. 151.
Todas as cousas tem cabo. fol. 152.
Toda a esperança he perdida. fol. 152.
Tudo passa como hum vento. fol. 153.
Tu presencia desseada. fol. 158.
Taño os yo mi pandero. fol. 160.
C Virgem fermosa .Canção. fol. 2.
Comedia. Os estrangeiros. fol. 163.
Eglogas.
Como corre & como atura. fol. 91.
D Dime pastor de cabras alquilado. fol. 115
E El congoxoso llanto el temerario. fol. 105.
Y Yo vengo como pasmado. fol. 81.
Q Que quiere ò mi Mauricio dizir tal. fol. 97.
Quantas cousas Ines madrinha & tia. fol. 125.
Epythalamio.
Ado te lleuan Toribio los pies. fol. 137.
Epytaphio.
De quam pouca terra satisfeyta jaz. fol. 154.
Fabulla do Mondego.
Inclito Rey que deste al otro pólo. fol. 60.

Grozas

Glosas Del tormento fatigado, á cantiga,
No se porque me fatigo. fol. 148.
Sextina.
Não posso tornar os olhos. fol. 160.
Sonettos.
A A principe tamanho cujo rogo. fol. 1.
A vossa verdadeira penitente. fol. 5.
Alma que fica por fazer desdoje. fol. 7.
Aquella fee tão clara & verdadeira. fol. 7.
Aquellas esperanças que eu metido. fol. 10.
Amor que não farà? fezme engeitar. fol. 10.
Aquella apressurada y rueda biua. fol. 11.
Ah que dire que es esto que assi enganha. fol. 13.
Amor tirano vá por Cielo y tierra. fol. 15.
Ado seboluerá, que no se espante. fol. 15.
Assi que me mandaueis attreuer. fol. 16.
C Cabe vna fuente a bòz alta y sintino. fol. 11.
D Del Tibre embuelto al nuestro Tajo vfano. fol. 8.
Desatrezoado amor dentro em meu peito. fol. 9.
E Em tormentos crueis tal sofrimento. fol. 9.
Entre Sesto y Abido almar estrecho. fol. 13.
Y Ynda que em vossa Alteza menos parte. fol. 1.
Yo no la entiendo bien, mas esta fuente. fol. 5.
N Não sei que em vos mais vejo, não sei que. fol. 12.
Não ousarão a te agora a parescer. fol. 16.
O O sol he grande, caem com a calma as aues. fol. 14.
Q Quien dieta alos mis ojos vna fuente. fol. 8.
Que es esto Philis que estas tan turbada? fol. 12.
Quando eu senhor em vos os olhos ponho. fol. 14.
S Soem as vezes ser mais estimadas. fol. 6.
T Tardei, & cuido que me julgão mal. fol. 2.
Tantas merces, tão desacostumadas. fol. 6.
Traida en sacrificio Poliçena. fol. 13.

¶ Auto da approuação destas obras.

ANno do nacimento de nosso Senhor Iesu Christo, de mil & quinhentos nouenta & cinco annos, ao primeiro dia do mes de Ianeiro do dito anno, em a mui antiga, Augusta, nobre, & sempre Leal cidade de Braga, no campo da Vinha, nas pousadas do Senhor doutor Pero Carualho, Iuiz ordinario nesta dita cidade, & seu termo, pello Illustrissimo Senhor Dõ frey Agostinho de Iesus per merce de Deos, & da sancta See Apostolica Arcebispo, & Senhor de Braga, Primas das Espanhas, nosso Senhor. &c. Estando elle juiz ahi presente, perante elle pareceo Manoel de Carualhaes criado do Senhor Dõ Ieronimo de Castro, & lhe apresentou hũ liuro encadernado em purgaminho brãco, ja velho, das obras q̃ fez o doutor Francisco de Saa de Miranda, Comẽdador q̃ foi da Comenda de Santa Maria de duas igrejas, deste Arcebispado de Braga, juntamẽte cõ este transumpto, & treslado q̃ delle fora tirado dizendo a elle juiz, q̃ a elle lhe era necessario justificar em como era verdade q̃ o dito liuro era escrito da mão do dito Doutor Francisco de Saa de Mirãda, & aquella era a sua propria letra, para q̃ constandolhe ser assi, elle juiz lhe interposesse a este transumpto sua autoridade judicial: o q̃ visto por elle juiz, mãdou perante si vir testemunhas fidedignas, per cujos ditos & testemunhos (q̃ judicialmente lhe forão tomados) lhe constou a letra do dito liuro ser escrita da mão & letra do dito Doutor Francisco de Saa de Miranda, donde este transumpto & treslado se tirara & concertàra, & por ser carecente de vicio, & suspeição como delle cõsta, elle juiz interpòs a este sua autoridade judicial, & mandou q̃ lhe fosse dado tanta fee & credito como ao proprio, se exhibido & mostrado fora, de q̃ mãdou fazer este auto de Reconhecimento, & aprouação. E eu Manoel de Lemos taballião q̃ o escreui, & assinei de meu publico sinal aos dous dias do dito mes & anno.

Fol.	Lin.	diz	digã.
1.	5.	se afogo.	se me afogo.
7.	13.	dengano.	denganos.
13.	3.	braço erguido,	braço erguido.
21.	3.	não va.	não vai.
27.	3.	parece q̃ assi,	parece assi
27.	4.	sentido.	sentindo.
28.	19.	A amores.	& as mais.
36.	16.	ima.	alma.
37.	19.	or.	por.
42.b	3.	ja torceis.	torceis.
48.	21.	porfia,	fadiga.
57.	24.	quelle.	aquelle.
62.	8.	que oro.	que en oro.
63.b	9.	y firmeza.	y de firmeza.
64.b	7.	& escrite señor.	& escriueme señor.
65.b	16.	de como.	como.
69.b	15.	nuestro.	nueuo.
69.b	21.	falta a regra seguinte	Sobre verde variado en mil colores.
73.	1.	mi pecho.	mi seno.
74.b	12.	impiedad,	piedad.
79.	16.	sabido por.	sabido en.
84.	12.	si a biuir.	si a beuer.
91.	16.	a elle.	a elles.
93.	22.	assi.	as.

Fol.	Lin.	diz	digã
94.	3.	foi.	for.
95.	1.	de gente.	de rendã.
95.	25.	nosso os.	nos fos.
95.	17.	se.	ser.
95.	26.	galante.	galantes.
97.	7.	q̃ he tarde.	he tarde.
98.	15.	auiaros.	auizos.
98.	20.	ferinda la.	ferinda.
99.	23.	mueua.	mueua.
101.	20.	muerta essa,	muerte essa
102.	7.	leuante.	leuante.
103.	3.	delia.	de alla.
163.	17.	guirnaldas.	guirlãdas.
110.	24.	peña tã alta.	peña altar
112.	4.	mirada.	miradas.
122.	17.	perestia muestra.	por ella.
123.	1.	dexasses.	dexaste.
123.	2.	no mudable	mudable.
126.	2.	mas calime	calleme.
135.	5.	não seis	não sei.
135.	21.	pega.	a pega.
138.	9.	q̃ sen.	que.
148.	3.	q̃ salgn.	saltan.
156.	15.	la que.	la.